SYLVIO ROMÉRO

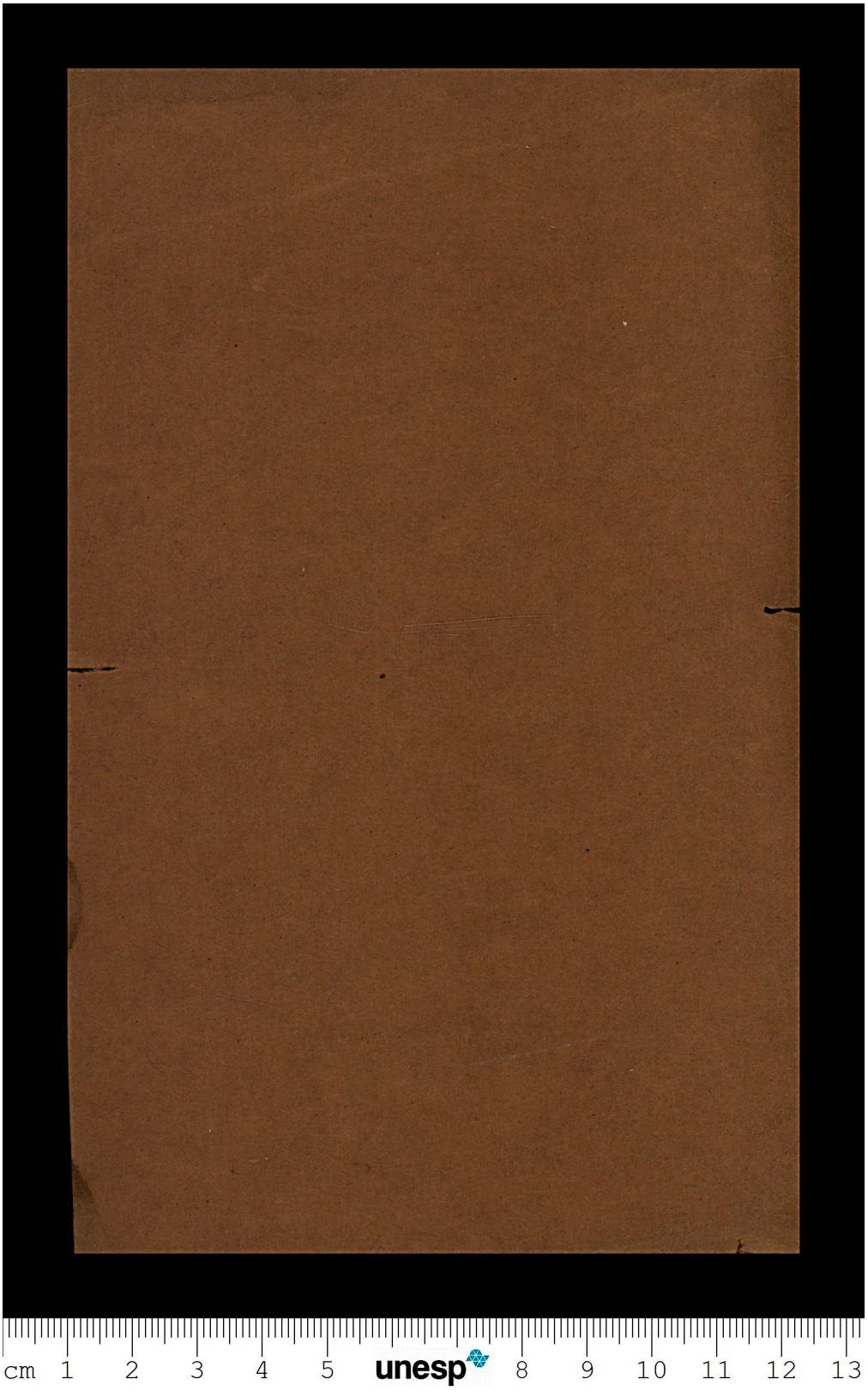
A Patria Portugueza

O TERRITORIO E A RAÇA

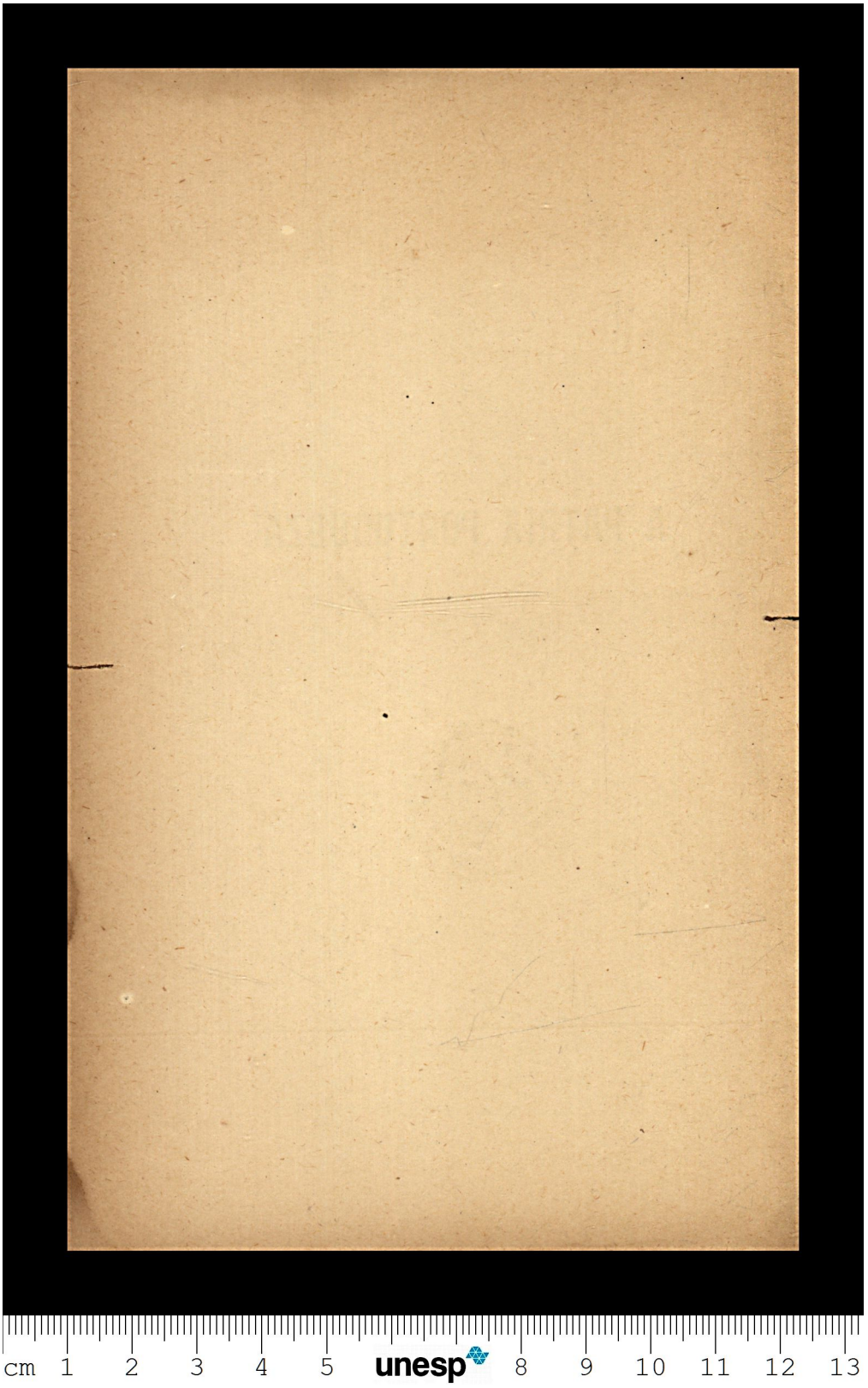
Apreciação do livro de igual titulo
de Theophilo Braga



LISBOA
Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ta
20, Praça dos Restauradores, 20
—
1906



A PATRIA PORTUGUEZA



SYLVIO ROMÉRO

A Patria Portugueza

O TERRITORIO E A RAÇA

Apreciação do livro de igual titulo
de Theophilo Braga



LISBOA
Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ta
20, Praça dos Restauradores, 20

1906

6020

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data 23 1 70 | 8 6 9 | 4 | T
R 7 6 3 | 0
Tomo 6020 | Uvl

Porto — Imp. Portugueza — Rua Formosa, 112

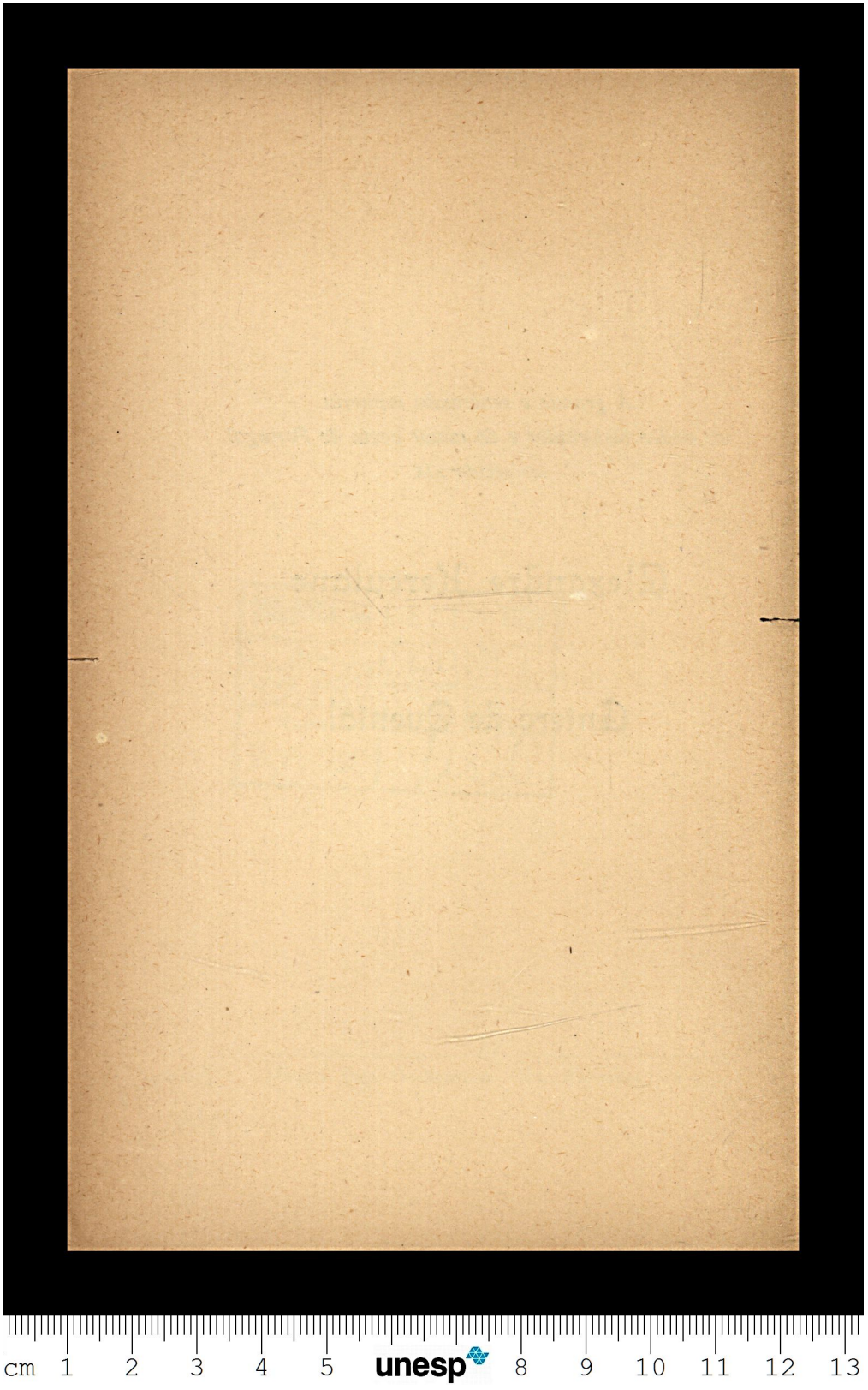
8869.09
R 763p
v.LB
3527

Á grande e veneranda memoria
do maior historiador e do maior poeta de Portugal
no seculo XIX

Alexandre Herculano

e

Antero de Quental



Advertencia

Ao traçar o quadro do *Brasil Social — estudo de Ethnopsychologia* (Ainda inedito) — tive de caracterisar uma a uma as diversas raças que constituiram o povo brasileiro. Ao enfrentar a gente portugueza, factor principal na formação da nacionalidade a que pertenço, deparou-se-me o livro de Theophilo Braga — *A Patria Portugueza — O Territorio e a Raça.* Estudei-o e entendi dever dar d'elle uma analyse succinta.

Fui escrevendo, escrevendo... e, ao final, reconheci ser impossivel incluir n'*O Brasil Social*, por demasiado ex-

tensa, a critica do citado livro. Seria um Estado no Estado...

Mister foi fazer d'esse estudo uma publicação separada.—É a que ahi vae.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1905.

Sylvio Roméro.

I

Introducção — O Territorio

Traçar a caracteristica do povo portuguez não é cousa facil, especialmente depois que os problemas das origens e do genio das antigas gentes da peninsula hispanica foram objecto das mais extravagantes aberrações, que seria possivel imaginar, da parte do mais incongruente dos historiadores: Theophilo Braga, no seu contradictorio livro — *A Patria Portugueza — O Territorio e a Raça.*

Só depois de haver soffrido a tortura de o lêr, é que se comprehende o atilado bom senso de Alexandre Herculano quando excluiu de sua *Historia de Portugal* as impertinentes questões de pré-historia e de archeologia ethnographica, que já de longe começavam a apparecer no tempo em que escreveu. A intuição divinatoria do grande historiador foi n'este ponto verdadeiramente genial. Elle teve o presentimento de que d'alli nada se poderia de verdadeiramente util apurar para a exacta comprehensão do povo, cuja historia ia traçar.

É muito para vêr o arreganho, o destempe-

rado desdem com que o sonhador da *raça mosarabe* trata o mestre de nós todos em cousas de historia portugueza, só porque este não contemplou em seu livro o acervo de baboseiras que estão para ser lidas no detestavel volume a que me estou a referir.

Herculano teve a previsão do fiasco immenso, da bancarrota completa da famosa *pré-historia* e até de certas pretenções da *ethnographia mal dirigida*, quando, nas edições posteriores de seu livro, persistiu em deixar d'elle arredadas taes phantasias perturbadoras. Exigir, entretanto, como faz o seu critico, que no decennio de 1840-1850, em que foram elaborados os primeiros volumes da *Historia de Portugal*, já Herculano andasse com a bocca cheia de *pré-historias*, de *ethnologias*, de *anthropologias*, que só se vieram a formar definitivamente muitos annos mais tarde, e nas quaes o proprio visionario das *Epopeias da raça mosarabe*, só começou a fallar de 1875 ou 76 em diante, é o cumulo do mais despropositado anachronismo (1).

(1) Braga de 1862 a 72, época em que viveu em Coimbra e no Porto, não tinha ainda misturado á sua *metaphysica* a Hegel e ás suas *visões historicas* a Michelet — as balburdias *ethnographicas*, bebidas em Max-Müller, Lenormant, Maspero; as *anthropologicas*, de Broca, e as *positivistas*, de Comte.

Não houve um só dos grandes historiadores do seculo XIX que iniciasse suas obras, partindo das gerações pré-historicas e das posteriores ainda agora envoltas em negro véo de incertezas e obscuridades. Nem Michelet, nem Thierry, nem Guizot, nem Mommsen, nem Curtius, nem Grote, nem Buckle, nem Sybel, nenhum cahiu n'esse absurdo que uma critica desvairada exige agora posthumamente de Herculano. Os que mais alto remontaram não foram além dos povos perfeitamente historicos. É o caso dos grandes mestres francezes, que não passaram, nas excursões sobre as origens de sua nação, além dos Celtas.

N'isto mesmo, porém, são agora censurados por espiritos do valor de um André Lefèvre, que reprova n'elles justamente, exactamente o não terem tido a sobriedade de Herculano.

«Tant d'incertitude, são as primeiras palavras de André Lefèvre no seu bello livrinho— *Les Gaulois,*— tant d'incertitude plane sur l'histoire ancienne de l'Europe Occidentale, qu'il paraît prudent d'oublier tout d'abord ce qu'on a pu lire dans les écrivains les plus autorisés, les Michelet, les Guizot, les Amedée Thierry, les Henri Martin. Ces maîtres eminents ne pouvaint être qu'imparfaitement initiés aux decouvertes et aux inductions de l'anthropologie et de la linguistique. Tous, séduits à quelque degré par les illusions de la *celtomanie,* ils

croyaient plus on moins à l'unité d'une race gauloise, établie de temps immémorial sur le sol gaulois.» Eis ahi; são palavras de um livro de hontem, de 1900. O notavel sabio francez profliga a *cellomania*, posto que reduzida, dos grandes historiadores de sua terra, a crença d'elles na *unidade* da primitiva população da Gallia; ao passo que em Portugal, ainda agora, apparece quem injurie Herculano, por ter tido o singularissimo bom senso de evitar ambos os defeitos, apontados em seus collegas estrangeiros: a *cellomania* e a crença na *unidade da população primitiva* da França e da peninsula!... O historiador portuguez, na bellissima *Introducção* com que abre o seu livro, evita ambos os escolhos. N'aquellas sensatas paginas, que estavam á altura da sciencia de seu tempo, e nas quaes se aprende mais do que no embrulhado livro de Braga, Herculano falla de Iberos, Celtas, Celtiberos, Phenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos, Suevos, Godos e Arabes, em rapidos traços, é certo; mas com uma firmeza de tintas verdadeiramente superior.

Não ha alli uma só palavra a riscar. Tivesse elle contemplado os *Ligures*, e o quadro das populações primitivas da peninsula seria completo. É, porém, perfeitamente desculpavel n'este ponto; porque só mais tarde é que Belloguet, Broca, Jubainville vieram a insistir

sobre as populações *liguricas* espalhadas na Hespanha, Italia, França e Inglaterra, antes do advento dos Celtas; Belloguet, em 1861, suppondo-as apparentadas com os *Libyos;* Broca, em 1873, dando-as provavelmente como o *povo brachycephalo* que se misturou com os *Celtas* de Cezar; Jubainville, cinco annos após, provando serem os alludidos *Ligures* um *ramo aryano,* entrado na Europa antes dos Celtas. Isto, seja dito de passagem, no primeiro volume de sua monumental obra — *Les Premiers Habitants de l'Europe.* No intervallo entre este volume e o segundo, apparecido vinte annos depois, o problema fez um passo gigantesco com os estudos do dr. Martins Sarmento, que provou serem os *Ligures* essa população que em França tem andado erradamente conhecida com o nome de *Celtas modernos* ou *Celtas da historia,* a que Bertrand sophisticamente chama — *Proto-Celtas* e agora Lefèvre, em obediencia á tradição, denomina — *Préceltas,* expediente que nada faz adiantar a questão.

Jubainville, no segundo volume, confirma a conclusão a que chegara o sabio portuguez, sem o citar, já se vê. Lefèvre acceita o resultado obtido pelo famoso celticista seu compatriota, propondo apenas o nome de *Préceltas,* como um preito ao habito, reconhecendo, porém, que esses *Ligures,* de Jubainville, e devia dizer de Sarmento, formam — «cette densité

persistante de populations brunes dans la France centrale, depuis la Savoie jusqu'à la Bretagne, qui autorise à penser que cette important région était occupée, dès la première époque du bronze, par la race, *nullement gauloise*, qui la remplit encore et qui survit à toutes les invasions historiques» (1).

Como se vê, são cousas recentissimas, todas posteriores á publicação da *Historia de Portugal*, e algumas posteriores á propria morte de Herculano.

Muito mais censuravel, em tudo que escreveu do *territorio* e da *raça* em Portugal, é o seu critico, especialmente, se é possivel, na parte relativa aos *Ligures*, na qual não ha, talvez, duas linhas certas, como se terá de vêr dentro em pouco; porque é indispensavel desbravar o caminho dos destroços accumulados n'elle por esse ethnologo de nova especie, para se poder dar o verdadeiro retrato do povo portuguez no presente e no passado.

A norma seguida por Herculano justifica-se plenamente pela sobriedade do grande escriptor. Se elle nada tivesse dito das gentes pri-

(1) Quando Lefèvre diz—*nullement gauloise*, é como se dissesse—*nullement gauloise* ou *celtique;* porque, para elle, os dois nomes são a mesma cousa, sendo nulla a distincção de Bertrand.

mitivas da peninsula, seria censuravel; se tambem tivesse assumido o tom de magister e quizesse impôr, como verdades inabalaveis, á guiza de seu censor, as poucas cousas que em seu tempo eram sabidas no assumpto, seria ainda mais digno de censura. Ficou onde devia ficar: n'um justo meio termo e acobertado assim do remoque de Lefèvre contra os historiadores francezes. Herculano é benemerito das lettras; porque dá sempre mais do que promette, ao envez de certos pretenciosos que tudo promettem e não dão nada. D'est'arte, elle está justificado; porque, *regeitando de seu plano a historia das raças ou sociedades anteriores á existencia da nação portugueza como individuo politico*, segundo sua propria expressão, não fez mais do que:

1.° conformar-se com o mais elementar bom senso;

2.° seguir com tal proceder o exemplo dos melhores historiadores do mundo, até os mais recentes;

3.° porque, entretanto, não deixou de dizer, no ponto, o essencial e na altura da sciencia de seu tempo;

4.° porque de taes raças, sendo muito pouco o que de positivo se sabia, se lhe antolhava, com razão, sufficiente o que disse, maximè indo escrever *apenas a historia politica de uma nação modernissima*, das mais recentes da Eu-

ropa, e não um tratado de ethnographia iberica, em que Iberos, Ligures, Celtas, Phenicios, Gregos, Carthaginezes *et reliqui* andassem aos trambolhões, como nos livros de alguns praguejadores doentios;

5.º porque, praticando assim, antecipava o methodo de um Lubbock, que achou *impossivel conhecer o homem pré-historico sem recorrer ao selvagem actual*, induzindo do *presente o que teria sido o passado* e não o *inverso*, no que teve toda a razão; pois o contrario seria explicar o obscuro pelo ainda mais obscuro;

6.º porque antecipava o processo e a doutrina de homens como um E. Grosse, o qual, no seu — modernissimo livro — *Começos da Arte*, — não trepidou em escrever palavras que são a mais terrivel condemnação de Braga.

Tendo de estudar os inicios da arte, depois de quebrar a cabeça com a *historia* e a famosa *pré-historia*, não teve remedio senão recorrer á *ethnographia viva*, aos selvagens *de hoje*, que constituem uma serie *de povos primitivos actualmente existentes*, e disse: «Para poder levar a bom termo a tarefa de estudar os começos da arte, a sciencia deve-se dirigir, não á *historia* e á *pré-historia*, senão á ethnographia. A *historia não conhece os povos primitivos;* a concepção pueril que vê povos primitivos nos *gregos* de Homero ou nos *germanos* de Tacito, não é digna sequer de refutação. N'estas condições,

parece natural acreditar que a *pré-historia* nos poderia fornecer as mais perfeitas informações ácerca das fórmas primitivas da arte.

O que, porém, póde ella revelar não passa de um montão de fragmentos mais ou menos interessantes da arte pré-historica. A maior parte dos ornatos e de outros productos artisticos d'esse tempo teem effectivamente um caracter que differe de todo do dos ornatos da phase historica.

Mas para se poder dizer, com certeza, se de facto n'esse caso nos achamos em face das fórmas primitivas que procuramos, mister seria conhecer as civilisações que forneceram os documentos em questão. Alevantamos questões sobre questões, mas as respostas, sempre incertas, muitas vezes se contradizem, a ponto que, após o estudo de uma duzia das mais famosas obras sobre a arte pré-historica, fechamos a ultima com a triste convicção de que *a pré-historia é apenas o romance da sociologia*» (1).

Palavras são estas de um homem competente e proferidas hontem, por assim dizer, porque são de 1903!

E são essas questões de origem, em ex-

(1) *Les Debuts de l'Art,* par E. Grosse, traduction par E. Dirr, Paris, 1902, pag. 16 e 17.

tremo complicadas, que a propria pré-historia, interpretada pelos mestres, é incapaz de revelar, que até hoje não esclareceu e nunca esclarecerá, que se tem o desvairamento de exigir decididas por quem escrevia ha mais de sessenta annos passados, em 1840!...

Não é tudo: Herculano, que prometteu apenas a historia *politica* de sua terra, deu muito mais do que isto; pois lançou em seu livro as bases da historia da *população*, das *classes populares*, de seus *recursos*, de seus *costumes*, de seu *viver social*, em summa, supremo alvo a que possa attingir a indagação historica. Até isto lhe leva a mal o desasado censor n'estas palavras que são um libello contra quem as proferiu!... «*emprehendeu a historia das instituições sociaes do povo portuguez e mais nada. Ora, a historia de um povo não comprehende só o facto social*» (1).

É incrivel; mas está escripto!

Que bello positivista que ousa avançar disparates d'esse jaez e ainda ignora que o que se chama o phenomeno social, genericamente considerado, como o entendia o homem que lhe ensinou o pouco que sabe de historia portugueza, abrange todas, todas as manifesta-

(1) *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, I, pag. 57.

ções da vida da nação!... Que mais desejava o desbragado censor? Religião, direito, vida economica e industrial, sciencia, arte, politica, moral e costumes... tudo isto fórma uma somma só: o facto social. Dizer o contrario é sonhar de olhos abertos só pelo prazer de dar largas ao espirito de desvairada opposição e desassisado rancor.

Pois bem; quem quer que se proponha a dar um retrato completo do povo portuguez, tal qual elle é na actualidade, deverá acompanhar o methodo que, por instincto, por méra intuição genial, seguiu o admiravel historiador: póde deixar de lado quasi completamente o longinquo passado como fanal de explicação; porque, em boa sciencia social, é ponto assente, segundo a phrase de G. de Azambuja,— «*qu'on doit se servir des faits modernes pour expliquer les faits anciens; c'est le procedé de la Science Sociale. Cette maniére d'atteindre le passé par l'observation du présent fait partie de notre méthode et nos collaborateurs ont appliqué plusieures fois la recette avec un heureux succés*» (1). Palavras estas escriptas, seja dito entre parenthesis, a proposito do livro *Les Phéniciens et l'Odyssée*, de Victor Bérard, onde, sem citação já se

(1) *La Science Sociale suivant la méthode d'observation*, 19e Année, deuxième periode—1er fascicule, 1904.

comprehende, muitas ideias d'*Os Argonautas*, de Martins Sarmento, são repetidas... Este, sim, era verdadeiramente um sabio!

Mas é mister, como disse, antes de dar a caracteristica de nossos principaes maiores, desbravar o caminho dos destroços n'elle accumulados pelo indefinivel livro de Theophilo Braga —*A Patria Portugueza — O Territorio e a Raça.*

É preciso seguil-o capitulo por capitulo, mostrando, porém, apenas os erros principaes; pois o apontar e discutir todos exigiria tres ou quatro volumes do formato do do auctor açoriano. É uma escura selva d'isso que Herculano pilhericamente chamava o novo *gongorismo scientifico*, expressão que em sua mente se devia applicar, sem duvida, ás charlatanices dos Bragas e outros, e não á moderna sciencia em geral, o que seria censuravel.

O livro é todo, como se deprehende de seu sub-titulo, consagrado a explicar a influencia, o papel, a funcção do *territorio* e da *raça* na formação e mantença de Portugal, como nacionalidade independente, entre as varias gentes da peninsula.

Começa, na introducção, tornando saliente esse designio, no meio de erros de facto, de *amphigouris*, tautologias e pleonasmos de linguagem, é certo; mas sem a mais leve cousa que duvida faça.

«A formação de uma pequena nacionali-

dade no seculo XII, *dando inicio á autonomia* de outros estados peninsulares...» São as primeiras palavras da introducção e encerram para se vêr a medida do que se vae seguir, um erro de historia. Portugal foi, senão o ultimo, um dos ultimos territorios da Hespanha a fazer-se independente. Asturias, Oviedo, Leão, Galliza, Navarra, Catalunha, Castella e Aragão o antecederam. E não é impertinencia notal-o, quando o auctor é useiro em taes disparates, querendo impôl-os como verdades e até tirar d'elles pretensas explicações historicas e deducções sociologicas. D'este genero é o erro de palmatoria, repetido em trinta passagens do livro, dando a conquista da Hespanha pelos Romanos como *posterior* á da *Gallia* (!), da *Grecia* e da *Africa*... tres tolices em uma só linha.

«Os romanos, conquistando o norte da Africa, dominando a Grecia, e occupando *successivamente* o territorio das Gallias e da Hespanha...» (Pag. 15). «Os Romanos tiveram de *conquistar primeiramente* as Gallias, adiando para *mais tarde* a invasão da peninsula hispanica...» (Pag. 222). «Quando a peninsula hispanica foi submettida ao dominio dos Romanos, *já a Italia, a Africa, as Gallias e a Grecia estavam unificadas* sob o seu imperio militar.» (Pag. 223). Repete a cincada nas paginas 226, 228 e 232; n'esta ultima, com o tom de alterosa importancia de quem está a desvendar os

arcanos do passado e a dar do presente lições nunca ouvidas: «Depois da Italia, da Africa, das Gallias e da Grecia, a Hespanha foi tambem submettida ao dominio romano; n'esta serie de conquistas ha um *facto extraordinario* (qual será, Santo Deus?) que ainda hoje influe na marcha politica da humanidade: a *unificação politica*, realisada á custa de tanto sangue, *custou a perda da liberdade e da nacionalidade* de muitos povos, *reduzindo-se a civilisação a um unico centro, uma Civitas,* que era Roma.»

Periodo singular este, no qual o erro das primeiras linhas sobre a successão das conquistas romanas acaba por uma banalidade,—a perda da independencia das nações conquistadas,—e uma falsidade,—a reducção de toda a cultura antiga a um centro só, quando o certo é que Athenas nunca deixou de ser um fóco de cultura frequentado pelos proprios romanos, imitadores das lettras e artes gregas, e que na Hespanha, Gallia, Africa e Egypto se formaram novos centros de civilisação.

Mas, e é o que importa assignalar, o sr. Theophilo Braga que tanto copía de todos, não encontrou ainda um pobre compendio de historia que lhe ensinasse a ordem chronologica das conquistas romanas?

Não encontrou em Portugal um alumno de Lyceu que o desviasse de andar a dizer dispauterios a respeito de cousa tão corriqueira-

mente sabida? Teria visto que a conquista da Hespanha é anterior á da Macedonia, da Grecia, da Africa, da Gallia e contemporanea da propria Sicilia (1).

Ainda levando em conta as resistencias mais notaveis, oppostas aos Romanos em alguns pontos da Iberia, como a dos *Lusitanos*, commandados por Viriato, e a dos *Numantinos*, a conquista da Hespanha é bem anterior á da Gallia, que constitue a França actual, a *Gallia Transalpina*, que comprehendia a *Gallia Narbonensis* ou *Braccata* e a *Gallia Comata*. A derrota de Viriato é de 140 a C. e a de Numancia de 133 a C., ao passo que a conquista da *Narbonense*, a famosa *Provincia*, d'onde vem a Provença actual, é de 118 e a do resto constitue o grande feito militar de Cezar de 58 a 50. Já n'este tempo a Hespanha, toda rigorosamente

---

(1) Conquistas romanas fóra da Italia:
Hespanha (218 a C. foi a invasão; em 202 declarada provincia);
Sicilia (212 a C.);
Macedonia (147 a C.);
Grecia (146 a C.);
Africa (146 a C.);
Gallia Narbonense (118 a C.);
Gallia propriamente dita (58 a 50 a C.);
Asia Menor (64 a C.);
Egypto (32 a C.)

romanisada, dava escriptores de nota ao mundo latino.

Os Romanos já possuiam, havia muito, as duas peninsulas, Italica e Iberica, e não tinham ainda um caminho por terra de uma para outra. Trataram de o obter e determinaram a conquista do sul da Gallia. Não ha compendio, por elementar que seja, de historia romana, que não encerre palavras assim: «Com a occupação da Italia do norte, da região trans e cispadana (222 a C.) e com a conquista da Hespanha (202), os romanos estavam completamente senhores das duas peninsulas meridionaes da Europa; faltava-lhes, porém, um caminho para passarem d'uma para a outra.

Transpondo os Alpes, sob pretexto de soccorrer a colonia phocense de *Massilia*, atacada pelos vizinhos, os romanos conservaram o territorio que conquistaram aos allobrogos e arvernos, que depois estenderam para oeste até aos Pyreneus, formando a provincia denominada *Gallia Narbonense*, após a fundação da cidade de Narbona, em 118, um seculo após a conquista das duas peninsulas.»

E é com o sacco cheio de notas disparatadas, copiadas, sem methodo e sem criterio, de quanto anthropologista phantasioso, de quanto ethnologo improvisado lhe tem cahido nas mãos, e com a cabeça cheia de erros, de verdadeiras sandices que o desbragado magis-

ter quer dar lições a homens do saber de Alexandre Herculano!... É de provocar cólera aos santos.

Após a cincada das primeiras linhas da *introducção*, apparece logo a indicação do *meio*, do *territorio*, n'estas palavras: «A situação d'esta nacionalidade sobre a *orla maritima* da peninsula hispanica, leva tambem (este *tambem* vale uma ode!...) a considerar a *condição mesologica* que attrahiu os portuguezes para as explorações atlanticas e para a empreza da circumnavegação do mundo.» Modo é esse incorrecto de fallar; porquanto o alvo procurado pelos portuguezes era o caminho do Oriente por mar, o commercio das drogas e especiarias da India, a descoberta e posse de novas terras em Africa e Asia, e jámais, conscientemente, a *circumnavegação do mundo*, cousa mais tarde levada a effeito por um portuguez, é verdade, mas sem tal designio e ao serviço de hespanhoes, que lhe confiaram uma expedição ás Molucas.

A circumnavegação do globo, provada possivel desde então, não foi o objectivo da viagem, como o descobrimento do Brasil, annos antes, não tinha sido o da derrota de Cabral.

Prosegue a designação do *territorio* e logo após vem a da *raça* e da *lingua*, como cousas indispensaveis a uma verdadeira *patria*, a uma *nação* digna de perpetuar-se na historia. «É a

começar no seculo xv que se *manifesta o sentimento de uma Patria portugueza*, essa união effectiva dos espiritos através das distancias, e que tendo por objectivo o *territorio* onde se passam os annos...» (Pag. 2).

Pouco além (Pag. 10), elle dirá que, com o rejeitar do seu livro a *historia*, veja-se bem que é a *historia* e não o *espirito*, o *caracter* das gentes anteriores á existencia da nação portugueza, Herculano fazia d'esta um facto maravilhoso e sem antecedentes; e aqui, á pagina 2, insinua o facto, ainda mais extraordinario e inconcebivel, da desapparição de tres seculos inteiros, os mais fecundos na opinião de escriptores de alto criterio, da historia de Portugal: aquelles em que se fez a conquista do territorio; se expulsaram ou domaram mouros e arabes; em que se constituiu a nação; se desdobraram normalmente as classes, cohibidos muitos abusos do clero e da nobreza; funccionaram as côrtes com altos pensamentos politicos; se fizeram as mais notaveis leis geraes; se deram os mais decisivos passos para a organisação da lavoura, das industrias, do commercio e da navegação; em que se fundou a Universidade... Tudo isto sem o *sentimento de patria* que só veio a apparecer no seculo xv... Ora, sr. Theophilo Braga!

Mas, eil-o que prosegue na indicação dos elementos da patria portugueza, elementos que

vão ser analysados em seu livro, insistindo de novo no *territorio* e na *raça:* «Importa, escreve elle na mais pleonastica das linguagens, importa dissecar essas fibras sympathicas; encontram-se nos elementos anthropologicos accentuados nos *caracteres ethnicos das raças* (E quaes são os *ethnicos* que não são das raças?); nas modificações impostas pela *acção mesologica do clima e do territorio* determinando as fórmas da aggregação social ou as instituições.» (Pag. 3).

E mais: «Os grandes factos anthropologicos da formação de uma *raça* e de seu agrupamento espontaneo em sociedade, até chegar á fórma voluntaria ou consciente de *nação*, com costumes, *lingua* e tradições, religião e industrias proprias, não podem ser determinados pelo computo chronologico...» (Pag. 9).

E, finalmente: «Assim o estudo do meio cosmico ou do *territorio* é a *primeira luz* para a explicação das fórmas de aggregação e actividade de um povo, como o descobriu Karl Ritter (Já antes d'este, muita gente tinha dito o mesmo) na sua monumental geographia; depois, o estudo dos caracteres das raças, como contendo implicitas as fórmas da sua actividade progressiva.» (Pag. 11).

Eis ahi; nada mais claro e preciso: *territorio*, *raça* e *lingua*, a que, n'um dos topicos citados, chega o auctor a juntar—*costumes*, *religião*

e *industrias*, que, evidentemente, podem variar e divergir, — são requisitos essenciaes, no sentir de Theophilo, a uma *nação*.

Pois engana-se quem assim pensar: aquelles tres caracteristicos são exactos e verdadeiros sómente quando apontados por Th. Braga; ensinados por A. Herculano são tres tolices, tres monstruosos disparates. Duvidam? Aqui está n'este trecho a prova: «Determinando os caracteres de uma nação, escrevia Herculano: — *ha tres, pelos quaes commummente se aprecia a unidade ou identidade de diversas gerações successivas* — *a* **raça,** *a* **lingua,** *o* **territorio.** — Os factos provam exactamente o *contrario...*»

Inacreditavel; mas são as palavras iniciaes do capitulo 1.º do livro, capitulo que traz por titulo — **O territorio hispanico, como factor historico,** e principia na mesma pagina (11) em que se faz a emphatica referencia a Carlos Ritter, o famoso discipulo de Alexandre de Humboldt, cujas ideias sobre a influencia dos territorios na indole dos povos repetiu.

É singular, é raramente phenomenal: escrever um livro inteiro ácerca de *territorio* e *raça* em Portugal; apregoar, em dez paginas seguidas, tal ser o designio da obra; apadrinhar-se, desnecessariamente, com Ritter, a quem erradamente se attribue, e como *descoberta*, o valor do *territorio* para a *explicação das sociedades*, cousa que se declara ser, no caso, a *primeira*

luz, cabendo o segundo logar ao caracter da *raça*, e, chegado o capitulo em que se vae iniciar a demonstração, declarar que tudo isso é tolice; porque *os factos provam exactamente o contrario*... territorio, raça e lingua nada teem que vêr com uma *nação!*...

As provas em que o desastrado compilador pretende apoiar o seu erro é que são impagaveis: «...os anthropologistas chegaram á conclusão de que não existe actualmente nenhuma *raça pura*, e na Europa existem *nacionalidades* formadas de differentes raças, como a Austria, fallando differentes linguas, como a Suissa, e até *sem territorio* como os judeus e ainda os ciganos, que conservam os caracteres de *aggregação* através do seu nomadismo.» (Pag. 12).

É uma enfiada de despropositos. Os tres requisitos apontados por Herculano são os mesmos exigidos por Ed. Scherer. É claro que se referem ás nações completas, integradas, ás nacionalidades superiores, feituras a um tempo da historia e da natureza. A allegação de não existirem raças puras é uma simples impertinencia; não se acha em causa a pureza ou não das raças.

Puras ou não, o estudo d'ellas é indispensavel para se conhecerem as indoles das nações; e d'estas as que lograram um nome na historia e executaram alguma funcção superior nos destinos da humanidade apoiaram-se sem-

pre n'esse factor primordial. Hontem, como hoje, é o facto irrecusavel. Assyria, Egypto, Persia, Grecia, Roma, Allemanha, França, Inglaterra... qualquer que seja o nome que se lhe dê, sempre a nacionalidade é uma expansão superior da evolução popular, tendo por base um elemento ethnico determinado e definido que serve de principio coordenador e selector na obra da formação da unidade, da solidariedade e d'um destino commum a realisar. A que vem aqui fallar na existencia ou não de raças puras? Que tem isto que vêr com a these de Herculano? Se só se devessem estudar as raças, na apreciação do caracter dos povos, quando ellas fossem puras, então o auctor, sempre tão preoccupado de raças que as descobre até onde ellas não existem, como no famoso caso dos *mosarabes*, devia pôr no fogo não só o seu volume sobre o *territorio* e a *raça* em Portugal, como as suas impagaveis *Civilisações Turanas* e mais as *Civilisações Semitas* e mais as hilariantes *Epopeias da raça Mosarabe;* porque em nenhum d'esses casos lidou com raças *puras.*

A citação da Austria, onde não ha unidade de raça e da Suissa, onde se falla mais de uma lingua, confirma a caracteristica de Scherer e Herculano ácerca dos requisitos de uma nacionalidade normalmente superior.

A Austria é uma creação teratologica da

politica e da diplomacia europeias, desviadas do justo caminho. Não é um corpo sólido e terá de desabar logo que não tenham mais razão de ser os interesses dynasticos que a sustentam.

A Suissa confirma por egual arte a opinião dos dois grandes mestres. É por certo uma formação curiosa em que a natureza tem collaborado; mas onde as necessidades politicas do equilibrio europeu teem tambem sua parte não pequena. É uma especie de baluarte neutro entre quatro grandes potencias que facilmente se chocariam n'aquelles desfiladeiros: Italia, França, Austria e Allemanha.

Aquelles montanhezes habilmente teem aproveitado tão singular situação; mas é obvio que aquella *confederação* que, aliás, tem vindo a seguir o caminho para a *federação*, chegando, talvez, um dia até á unidade, não constitue um Estado, uma nação, uma nacionalidade typica a ser indicada como modelo e que venha a invalidar a doutrina brilhantemente esposada pelo auctor da *Historia de Portugal*, que, não tem, é claro, applicação a aggremiações de caracter artificial.

Mas nada como a lembrança de citar os *ciganos*, os *bandos de ciganos* como exemplares de *nacionalidades sem territorio!*

O caso dos judeus, posto que desazado, não é tão chocante. Ambos provam a favor de

Herculano; porquanto, com o ter sido uma nação illustre, o povo judeu, que hoje não tem mais a unidade de lingua, nem possue territorio, não constitue mais, por isso mesmo, uma nacionalidade. E é essa a razão pela qual se esforçam agora tantos israelitas illustres para conseguirem um territorio seu, onde lancem de novo as bases da nação, que desejam venha a renascer.

Como se acham agorá, — ha judeus belgas, hollandezes, allemães, hespanhoes, russos, hungaros; só não ha judeus sem mais qualificativo estranho, judeus puramente judeus, a não ser na cabeça do homem da raça mosarabe, que conhece presentemente diversas nações judaicas e outras tantas ciganas.

Não se póde explicar como passam impunes em Portugal tão grosseiros desacertos, e, o que é mais singular, atirados insolentemente contra um escriptor como Alex. Herculano, que já não está mais alli para se defender... (1)

Escusado é quasi advertir que, passada a

(1) Além do livro *A Patria Portugueza*, Braga trata pessimamente Herculano — em a *Historia do Romantismo em Portugal*, *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, *Garrett e o Romantismo*, quatro obras, e promette uma quinta — *Alexandre Herculano e o Romantismo Liberal*.

furia contra o grande historiador portuguez, de quem se constituiu gratuito inimigo e não cessa agora de atacar em quanto livro escreve, Braga volta imperturbavelmente a dar como caracteristicos das nações — o *territorio*, a *raça* e a *lingua*, cuja acção lhe parece tão consideravel que deve ser procurada desde o berço dos povos e chega ao ponto de se poder de taes factores derivar as fórmas fundamentaes de sua marcha historica. Eis as palavras do auctor: «Se quizermos conhecer uma nação por esses caracteres do *territorio*, da *raça* e da *lingua*, temos de remontar além de seu passado, e estudar por tal fórma esses elementos, que por uma deducção logica *possamos d'elles derivar as fórmas fundamentaes da sua marcha historica*». (Pag. 12). E, d'est'arte, tres cousas, que os *factos provam nada terem com a indole das nações*, servem agora de novo para lhes determinar a evolução historica... É de pasmar.

Segue-se um esboço descriptivo, muito mal feito, dos accidentes e aspectos geographicos mais notaveis da peninsula, copiado fragmentadamente de Oliveira Martins na *Historia da Civilisação Iberica*. É a esses accidentes e aspectos que o auctor attribue, repetindo Buckle sem bem o entender, o caracter das populações peninsulares:

«Toda a historia da Hespanha, nos seus conflictos internos, consiste na lucta *separa-*

tista entre esses diversos estados, e no esforço brutal de os incorporar sob uma *unificação* monarchica. Os primitivos povos que habitaram a Hespanha anteriormente á conquista dos romanos, obedeceram tambem a essa tendencia *separatista* ou *cantonal*, imposta pelos relevos orographicos, e d'aqui a impossibilidade de se defenderem contra a invasão dos celtas...» (Pag. 17).

É claro que não basta este magro appello ás condições mais salientes do solo hispanico para explicar o caracter de *particularismo politico* existente em grande parte de suas populações. Seria preciso, d'este lado do problema, um estudo muito mais fundo do que as rapidas indicações, copiadas de Buckle, estudo que Theophilo não está absolutamente em condições de fazer.

Traçar a *geographia social* da Hespanha e de Portugal ao gosto da que foi feita para a França por Edmond Demolins, em *Les Français d'aujourd'hui*, excede de muito a capacidade e os habitos intellectuaes d'um compilador sem criterio, como esse que escreveu a *Patria Portugueza — O Territorio e a Raça.*

O que dá n'um ponto como um producto *directo do solo*, duas linhas abaixo *attribue á acção de raças*, vindas todas de fóra, taes são as variações bruscas d'esse espirito desequilibrado! «As duplas tendencias *separatista* e *unificadora*

são os pontos de oscillação da vida historica dos povos peninsulares; conforme *as raças que occuparam este solo*, assim essas tendencias *prevaleceram mais ou menos* exclusivamente e de um modo empyrico. *Se o sangue semita prevalecia pela occupação* dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Judeus e dos Arabes, preponderava a tendencia separatista; *se a disciplina dos Romanos predominava*, quer pela centralisação administrativa, quer pela unificação moral e dogmatica do catholicismo, assim os differentes estados eram submettidos á dependencia de um só, sem que essa apparente unidade politica apagasse as differenças dialectaes e costumes locaes, que estavam constantemente proclamando a intima dissidencia.» (Pag. 18).

Periodo é este, copiado de Oliveira Martins, que merece detido exame. Martins, aliás não original n'este ponto, é que principalmente fez derivar todo o interesse dramatico da historia hispanica de uma especie de duello travado entre o espirito semita e o espirito aryano, quasi por igual dóse predominante no genio das populações hispanicas.

O auctor da *Historia da Civilisação Iberica*, aliás censurado por Braga, nas *Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, por não haver conhecido e acceitado a explicação physicista do caracter hespanhol fornecida por Buckle, tinha certamente, a despeito de grandes defeitos, um

talento muito mais possante do que o do seu censor; tinha mais imaginativa, mais alta intuição historica, melhores dotes de escriptor, um saber geral mais seleccionado e mais criterioso; mas não teve razão no duello que nos faz assistir de aryanos e semitas. Na repetição de Braga a theoria aggrava-se pela natural deterioração que tudo soffre, passando por aquelle desmantelado cadinho.

Veja bem o leitor; releia o periodo e verifique.

Primeiramente, não é verdade que jámais os Judeus tivessem occupado as Hespanhas. Depois, nem Phenicios, nem até Carthaginezes a senhorearam nunca por inteiro. Tão pouco os Arabes; porque, passado o primeiro embate, perderam estes, em poucos annos, toda a região do norte de um lado a outro da peninsula; e aquelles, porque não eram povos colonisadores, e não possuiram nunca na Iberia senão feitorias, mais ou menos extensas em pontos varios.

E demais, quando, quasi dez seculos mais tarde, circumstancia que se não deve perder de vista, quando perto de mil annos mais tarde, após os ultimos semitas — os Carthaginezes, chegaram os Arabes, já muito apagado deveria estar o espirito da raça, soterrado debaixo de seis seculos de administração romana e tres de regimen romano-godo. Além

d'isso já d'antes tinha tido para o diluir, durante seis ou sete seculos, o espirito aryano do Ligure, pertencente ao grupo da grande raça, e do Celta, que a ella tambem pertence, como geralmente se sabe.

O regimen *unitario* romano a principio e depois romano-godo e por ultimo castelhano-catholico em lucta com tendencias *separatistas* na Hespanha, é um phenomeno historico que tem duzentos casos analogos na Europa, sem que seja mister phantasiar luctas de aryanos e semitas.

Toda a Europa, e não só a Hespanha, na phase ante-romana desconheceu o regimen unitario. Teve-o na época do Imperio; perdeu-o mais tarde com as invasões germanicas, com o desmembramento do colosso latino, a formação lenta e tumultuaria das nações novas, que todas passaram por um periodo de desaggregação particularista, mais ou menos accentuado. Teve-o a propria Inglaterra; teve-o a, depois tão centralisada, França; teve-o até hontem a Italia; tem-no até hoje a Austria; tem-no até agora a Allemanha; tem-no, sem a menor duvida, a Suissa.

Onde aqui duellos entre aryanos e semitas? É muita ancia de repetir phantasias e logares communs de certos novelleiros da historia.

E será a tendencia separatista um predi-

cado dos Semitas? E será o espirito unitario realmente um predicamento dos Aryanos?

Não é de hoje que se anda a repetir essa aleivosia, abraçada com açodamento por Braga.

É possivel que o solo da Hespanha, na sua variedade extraordinaria, proteja, por assim dizer, a *propensão separatista;* é provavel que essa inclinação ache apoio no caracter das mais remotas populações da peninsula — os *Iberos* —, caracter que, a despeito de tudo, transparece nas populações actuaes, porque teem n'aquellas a sua base principal; mas não foi tal tendencia uma dadiva do genio semita.

Nem a tendencia opposta é uma qualidade do aryano. Talvez o contrario esteja mais perto da verdade.

Sem chegar ao extremo de um Rodolpho Ihéring, no seu bellissimo livro sobre a *Primitiva Historia dos Indo-Europeus*, que não acredita na distincção preliminar entre Semitas e Aryanos, cujas differenças ulteriores explica pelas condições dos meios em que se vieram a achar, não vejo quando e porque se chegou a affirmar a tendencia *particularista* como um predicado semita e a tendencia para a *unidade politica,* como um caracteristico aryano. Os *Hindús* da India não chegaram até hoje a constituir um Estado unitario e regular, não passando de aggregações instaveis, sempre presas da conquista estrangeira.

Os *Hellenos* não passaram da confederação, mal alinhavada, de Estados rivaes, como a suprema unidade a que podiam chegar.

É proverbial a desunião dos *Gaulezes* e *Celtas* de todos os matizes, que não se elevaram acima de pequenas aggregações inimigas, descriptas brilhantemente em Cezar, que as desbaratou uma por uma.

O espirito particularista dos *Germanos* é tambem geralmente conhecido; e ainda hoje o Imperio em Allemanha não passa de uma confederação de Estados soberanos.

Igual caracteristica é a do ramo do sympathico ramo *Scandinavo*, que até hoje não conseguiu ligar de uma vez as tres nações do alto norte e acaba de separar os dois que andavam unidos.

As tendencias particularistas da raça na Suissa, nos Estados Unidos e na propria Inglaterra não são desconhecidas de ninguem. Os *Italiotas* não chegaram além das *cidades confederadas* que foram a presa de Roma. Os velhos *Persas* fundaram um grande imperio; mas esse nada tinha de unitario e desmantelou-se rapidamente.

Dos *Slavos* nada se póde affirmar por emquanto, tal é a turva confusão de sua vida social e politica; mas bem cego será quem não vir alli claros signaes de desaggregação, attento ao que se passou na Polonia e se passa na Ser-

via, na Bulgaria e na propria desmantelada Russia.

Onde esse famoso espirito unitario, tão evidente, que seja um monopolio do Aryano? O *Romano*, por causas muito especiaes, que não veem ao caso discutir agora, o teve; mas isso não foi nunca um predicado essencial de todos os Indo-europeus. Para von Ihéring— estes não passavam ainda de um grupo de pastores, indolentes, pouco civilisados nos platós da Asia, quando nas planicies do Euphrates já os Semitas eram um povo activo, civilisado, agricultor e constructor.

O Imperio Assyrio, o Babylonico, o Egypcio, se quizerem, como fazem muitos, collocar entre os Semitas os Cuschitas ou Hamitas das planicies do Nilo, foram tres monarchias unitarias, como as que mais o tenham sido entre Aryanos.

O mesmo se deve dizer de Israel, de Tyro e de Carthago. Não era o espirito unitario, manifestado na religião e na politica, que lhes faltou jámais. O caso Arabe, apparentado com o caso Sahariano ou Berbere, é um pouco divergente. São gentes pastoras, com pequenas excepções nos oasis dos desertos, que se não devem confundir com os Semitas estaveis das planicies do Tigre, do Euphrates, do Nilo, do Jordão e do mar Mediterraneo. Mas, até na tal ou qual desaggregação que lhes imprime o

deserto, o espirito unitario do Semita se manifesta nos Arabes pela religião, pela lingua, pelos costumes, pelas tradições, pelo regimen legal uniforme por toda a parte. Por isso não seria, talvez, desarrazoado, achar mais tendencias separatistas no Aryano e mais unitarias no Semita. Abstenho-me de o fazer, porque não cultivo o genero-novella — em historia.

Mas, dir-se-ha, o imperio arabe desfez-se. E não se desfez o de Alexandre? Não se desfez o dos Cezares? Não se desfez o de Carlos Magno? Não se desfez o de Carlos v? Não se desfez o de Napoleão?

O duello travado no solo das Hespanhas entre o separatismo semita e o unitarismo aryano é uma phantasia de hespanhoes sonhadores que lastimo vêr repetida por espiritos da ordem de Pompeyo Gener (1).

Depois de ter attribuido a unificação dos Estados da Hespanha ao influxo do genio romano e das ambições da monarchia, passa Braga a attribuil-a, principalmente, á influencia do catholicismo. Como lhe é habitual, commette varios erros e extravagancias em assumpto tão simples. Falla de religião catholica no tom de um *voltairianismo* atrazadissimo, que tem o desaso de attribuir a Buckle, cujo espi-

(1) Vide *Heregias*, passim.

rito era de todo avêsso ás facecias e grosserias do auctor de *Candido*.

«Entre as causas, diz Braga, mais poderosas da *unificação politica* da peninsula hispanica cabe o primeiro logar á *influencia do catholicismo;* esta religião, transmittida da Africa para a Hespanha, *trouxe o caracter intolerante e feroz que lhe achamos no patrologista africano Tertuliano;* revelando-se pela *audaciosa ambição dos bispos* que fizeram dos seus concilios congressos e côrtes politicas, e eram ao mesmo tempo chefes de guerrilhas contra a occupação sarracena, uma vez dominante, essa religião veio a *transformar-se pela influencia do genio hespanhol*... A religião catholica teve uma extraordinaria e constante acção sobre o desenvolvimento dos povos peninsulares desde a época do governo imperial dos romanos; acção que *não póde attribuir-se nem á comprehensão da doutrina, nem ao poder da disciplina,* porque a barbarie e o isolamento das povoações tornaram inefficaz a propaganda evangelica, e *porque a devassidão da classe sacerdotal não fructificava pelo exemplo.* E comtudo essa acção baseava-se sobre uma necessidade, e por isso era effectiva.

Buckle, fallando da civilisação hespanhola, descreve a influencia mesologica do solo peninsular, sujeito a grandes catastrophes de terremotos, e a repetidas perturbações mete-

reologicas. Esses phenomenos assombrosos impressionam sempre os povos, e incutem-lhes na imaginação a crença absoluta na intervenção do sobrenatural. O inexplicavel torna-se divino; *o padre aproveitou* (Isto já não é por conta de Buckle; é enxerto voltairiano de Braga) *sempre a emoção d'esses phenomenos cosmologicos para se tornar interprete das cóleras celestes, submettendo a credulidade da multidão á sua conveniencia de classe.*» (Pag. 20 e 21).

E eis como os factos mais elementares e singellos são baralhados por um trapalhão. A unidade, tentada na antiguidade pelo Romano com a monarchia; na idade média pela Egreja com a religião, nunca foi um caso especial da Hespanha; era aspiração geral para todo o mundo.

O confuso escriptor estraga tudo e tudo confunde; ora dá o caracter fanatico do catholicismo hespanhol como nascido do facto de ter vindo essa religião d'Africa para a peninsula, já *estragada* pelo *patrologista* Tertuliano; ora o attribue a uma *transformação* n'elle operada pelo violento genio das gentes da peninsula...

Cahe na patetice de chamar Tertuliano *patrologista;* porque, evidentemente, não sabe o que vem a ser *patrologia.* Tertuliano não é um *patrologista;* é um *Padre,* um *Doutor* da egreja primitiva, como Agostinho, Athanasio, Cle-

mente, Jeronymo e tantos outros. A chamada *litteratura patristica* tem sido objecto, nos ultimos tempos, de acurados estudos. A estes é que se tem chamado *patrologia* e aos seus cultores *patrologistas;* da mesma fórma como se tem chamado *assyriologia* aos estudos assyrios, *egyptologia* aos estudos egypcios, e *assyriologistas* ou *assyriologos*, *egyptologistas* ou *egyptologos* aos cultores de taes estudos. Denominar, porém, um Chrysostomo, um Gregorio Nanziazeno, por exemplo, um Tertuliano—*patrologista* é o mesmo que appellidar Amenophis ou Ramsés—de *egyptologistas*... Ora, sr. Theophilo Braga!

Nada é tão extravagante como o jogo que faz com o nome de Buckle no tocante á physica da peninsula e sua influencia no caracter hespanhol.

O admiravel philosopho inglez, em seu esboço da historia da civilisação britannica, busca o exemplo da Hespanha para provar a these da *preponderancia*, veja-se bem, *da preponderancia do que elle chama os factores mentaes sobre os moraes no progresso da cultura humana em geral.* Traz o caso da Hespanha como peculiarmente apto a demonstrar a sua theoria. O povo hespanhol, no pensar do philosopho britannico, acha-se impressionado, no sentido do fanatismo, pelas condições physicas de seu paiz, perturbado continuamente por terremotos, sêccas,

temporaes, enchentes devastadoras, epidemias repetidas e outros flagellos congeneres.

Ora, um tal fanatismo, filho de taes causas, é terrivelmente *sincero*, nasce das entranhas d'alma, afeiçoadas pelos moldes da natureza ambiente. Ahi não ha logar para *velhacarias de padres*... É não comprehender Buckle e desnaturar-lhe o pensamento—metter no assumpto *espertezas* e *charlatanices clericaes*, ao gosto do mais sovado voltairianismo.

E como, prosegue a explicação de Buckle, o povo hespanhol e nomeadamente o seu clero, mesmo em a época brilhante de 1500 e 1600, não possuia a precisa *cultura scientifica, capaz de neutralisar as inspirações do fanatismo*, via-se o espectaculo deprimente da *inquisição*, dirigida por homens de grande *inteireza moral*, como Lope de Vega e outros, dignos caracteres, honestos, cheios de virtudes, sinceros, bellas intelligencias de *poetas* e *litteratos*, profundamente ignorantes, porém, em assumptos de *sciencias*, verdadeiramente dignas d'este nome.

Esta é que é a doutrina de Buckle e não o que lhe attribue o compilador portuguez. O grande inglez não falla jámais *em devassidão da classe sacerdotal;* para elle, ao contrario, exemplarmente *moralisada*, mas muito *ignorante em sciencias*. O inverso seria minar pela base a sua theoria.

Caracter hespanhol e fanatismo hespanhol

são modelados pelo meio, e tanto mais sinceros quanto promanam de causas mecanicas. A alta *moralidade* do clero era inefficaz para cohibir os excessos da intolerancia; ajudava-os ao envez. Só a grande *cultura scientifica* poderia exercer esse papel moderador; mas faltava quasi inteiramente.

Se o conhecimento que Braga tem da *Historia da civilisação na Inglaterra* é todo d'esse feitio de que dá tão deploravel amostra, é caso de suppôr que Oliveira Martins estava no assumpto muito mais adiantado.

E, assim, no meio de cincadas e erros, chega-se ao fim do capitulo—*O territorio hispanico como primeiro factor historico*—sem que se colha cousa aproveitavel para a explicação da influencia do meio peninsular no genio das populações hespanhola e portugueza. Com relação a esta são utilisaveis apenas duas paginas copiadas dos *Roteamentos e colonias agricolas*, do dr. Avellar Severino. Ainda uma vez se verifica a differença que vae de um espirito verdadeiramente illustrado a um trapalhão amontoador de notas.

II

Antiguidades pré-historicas

É occasião de passar ao capitulo 2.º — *Antiguidades pré-historicas em Portugal.*

Em agudo delirio de febre ou de alienação mental seria impossivel conceber um quadro, tão obscuro, enredado, confuso, disparatado, incongruente, contradictorio, como esse que se desenrola nas vinte e quatro paginas d'esse pavoroso capitulo. É de fazer enlouquecer, taes os desmantelos alli accumulados. Quem uma vez leu algumas paginas de pré-historia em Portugal, sahidas da penna de homens, como Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Pereira da Costa, Filippe Simões, Sá Viella, Gabriel Pereira, Martins Sarmento, Possidonio da Silva, Pereira Cabral, ou, sequer, o admiravel, lucido, methodico, suggestivo, resumo do sabio Leite de Vasconcellos, e vem depois a topar com o pesadelo de Braga, ha de recuar horrorisado.

Não é possivel entendel-o, ainda que se o reduza ás mais simples proposições fundamen-

taes, tantas são as obscuridades e as contradicções, que, saiba-se desde já, se prolongam em *crescendo* inacreditavel pelo capitulo seguinte em diante, sob o titulo de — *As populações Ibericas.*

É um verdadeiro *sabbat de feiticeiras*, uma *orgia de duendes*, mais abstrusa e extravagante do que a imaginada pelo grande lyrista Bernardo Guimarães.

Vou reduzir o terrivel inventario ás suas theses capitaes, rogando ao leitor que vá por si lêr o livro e veja se o logra entender, mas entender lucrando e aprendendo. Cada proposição levará um rapidissimo commentario, indispensavel, cumprindo advertir que, em todo o aranzel braguista, conforme velhissimo costume de tão avesado compilador, existem longas citações de auctores das mais desencontradas theorias, todas, por igual, acceitas pelo insultador de Herculano, Martins e Antero! Taes citações não se acharão em jogo, senão no que fôr indispensavel. Eis aqui:

A) «Resulta das explorações geologicas que o territorio de Portugal teve habitantes, anteriormente a todas as invasões de *outras raças asiaticas* que penetraram e se estabeleceram na Europa.» (Pag. 31).

Este palavriado incorrecto leva a crer, contra, aliás, o que logo abaixo affirma o auctor,

que os habitantes mais antigos de Portugal eram uma *raça asiatica*, apenas anterior ás invasões de outras *raças asiaticas*.

B) «Este facto (a existencia da remotissima gente em Portugal) geral a toda a Europa, leva a reconhecer que a Europa, *como uma peninsula da Asia*, teve tambem *uma raça* que se póde considerar autochtone de que o typo de Cro-Magnon é o mais completo.» (Pag. 31).

Para o auctor foi a Europa, como diria Agassiz, um *reino de creação* do homem, ou um *centro de apparição*, como emendava Rialle, não por motivos mais serios, e sim por ser uma *peninsula asiatica*...

É muita simplicidade. E a Asia porque razão teria sido tambem um centro de apparição? Como quer que seja, está a Europa com *uma* raça autochtone. D'aqui a pouco passará a ter duas, tres e mais. O dizer que o typo de Cro-Magnon é o mais completo, é méra tolice. Mais completo em que, como e porque? A préhistoria, nas suas mais ousadas generalisações, tem chegado a affirmar na época quaternaria a existencia de varias raças.

Tres, pelo menos, são geralmente descriptas sob os nomes de raça de *Furfooz*, raça de *Cro-Magnon*, raça de *Canstatt*, designações tiradas dos sitios onde se acharam os craneos que serviram de base ás respectivas descripções. Aqui não cabe fallar em typo mais ou

menos completo. Todos teem o mesmo interesse perante a sciencia (1).

Poucas linhas abaixo da these d'uma só raça autochtone na Europa, passa Braga a fallar em varias outras com o mesmo predicado. Cita um trecho de Paulo Broca que lhe serve para uma falsificação, que terá de proliferar pelo livro em diante até ao fim.

O famoso anthropologista francez escreveu que do facto de haverem sido *os restos do homem quaternario*, que serviram aos primeiros estudos pré-historicos na Europa, *pertencentes a individuos de pequena estatura, de craneo pouco volumoso e face mais ou menos prognatha*, tinham chegado os sabios á conclusão precipitada da existencia de *uma só raça* na Europa quaternaria, raça *negroide*, segundo uns; *mongoloide*, segundo outros.

Ora, Broca sustentava a existencia na Europa quaternaria de varias raças, e não a d'essa *unica*, que parecia *negroide* a uns e *mongoloide* a outros.

Que faz Braga? Transcreve o trecho de

---

(1) Hoje os povos *quaternarios* da Europa são descriptos como pertencentes a tres raças: a de *Néanderthal* ou de *Spy*, a de *Laugerie-Chancelade*, a de *Beaumes-Chaudes*.—Vide *Raceset Peuples de la Terre*, par J. Deniker, Paris, 1900, pag. 368.

Broca e arruma-lhe em cima a falsidade de haver aquelle sabio affirmado a existencia de duas raças, uma *negroide* e outra *mongoloide*, no continente europeu, no periodo geologico citado! — Ha poucos exemplos no mundo das lettras de tamanha precipitação e tão grande leviandade.

c) «Broca reconhece que differentes raças occuparam simultaneamente a Europa na época quaternaria; e essa *duplicidade* do typo *mongoloide* e *negroide* coincide com os factos.» (Pag. 32).

Como se vê, a só raça, que a uns parecia *negroide* e a outros *mongoloide*, está agora transformada em duas raças diversas, que vão servir a Braga para as mais mirabolantes combinações. É o que elle chama, fazendo violencia á lingua, a *duplicidade* do typo *negroide* e *mongoloide*. Santo Deus! Mais adiante os dous typos começam a viajar, um pelo norte e outro pelo sul; um pelo centro da Europa, outro pela zona setemptrional da Africa. — É um espectaculo curioso.

d) «O typo quaternario de Cro-Magnon (não diz a qual dos ramos da *duplicidade* pertence o typo *completo* de Cro-Magnon, se ao *mongoloide*, se ao *negroide*), contemporaneo do mammouth e do rhinocéro, que vivia em França no começo da era glaciaria, estendeu as suas migrações pela Hespanha do norte até ás Canarias.» (Pag. 32).

Vá reparando o leitor: a gente de Cro-Magnon foi ter á Africa e ás Canarias. Era a opinião de Verneau, abraçada aqui por Braga.

E) «Ha nos seus vestigios osseos (da tal gente) os indicios de uma lucta de (ou *com?*) uma raça, *vinda da Africa*, e com a qual estabeleceu cruzamentos.» (Pag. 32).

Appella ainda n'este ponto para Verneau; mas o appello é falso; porquanto Verneau sempre se oppôz a essa ideia de uma raça invasora, vinda no periodo quaternario da Africa para a Europa.

Para elle o contrario é que se havia dado, e era como explicava a existencia de vestigios da raça de Cro-Magnon nas sepulturas megalithicas no norte da Africa. Braga, como se viu, sorrateiramente, a paggina 32, falla de *indicios nos ossos da população quaternaria da Hespanha de uma lucta de (?) uma raça vinda da Africa e com a qual estabeleceu cruzamentos* e logo accrescenta: «É o que infere Verneau, sobre a auctoridade de anthropologistas exploradores do norte da Africa, e das suas proprias descobertas em Hespanha.» (Pag. 32).

Quem isto lê, fica a pensar que Verneau patrocinava a theoria de uma raça quaternaria que invadiu a Europa, procedente da Africa e que abriu lucta com a raça de Cro-Magnon e cruzou com ella. O inverso é a verdade. Braga, amigo das excursões dos homens qua-

ternarios, depois de ter acceitado a viagem da horda de Verneau até á Africa, encontra-se com a cabilda de Quatrefages, que faz a viagem invasora da Africa para a Europa; enthusiasma-se e, no seu ardor de tudo ir colhendo e mettendo no sacco, já de posse da *duplicidade* dos negroides-mongoloides, pretende fazer as pazes entre os dois sabios francezes, admittindo as duas partidas em sentido contrario. D'aqui a pouco admittirá terceira e quarta.

Mas, por agora, está a conciliar Verneau e Quatrefages: «Esta corrente *africana*, diz elle, de invasão sobre a França é admittida por Quatrefages coincidindo com a migração da hyena, do leão e do hippopotamo. Porém, *esta invasão do começo da era glaciaria, não embaraça que se operasse uma corrente diversa de migração* pela Hespanha, Africa até Canarias, porventura no fim da era glaciaria, como expansão de povoações comprimidas.» (Pag. 33).

De posse da *duplicidade* dos typos e do que deve tambem chamar a *duplicidade* dos pontos de partida, o enthusiasmo de Braga não tem mais limites. Broca, n'uma phrase cujo sentido o escriptor açoriano torceu, deu-lhe os *negroides* e os *mongoloides;* Verneau — forneceu-lhe a *derrota* pelo centro da Europa, norte e centro da Hespanha, até á Africa; Quatrefages — entrou com a *derrota* pelo norte do continente negro até ás terras europeias. Só lhe falta

accommodar as cousas: aos *mongoloides* fará vir pelo roteiro de Verneau; aos *negroides* pelo roteiro de Quatrefages. Curioso vae ser quando elle encontrar o roteiro de Bory de Saint Vicent e de Roisel, que fazem entrar gentes na Europa, sahidas da *Atlantida* e o de João Bonança que faz brotarem todos os invasores da Hespanha...

É de se perder a cabeça; mas o bom do homem acaba por acceitar todas essas cousas contradictorias. Um horror.

Continue o leitor a apreciar as theses do auctor açoriano...

F) «O *norte* da peninsula hispanica foi o ponto de entrada de *uma outra* raça mais civilisada ou progressiva do typo de Cro-Magnon, para nós o euskariano.» (Pag. 40).

Mais além essa nova raça será a *mesma* quaternaria que por alli entrara em Hespanha, segundo Verneau.

Não tardará muito.

G) «É aqui que convem indicar a entrada na peninsula de uma raça *vinda da Africa*, como notou Quatrefages na época da migração da hyena, do leão e do hippopotamo.» (Pag. 40).

Esta raça aqui já não é outra, como a que acaba de entrar pelo norte; é a mesma de que se falla atraz sob o protectorado de Quatrefages.

H) «*Além das sepulturas megalithicas da Africa do norte*, os exploradores encontraram em Roknia o typo de Cro-Magnon em mais ou menos estado de mestiçagem.» (Pag. 40).

Quem isto lê fica a pensar que Roknia não fica em o norte da Africa. Braga é que não sabe onde fica essa celebre necropole. É como se alguem dissesse:—Além das estações funerarias do norte do Brasil, existem tambem as de Marajó!

I) «É preciso distinguir o facto da interpretação. O facto (a existencia de restos do typo de Cro-Magnon no norte da Africa) é positivo e *do maior alcance;* as interpretações são diversas.» (Pag. 40).

Agora vae começar a dança macabra entre Verneau, Bory de Saint Vicent, Roisel, Bonança, Berthelot, Broca e Quatrefages, no que diz respeito á entrada das primeiras gentes nas Hespanhas. Já o leitor assistiu a algumas rapidas contradanças; agora vae presencear o *sabbat* em todo o delirio.

J) «Uns anthropologistas entendem que esta raça africana, ou do typo *negroide* a que já alludiu Broca (!), penetrou na Europa, emigrando do *continente desapparecido da Atlantida.* Assim o problema anthropologico tão positivo, fica sujeito aos accidentes do problema geographico, e a tornar-se um mytho como o tradicional continente. Mas tendo de explicar

o facto evidente, pela circumstancia de não admittir a Atlantida, Verneau prefere antes (este *preferir antes* é tão ingenuo!) *inverter os acontecimentos, fazendo da raça de Cro-Magnon uma raça emigrante que descendo á Hespanha, espalha-se pelo norte da Africa e chega ás Canarias.*» (Pag. 40 e 41).

Aqui o homem vacilla entre a *Atlantida* de Bory e Roisel e a *troca de acontecimentos*— de Verneau, e accrescenta:

K) «Basta-nos indicar aqui por ora o problema das duas *correntes europeia e africana*, que investigaremos ao tratar do dualismo (ou *duplicidade?) euskariano* e *iberico*, base das origens anthropologicas das raças peninsulares.» (Pag. 41).

Esta barulhada até aqui feita em doze paginas é, para Braga, *indicar* apenas o problema. Faça-se ideia quando elle começar a *investigar o dualismo* ou *duplicidade*... Seguem-se umas citações de P. Broca ácerca de bascos de Zaraus, que só mais tarde serão devidamente apreciadas. Por agora é preciso vêr a dança alludida de Bory, Roisel, Verneau, Bonança, etc.

L) «Um facto geologico da mais alta importancia para a discussão do problema anthropologico da *proveniencia* das raças da Europa e mesmo da sua *autochtonia*, é o da quasi immunidade em que ficou o territorio da peninsula hispanica durante o longo periodo da invasão

glaciaria. Accrescentando a esta situação, em que a peninsula estava defendida pelos Pyrenéos, a sua ligação com a Africa por um isthmo destruido pelo rompimento do estreito de Gibraltar, vê-se que ella foi um ponto de passagem tanto para as migrações de povos do *norte*, como querem Bergmann e Roisel, referindo-se aos finnicos, como para as migrações da *Africa*, como querem Leibnitz, Quatrefages, Broca (!), referindo-se aos berberes.» (Pag. 45 e 46).

É de novo a *indicação* do thema, indicação que se repete duzentas vezes, sem que a questão dê um passo. Um homem qualquer do mais seguro bom senso, como Leite de Vasconcellos, por exemplo, diria: — «A peninsula Iberica possuiu habitantes desde o começo da época quaternaria, ou, talvez, desde os fins do periodo terciario. Esses habitantes eram, ao que parece, como as outras raças então existentes na Europa, autochtones. Mais tarde foi a peninsula, como em geral o continente europeu inteiro, occupado por varias raças oriundas, ao que se suppõe, da Asia e da Africa.»

Em poucas palavras teria indicado o problema pré-historico. Depois passaria á apreciação das populações historicas, a começar nos Iberos e acabando nos Arabes, passando por Ligures, Phenicios, Gregos, Celtas, Carthaginezes, Romanos, Suevos e Godos.

De passagem discutiria a questão do parentesco dos *Iberos* com os *Berberes*, e com os *Bascos*, e com os *Ligures*, avaliando se são, como pensam alguns, a mesma gente, ou povos diversos, como ensinam outros. Isto estaria bem em vinte paginas. Braga segue outro systema. O Bonança vae entrar em scena.

M) «Além de ponto de passagem, foi a Hespanha um asylo que manteve a estabilidade e o desenvolvimento superior em relação ás outras raças errantes, dos povos que se acoutaram aqui, e pela pressão do territorio se fusionaram. Este facto não tem sido considerado na questão das raças da Europa; pôl-o pela pela primeira vez *em evidencia* João Bonança na *Historia da Lusitania e da Iberia*, exaggerando as suas consequencias, por isso que considera a expansão das raças primitivas pela Europa e para a Africa do norte e Asia, como irradiando *exclusivamente* da Peninsula hispanica, onde elaboraram a civilisação rudimentar que precedeu a grega, a phenicia e a romana.» (Pag. 46).

Reparem bem: Bonança *pôz em evidencia* o haver sido a Iberia um asylo que manteve a estabilidade e o superior desenvolvimento de povos que d'alli irradiaram. Braga condemna apenas o *exclusivismo* de Bonança. Pouco adiante acceita tudo.

N) «A theoria de João Bonança tinha estes

antecedentes (as ideias de Fayet, Penka e Shrä ler) emquanto á *autochtonia* das raças da Europa; na obra citada *mostra* como um mar glacial cobre a Europa desde o pólo boreal até á Inglaterra; como as enormes geleiras da cadeia Alpina invadem quasi toda a Europa central, sendo limitadas ao sul pela cadeia Pyrenaica. Com provas geologicas e paleontologicas *mostra que nenhum mar glacial invadiu a Peninsula hispanica*, bem como nenhumas geleiras espessas e extensas occuparam seus valles centraes, meridionaes e occidentaes; e d'aqui deduz as excepcionaes *proporções para um grande* (os gryphos são de Braga) *desenvolvimento do genero humano na Peninsula hispanica*. As consequencias a tirar de um tal facto são as mais imprevistas emquanto ao desenvolvimento lento, pacifico e seguro das povoações contemporaneas do mastodonte, como se vê pelos vestigios das lanças do Valle do Manzanares, até á liquefacção dos gêlos do periodo quaternario em que se expandem as raças dolichocephalas autochtones e peregrinas occupando a Europa. Onde estiveram refugiadas? D'onde vieram á occupação dos territorios exundados? Eis o problema.» (Pag. 47 e 48).

E Theophilo responde immediatamente na linha seguinte, acceitando de todo o *exclusivismo* do phantasioso Bonança. É como se vae lêr:

o) «Irradiaram essas raças *unicamente* da

Peninsula hispanica, como quer João Bonança, expondo que a raça hispanica repovôa a Gallia meridional e oriental, os Apenninos, parte consideravel dos Alpes, toda a Italia (e os Apenninos não estariam na Italia?), a Sicilia e a Corsega, considerando ao mesmo tempo ser impossivel o povoamento da Europa por tribus vindas do centro da Asia, da Laponia, da Finlandia e da Scandinavia, na época da constituição das linguas europeias.» (Pag. 48).

Na falta de estudos proprios, Braga, em vez de tomar um guia serio n'estes assumptos e seguir com elle, prefere ir atirando notas pelo caminho, tomadas a quantos livros lhe cahiram nas mãos.

Nem ao menos toma a precaução de, munido de uma só doutrina, bater com ella as theorias contrarias. Não; cita, cita, cita; e acaba acceitando tudo.

Depois de referir a opinião de João Bonança, perfilhada pelo levianissimo expositor, atira-lhe immediatamente em cima — Charles de Héricault, Bory de Saint Vicent, Roisel, Berthelot e Verneau.

Este pobre Verneau é dos mais depennados em todos os sentidos.

P) «Segundo as doutrinas de Charles de Héricault na obra — *Les origines du Peuple français*, os *Iberos* foram os repovoadores e civilisadores da Gallia; partindo, porém, da *an-*

tiga theoria das migrações indo-europeias da Asia, considera os Iberos *vindos d'esse continente.*» (Pag. 48).

Esse fallar meio desdenhoso na *antiga theoria*, póde levar alguem a suppôr que Braga repelle o pensar de Héricault. Será um redondo engano. Pouco atraz se mostra fervoroso sectario das invasões asiaticas, em cujo numero lá vem a dos *Iberos*, o que, aliás, repetirá á saciedade nos capitulos seguintes. «As invasões asiaticas correspondem a duas emigrações principaes para a Europa, a proto-árica (mongoloide, scythica, *iberica* ou gauleza) e a árica propriamente dita (helleno-italica ou pelasgica, celtica, germanica e slava); a Peninsula hispanica foi povoada por elementos d'esta dupla corrente.» (Pag. 45).

É o ponto de vista de muita gente e entre ella acha-se Ch. Héricault. Compare-o o leitor com o de João Bonança, tambem acceito por Braga, e veja se os concilia, se é capaz.

Q) «Segundo Bory de Saint Vicent, no *Ensaio sobre as Ilhas Fortunadas e a antiga Atlantida*, e Roisel no seu livro os *Atlantes*, a Europa é repovoada e civilisada por uma raça bronzifera que emigrou *d'esse continente subvertido.* Reconhecida, porém, a corrente da migração africana para a Europa, a séde de irradiação é considerada por Berthelot como localisada *na*

região do Atlas continental, na Mauritania Tingitana.» (Pag. 49).

Eis ahi: Bonança e Héricault apresentaram cada um a sua theoria contradictoria e tiveram ambas a fortuna de ser acceitas. Bory e Roisel, com sua *Atlantida* e Berthelot, com o seu *Atlas*, acabam de ser ouvidos. Serão tambem attendidos? Com certeza, bastando apenas ouvir de novo o indefectivel Verneau.

R) «Os caracteres da estatura e craneo do homem quaternario de Cro-Magnon, um dos typos das raças autochtones da Europa, apparecem em Hespanha no homem do periodo neolithico, em Africa nas sepulturas megalithicas e tribus berberes, e até nas Canarias, nos esqueletos de Barrancos-Hondos de Teneriffe e nos Guanchos. Verneau, apoiando-se na auctoridade de Hamy, expõe:—o verdadeiro *Guancho* apresenta os caracteres ethnicos dos homens quaternarios de Vezére.—Esta similaridade de caracteres anthropologicos, em uma extensão tamanha, leva a concluir *por uma certa unidade primitiva d'esse grupo humano*;— conclusão a que chega Verneau:—ligamos ao mesmo tronco todas estas populações que apresentam o typo tão caracteristico da raça de Cro-Magnon, e somos forçados a acceitar que esta raça fez grandes migrações.» (Pag. 49).

Braga, não satisfeito de haver repisado e acceitado cem vezes este facto e as varias theo-

rias a que tem dado logar, repete ainda uma vez:

s) «Em volta d'este facto positivo, é que se agrupam as theorias *mais ou menos phantasistas.* Segundo Verneau, a migração deu-se da França através da Hespanha para a Africa até se estender ao archipelago das Canarias. Para isto ser sustentavel, *convinha-lhe* mostrar que a formação geologica das Canarias era de uma época moderna e de nenhum modo resto de um continente subvertido, e que portanto os *Guanchos* eram os ultimos representantes dos emigrantes de Cro-Magnon. Esta theoria extrema *(aliás acceita por Braga paginas atraz)* tem relação com outra theoria extrema: — Que os *Guanchos* do archipelago das Canarias são os ultimos vestigios dos povoadores da grande ilha ou continente da Atlantida *(theoria* de Bory de Saint Vicent e Roisel), de que as Canarias, archipelago da Madeira e archipelago dos Açores, são os fragmentos vulcanicos que marcam os seus limites geographicos. E, portanto, que foi d'este continente que se dispersou essa grande raça emigrante, que se estendeu pelo norte da Africa, pelo occidente da Europa, Hespanha e França meridional... Uma theoria intermedia sustenta que o *Guancho* das Canarias veio para o archipelago da região central do Atlas da Africa, d'onde irradiaram as tribus que se estenderam pela Africa septen-

trional, ilhas do Mediterraneo e Hespanha. É esta a opinião de Berthelot, em *Memoire sur les Guanches.*» (Pag. 50).

Vejamos como Braga se arranja com toda essa gente. Já atraz ficou visto como elle abraça as ideias de Charles de Héricault e as de Verneau; agora vae-se vêr como acaba, perfilhando as vistas antagonicas de Berthelot e de Bory e Roisel. Parece um sonho; mas é a verdade: elle não é homem de atirar fóra prato feito; engole tudo com uma voracidade de espantar.

O trecho por ultimo citado é da pagina 50; logo na immediata, o magico das *Epopeias da raça mosarabe* dá gasalhado a Berthelot nas palavras seguintes:

1) «Berthelot descreve a Africa septentrional comprehendida entre o Egypto ao levante, o Atlantico ao occidente, atravessada pela longa cadeia do Atlas do oriente ao occidente, e que se estende em largura das bordas do Mediterraneo até ao Sahara.

O movimento de povos n'esta região foi enorme; Berthelot infere dos costumes pastoraes e agricolas dos *Guanchos*, similhantes aos dos montanhezes do Atlas, que foram tribus libycas, que emigraram na época da conquista romana no *(no* ou *do?)* norte da Africa. São representantes dos *Atlantes* da Africa, d'esses que penetraram na Hespanha ainda antes do

rompimento do estreito de Gibraltar, como Broca indica, e quando o Mediterraneo era ainda um mar interior.» (Pag. 51 e 52).

Cumpre advertir que o ultimo periodo, em que vem o nome de Broca, em quem Berthelot não falla, é puro effeito do enthusiasmo braguista: não só acceita as vistas de Berthelot, como lembra-se de as concordar com ensinamentos de Broca, enjoativamente repetidos, martelados pelo escriptor portuguez.

Que vae ser, n'estas condições, de Bory de Saint Vicent e Roisel com sua Atlantida? Estão definitivamente enterrados com o seu continente phantastico? Era de esperar, tanto mais que o derradeiro periodo citado de Theophilo é seguido d'este outro:

u) «*A questão da Atlantida deixa de ser essencial para o reconhecimento da realidade d'esse grande povo* (os taes *Atlantes* da Africa — de Berthelot, falsamente attribuidos tambem a Broca) *que precedeu na Europa as raças áricas.*» (Pag. 52).

Enfoncés Saint Vicent e Roisel... Enterrados com a *Atlantida* de seus sonhos!... Engano. Braga, nas linhas immediatas, resuscita-os n'esta passagem typica que vae por inteiro:

v) «Bory de Saint Vicent, nos *Essais sur les Isles Fortunées est l'antique Atlantide,* interpreta o texto dos geographos antigos para mostrar que as suas referencias ao Atlas não

eram á montanha mauritana ou africana, mas ao pico de Teneriffe, apoiando-se em Herodoto que o descreve como uma montanha cylindrica, e em Maximo de Tyro, que o faz surgir do seio do Oceano.

No capitulo 7.º de seus *Ensaios*, Bory de Saint Vicent procura provar que as ilhas Canarias e outras ilhas do Oceano Atlantico apresentam os restos de um continente, querendo determinar o que ha de realidade no mytho da Atlantida de Platão. Empregando provas tiradas da geologia, Bory de Saint Vicent formúla em poucas linhas a sua conclusão:—É difficil (palavras de Bory) pôr em duvida que os Açores, o Steer-Groond, Madeira, Selvagens, as Canarias, as Gorgades e as Vigias espalhadas que existem entre estas ilhas, não formassem outr'ora um paiz, que teria sido fertilissimo, a ajuizarmos pelos fragmentos que nos restam. Elle estendia-se pouco mais ou menos desde o grau 12º de latitude septentrional até ao 41º, pouco mais ou menos; a sua posição era por conseguinte uma das mais felizes. Parte na zona quente, parte nos bellos climas da zona temperada, não se conhecia alli o inverno. Com certeza os homens não desprezariam uma tal habitação.—No desenvolvimento d'este estudo Bory vae commentando a parte descriptiva de Platão. Publicada esta obra no anno XI da Republica, a these reappareceu tratada de novo

em 1874, no livro *Les Atlantes*, de Roisel. Parte do facto de uma prolongada e improgressiva idade de pedra nos povos da Europa, e no apparecimento repentino do *bronze* formado por uma liga que a metallurgia moderna não modificou.

Resultou isto de uma raça do sul que entrou na Europa depois do periodo glaciario. Qual era essa raça? Eis aqui o problema, *em parte respondido* pelo facto positivo da migração das raças do norte da Africa *(isto é para contentar Berthelot);* Roisel colloca o seu exodo do *(collocar do!...)* continente da *Atlantida*, ao qual procura dar realidade pelas provas geologicas e zoologicas.

E notando o facto observado pelo astronomo Guiméner, que os povos do norte da Europa, como os do meio dia da Asia e do Egypto dão o mesmo nome á *Grande-Ursa*, Roisel deduz que pertencendo o urso á Europa, e nunca se tendo encontrado vestigio d'elle nem no Egypto nem na Asia meridional, este emblema fôra observado e inventado por um povo das regiões médias da Europa, e que —as denominações das diversas constellações do Zodiaco não são applicaveis ás Indias, nem á Persia, nem ao Egypto, mas á latitude do grau 49°, em que estas denominações teem uma significação, em que o maior dia do anno é o duplo do dia mais pequeno, e em que as

estações correspondem á divisão quaternaria do anno.—E precisando melhor a séde d'esta raça creadora do Zodiaco:—Uma civilisação *(palavras de Roisel)* duravel não se desenvolve senão sobre uma terra generosa, pois que a agricultura foi sempre a base de toda a prosperidade social. Ora, onde é que ha, sob o 49º parallelo um solo mais maravilhoso que o das margens do Loire e do Sena, mais fertil e mais proprio para alimentar uma população compacta?—Roisel chama-lhes os Atlantes Gaulezes. A sua expansão para a Asia, como se infere dos symbolos da Astronomia, acha-se na lenda babylonica do iniciador *Oanes*, o homem-peixe; em um dialecto das Canarias a palavra *Ouan* significa homem, filho, e *Ans*, em moriniano, potencia, soberania; este thema apparece-me em *Uanscheris*, como nome de uma tribu africana e de uma montanha a vinte leguas ao sul do Cabo de Tunis, nome que, segundo Avezac, tem relação com o nome Guancho. A expansão d'esta raça propagadora de bronze tanto se deu para a Europa como para a Africa e Asia e para a America, *de um centro primitivo em que a Atlantida continental se torna uma plausivel hypothese.*» (Pag. 52, 53, 54 e 55).

Então? Querem mais claro?—Todos teem razão: Broca, Quatrefages, Bergmann, Verneau, Héricault, Berthelot, Bory de Saint Vi-

cent, Roisel e o estupendo Bonança!... Viva a Republica e o nosso Duque tambem...

E são baboseiras de tal quilate que o inqualificavel sabedorrão *mosarabe* queria que um homem da severidade critica de Herculano mettesse na *Historia de Portugal!*

E, para que não reste a menor duvida sobre a adopção por Braga das ideias de Roisel, põe-se ao lado d'elle e descreve a tal gente da Atlantida n'estes brados:

x) «Essa raça atlantida era *amarella*, da nuance *branca* (!), a sua civilisação foi *bronzifera*, a sua religião *lunar*, a sua fórma social a *cidade*, a sua astronomia *planetaria e solar*, a sua escripta *idéographica*, a sua architectura — as *pyramides de degráos*, como se verifica nas *similaridades* (isto é braguismo puro!) *das primitivas fórmas da civilisação egypcia, accadica, chaldaica e chineza.* Sem o estabelecimento d'esta *synthese anthropologica* (?!), toda a coordenação dos materiaes da archeologia das raças que precederam os árias na civilisação *permanece em uma confusão invencivel.*» (Pag. 55).

São as ultimas palavras do capitulo 2.º — *Antiguidades pré-historicas em Portugal*... É, sem duvida, de uma *confusão invencivel* tudo quanto o famoso livro, unico em seu genero, atira sobre as questões de que trata.

É um martyrio proseguir na analyse de um

tal accumulo de delirantes concepções; mas, como disse, é indispensavel desobstruir o caminho e desabusar tão nocivo enganador.

O capitulo 3.º denomina-se — *As populações ibericas;* é onde o auctor vae discutir a *duplicidade* do *euskariano* e do *iberico* (Pag. 42), que ficou indicada no capitulo antecedente. Se a *indicação* foi o que se viu, faça-se ideia do que vae ser a *discussão.*

III

As populações ibericas

Não ha methodo capaz de desfiar o tecido de extravagancias, assertos contradictorios, divagações, enxertos estranhos ao assumpto que se distende pelas 74 paginas do capitulo 3.º —*As Populações Ibericas*. N'este capitulo até o titulo é errado; porque, dizendo populações *ibericas*, parece que ia tratar, n'elle, em conjuncto, de todas as populações da peninsula, desde os homens quaternarios até aos arabes. Perfeito engano; cada raça terá opportunamente o seu capitulo: populações *ibericas ou da Iberia* — se referem sómente aos povos chamados *Iberos*.

Lido dez vezes aquelle amontoado de anomalias, fica-se a ignorar, de todo, quem foram os obscuros *Iberos;* porque foram tudo e alguma cousa mais: *mongoloides, negroides, scythas, finnicos, turanos, accadicos, maurescos, berberes, aryanos, semiticos* e... se mais mundo houvera... É medonho.

Existem muitas obras, referentes a questões ethnographicas, assás complicadas pela

complexidade dos assumptos. Mas como quasi todas ellas teem sido escriptas por espiritos que sabiam o que queriam e senhores da materia, lêem-se com interesse e até com prazer. Sirva de exemplo—o famoso *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, do conde de Gobineau. Abraça a generalidade das populações do globo. O auctor parte da ideia do polygenismo das raças, mas um polygenismo singular; porque todas ellas teem origem em pontos varios, é certo, porém na Asia, e procura demonstrar como a raça branca superior, a aryana, tem andado a degradar-se com a mistura das raças inferiores. Passa em revista a historia antiga até á idade média e alvores dos tempos modernos. Mas que lucidez! que clareza de vistas! que paginas cheias de saber e verdade!

Sirva ainda de exemplo o livro admiravel de Edmundo Demolins—*Les Grandes Routes des Peuples, essai de Geographie Sociale.* O quadro é tão vasto quanto o de Gobineau. O auctor parte da ideia do *monogenismo* das raças, cuja origem é nos altos centros da Asia. D'alli emigram para o norte, para léste, para o occidente, para o sul; e vão estanciando pelos caminhos, fundando residencias varias, transformando-se ao sabor dos novos meios, das novas necessidades, dos novos recursos ou da falta d'elles. O quadro abrange os povos mais notaveis dos quatro continentes e con-

tém paginas soberbas ácerca dos Tartaros-Mongoes, Esquimós, Pelles-Vermelhas, Indios da America, Negros da Africa, Assyrios, Egypcios, Arabes, Berberes, Chins, Japonezes, Hindús, Pelasgos, Phenicios, Carthaginezes, Gregos, Romanos, Finnezes, Slavos, Celtas, Germanos, Venesianos... Póde-se divergir em alguns assertos, como acontece com o conde de Gobineau; porém que pontos de vista lucidos! que novidade de aspectos! que vigor de argumentação!

O mesmo é o caso do extraordinario livro de d'Arbois de Jubainville — *Os primeiros habitantes da Europa.* O quadro é mais restricto, occupa-se só da Europa.

Depois d'um escorço ácerca das gentes mais primitivas, — estabelece a these de ter sido o sul da Europa, nos alvores da historia, occupado por duas raças — os *Iberos* ao occidente e os *Pelasgos* ou *Tursanes* ao oriente. Escreve, firmado n'uma erudição classica de assombrar, paginas d'alto valor.

Discute, após, os encontros d'estas gentes com os Phenicios, os Ligures, os Celtas, os Gregos, os Romanos... lançando ondas de luz, notadamente sobre os Ligures, já estudados no 1.º volume e de novo no 2.º com a achêga de novas considerações. Mas sempre que segurança de argumentação! que prodigios de saber! que vigor de logica!

Póde, finalmente, servir de exemplo—o livrinho de André Lefèvre—*Les Gaulois—Origines et Croyances.*

É um pequeno quadro em sete capitulos *(Les Gaulois avant Cesar, La Guerre des Gaules, La langue gauloise et les idiomes celtiques, Les Druides, le druidisme et le sacerdoce gaulois, Mythologie gauloise, Origines et Croyances de la Grande Bretagne et de l'Irlande, Les Ligures et les Précelles);* é um pequeno quadro; mas que nitidez de desenho, que vigor de tintas, que cópia de saber sério!...

Nada d'isto se nos depara no massudo livro do auctor açoriano; não ha alli nem a erudição classica, nem as investigações directas nos dominios da historia, da linguistica e da anthropologia; existem apenas citações de centenas de trechos tomados ao acaso em leituras tumultuosas e precipitadas. D'ahi a estranheza de chamar elle em auxilio de suas extravagantes ideias notaveis auctores que escreveram justamente, exactamente para demonstrar pontos de vista diametralmente oppostos aos d'esse incorrigivel confuseiro.

É tal, além dos já lembrados, o caso de Guilherme de Humboldt e de Paulo Broca, como se verá.

Urge apreciar o citado capitulo relativo aos *Iberos.*

Começa por umas banalidades ácerca de

anthropologia, ethnologia, linguistica e archeologia, disciplinas das quaes o auctor conhece algumas theses geraes que servem n'elle apenas para preencher a funcção de *gongorismo scientifico*, de que fallava Herculano, cheio, em casos taes, de razão, e era a esses, por certo, que elle se referja.

Aqui vão as principaes theses do sr. Theophilo Braga, acompanhadas ainda uma vez de rapidos commentarios.

A) «Os povos **ibericos**, *considerados erradamente como os primeiros emigrantes asiaticos* que occuparam a peninsula, são apontados nos geographos gregos e romanos tão vagamente, que ficaram por muito tempo uma raça mysteriosa, de que se duvidaria, se não persistissem vestigios da sua lingua e individualismo nas povoações **bascas** da Hespanha e da França pyrenaicas.» (Pag. 56).

Nem tanta, como allega Braga, era a ignorancia dos antigos a respeito dos Iberos. Quem, como Jubainville, conhece os textos — tem muito n'elles a aprender e vê logo não ser tão profundo o desconhecimento dos antigos. Mas não é isso o que mais interessa no trecho citado. Ha alli cousas mais sérias. A primeira vem a ser a categorica affirmativa do audacioso compilador: os povos ibericos, considerados *erradamente como os primeiros emigrantes asiaticos*...

E, admittida a origem da Asia, quaes teriam

sido então os primeiros? Seriam os trogloditas? Os homens do periodo terciario, se os houve? O sr. Theophilo mesmo, após o *territorio e as populações autochtones pré-historicas*, passa a tratar em seu livro dos *Iberos*, aos quaes, embrulhando factos e desnaturando alheias ideias, nos dá como tendo chegado á Hespanha em *dous grupos, um pelo norte e outro pelo sul*, ambos provenientes da Asia, e sendo assim historicamente as primeiras populações da peninsula.

Que outra ou outras antes dos Iberos vieram da Asia á Iberia? Nenhuma, que se saiba. A affirmação do escriptor é uma d'essas braguices que lhe são congenitas. O caso da Hespanha é, n'estes primordios ethnicos, o mesmo da França. Eis como André Lefèvre indica a successão das populações n'este ultimo paiz, desde a mais remota pré-historia até ás duas primeiras raças historicas, firmado nos melhores estudos: «Antes de attingir esta tenue camada de alluvião na qual entraram já, vae por alguns milheiros d'annos, os povos mais antigos, cujos nomes a historia, fabulosa ainda, tenha guardado, é mister subir do fundo dos depositos quaternarios que conservaram os vestigios e os restos mutilados das gerações superpostas, cujo sangue corre ainda em nós. Mais de dois mil seculos passaram depois que o selvagem de *Néanderthal* cahiu morto no humus onde sua calotte craneana ficou.

Ao homem do *Moustier* succedeu, ou melhor, juntou-se o homem de *Solutré*, depois o caçador, o pescador artista da *Vezére:* raças innominadas que viram mudar a figura da terra, o fundo dos mares e dos rios, a altura e a fórma das montanhas, os climas, as floras e as faunas, raças fosseis, porém não extinctas, absorvidas nas vagas de gentes successivas vindas do meio dia, de léste, do norte.

Foi o periodo néolithico, a idade que chamamos actual,—oito ou dez mil annos pouco mais ou menos—, que viu a Europa encher-se pouco a pouco de immigrantes, pacificos ou violentos, por indole ou necessidade, trazendo comsigo artes e usos novos: uns a ceramica, outros a domesticação dos animaes, a agricultura; estes os ritos funerarios, as ideias e praticas religiosas; aquelles a architectura elementar dos tumulos, dos dolmens, das pedras a geito levantadas e alinhadas, das habitações lacustres, da industria do bronze por fim.

Foi em meio ou em seguida a estes movimentos, cuja data é impossivel fixar, que appareceram no occidente os *Iberos*, dolicocephalos, parece, como as gentes de *Cro-Magnon*, como o famoso esqueleto de *Menton*, que hoje apparentamos com os *Guanches* das Canarias, com os *Libyos* ou os *Berberes*.

Esses *Iberos*, nos tempos historicos, occupavam apenas uma parte da Hespanha, das

Baleares, da Sardenha, da Corsega e o espaço comprehendido entre os Pyrenéos e o rio Garonna. A opinião que vê nos *Bascos* descendentes dos *Iberos* e os guardas de sua antiga linguagem tem a seu favor certas verosimilhanças e a auctoridade de Guilherme de Humboldt, de Luchaire, de Desjardins, a adhesão geral. É combatida, é certo, por um sabio de competencia indiscutivel, Juliano Vinson, que nos *Bascos* ou *Euscarianos* vê uma raça anterior aos proprios *Iberos*. Seja como fôr, ninguem põe em duvida que as duas vertentes dos Pyrenéos e as *sierras* da Hespanha tenham servido de refugio ás populações ibericas.

No 6.º seculo (A. C.), os *Iberos* estendiam-se ainda até ao Rhodano; passavam por haver povoado as Cassiterides, ilhas do Estanho, Sorlingas ou Irlanda, e o sul de Inglaterra; Plinio os apparenta com os *Silures* das margens do Tamisa. Uma tradição, assás vivaz, tinha conservado, amplificando por certo, a lembrança de seu poder.

Na Italia os *Sicanos*, na Venecia e Illyria os *Libues* ou *Liburnes*, teriam pertencido a essa velha raça mediterranea, mencionada na inscripção de Menephta entre os Povos do mar. No *Timêo*, finalmente, Socrates conta, conforme Solon, que a havia aprendido dos padres egypcios, a fabula da grande derrota infligida aos *Iberos* pelos *Pelasgos* da Attica.

Não insistiremos n'estas lendas obscuras.

Os *Iberos* não são indo-europeus. O que importa accentuar, é que elles dominaram por muito tempo na maior porção da Italia e da Gallia e que recuaram diante das migrações orientaes, migrações muito fortes, muito densas, que os atiraram primeiro para além dos Alpes e dos Apenninos, depois para além do Rhodano, finalmente na peninsula que conserva seu nome. A retirada dos Iberos começou antes da chegada dos Ausonios á Italia; estes não os encontraram alli senão no estado de restos dispersos.

Foi através d'outras gentes, através dos *Ligures*, que, entre o seculo XX e o XIV (A. C.), as tribus oscas, latinas, sabellias e umbrias abriram caminho e passaram o Pó. D'est'arte, dois mil annos antes de nossa era, os *Ligures* tinham tomado na Italia do Norte o logar dos *Iberos;* gradativamente, sob a pressão dos Umbrios, depois dos Etruscos, se substituiram aos Iberos na margem esquerda do Rhodano, enchendo pouco a pouco todo o occidente central; a invasão celtica, por fim, repelliu os *Ligures* para o meio dia até á Hespanha, para leste até á Liguria, na apertada orla que vae do Var ao Arno, onde seus bandos encurralados resistiram por muito tempo ás armas romanas.

Escusado é advertir não ter esta exposição

nenhuma pretenção dogmatica. Procuramos pura e simplesmente a verdade, ou, como ella ainda em tudo isto está muito distante de nós, ao menos o provavel, sempre dispostos a submetter-nos ás indicações da sciencia. É a recente obra do professor d'Arbois de Jubainville que nos auctorisa a alargar algum tanto o logar até agora concedido aos *Ligures*.

Já em seu primeiro volume, apparecido ha mais de vinte annos, d'Arbois tinha procurado estabelecer a origem indo-europeia dos *Ligures* e a longa duração de seu dominio. O dr. Lagneau, em nome dos *Iberos*, o sr. Alexandre Bertrand, em nome dos *Celtas*, contestaram esta these nova que nosso auctor retoma hoje, apoiando-a n'uma argumentação cerrada e, a varios respeitos, victoriosa» (1).

N'esta pagina estão admiravelmente expostos todos os aspectos referentes ao problema das antigas populações do sudoeste da Europa:

1.° as tres populações pré-historicas;

2.° o apparecimento dos *Iberos*, como o primeiro povo estranho para alli immigrado nos alvores da historia;

3527

(1) *Les Gaulois*, par André Lefèvre. Paris, 1900, pag. 165.

3.º as doutrinas relativas ao seu parentesco ou não com os *Bascos;*

4.º a extensão de seu dominio e as opiniões dos antigos escriptores gregos sobre elles;

5.º o apparecimento dos *Ligures*, que os repellem de alguns pontos de seus antigos dominios;

6.º a pressão sobre os *Ligures* feita, mais tarde, pelos *Umbrios*, pelos *Etruscos* e *Romanos;*

7.º a invasão dos Celtas;

8.º o estado da questão dos *Ligures*, depois do apparecimento do segundo volume dos *Primeiros habitantes da Europa*, de Jubainville, que os dá como os mais antigos indo-europeus que appareceram na Europa, theoria que, parece, leva vantagem á velha opinião de Am. Thierry e Michelet, defendida por Lagneau, que identificava os *Ligures* com os *Iberos*, e á de Alexandre Bertrand, que os identifica com os *Celtas*. É, como se está a vêr, uma pagina cheia de ideias, expostas com a maior clareza, na melhor ordem, na mais completa simplicidade e tudo sob um aspecto de méra probabilidade, sem a mais leve sombra de dogmatismo.

Compare-se essa attitude de Lefèvre na questão com o dilettantismo pretencioso de Braga. Compare-se e veja-se se o que vou avançando é ou não a expressão da verdade, exposta aliás muito pela rama, sem descer aos

milheiros de desacertos que formigam no livro. Seria preciso analysal-o quasi palavra por palavra (1).

A pagina de André Lefèvre fica ahi reproduzida para servir de uma especie de roteiro que deva salvar o leitor de naufragio certo através das setenta e quatro referentes aos *Iberos* no livro do escriptor portuguez.

Tinha eu dito haver, no trecho d'elle por ultimo citado, além da tal emphatica affirmativa de andar a gente a dar os Iberos *erradamente* como os primeiros emigrantes asiaticos que occuparam a peninsula, outra cousa a notar. É o dar como indubitavel o serem os *Bascos* os representantes *actuaes* dos *Iberos*, quando diz:—«*raça mysteriosa de que se duvidaria, se não persistissem vestigios de sua lingua e individualismo nas povoações* **bascas** *da Hespanha e da França pyrenaicas.*»

E, logo na linha seguinte:

«Eram os **bascos** ou **iberos** um ramo dos povos áricos que precedeu esta corrente de migração para a Europa?» (Pag. 56).

---

(1) Por fallar em palavras, já viram os leitores que Braga não sabe o que é *patrologista;* digo-lhes agora que *Dionysio* de Halicarnasso é sempre por elle reduzido a *Denis* de Halicarnasso; *Dionysio* — o Areopagita — é sempre — *Denis* — o Areopagita!

Veja bem o leitor: *ibero* aqui é egual a *basco.*

E, entretanto, dir-se-hia que o capitulo inteiro foi escripto para provar o contrario. Eis aqui:

B) «A differença entre os dois ramos do tronco turaniano—o *Eusk* e o *Ibero* não é uma subtileza; a intuição do genio de Guilherme de Humboldt comprova-se com os factos anthropologicos, que o progresso d'esta sciencia veio pôr em relevo.» (Pag. 102).

E ainda na seguinte passagem:

C) «A differenciação anthropologica entre o elemento *Eusk* e o *Ibero* é tão importante, que todas as provas se devem archivar como bases positivas para as deducções historicas que d'ella se derivam.» (Pag. 104).

A este trecho seguem-se umas citações de Paulo Broca, nas quaes o famoso sabio diz serem os bascos francezes *brachycephalos* e os hespanhoes *dolichocephalos.*

Ao trecho anterior precedem umas citações de Guilherme de Humboldt ácerca do *radical—Esc* e da *terminação—Briga;* veja-se bem—*radical* e *terminação.*

Este ponto do debate merece a maxima attenção, porque é insigne de confusões e despropositos. As citações dos dois scientistas estão desviadas de seu verdadeiro sentido.

Humboldt, sectario da theoria da identidade

dos *Bascos* e dos *Iberos*, não oppôz jámais a palavra *Euskes* ou *Baskes* ou *Vaskes* a Iberos. O que Humboldt notou na carta geographica da peninsula, no intuito de assignalar os pontos em que predominaram os *Iberos* ou *Bascos* e aquelles em que predominaram os *Celtas*, foi a persistencia n'umas paragens do **radical basco Esc** e em outras da **terminação celtica Briga.** Ora, é isto muito diverso do que faz o sr. Theophilo. Este, na velha monomania de *vêr turannos por toda a parte* e, ainda mais, *divididos em dois ramos, um meridional e outro septentrional*, agarra do *radical Esc* e presenteia com elle um dos seus grupos de *turannos* (o do norte) e agarra da *terminação Briga*, evidentemente celtica para todo o mundo, dada até por Humboldt como um dos caracteristicos dos termos geographicos devidos áquelle povo, no que é confirmado por Jubainville, o primeiro celticista europeu da actualidade, agarra, digo, da *terminação Briga*, identifica-a com a palavra *Iber* ou *Ibero*, falseando os textos do sabio allemão, e faz de tudo presente ao outro grupo de seus amados *turannos* (o do sul), considerados por elle tão separados que chegam a ser typos anthropologicos distinctos!

Para chegar a tão estapafurdias consequencias, vae ao desplante de transformar a *terminação* ou suffixo *Briga* — em *radical*... É um cumulo! Bastava tão assignalada sandice para

relegar no grupo dos escrevinhadores imprestaveis o tremendo *mosarabe*, se em Portugal e Brasil houvesse o preciso rigor em cousas de lettras.

Para chegar a tão estapafurdias consequencias, vae ao desplante de accusar Humboldt, por haver considerado *celticas* ou *aryanas* e não *bascas* as palavras em que apparecem os *suffixos briga, bri, brig, brum, bret, britium*, que funccionam ás vezes como *prefixos*, e, em geral, as palavras em que persiste o grupo consonantal *Br*.

Aqui estão os textos do açoriano em que transforma *briga* em *radical* e accusa Humboldt por julgar aquelle affixo — *celtico:* «Assim como o radical *Esk* nos descobre a origem scythica de um ramo *iberico* da peninsula, assim tambem o **radical** (!) *briga, brig, bri, brum*, nos conduzirá á determinação do ramo *iberico*, que entrou na peninsula pelo sul.» (Pag. 87).

E mais: «Guilherme de Humboldt accumula muitos outros nomes topicos em que entra este *radical*, mas a *preoccupação infundada de uma etymologia celtica* não o deixa tirar a demonstração da verdade que *presentira determinando a existencia de dois ramos ibericos:* um que entrou na peninsula pelo sul... e o outro que desceu do norte... etc., etc.» (Pag. 89).

E eis ahi como se tem a facilidade de trans-

formar *affixos* em *radicaes;* como se dá a Humboldt uma lição de linguistica geral e peculiarmente uma lição de celtico; como se empresta ao grande espirito, que foi um dos creadores da philologia moderna, a separação dos *Iberos* em dois grupos: *Bascos* e *Iberos* propriamente ditos!

Será preciso refutar tão calvos desacertos e parvas falsidades? É sempre bom para o vulgar dos leitores adduzir algumas provas contra as patacoadas de Braga. Pelo que diz respeito a *briga* aqui vae: «Todo o *norte* e *oeste*, diz Lefèvre — fallando da invasão dos Celtas ou Gaulezes na Hespanha, todo o *norte* e *oeste* da Iberia foram atravessados e finalmente subjugados pelas hordas conquistadoras. Ou porque a força dos novos invasores fosse irresistivel, ou porque houvesse logar para todos na região, o amontoamento se fez sem resistencia, por tal arte que a carta da Hespanha antiga apresenta uma incerteza e sobretudo uma confusão extraordinaria. No meio, porém, dos nomes *iberos* e *ligures* (sem fallar dos termos *phenicios, gregos, carthaginezes* nas costas de léste e do sul) as denominações *celticas* facilmente se distinguem pelas suas desinencias — *briga, dunum* e outras caracteristicas» (1).

(1) *Op. cit.*, pag. 25.

Passa o auctor a transcrever exemplos da Catalunha, de Aragão, das Asturias, da Galliza, de Portugal e de outras regiões da peninsula, exemplos que deixo de reproduzir, por desnecessarios. Isto pelo que diz respeito a *briga* ser ou não affixo celtico.

Releva, porém, citar as passagens de Humboldt para que se comprehenda bem o sentido de suas palavras. É sabido que o illustre irmão do auctor do *Cosmos* foi quem primeiro lançou luz sobre a lingua *basca*, filiando-a em grupo alheio ás familias de linguas aryanas e semiticas. Para elle a lingua *basca* é o representante actual da velha lingua dos Iberos. Todo o cuidado teve, pois, em separal-a do idioma dos Celtas e dos Celtiberos. Por isso escreveu: «Para bem conhecer os povos onde estes nomes (os terminados, em *briga)* existem, e determinar o seu dominio, basta traçar uma linha que parta da costa norte do Oceano, para as fronteiras dos Autrigones, collocadas a léste, elevando-se ao sul de maneira a deixar ao oeste os Carystes e os Vardulos, até que attinja as fronteiras dos Vascones e dos Celtiberos, depois a dos Oretanos, e siga, finalmente, o Betis até ao mar. Tudo quanto esta linha, correndo através da Hespanha, deixa ao sul e a oeste, constitue o dominio dos nomes terminados em *briga*, que não se encontram ao norte e léste, para os Pyrenéos e Mediterraneo.

Esta ultima porção da peninsula não apresenta população alguma *celtica* ou *celtiberica*. Comprehende, ao contrario, a Biscaya, sua costa desde Bilbao, a Navarra inteira, a maior parte das provincias onde se *falla ainda hoje a lingua basca*, e toda a costa do Mediterraneo.

No dominio dos nomes em *briga*, figuram ao contrario os Cantabros, os habitantes da costa do oceano até ao Betis, todas as tribus *celticas* e *celtibericas* e as povoações do interior para o oeste. Esta região fórma a maior parte da Hespanha... A divisão da peninsula em duas partes tão nitidamente cortadas, separadas de um lado pelo *Ebro* e o *Betis* e do outro pela cadeia de montanhas *Idubedas*, é tão notavel que se não comprehende que não haja até aqui attrahido a attenção de alguem» (1).

A despeito da desastrada traducção de Theophilo, — a despeito de haver elle trocado as bolas e dito *ao norte e a léste* onde se devia lêr *ao sul e a oeste*, e escripto *ao sul e a oeste* onde se devia lêr *ao norte e a léste*, a ponto de fazer o pobre Humboldt collocar os *Pyrenéos* e o *Mediterraneo* ao *sul e a oeste* da peninsula, desarranjo, talvez proposital, que corrigi na

(1) Por não ter presente a obra de Humboldt — faço a citação pelo livro de Braga, na pessima lingua d'este; pag. 88.

transcripção acima para não atrapalhar o leitor, a despeito d'esses maleficios braguistas, bem se comprehende qual a mente do famoso sabio germanico na passagem referida.

Pura e simplesmente — distinguir os *Bascos* ou *Euskarianos* dos *Celtas*, determinando a cada povo seu centro de acção; e jámais — dividir os *Iberos* em dois grupos, um do norte e outro do sul. Nem um homem do saber de Humboldt, conhecedor profundo da philologia indo-europeia, iria nunca attribuir phenomenos linguisticos, proprios da familia celtica, como sejam o grupo consonantal — *Br*, e os affixos *bri*, *brig*, *briga*, *bret*, *berg* e outros congeneres com phenomenos idiomaticos da familia em que anda incluso o *basco*. — São gentilezas que ficaram para os Bragas.

O escriptor portuguez é que, no desespero de arranjar dois grupos de *turannos ibericos*, torce o sentido das palavras do incomparavel pensador germanico, tão distincto como ethnologo e linguista quanto como politico e diplomata.

Mas esse vêso de Braga é velho e incorrigivel: citar auctores para provar theorias de todo oppostas ás por elles sustentadas.

É o caso de Broca, n'este mesmo livro, em que é sacrificado Humboldt; apenas mais grave, se é possivel.

O famoso anthropologista francez é cha-

mado para a demonstração da these de um pretenso *turanismo* geral das populações europeias antes das invasões aryanas, *turanismo* que teve a fortuna de fornecer dois ramos a França e Hespanha, um *brachycephalo* e outro *dolichocephalo*, como se Broca houvesse jámais encontrado em qualquer parte do mundo *turanos dolichocephalos*... Tudo isto só porque o grande sabio fallou em *bascos* d'aquellas duas conformações craneanas.

É tal a confusão que reina n'esta parte do livro que não ha remedio senão, após as theses de Braga, transcrever os textos de Broca, onde se encontra a sua exacta intuição nos assumptos da velha ethnographia europeia, indicando, em seguida, onde se vae prender a raiz dos destemperos do açoriano n'estas materias.

O auctor do livro que analyso teima n'elle em sustentar a velha patranha do *turanismo geral* das raças europeias anteriores aos indo-europeus, *turanismo* que chama, quasi sempre, *mongoloide*.

Eis os textos:

D) «Estes factos parecem dar apoio á theoria que considera o elemento *finnico* e *basco* como formando uma unidade primitiva quebrada e desmembrada pela forte corrente dos emigrantes asiaticos. Tambem esta opinião, embora tendendo a uma explicação hypothe-

tica, *tem por base um facto positivo*, o caracter de *uma raça de typo mongoloide, autochtone da Europa*. Pela sua actividade industrial davam-se ao trabalho da metallurgia, peculiar no mundo primitivo das *tribus mongoloides;* pela sua religião, estavam n'esse estado de fetichismo, de onde nunca sahiram os *mongoloides* ou *turanianos* como lhes chamam alguns escriptores.» (Pag. 57).

E) «O *Ibero* representa no Occidente da Europa esta grande *migração asiatica*, que precedeu a dos árias *(aqui* os *Iberos* são os *primeiros* que da *Asia* vieram á Hespanha!...); e o seu recuamento para o extremo occidente, na Hespanha, França e Inglaterra, corresponde ao periodo mais vetusto e ao facto de ser repellido por novos invasores, como se deu com os chinezes no extremo Oriente. Se algum nome se póde dar a este estado dos povos *mongoloides* (?) quando confundidos (?) com os árias, é o de *Turanianos*...» (Pag. 60).

F) «...a maior parte das raças que invadiram a peninsula traziam em si elementos *turanianos.*» (Pag. 91).

G) «Maspero, considerando os Bascos actuaes como representantes dos antigos Iberos da Europa, decide-se pela affirmação de que os Iberos são *turanianos*, justamente pela caracteristica ethnica da metallurgia.» (Pag. 82).

H) «O exame das designações ethnicas do

berber leva a corrigir as phantasias das tradições dos Atlantes, e ao mesmo tempo, pela sua origem asiatica, a accentuar o valor ethnico de uma preciosa designação injustamente desacreditada pelos linguistas, como é a raça *turaniana*...» (Pag. 95).

I) «A genealogia historica (?) da raça *sabmeana* (?), tão bem definida por Bergmann, fundamenta-nos um facto importante para a localisação das raças primitivas da Europa: que a *raça* a que se chama *mongoloide*, ou *turaniana*, que foi avassalada pelos celtas, entrou na Europa pelo norte e se misturou com os povos germanicos, como vemos nos *sabmeanos* ou *finnicos*, e pelo sul, como vemos na diffusão dos Iberos até ás margens do Rhodano.» (Pag. 97).

J) «As investigações sobre a raça iberica levam-nos ás seguintes conclusões: que a *raça turaniana* precedeu na peninsula as raças áricas e preparou o caminho da sua civilisação. A *raça turaniana* divide-se na peninsula em dois ramos. O primeiro e o mais antigo, é uma derivação do typo *berbere*, vindo da Asia através da Africa, e fixando-se ao sul da Europa e nas ilhas do Mediterraneo. A este chamaremos o ramo *iberico*, que se estendeu pelo sul da França, região meridional da Italia e ilhas Britannicas. O segundo, é o ramo *Euske* ou *Basco* (aqui o *Basco* já não é o representante genuino do Ibero!...), derivado do elemento scythico, e

que desceu do norte da Europa vindo da Asia, e na França *constituiu o elemento gaulez* (?!...); este entrou na peninsula pelo norte, e não desceu mais (aqui já não ha *Bascos* em Hespanha; não passaram da visinhança?!) do que até á Aquitania.» (Pag. 100). É incrivel!

Para sustentar taes e tantas parvoiçadas, que se repetem até ao enjôo nas paginas seguintes, é que se invocam as noticias deixadas por Paulo Broca, respeito aos bascos francezes e hespanhoes; isto é, chama-se o famoso anthropologista para sustentar a existencia na Europa d'uma raça *mongolica, brachycephala, turaniana*, geralmente espalhada alli, anterior ás invasões indo-europeias, representada ainda hoje em *Finnezes* e *Bascos*, ideias estas que constituem a essencia da celebre doutrina de Retzius, defendida por Pruner-bey, contra o qual se bateu por doze annos seguidos esse mesmo Broca, que fez vingar as ideias inteiramente contrarias!...

Não conheço caso igual em tudo quanto, ha cincoenta annos, tenho andado a lêr e nem sei que nome se possa dar a tão singular exemplo de aberração mental.

A distincção justa, estabelecida por Humboldt entre a região hispanica onde predominam as palavras, nas quaes apparece o radical basco *eusk* e aquella em que predominam as terminações celticas em *briga*, desviada de

seu significado, foi empregada para amparar o arranjo de dois suppostos *ramos turanianos*, como se viu. A differença craneologica, entre innumeros pontos de contacto e similhança existentes entre os bascos hespanhoes e francezes, differença perfeitamente explicavel pelo que se sabe hoje das populações com que cruzaram os bascos das vertentes septentrionaes dos Pyrenéos, bem antes das famosas incursões celticas, foi tambem, desviada de seu sentido, agarrada pelos cabellos para justificar a velha monomania mongolico-turaniana do cabeçudo açoriano. Coitado!

Todos os tres volumes das *Memorias de Anthropologia*, de P. Broca, ahi andam a protestar contra os desbragados aleives do sr. Theophilo Braga. Conteem elles escriptos varios que vão do anno de 1859 a 1873; e na ordem chronologica é que devem ser lidos e apreciados. É indispensavel pôr sob as vistas dos leitores alguns trechos caracteristicos.

Pela leitura das passagens de Broca se chega bem a conhecer a logica e a clareza do systema de Retzius e a ainda mais consideravel logica e clareza das doutrinas do grande oppugnador do anthropologista sueco.

Insustentavel é a posição do sr. Braga, que pretende conciliar cousas contradictorias: o mongolismo turaniano, primitivo das gentes da Europa (Retzius) com a multiplicidade das

raças pré-historicas d'aquella parte do mundo (Broca).

Para tanto não tem força o que elle chama a *duplicidade* de seus *turanos* que são *brachycephalos* ou *dolichocephalos*, conforme parece convir ao phantastico e allucinado escriptor. São esgares que estão a pedir surriada e vaia, e não merecem outra cousa.

Eis os textos de P. Broca, em que demonstra a inexactidão da theoria de Retzius, quanto aos tempos pré-historicos e quanto aos tempos actuaes:

«Quando os admiraveis trabalhos dos linguistas estabeleceram o parentesco e a filiação das linguas indo-europeias, naturalmente surgiu a supposição de serem todos os povos que fallavam essas linguas derivados do mesmo tronco e pertencentes á mesma raça; e, como tudo parecia indicar a Asia como sendo o ponto de partida de sua irradiação, e, além d'isso, ignorava-se ainda a alta antiguidade do homem, surgiu a crença de ter sido a Europa povoada pela primeira vez, alguns seculos apenas antes do inicio do periodo historico, por immigrantes asiaticos.

Deparando-se-lhes a terra livre, os recem-chegados nada mais tinham a fazer do que estabelecerem-se n'ella; multiplicaram-se logo com facilidade, e, em poucos seculos, tinham podido constituir numerosas nações, cujos nomes

e residencias foram indicados pelos historiadores antigos. Se, acaso, alguma voz se erguia de longe em longe para objectar, contra tal opinião, com a grande diversidade de raças que fallam as linguas indo-europeias, e a difficuldade de explicar como de um só tronco tinham, em tão curto tempo, podido rebentar ramos tão numerosos e tão divergentes, respondia-se presto que taes modificações de typo originario se haviam produzido sob a influencia das mudanças de clima e de genero de vida; e os monogenistas acceitavam similhante explicação com tanto maior gaudio quanto acreditavam encontrar n'ella a demonstração experimental de sua doutrina.

Os descobrimentos, porém, da archeologia pré-historica, inaugurados com tanto talento e segurança pelos sabios da Dinamarca e logo após confirmados na Scandinavia, na Gran-Bretanha, na Suissa e na França, pozeram a questão em nova phase. O estudo das antigas sepulturas tornou possivel estabelecer a successão das industrias, comprovar a existencia de um longo periodo durante o qual o uso dos metaes era desconhecido e que mereceu o nome de *idade de pedra*, e de um periodo ulterior, no qual os instrumentos de bronze vieram a tomar logar ao lado dos de silex. Uma modificação completa do modo de sepultura coincidia com a introducção dos metaes e era na-

tural d'ahi concluir que esta dupla mudança tinha sido resultado de um movimento ethnico. D'uma parte, a linguistica, que tinha já estabelecido a origem asiatica da maior parte das linguas da Europa, demonstrava tambem que os povos indo-europeus conheciam já o uso do bronze quando effectuaram suas migrações para o Occidente. Tornava-se, d'est'arte, muito provavel, para não dizer certo, que a idade do bronze tinha sido inaugurada pelos Asiaticos, e que antes d'elles, durante toda a duração da idade de pedra, o solo da Europa havia sido occupado por populações de origem desconhecida, isto é, *autochtones*. A existencia d'estas gentes podia, aliás, ser provada directamente pela linguistica.

Havia, com effeito, na Europa, sem fallar em Turcos e Madjiars, cujo apparecimento era quasi recente, e em Lapões, cuja origem podia ser contestada, dois povos,—os *Finnezes* e os *Bascos*,—que fallavam linguas inteiramente estranhas ao grupo indo-europeu. Tudo levava a crer serem essas duas linguas os ultimos restos dos idiomas que floresciam na Europa antes da chegada dos *aryanos*.

Até ahi a questão tinha ficado no dominio da archeologia e da linguistica. Foi o illustre anatomista sueco Retzius quem, primeiro, fez do assumpto um problema de anthropologia. Estando estabelecido o facto da successão de

duas camadas ethnicas, tratou elle de indagar, como nós agora, quaes eram os respectivos caracteres d'essas duas populações superpostas. Comparando os Finnezes, cuja lingua levava a suppôr como descendentes dos autochtones, com os suecos, cujo idioma indo-europeu parecia provar assás a origem estrangeira, reconheceu entre elles uma notavel differença craneologica; os primeiros tinham o craneo curto, isto é, brachycephalo; os segundos tinham o craneo alongado, ou dolichocephalo. Estudando, depois, os craneos até então retirados das antigas sepulturas da Scandinavia, encontrou de novo n'esses restos das populações pré-historicas, infelizmente ainda muito pouco numerosos, os dois typos brachycephalo e dolichocephalo, cuja existencia tinha sido elle o primeiro a assignalar, e cuja importancia, quem duvida? tendia a exaggerar. Os factos archeologicos que hoje deixam determinar o grau de antiguidade relativa dos monumentos da idade de pedra e da idade do bronze estavam longe de ter então o grau de precisão que depois adquiriram. Retzius pôde, pois, acreditar que a raça da idade de pedra, isto é, a raça autochtone, era brachycephala e que o typo dolichocephalo tinha sido trazido pelos indo-europeus, inauguradores da idade do bronze. Esta doutrina ethnogenica, oriunda da exploração, aliás incompleta e infiel, da região unica do

Baltico, foi sem hesitação por seu auctor applicada á maior parte da Europa. O illustre scientista acreditava, como ensinava então a sciencia official, e como o admittia a maior parte de seus contemporaneos, ser quasi recente a existencia do homem na terra. Era a concessão maior que se fazia—admittir um lapso de uns vinte seculos entre o que se chamava a ultima revolução do globo,—correspondente mais ou menos ao diluvio biblico,—e as primeiras migrações dos indo-germanicos, e não era provavel que em tão curto periodo se tivessem produzido na Europa numerosos movimentos de povos. Já era muito attribuir a primeira occupação a uma migração preliminar e de todo hypothetica; e já que era indispensavel, sob a pressão da linguistica e da archeologia, reconhecer a existencia dos autochtones, suppunha-se, sem a menor sombra de duvida, que toda essa população primitiva deveria pertencer a uma só e mesma raça. D'ahi Retzius se julgou auctorisado a applicar sua theoria a toda a Europa central, meridional e occidental e a ethnographia europeia foi levada á mais seductora simplicidade.

O problema de nossas origens parecia alfim resolvido. Tinhamos a contar entre os nossos antecessores ou antepassados tão sómente com duas camadas ethnicas superpostas: 1.ª, a raça autochtone, brachycephala, que desconhecia o

uso dos metaes e fallava linguas de todo alheias ás nossas; 2.ª, a raça indo-europeia ou aryana, que tinha introduzido na Europa a dolichocephalia, os metaes e as linguas de flexão. Tal foi a celebre theoria de Retzius. D'ella decorria uma consequencia muito natural e vinha a ser que os povos que haviam escapado á influencia indo-europeia e tinham conservado suas linguas autochtones, deviam ter conservado tambem o typo brachycephalo de seus antepassados pré-aryanos. De facto, Retzius tinha verificado serem os Finnezes brachycephalos. E acreditou poder admittir *à priori* que os Bascos tambem o eram.

Percebe-se bem a difficuldade, á vista da distancia, que elle teria em arranjar craneos bascos. Recebeu, afinal, dois que soffregamente acceitou, sem muito se preoccupar com a sua authenticidade, porque eram brachycephalos. Um d'esses craneos provinha, assegurava-se, do museu de Clamart (amphitheatro dos hospitaes de Paris). Era pura fabula, porque nunca em tal museu houve craneo basco.

Como quer que fosse, a brachycephalia dos Bascos foi acceita sem verificação como uma consequencia necessaria da doutrina de Retzius. Não tardou muito que de Baer acreditasse ter descoberto outro facto confirmativo d'esta doutrina. Elle achou nas cercanias de Coire, nos Alpes Rheticos, uma população

brachycephala, que não hesitou em considerar como originada em linha recta dos brachycephalos autochtones. Teve a gente por esse modo uma historia muito simples da raça primitiva da Europa. Subjugada e destruida quasi por toda a parte pelos conquistadores asiaticos, tinha deixado após si apenas raros testemunhos de sua antiga existencia. Os *Finnezes*, os *Lapões* tambem talvez, tinham escapado por se haverem retirado para o norte; os *Bascos* e os *Romanços* ou *Romanches rheticos*, por se terem refugiado nas montanhas; e a raça indo-europeia tinha occupado por si só o resto da Europa.

A memoria de de Baer ácerca dos Romanches rheticos appareceu em 1859, no mesmo anno em que foi fundada a Sociedade de Anthropologia de Paris. A doutrina de Retzius havia chegado ao apogeu; mas ia começar o seu declinio. A nova Sociedade estava muito longe de lhe ser adversa; tinha-a ao contrario acceitado sem contestação, feliz por achar, nos vastos dominios da sciencia que se propunha estudar, no meio de tantos problemas obscuros e de tantos assumptos em discussão, uma questão já resolvida. Foi, pois, sem o querer, quasi sem o saber, que preparou a queda d'esta doutrina. Desde os primeiros mezes de sua existencia, abordou ousadamente a malfadada questão do homem fossil... A Sociedade de

Anthropologia póde orgulhar-se de haver prestado um grande serviço á causa do progresso, abrindo sua tribuna á publica discussão dos factos dos quaes devia sahir irresistivelmente a demonstração da antiguidade do homem. Mas quando esta grande verdade foi emfim acceita, quando se teve a certeza de que o homem tinha vivido na Europa durante todo o periodo quaternario e que a humanidade devia contar sua existencia por milhares de seculos e não mais por milhares de annos, ficou patente que todas as theorias ethnogenicas estavam sujeitas á revisão. A doutrina de Retzius, que tinha parecido tão segura, não passava, evidentemente, da fórmula atrazada de uma ordem de cousas reconhecidamente contraria á realidade. Era inseparavel da ideia de ser o homem recente na terra e de ser a raça autochtone anterior na Europa á asiatica uns mil annos, quando muito. Se esta, depois de ter quasi por toda a parte exterminado a outra, tinha podido, como se suppunha, sob a influencia das modificações dos meios, experimentar modificações tão profundas que tinham de um só typo feito derivar os typos tão diversos dos povos actuaes, Scandinavos e Italianos, Irlandezes e Slavos, uns morenos e de cabellos negros, outros alvos e louros, uns grandes, outros pequenos, não era provavel que a raça autochtone deveria ter, por sua vez, do Baltico ao Mediterraneo, do

Niémen ao Atlantico, soffrido o influxo modificador dos mesmos meios? E se, a despeito de tudo, essa raça tinha por toda a parte permanecido a mesma, se, por outras palavras, como tinha supposto Retzius, não tinha havido senão uma raça unica autochtone, era mister necessariamente concluir que ella não tinha sido exposta mais do que um reduzido numero de seculos a essas causas de alteração.

A descoberta do homem quaternario tornava, portanto, a theoria de Retzius inteiramente inverosimil... Não podia mais satisfazer a ninguem, e se ella conservou partidarios, é porque está na indole do espirito humano separar-se mais facilmente de um grande erro geral do que dos erros secundarios d'este originados. Além d'isso, a descoberta do homem fossil tornava inverosimil a theoria ethnogenica de Retzius, mas não a tornava impossivel. Era evidente que se devia verificar a exactidão dos factos em que ella se apoiava. Estes factos se podiam dividir em dois grupos: os antigos e os modernos. Tratava-se, por um lado, de saber: se os Bascos, considerados como descendentes dos autochtones, eram brachycephalos; e se os brachycephalos dos Alpes rheticos descendiam realmente dos autochtones; por outro lado: se as populações da idade de pedra, anteriores á era indo-europeia, não tinham deixado no solo senão craneos brachycephalos.

Pelo que se refere aos Bascos, a collecção de sessenta craneos, por mim extrahidos com o auxilio do meu amigo Velasco, de um cemiterio de Guipuzcôa, — resolveu negativamente a questão. Quasi todos estes craneos são dolichocephalos. Se entre elles existem dois quasi brachycephalos e doze sub-brachycephalos, é cousa facilmente explicavel pela mescla das raças, porque em vão se procurará uma raça absolutamente pura entre as populações tantas vezes remexidas da velha Europa. Outra serie de dezoito craneos, da mesma procedencia, que depois recebemos do sr. Velasco, forneceu resultados identicos aos da primeira. A raça predominante n'essa localidade de Guipuzcôa é, pois, dolichocephala... Virchow nos traz agora uma prova mais decisiva. Recebeu da Biscaya seis craneos de tres localidades differentes, e esses seis craneos, como elle mesmo provou, são exactamente similhantes aos de Guipuzcôa. Podemos, já se vê, affirmar como cousa certa serem os Bascos hespanhoes de Guipuzcôa e da Biscaya, os unicos cujos craneos teem sido até hoje estudados, claramente dolichocephalos.

Por outro lado, a ethnologia dos Alpes rheticos foi estudada por His e Rütimeyer em sua grande obra — *Crania Helvetica*, e, depois, His fez d'ella o assumpto de uma memoria especial.

A existencia da população brachycephala

assignalada por de Baer foi plenamente confirmada; His, porém, provou que estes brachycephalos, longe de descenderem dos antigos povos rheticos, descendem, ao envez, dos *Alemani*, ultimos invasores do paiz. Dos tres factos modernos invocados em apoio da theoria de Retzius, apenas um resta e é aquelle que o proprio Retzius tinha determinado. É incontestavel, com effeito, que os Finnezes propriamente ditos são brachycephalos. Se, porém, é mais ou menos certo que os Finnezes desciam outr'ora até ao Niémen, e talvez até ao Vistuta, nada absolutamente prova que tenham occupado nunca as terras para cá d'este rio nem que houvessem jámais penetrado na Scandinavia meridional. Estão em continuidade geographica com os povos da Asia central e septentrional, aos quaes se ligam pelo typo cephalico e pela lingua; mas é perfeitamente questionavel ser a sua presença na Europa anterior aos tempos historicos. Mas, dado que fossem os autochtones da Russia do Norte, não se poderia, por isso, affirmar que o tivessem sido do resto da Europa.

Vejamos agora se os factos antigos são mais conformes que os modernos com a theoria de Retzius. Até 1862—acreditei sob palavra que todos os craneos da idade de pedra deviam ser brachycephalos; as primeiras duvidas me appareceram quando estudei os dois craneos

que Robert extrahiu em 1846 do dolmen de Meudon. Um d'estes craneos é brachycephalo, mas o outro, proveniente de mulher, é muito dolichocephalo (indicio cephalico 70,7). Imaginei sem esforço que se tratava de uma excepção; acreditei que no tempo em que os autochtones brachycephalos luctavam com os conquistadores dolichocephalos, uma mulher asiatica teria cahido prisioneira de um dos chefes indigenas e ser mais tarde enterrada em sua sepultura.

Mas senti logo a necessidade de procurar novos factos... Provada a importancia dos craneos pré-historicos, excavações foram feitas com cuidado; eu proprio dirigi algumas e a questão não tardou em ser resolvida. Sabemos hoje que na época da pedra polida, a grande maioria dos craneos era dolichocephala; que os mésaticephalos eram muito menos numerosos; que os brachycephalos, finalmente, eram de todo em todo excepcionaes.

Fallo apenas da região septentrional da França e da região do centro (1). A zona mediterranea liga-se á antiga Liguria, onde, conforme estudos de Nicolucci, o typo brachyce-

(1) Broca assim se expressava em 1867. Posteriormente novas pesquizas em toda a Europa vieram provar sem a menor sombra de duvida as suas doutrinas.

phalo precedeu o dolichocephalo. Este ultimo facto não está, talvez, estabelecido de um modo sufficientemente positivo; mas não me contraria de fórma alguma; longe d'isso, porque eu fui um dos primeiros, senão o primeiro a sustentar a multiplicidade e a diversidade das raças pré-aryanas. Que, na época da pedra polida tenha havido uma ou muitas raças brachycephalas, foi o que sempre admitti, e é preciso que assim tenha sido, porque alguns craneos brachycephalos teem sido encontrados em muitos dolmens nos quaes predominavam, comtudo, os dolichocephalos. A presença de taes brachycephalos só se póde explicar por uma mistura de raças, consecutiva a migrações ou conquistas comparaveis ás que depois se effectuaram durante os tempos historicos; deveria, portanto, haver em alguma parte, em tal ou tal região da Europa, populações brachycephalas. A Liguria era provavelmente uma d'essas regiões, provavelmente a Jutlandia; outras deveria haver (1). Se se repara, que a brachycephalia está hoje muito espalhada na

(1) Pelo que diz respeito á Liguria, novos e recentes estudos aclararam muito o que se sabia de suas antigas populações. Belloguet, errando ainda sobre a origem dos *Ligures,* prestou o immenso serviço de despertar para elles a attenção geral. Nicolucci, provou que eram brachycephalos e anteriores aos chamados *Celtas.* D'Arbois

Europa, que chega até a predominar em muitos povos modernos, em paizes onde, desde a origem da historia, nenhum povo estranho á Europa se estabeleceu, é-se de todo auctorisado a pensar que nossos brachycephalos actuaes descendem dos brachycephalos préhistoricos, que estes eram por certo muito numerosos e deviam provavelmente occupar zonas assás extensas. E, demais, não é este o ponto em litigio.

Ninguem negou nunca a existencia dos brachycephalos da idade de pedra: trata-se simplesmente de saber se é certo haverem sido brachycephalos todos os autochtones da Europa, isto é, todos os povos anteriores á era indo-europeia. Ora, acabei de provar que em uma grande parte da França, a dolichocephalia predominou na época da pedra polida. Será um facto excepcional, proprio d'esta região só? Não, porque a dolichocephalia predominava outro tanto e até ainda mais em quasi todas as paragens da Europa onde se teem achado craneos da idade de pedra.

---

de Jubainville provou que eram *aryanos,* a despeito de brachycephalos, caso, aliás, não unico entre os povos da grande familia. Martins Sarmento demonstrou sua *antiga influencia* na Italia, França, Ilhas Britannicas e Peninsula hispanica. Estudos feitos separadamente; mas que concordam entre si.

Assim, os craneos das cavernas de Gibraltar, exploradas por Busk, são dolichocephalos. Na *Campanha*, de Roma, onde os vestigios da presença do homem remontam á época quaternaria, Ponzi encontrou quatro craneos pré-historicos... Tres são dolichocephalos; um só, que parece menos antigo, é brachycephalo...

Eis ahi já uma grande parte da Europa occidental e do sul que escapa á pretensa lei de Retzius. É forçoso juntar a Gran-Bretanha, na qual os monumentos megalithicos quasi só encerram craneos dolichocephalos e muito mais dolichocephalos do que os dos dolmens de França.

Thurnam escavou e pesquizou grande numero de monumentos pré-historicos; examinou, além d'isto, na Inglaterra e na França, a maior porção dos craneos tirados d'esses monumentos e, eis aqui, no que se refere á Inglaterra, os factos que se desprendem de suas investigações: existem n'esse paiz duas especies muito distinctas de sepulturas pré-historicas, os *long-barrows* e os *round-barrows*. Os *long-barrows*, parecidos com os nossos grandes dolmens, não conteem nenhum vestigio de metal; n'elles encontram-se apenas objectos de osso ou de silex; correspondem incontestavelmente á época da pedra polida. Os *round-barrows*, cuja fórma, dimensões e architectura são de todo differentes, e cujo typo raramente se observa em

França, encerram objectos em bronze; está completamente provado que são posteriores aos precedentes e que foram construidos pelo povo immigrante, e provavelmente conquistador, que introduziu na Gran-Bretanha o uso dos metaes. Ora, os craneos dos *long-barrows* são quasi todos muito dolichocephalos: o indicio cephalico médio dos numerosos craneos d'esta época medidos por Thurnam — não ultrapassa a cifra de 70 por 100. A raça que levantou os *long-barrows* e precedeu a introducção do bronze era caracterisada por uma dolichocephalia excessiva.

Mas o que ha aqui mais curioso é que a brachycephalia foi importada na região pelos estrangeiros que construiram os *round-barrows*, que trouxeram comsigo o bronze, e que, muito provavelmente, introduziram o uso de uma lingua indo-europeia (1). E porque esta lingua, da qual varios dialectos ainda subsistem, é incluida no grupo das linguas chamadas *celticas*, se julgaram todos com o direito de designar pelo nome de *Celtas* os indo-europeus que construiram os *round-barrows*.

Do facto, porém, de terem os linguistas es-

(1) A meu vêr, trata-se dos *Ligures*, e esta descoberta de Thurnam, applaudida por Broca, vem em auxilio das ideias de Jubainville e Martins Sarmento ácerca dos *Ligures*.

colhido o nome celebre dos *Celtas* para caracterisar o grupo das mais antigas linguas indo-europeias da Europa, não resulta necessariamente que os povos que fallaram taes linguas tenham sido *Celtas*, nem que tenham pertencido a uma mesma raça, nem que exista, além da lingua, outra affinidade entre os brachycephalos dos *round-barrows* e os verdadeiros Celtas da Gallia (1).

Como quer que seja, a brachycephalia, e muito pronunciada, se encontra pela primeira vez nos *round-barrows;* é n'elles por toda a parte predominante; por quasi toda a parte, porém, ao lado de uma grande maioria de craneos brachycephalos, encontram-se alguns dolichocephalos exactamente similhantes aos dos *long-barrows*, e alguns mésaticephalos, manifestamente oriundos da mistura da raça da idade da pedra polida e da raça da idade do bronze... Taes factos dão o mais surprehendente desmentido á theoria de Retzius. Muito ao contra-

(1) Já se vê que, para Broca e Thurnam não era nada impossivel que as chamadas *linguas celticas* tenham pertencido a outro povo que não os famosos *Celtas,* antigos perturbadores do mundo, e hoje terriveis perturbadores da sciencia. Martins Sarmento sustenta que as intituladas linguas celticas, são puramente as velhas *linguas ligures.* Jubainville crê que os *Ligures,* vencidos, acceitaram as linguas dos Celtas, vencedores.

rio de haverem os conquistadores indo-europeus introduzido a dolichocephalia na Inglaterra entre populações até então exclusivamente brachycephalas, foram elles que introduziram a brachycephalia entre populações até então exclusivamente dolicocephalas (1).

Que devemos concluir?

Ha tres annos, quando os factos recolhidos em França e Inglaterra foram assás numerosos para que se continuasse a teimar em tomal-os por excepcionaes, eu me limitei a dizer que a lei ethnogenica de Retzius não era applicavel á Europa occidental; mas, não podendo suppôr que fosse inteiramente falsa, emitti a ideia de que o erro de Retzius tinha sido o de generalisar essa lei, e não duvidava de que ella fosse verdadeira ao menos para a Scandinavia.

Convencido já da multiplicidade e da variedade das raças da idade de pedra, achava muito natural não ter sido a mesma a ordem da superposição das camadas ethnicas em toda a Europa e que as populações dolichocephalas

(1) Creio que Jubainville e Martins Sarmento não conheceram os trabalhos de Broca, Thurnam e Nicolucci; pelo menos não me lembro (cito de memoria) que tivessem a elles feito referencia. Pois tirariam d'ahi grande apoio para suas ideias.

de nossas regiões de Oeste tivessem sido contemporaneas das gentes brachycephalas que, no pensar de Retzius, tinham levantado os monumentos megalithicos da Suecia.

Continuo a crer ainda na contemporaneidade de ambos os typos cephalicos n'essa época, que é a da pedra polida; devemos, porém, pôr a Suecia na lista dos paizes nos quaes os brachycephalos tenham precedido os dolichocephalos? É uma ultima illusão a que era, após tantas outras, forçoso renunciar.

O professor van Düben, de Stockolmo, que substituiu Retzius na cadeira de anatomia, communicou em 1865 á Sociedade de Anthropologia os resultados das excavações que executou em companhia de Retzius, filho, no grande monumento megalithico de Luttra, perto de Fahlköping, na Westrogothia. Este vasto dolmen, no qual se encontraram facas e flechas de silex lascado, machados de pedra polida e collares de ambar, com ossos de carneiro, de boi e de gato selvagem, — sem o menor vestigio de ceramica e de metaes, — encerrava, pelo menos, restos de cento e quarenta e cinco individuos. Só treze craneos completos poderam ser extrahidos d'alli; mas outros sete, posto que mais ou menos mutilados, poderam-se prestar á determinação do typo cephalico. Ora, estes vinte craneos são todos dolichocephalos, com a excepção apenas de um. A população,

portanto, pré-aryana d'esta parte da Suecia era de todo em todo equiparavel á da Inglaterra e do norte da França. A nota publicada por van Düben foi a ultima pancada e irremediavel na doutrina de Retzius» (1).

São as primeiras paginas do esplendido discurso pronunciado pelo mais illustre anthropologista europeu no *Congresso de anthropologia e archeologia pré-historicas de Paris, aos 30 de agosto de 1867*. A longura da citação será perdoada pela cópia das ideias n'ella contidas e pela necessidade de tornar bem claras as verdades vulgares, ha cerca de quarenta annos, admittidas por todo o mundo, e ainda hoje desfiguradas pelo sr. Theophilo Braga.

Paulo Broca, como está patente, admittia doutrinas em completa polaridade com as que segue o professor portuguez, que o chama atabalhoadamente em seu favor. D'ahi a necessidade de desfazer taes aleivosias.

Do longo trecho citado evidencia-se que o grande scientista repellia *in limine* a theoria de Retzius; que sustentava, contra este, a pluralidade das raças ante-historicas da Europa; que doutrinava haverem sido dolichocephalos os

(1) *Sobre os caracteres anatomicos do homem pré-historico*, por P. Broca, in *Mémoires d'Anthropologie*, vol. II, pag. 115 a 129.

mais antigos habitadores do velho mundo, seguidos, após, por brachycephalos e mais tarde por outros dolichocephalos, e, assim, n'uma mistura inextricavel; que não acreditava, pois, em *turanos* espalhados por todo o velho mundo antes dos Aryas; que não acreditava, outrosim, na patranha dos *mongoloidès* de certos phantasistas; que não fazia de *Lapões* e *Finnezes* typos da mesma raça; que não fazia de *Romanches* e *Bascos* parentes, nem representantes actuaes d'uma raça especial a que houvessem tambem pertencido aquelles. Tudo o inverso de Braga!

Este leva o seu atordoamento ao ponto de falsear a propria doutrina do pobre Retzius; porque o celebre sueco, quando dava *Finnicos* e *Bascos* — como representantes da sonhada raça brachycephala primitiva, dava-os, implicita e explicitamente, *como possuidores dos instrumentos de pedra, encontrados nas sepulturas anteriores á idade do bronze, e, pois, como alheios ao conhecimento dos metaes, conhecimento levado á Europa pelos Aryanos*...

Que faz o sr. Braga?

Liga, ou junge na mesma canga *Bascos* e *Finnezes*, como ramos da divina raça **turaniana** e dá-lhes por especial caracteristica: *a sabença metallurgica!*... É pyramidal.

Pobre Retzius, desventurado Broca, em que mãos fostes cahir!

Mas em Portugal não serão conhecidos os trabalhos da *Sociedade de Anthropologia de Paris?* Como é que um livro, monstruoso de erros grosseirissimos, como o de Theophilo, passa incolume? Inexplicavel.

E não é só a estultice grosseira de fazer dos pré-aryanos europeus uns incomparaveis metallurgistas; vae até á cincada de chamar os Bascos *dolichocephalos* da Hespanha de raça *mongoloide*, não vendo que são cousas *qui hur lent de se trouver ensemble*... É o que os velhos logicos chamavam uma *contradictio in adjecto:* mongolismo e dolichocephalia!...

O professor do *Curso Superior de Lettras* não sabe ainda hoje que a brachycephalia é um dos caracteristicos nunca desmentidos dos mongoes!... *Oh! pour le coup, je somme l'Academie des Sciences de Lisbonne de rapeller M. Braga à l'ordre et au rudiment!...*

Theophilo andava ainda no ultra-romantismo de Hugo, Quinet e Michelet, a repetir inconscientemente as vacuidades d'esses tres papas da declamação incoercivel e imprestavel, quando Paulo Broca já tinha atirado para o canto dos ferros velhos as baboseiras que hoje em dia o escriptor de Lisboa tem a coragem de lançar sobre a memoria de Herculano, como quem faz grandes e inesperadas descobertas. Ha quarenta annos já dizia Broca, referindo-se ao supposto parentesco de *Bascos* e *Finnezes:*

«Cette opinion, admise *à priori*, à l'époque où l'on supposait que tous les autochtones de l'Europe appartenaient à la même race, *est en contradiction avec l'observation anthropologique, qui établit une distinction complète entre le type des Basques et celui des Finnois*» (1).

Isto diz Broca, encanecido em estudos directos nos laboratorios, nos amphitheatros de anatomia, nas estações funerarias, em centenas de pesquizas pessoaes, ao passo que o dilettante portuguez, que em toda a sua vida nunca viu um craneo pré-historico sequer, escreve que *Finlandezes* e *Bascos* são a mesma gente, representantes da raça *turana*, que se dividiu em dois ramos: um que invadiu a Europa pelo norte e o outro pelo sul.

O mais engraçado, porém, é que elle é obscuro, vacillante e incerto n'essa famosa divisão dos *turanos:* n'uns pontos do livro assevera que a divisão foi da grande raça **turana** ou **uralo-altaica** no seu ponto de partida em dois ramos, o *sabmeano* ou *finnico* e o *iberico;* n'outras paragens a divisão foi do ramo *iberico* na peninsula em *ibero* propriamente dito e *euske* ou *basco*. É assim:

«Recapitulando as nossas conclusões sobre as raças da Europa meridional antes da con-

(1) *Mémoirs d'Antropologie,* II, pag. 557.

quista romana, chegamos a uma uniformidade de distribuição d'essas raças na França, nas Ilhas Britannicas e nas peninsulas hispanica e italica; este trabalho de systematisação *(Assim chama o auctor ao estrago que faz em velhas ideias muito batidas e por elle de todo inutilisadas)* só se tornou possivel quando se provou *(Este se provou merece uma estatua!)*—a entrada na Europa de uma raça uralo-altaica, ou **sabmeana** *(Este sabmeana do extravagante Bergmann foi um bello achado para Braga)*, e a entrada de outro ramo da mesma raça pelo sul ou *iberica...*» (Pag. 127).

Aqui é a raça em grande que se bipartiu na Asia, investindo um ramo a Europa pelo norte e a outra, dando uma volta enorme, e vindo a investil-a pelo sul.

Agora outro trecho, que não é precisamente a mesma cousa:

«As investigações sobre a *raça iberica* levam-nos ás seguintes conclusões: que a raça turaniana precedeu na *peninsula* as raças áricas e preparou o caminho da sua civilisação.

A raça turaniana *divide-se na peninsula* (é muita divisão junta...) *em dois ramos;* o primeiro e o mais antigo, é uma derivação do typo *berbere*, vindo da Asia através da Africa e fixando-se ao sul da Europa e nas ilhas do Mediterraneo. A este chamaremos o ramo *iberico*, que se estendeu pelo sul da França, região meridional da Italia e Ilhas Britanicas.

O segundo é o ramo *Euske* ou *Basco*, derivado do elemento scythico, e que desceu do norte da Europa vindo da Asia, e na França constituiu o *elemento gaulez* (Aqui *gaulez* é igual a *euske*, igual a *basco*, igual a *sabmeano*, igual, como se sabe, a *finlandez*... Está-se em pleno delirio!); este entrou *na peninsula pelo norte*, e não desceu mais do que até á Aquitania.» (Pag. 101).

D'est'arte, os taes *turanos* fizeram a graça de se dividir, enviando gente para o norte *(Sabmeanos=finnezes=euskes=gaulezes)* e para o sul *(Iberos=bascos* em quasi todo o livro e agora diversos); mas como seu objectivo principal, parece, era a Hespanha, invadiram-na pela rectaguarda com o exercito dos *Iberos*, e tomaram-lhe a vanguarda dos Pyrenéos, postando lá o troço dos *Sabmeanos*, que, fardados em *Bascos*, chegaram á Guipuzcôa e Biscaya e, mais á singela, em *Euskes*, deixaram-se ficar, á espreita, com as suas avançadas na Aquitania!... Rica anthropologia que Herculano teve a desgraça de ignorar!

Ia-me esquecendo a historia dos *bascos francezes* (brachycephalos) e dos *bascos hespanhoes* (dolichocephalos). Acudo-lhe ainda em tempo, antes de terminar a analyse do capitulo de Braga, ora em debate.

É o caso que, contra a espectativa dos sectarios da doutrina de Retzius, em cujo nu-

mero inconscientemente anda o escriptor portuguez, Broca provou serem dolichocephalos os *Bascos* de Guipuzcôa, estudados por elle em Zaraus. Mais tarde, estudando os *Bascos* de Saint-Jean-de-Luz, na Vasconcia franceza, o celebre naturalista reconheceu que eram em grande parte brachycephalos, tendo, porém, o cuidado de affirmar o estado de mór pureza dos Bascos hespanhoes e a enorme mistura em que se acham os de França.

Em parte alguma de seus escriptos affirmou jámais a pura, completa e absoluta brachycephalia dos Bascos francezes, como se atreve a dizer o auctor d'*A Patria Portugueza*.

«Ce qui frappe, escreve Broca, au primier abord dans cette série (a serie dos craneos de Saint-Jean-de-Luz), c'est l'existence de deux types bien distincts, l'un dolichocéphale, *et tout à fait semblable au type prédominant de Zaraus*, l'autre manifestement brachycéphale. Le premier type forme un peu plus du cinquième de la série; le seconde en forme prés de deux tièrs. *Le reste de la série comprend des crânes mésaticephales, intermediaires entre les deux autres groupes et paraissant résulter du croisement des deux types précédents*» (1).

E mais accentuadamente, linhas adiante,

(1) *Op. cit.*, II, pag. 42.

sempre em referencia aos taes craneos achados em Saint-Jean-de-Luz, n'um cemiterio do seculo XVII, distinguindo bem as mesclas de raças operadas na Vasconcia franceza, após a sua conquista no seculo VI pelos Bascos hespanhoes, das mesclas pré-historicas, pois que a existencia dos dois typos cephalicos, nas duas vertentes dos Pyrenéos, é um facto antiquissimo: «J'ai lieu, d'aprés cela, de croire, ou plutôt de supposer que deux races, l'une brachycéphale, l'autre dolichocéphale, dont le mélange avaient produit, avant le seizième siécle, la population de Saint-Jean-de-Luz, différaient beaucoup plus par l'indice céphalique que par les autres caractéres. L'une de ces races est actuellement prédominante dans la Vasconie espagnole; quant à l'autre, qui prédomine aujourd'hui dans la terre de Labourd, et sans donte aussi dans le reste de la Vasconie française, il est probable qu'avant de se trouver en contact avec la première, de ce cotè des Pyrénées, elle alliait déjà les caractéres de la brachycépalie avec plusiers traits empruntés à la race des Basques d'Espagne, *soit que cette similitude fût le résultat d'un mélange antérieur, soit qu'elle dépendît de l'influence atavique d'une race plus ancienne, souche commune des deux branches qui, en se fixant sur les deux versants des Pyrénées, s'y seraint croisées respectivement avec deux populations autochtones differentes, l'une*

dolicocéphale en Espagne, l'autre brachicéphale en France. Cette question, sur la quelle les renseignements historiques font défaut, ouvre un vaste champ aux conjéctures» (1).

Eis ahi; nada mais simples, mais claro. Broca, o investigador consciencioso, ainda estava no terreno das *supposições e das conjecturas.*

Braga, o méro dilettante, compilador de notas, esse não tem mais duvida, e, citando o derradeiro trecho, ralha com o celebre francez por sua timidez, n'estas palavras typicas, que por si sós o definem: «As *conjecturas* desapparecem diante das duas correntes de migração turaniana na Europa, e da propria differença cephalica da raça turaniana ainda na Asia.» (Pag. 104).

É demais. Não vê esse pobre homem que taes dizeres encerram o mais grosseiro paralogismo, pois o que está em questão é exactamente *a entrada dos dois typos turanianos na Europa* pelo modo como pensa o sonhador portuguez? Não ha no *Curso Superior de Lettras* uma alma caridosa que lhe explique que é um *circulo vicioso* pretender provar os *dois typos* pelas *duas viagens*, e as *duas viagens* pelos *dois typos?* — Misericordia!

(1) *Op. cit.*, II, pag. 43.

Paulo Broca ensina ser a differenciação dos Bascos francezes e hespanhoes *anterior não só aos tempos historicos, como ao inicio da era indo-europeia*, e pertence ao periodo que elle chama *pré-celtico* (1).

Não seria possivel, em parte ao menos, explicar o tal ou qual predominio da brachycephalia entre os Bascos francezes pela grande massa da população *ligure* que, desde bem antes dos *Celtas*, occupou todo o sul da Gallia? Os *Ligures* eram *brachycephalos*, e, comquanto *aryanos*, como victoriosamente o demonstraram Martins Sarmento e Jubainville, foram muito anteriores aos Celtas. Conquistados pelos Bascos, nas vertentes septentrionaes dos Pyrenéos, não teriam adoptado a lingua d'elles, como em outras paragens adoptaram os idiomas celticos? É uma simples hypothese em fórma interrogativa que ahi fica. Nada de imitar o desembaraço do accusador de Herculano.

Haveria muito mais a dizer n'este ponto dos dois typos de Bascos, especialmente no que diz respeito ao facto de ser a dolichocephalia dos bascos de Zaraus *occipital* e não *frontal*, como ensina Broca e Braga repete, desfiguradamente, suppondo ser isto um caracteristico puramente africano, quando se sabe

(1) *Op. cit.*, II., pag. 81.

que o mesmo se dá tambem com todos os povos *Semitas*. Não é só: igualmente diversa é a brachycephalia dos Bascos francezes da que se encontra entre outros povos, conforme adverte o sabio francez, e o sr. Braga passou por isso como gato por brazas...

Tenho pressa de ir adiante. O capitulo sobre as *Populações Ibericas* está cheio de grossos disparates ácerca de oitenta assumptos, mettidos alli a martello: *federação*, *municipalismo*, *lyrismo*, *Accadêanos*, *Turdetanos*, *Ilhas encantadas* (tradição ora attribuida aos Phenicios e ora aos Celtas), *Aquitania*, que o dr. Theophilo confunde, quasi sempre, com a *Provença*, etc., etc., etc. Alguns d'esses destemperos, senão todos, voltam a atormentar o leitor nos capitulos seguintes. Serão apreciados rapidamente em occasiões mais opportunas.

Só em oito ou dez volumes seria possivel a analyse completa do monstruoso livro em debate. Seria mister examinar pagina por pagina, porque alli não existem quatro linhas certas.

O homemzinho tem phrases de uma ingenuidade encantadora. Falla, a respeito da Aquitania, por exemplo, como de uma região que é o que é, porque como tal a *considera* Paulo Broca...

«... O eminente anthropologista Paulo Broca *considera* (este *considera* merece fogos de artificio) a Aquitania como um triangulo comprehen-

dido entre os Pyrenéos, o Garona e o Golfo da Gasconha, no qual se conservou isolada a raça ou população primitiva que veio a ser subjugada na Europa pela occupação dos Arias.» (Pag. 118).

De fórma que a Aquitania é uma... *opinião* de Broca, pouco mais ou menos.

Aposto que o dr. Theophilo nunca leu os limites da famosa região nos *Commentarios* de Cezar: «*Aquitania a Garumna flumine ad Pyrenaeos montes et eam portem Oceani, quae est ad Hispaniam...*» (1).

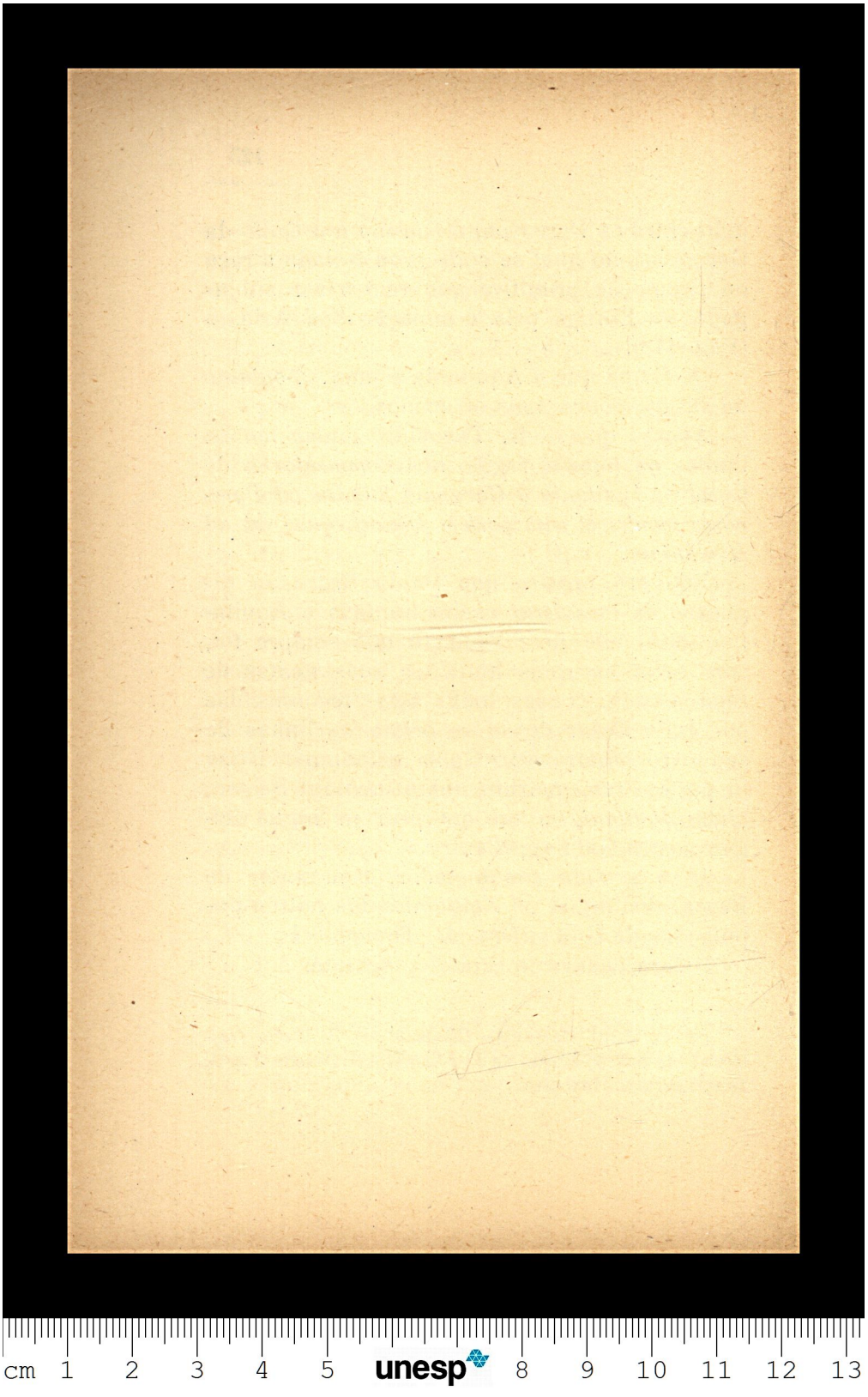
Não era preciso que Paulo Broca se dignasse de *considerar* assim limitada a Aquitania, para ella ficar sendo o que sempre foi, com seus naturaes limites e suas gentes de raça iberica, cousas todas estas reconhecidas por Julio Cezar desde as primeiras linhas de seu livro admiravel: «Gallia est omnis divisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, *aliam Aquitani*, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.»

Já o grande conquistador, bem antes de Broca, distinguia os *Aquitanios* das outras populações da Gallia. Ora, dr. Theophilo!

Releva passar ao capitulo seguinte.

---

(1) C. Julii Caesaris—*Commentarii de Bello Gallico*, I, 1; pag. 3, edição de E. Benoist e S. Dosson, Paris, 1899, Livraria Hachette.



IV

Ligures e Celtas

É o capitulo IV—e se intitula—*Os Ligures e os Celtas da Lusitania*. E' tão confuso que se torna indispensavel ir entrando n'elle aos pedacinhos e com as maiores cautelas.

Diminue um pouco a pressão dos *turanos;* mas esse desafogo passageiro é immediatamente suffocado por uma pesadissima atmosphera de inacreditaveis contrasensos. Alli ha theses e antitheses para todos os paladares.

Mas tinha promettido, paginas atraz, indicar a razão principal de tantas *exquisitices* intellectuaes em tão desembaraçado escriptor.

Um melhor methodo ordena-me que deixe essa apreciação, de indole geral, para o fim d'este estudo, se elle se não estender demasiado.

Urge analysar as ideias do auctor a respeito de *Ligures* e *Celtas*.

Antes de tudo, importa ponderar, que, conforme o velho habito de Theophilo, estes *Ligures* e, ao lado d'elles, estes *Celtas* passam a ser

tudo, o que, aliás, já foi feito com os *pré-historicos*, os *Iberos*, os *Bascos*, os *Turanos*, os *Sabmeanos*, os *Scythas*, os *Berberes*, os *Accadêanos*, os *Mongoloides*.

Cada grupo tem seus dias de gloria, em que tudo absorve, exerce o predominio sobre todos os outros e se constitue o factor de todas as grandes cousas.

E o grande defeito de Alexandre Herculano, como ainda n'este capitulo se vae vêr, é não ter enveredado por igual caminho e accumulado a mesma somma de disparates.

Como medida de hygiene mental, de que tanto fabulava Augusto Comte, aconselho, ainda n'este passo, o processo das proposições e rapidos commentarios. O capitulo é dominado por uma especie de prospecto ou quadro synoptico das successões das populações na Hespanha, França, Inglaterra e Italia, préromanas, trechos depostos no final do capitulo anterior. Basta reproduzir aqui os casos da Hespanha e França para se ir desde já apreciando o que vae ser de *Ligures* e *Celtas:*

A) «Comecemos pela peninsula hispanica ante-romana. Occuparam-na: 1.°, os *Iberos* (Bascos) (1), elemento *turaniano*, tendo atraves-

(1) Repare o leitor que os *Iberos* aqui são a mesma cousa que *Bascos*... Onde pára a famosa distincção de *Iber* e *Eusk?*...

sado a Africa, e diffundidos pelo sul da França e Italia, principalmente na Aquitania; 2.°, os *Celtas-Lygios*, elemento árico entrado na peninsula pelo norte, e pela longa cohabitação fusionando-se no Celtibero; 3.°, os *Gallaecos*, outro elemento *turaniano* (???!!!), propriamente o *gaulez* (???!!!), descendo do norte da Europa, e não passando do norte da peninsula.

Para a França, prosegue Braga, temos o mesmo quadro ethnico: 1.°, os *Aquitanios* (esquece-se aqui de dizer — *elemento turaniano*), que se estendem pelas ilhas do Mediterraneo e pela Italia; 2.°, os *Celtas*, ramo árico, do qual hoje se separam os *gaulezes* e os *kymricos*; 3.°, os *Gaulezes*, o mesmo que os Gaëls, Wallons, Welches, Belgas, Cimbros, *turanianos* descendo do norte da Europa, sendo um ramo das montanhas e o outro das bordas do mar. É o que se mistura no norte com as raças germanicas.» (Pag. 128).

D'est'arte, temos: *Iberos* (Hespanha) correspondendo a *Aquitanios* (França), *Celtas-Lygios* (Hespanha) correspondendo a *Celtas* (França), *Gallaecos* (Hespanha) correspondendo a *Gaulezes* (França). É muito symetrico; mas não deixa de conter erros.

O parallelismo das populações, cem vezes feito por quem sabe, está ahi enxertado de desacertos, peculiares á grande profundeza e assombroso saber do nosso auctor.

Ha nas palavras transcriptas os seguintes desconchavos: 1.°, o dar os *Celtas* como a mesma cousa que os *Ligures*, sob a denominação de *Celtas-Lygios;* 2.°, o considerar os *Gallaecos* (Hespanha) e os *Gaulezes* (França) como *turanianos;* 3.°, o embrulho horroroso da ultima phrase: *turanianos descendo do norte da Europa, sendo um ramo das montanhas e o outro das bordas do mar.*

Convem liquidar este terceiro desarranjo antes dos dois outros.

Pela construcção grammatical, é claro, são os *Gaulezes-turanianos* que se dividem em dois ramos: — um das montanhas e outro do mar.

Mas, assim sendo, temos trinta passagens do livro a protestarem; pois n'ellas são os *Celtas-Lygios* que são *os do mar*, e nunca os *Gaulezes.*

D'est'arte, a paginas 136: «Os *Ligures* considerados *Celtas* pelos escriptores antigos (É falso) são pelos trabalhos de *Fréret* e de *Lemière* (Dois fosseis atrazadissimos) — *considerados os Celtas das bordas do mar.*» A paginas 150: «A costa maritima de oeste indica a preponderancia do *Celta maritimo* ou *lygio* n'esta região.» A paginas 165: «O primeiro *elemento celtico* que lucta com os Iberos é o *Ligurio* ou *Celta maritimo.*»

Alli parece que o elemento *Gaulez* (turaniano para Braga) é que se divide em dois grupos: um das *bordas do mar* e outro das *montanhas;* aqui, claramente, são os *Ligures*, que são a

mesma cousa que *Celtas-Lygios*, que são os *Celtas do mar*. Mas, dir-se-ha, era isto mesmo que, em sua detestavel lingua, quiz o auctor dizer: os *Ligures* são o grupo ou ramo que merece o nome de *Celtas do mar*, vindo os *Gaulezes* (=Belgas=Cimbros=Wallons=Welches) a constituir os famosos *Celtas das montanhas*. Mas, n'este caso, a consequencia vem a ser a mais desastrada possivel; porquanto, além de caber melhor o epitheto de *Celtas do mar* aos Cimbros ou Gaulezes, que descem do *norte ao sul*, do que aos *Ligures*, que veem do interior da Asia, de *léste a oeste*, passando montanhas, accresce que de todo se some, anniquila, desapparece a raça celtica; visto como um ramo d'ella, os *Ligures* (os do *mar* para Braga) evidentemente não são *Celtas* e os *Gaulezes* (os das *montanhas* para Braga —, na melhor hypothese) tambem não são *Celtas*, não passando, para elle, de *turanianos*, *mongoloides*, de todo alheios á raça aryana, a que os outros pertencem.

Não ha sahir d'ahi; é o que se deprehende das lições de quem puxava as orelhas de Herculano, Oliveira Martins e Antero de Quental em assumptos de ethnographia hispanica (1).

(1) Herculano, em *A Patria Portugueza*, *Novas Ideias na Litteratura Portugueza* e *Historia do Romantismo;* Oliveira Martins, em *Novas Ideias*, etc.; Antero, em *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*.

As outras duas asserções não são menos dignas de censura; são até mais graves.

A identificação dos *Ligures* com os *Celtas* é cousa contra a qual anda a protestar toda a sciencia europeia dos ultimos annos e o sr. Theophilo devia mostrar-se melhor informado.

Cita Fréret (1688-1749) e Lemière, o primeiro notavel, em verdade, mas de todo alheio á moderna anthropologia e linguistica; o segundo, auctor de terceira ou quarta ordem, além de velho e atrazado, cuja opinião não tem o menor peso.

Mas tudo quanto ha de mais illustre na sciencia no decorrer do seculo XIX distinguiu unanimemente os *Ligures* dos *Celtas*.

Grandes auctoridades houve que identificaram os *Ligures* com os *Iberos;* por sua vez, estes, identificados com os *Bascos*. A primeira ideia era, por exemplo, defendida por Amadeu Thierry e Michelet; a segunda, implicitamente admittida pelos dois illustres historiadores, foi professada por homens que se chamaram G. de Humboldt, Luchaire, Desjardins. A identificação dos *Ligures* com os *Iberos* é combatida por Jubainville, Martins Sarmento e André Lefèvre; a identificação dos *Iberos* com os *Bascos* por J. Vinson, a despeito de ser geralmente acceita.

Belloguet considerava os *Ligures*, sobre os

quaes despertou largamente a attenção distinguindo-os dos *Iberos*, *Bascos*, *et reliqui*, como uma gente notabilissima aparentada com os povos *Libycos*.

Tudo isto, todos estes modos de pensar se encontram. O que não se encontra é auctor de nota que identifique *Ligures* e *Celtas*, ou se chamem *Celtas* sómente aos habitantes da Gallia central, distinguidos tão claramente por Julio Cezar dos *Belgas* e dos *Aquitanios*, ou se chamem *Celtas* sómente aos que Cezar appellidava *Belgas*, ou aos que Thierry denominava *Kymris*, ou aos *Gallatas* e *Gaulezes*, ou se chamem *Celtas* a todos elles juntos. Nem Thierry, nem Michelet, nem Humboldt, nem Luchaire, nem Desjardins, nem Vinson, nem Belloguet, nem Jubainville, nem Martins Sarmento, nem André Lefèvre cahiram jámais em tal patetice, repellida tambem por Nicolucci, que estabeleceu o typo brachycephalo dos *Ligures*, differente do typo dolichocephalo dos Celtas, conclusões admittidas por Paulo Broca.

Identico é o pensar de Salomão Reinach, Huxley, Zaborowski; todos, todos á uma, quer os que consideram os *Ligures* como *aryanos*, quer os que lhes negam esse caracter; quer os que os consideram identificados aos *Iberos*, quer os que contestam essa identificação; quer os que dão o nome de *Ligures* aos chamados por alguns teimosos *pré-celtas*, quer os que conferem

aquelle nome sómente aos da orla maritima do Mediterraneo; quer os que (S. Reinach) consideram os *Ligures* posteriores aos taes *pré-celtas*, quer (Belloguet) os que os consideram anteriores aos proprios *Iberos*. Tudo se encontra, repito, menos a identidade de *Ligures* e *Celtas*, que o dr. Theophilo tão desassombradamente professa.

De todos estes auctores, Broca, Jubainville e Martins Sarmento é que tiveram a mais nitida intuição do assumpto.

Era o caso que, para Broca, estudando anthropologicamente as populações francezas, quer na pré-historia, quer nos tempos actuaes, havia alli um grande numero de typos divergentes e mais ou menos geralmente superpostos. Encontrou typos, na alta pré-historia, dolichocephalos, typos brachycephalos mais tarde, typos dolichocephalos de novo, typos altos e baixos, louros e claros, morenos e de cabellos negros. Reconheceu que, d'um ponto de vista geral, a distincção das gentes da Gallia por Cezar em tres typos era o resultado da intuição acertada de um observador emerito. Deu os *Aquitanios* como gentes mestiçadas de *Gaulezes* com os *Iberos* e outras raças *indigenas;* considerou as gentes do centro, ás quaes, convencionalmente, reservou o nome de *Celtas*, que são as de que Cezar diz—*qui ipsorum lingua Celtae, nostra* Galli *appellantur*,—como ainda mais mestiçadas de *Gaulezes* e com aquellas citadas

gentes e mais nomeadamente com um povo numeroso, *brachycephalo*, que se havia superposto aos indigenas primitivos, antes dos alludidos Gaulezes.

Este povo, *brachycephalo*, distincto do Gaulez, grande, louro, dolichocephalo, era, na mente de Broca, rendido á evidencia, o *Ligure*, igualmente distincto de seus *mestiços*, gentes de formação posterior, que tomaram o nome nacional dos conquistadores: *Celtas* ou *Gaulezes*.

É o que se deprehende de trechos como este: «É forçoso admittir que provavelmente no fim da época neolithica, uma raça muito *brachycephala* veio misturar-se, em nossa terra, ás raças *indigenas*, e foi bastante numerosa para modificar o typo cephalico. D'onde vinha esta raça que não era, por certo, originaria das regiões do norte? Antes de passar á Ilha da Bretanha, ella deveria ter atravessado a região que se chamou, *mais tarde*, *a Gallia*. É para a fronteira dos Alpes que se dirigem naturalmente nossas conjecturas. *Alli encontramos no sul a raça Ligure*, que as investigações de Nicolucci nos permittem considerar como muito brachycephala. É, pois, verosimil ter sido pela fronteira dos Alpes que penetrou na Gallia, *antes dos primeiros clarões da historia, o elemento ethnico que veio a tornar as gentes que Cezar chamou Celtas* — mais brachycephalas do que os indigenas, seus antepassados.»

O texto é claro, e conta duzias de outros analogos nas obras do grande sabedor.

Houve na maior parte da França uma primitiva população *dolichocephala* de gentes autochtones; sobreveio uma onda *brachycephala* (Ligures) e mais tarde, nos alvores da historia, nova onda *dolichocephala* (Celtas ou Gaulezes).

Formaram-se populações mestiçadas de varios matizes. Por clareza e por evitar duvidas, Broca dá de preferencia ao grande grupo de gentes mestiçadas do centro o nome de *Celtas*, tendo quasi sempre o cuidado de juntar — os da *historia*, os que *Cezar assim chamou...*; ao grupo do norte, denominado pelo famoso dictador — **Belgae**, dá o nome de *Kymris*, conforme a lição de Amadeu Thierry.

Em conclusão: Comparado com o indigena, com o autochtone da Gallia, da Britannia, da Iberia, da Italia, o *Ligure* é d'elle distincto a mais não poder; comparado com o Gaulez ou Celta invasor, que o ataca e submette mais tarde, é d'elle distincto a mais não ser; comparado com os *mestiços*, resultantes de sua fusão com os povos anteriores e com os novos senhores da terra, ainda é d'elles distincto, tanto quanto uma raça-mãe se separa de gentes cruzadas.

É alguma cousa de analogo ao que se dá com o portuguez no Rio Grande do Sul: differe

do *indio* indigena, do *negro* importado, do *allemão*, que o está invadindo geitosamente de oitenta annos a esta parte, e dos *mestiços* quaesquer que tenha concorrido para formar.

O movimento, modernamente feito em favor dos *Ligures*, é uma perfeita reivindicação historica.

As gentes heroicas que foram os primeiros Aryas chegados á Europa, que *construiram as aldeias sobre as estacas das estações lacustres, que fabricaram as bellas espadas de bronze*, que ajudaram a povoar a Gallia, a Gran-Bretanha, a Irlanda, a Hespanha e Portugal, andaram até agora na historia conhecidas com o nome de seus conquistadores, seus algozes: — os *Celtas;* mas eram os *Ligures.*

O primeiro protesto serio partiu da anthropologia. Thurnam provou que os constructores dos *round-barrows* que introduziram o bronze na Inglaterra eram brachycephalos. Broca, até então disposto a acreditar em duas invasões celticas, uma primitiva e outra no VII seculo antes de Christo, conheceu, finalmente, o valor da descoberta da brachycephalia dos *Ligures* feita por Nicolucci e comprehendeu que uma invasão, pré-celtica, das gentes liguricas é que explicava a notavel mestiçagem da França Central e os factos apontados por Thurnam na Gran-Bretanha.

A mania celtisante ia ao ponto de se che-

gar a dar como celtas typos humanos completamente divergentes. Por isto é que Salomão Reinach, um espirito de teimoso, ainda hoje propende para a velha cegueira: «Segundo a doutrina geralmente admittida em França, teria havido uma primeira camada de *Celtas, agricultores e pacificos* (Bella cantiga), sobre os quaes um grupo militar, limitado a principio a léste, os *Galatas* de M. Bertrand (É um dos grandes perturbadores d'este assumpto), teria estendido o seu dominio a partir do seculo VII» (1).

Reinach parece acreditar n'essa disparatada dualidade de Celtas, a despeito d'elle mesmo escrever linhas abaixo: «Ha muito tempo já os anthropologistas reconheceram *a coexistencia em França de dois typos*, um pequeno, brachycephalo e moreno, outro grande, dolichocephalo e louro.»

Reinach pensa, talvez, que ambos os grupos são os seus caros *Celtas*, sendo os pequenos e morenos—os *pacificos agricultores* e os grandes e louros—os *militares*, os pomposos *Galatas* de Bertrand, ou *Kymris* de Thierry; e que, com essa contradança de nomes, está tudo explicado!...

---

(1) *Revue Critique d'Histoire et de Litterature*, n.º 19, de 7 de maio, 1894, Paris.

Illude-se. São dois povos completamente distinctos, como o viram Thurnam, Belloguet, Broca e por fim, Nicolucci, Huxley, Jubainville e, melhor que todos, Martins Sarmento.

Belloguet escreveu: «Cremos entrevêr que essa raça, *mais antiga* do que a dos *Celtas*, poderia ter sido a dos *Ligures*, cujo nome no tempo de Hesiodo representava o Occidente. *É ella que fórma o substratum commum sobre o qual se estendeu a conquista celtica nas Gallias, na Bretanha e na Hespanha*...»

Na sua bella descripção da carta ethnographica do velho mundo, que vem em seu livro —*O Logar do homem na Natureza*, Huxley traz estes trechos de ouro: «A hypothese pela qual, a meu vêr, se póde mais facilmente explicar os factos é a mesma de Belloguet e Thurnam, e vem a ser que nas épocas mais remotas a Europa occidental e as Ilhas Britannicas eram habitadas pela raça morena ou melanochroica...

Os xanthocroicos, espalhando-se pelas grandes planicies euro-asiaticas na direcção de oeste, invadiram gradativamente as terras dos melanochroicos. Os xanthocroicos, postos em contacto com os melanochroicos occidentaes, fallavam um *idioma celtico*, que se espalhou entre as populações invadidas muito além dos limites da mistura de sangue, chegando a supplantar o euskara (Melhor teria dito — chegando

a supplantar os *idiomas ibericos e ligures)*, como mais tarde o inglez e o francez, por exemplo, haviam de supplantar o *celtico*. Em dias de Cezar já o *velho euskariano* (E poderia accrescentar—e outras linguas *ibericas* e *ligures)* tinha, por toda a parte, menos em certas regiões da Hespanha e da Aquitania, sido substituido pelo *celtico* e, por isso, *aquelles que fallavam esta lingua não pertenciam mais a uma só origem ethnographica e sim a duas.*

Uma terceira vaga linguistica, na Europa occidental e na Inglaterra, o *latim* n'umas paragens, o *teutonico* em outras, estendeu-se pelos territorios occupados pelas vagas anteriores.

Na Europa occidental deixou um fragmento da primitiva onda, — o *euskara*, — n'um canto do paiz e um fragmento da secundaria,— o *celtico*, — n'outro.

Nas Ilhas Britannicas restam fragmentos d'essa onda linguistica secundaria no paiz de Galles, nos Highlands, Irlanda e ilha de Man. Se esta hypothese é exacta, segue-se *que o nome de Celta não é com propriedade applicavel aos homens de raça morena ou melanochroica da Europa.*

Estes são apenas, se quizerem, Celtas de segunda mão, secundarios *(Mestiços)*. Os primeiros povos primitivos, que fallavam *celtico*, eram xanthocroicos, os *gallos* ou *gaulezes* typicos dos antigos escriptores, e alliados, approxima-

dos, pelo sangue, os costumes e a lingua, dos germanos» (1).

Vá por todos estes factos, por todas estas lições dos verdadeiros mestres, vendo o sr. Braga se é de bom senso confundir *Ligures* com *Celtas*.

Zaborowski, citado pelo escriptor que combato que o não interpreta bem, confirma toda essa doutrina de Belloguet, Thurnam, Nicolucci, Broca e Huxley no que ella tem de essencial: a profunda distincção entre os *morenos brachycephalos* (Ligures) e os *louros dolichocephalos* (Celtas ou Gaulezes).

«Vê-se, escreve Zaborowski, pela gradação d'estes indicios cephalicos e pela capacidade d'estes craneos que um elemento *muito brachycephalo* (É o **Ligure**), de craneo amplo, vindo de léste, se espalhou *por todo o centro da Gallia*, repellindo para o sul os indigenas neolithicos trigueiros de craneo dolichocephalo (São os **Iberos** ou **Bascos**), igualmente muito amplo, e que formaram mais tarde a nação dos *Iberos* (É isto). Passo a passo essa nova onda de brachycephalos (**Ligures**) attingiu a parte meridional da Gallia Belgica e as proprias Ilhas Britannicas, onde contribuiu para a edificação de uma parte dos *round-barrows* (Doutrina verdadeira de Thurnam) e onde introduziu o uso do bronze.

(1) *La Place de l'Homme dans la Nature*, pag. 394.

Estes *brachycephalos* (**Ligures**) experimentaram, por sua vez, a invasão dos *dolichocephalos* louros (São os **Gaulezes** ou **Celtas**), de craneo menos amplo, com face de losango irregular, que, vindos do nordeste, os repelliram completamente para além do Sena, *e os dominaram do Sena ao Garonna.*»

Zaborowski tem razão, não fazendo mais do que confirmar as lições anteriores. Se não falla nos *Ligures*, é porque Thurnam n'elles não fallou e Broca só fallou para o fim e como que ainda veio vacillante. Tal é a força dos preconceitos!

Convem ouvir o grande Jubainville. Para elle *os Ligures, dos quaes os Siculos são um garfo, pertencem á familia indo-europeia, e precederam os Celtas, os Umbrios e os Germanos na Europa occidental.*

Em seu prospecto das populações occidentaes confirma as melhores ideias dos seus antecessores, despidos da mania celtisante. Protestando contra a pretenção da identidade entre os celtas ou gaulezes e os francezes actuaes, escreve o profundo celticista, hoje o primeiro da Europa: «A verdade é que os *Gaulezes* não se podem provavelmente contar por um vigesimo sequer entre os factores physicos a que devemos a vida material, e não se deve fallar n'elles *(Mire-se n'este espelho* ‹ *dr. Theophilo)* quando se procuram as origens intellectuaes

d'onde dimana a vida moral da nossa nação. (Isto diz Jubainville da sua França, a terra por excellencia *gauleza*, e o dr. Theophilo leva a mal a Herculano ter tido, para com Portugal,— igual proceder, filho do mais elementar bom senso). Raças obscuras precederam os *Celtas* ou *Gaulezes* em nosso solo e foram por elles subjugadas; estas raças pouco conhecidas deram-nos quasi todo o sangue que circula em nossas veias. Antes da chegada dos *Celtas*, o territorio que se chama a França viu succederem-se quatro civilisações. Foi successivamente habitado: 1.°, pelo homem *quaternario;* 2.°, por uma população que *vivia nas cavernas*, que caçava a rhenna hoje desapparecida, que não conhecia os metaes, porém sabia a arte do desenho; 3.°, por uma população mais culta que chegou a conhecer os metaes, que erigiu os monumentos megalithicos, que enterrou os seus mortos nas cabanas funerarias chamadas *dolmens* (Parece que se refere aos *Iberos);* 4.°, por uma população de cultura mais elevada, que incinerava os defuntos, guardava-lhes as cinzas em urnas e as enterrava em monticulos artificiaes (São os *Ligures*, nem sempre fieis a este ultimo costume). Em 5.° logar é que chegam os *Celtas* ou *Gaulezes* (Repare-se que o auctor diz sempre—*celtas* ou *gaulezes)* com o uso da inhumação; não queimam seus mortos. Queimar um homem é entre elles um sup-

plicio infamante: queima-se o ladrão; queima-se a moça que, pretendendo casar sem o consentimento dos paes, foge com um amante; queima-se o ambicioso ou o covarde culpado de alta traição. Um filho não queima seu pae defunto: acreditaria deshonral-o. Vem depois: 6.°, o periodo romano; 7.°, o periodo franco. O periodo *gaulez* ou *celtico* (Sic) é o primeiro que foi objecto de minuciosas noticias da parte dos escriptores da antiguidade. Quem os lê suppõe que nada o precedeu; *mas é pura illusão;* os archeologos o demonstram e *deve-se ter a coragem de tirar as consequencias d'isso.* Prova nenhuma existe de terem sido os conquistadores celtas, chegados a uma região muitos seculos antes habitada, mais numerosos do que os conquistadores romanos ou os conquistadores francos alguns seculos mais tarde. Como estes, aquelles não iam além de uma minoria bellicosa e dominadora no meio de uma população pacifica e escravisada» (1).

Se as cousas se passaram d'este modo em França, onde a gente celtica ou gauleza foi incontestavelmente muito mais avultada, a ponto de ainda alli existir a sua lingua n'uma região inteira do paiz, que não teria sido em Hespanha e Portugal?

---

(1) *Les prèmiers habitants de l'Europe,* II, pag. XVI.

Eis porque não devemos prestar grande credito ás phantasias celtisantes de alguns sonhadores d'alli, quando se mettem a fazer de caracteristas do povo portuguez e nol-o querem inculcar como um gracioso arremedilho gaulez ao gosto do illusorio quadro de Renan, no celebre ensaio—*Poesia das Raças Celticas.*

O dr. Theophilo é um dos mais exaggerados celtomanos, como se vae vèr paginas adiante.

Convem, por ultimo, com referencia á sua desastrada pretenção de fazer dos *Ligures* um ramo dos *Celtas,* ouvir André Lefèvre.

Tendo acceitado todas as conclusões de Jubainville ácerca das gentes a que, com razão, o grande celticista chama *Ligures,* Lefèvre, como medida conciliatoria, *acha bom deixar o nome de Ligures áquelles que os historiadores antigos assim chamaram e adoptar o nome de* **Pré-celtas** *para os predecessores dos Gaulezes;* mas accentua a divergencia enorme entre os *Ligures* propriamente ditos e os seus Pré-celtas de um lado, e os Celtas de outro.

A teima de conservar o nome de Pré-celtas, que nada exprime, que não é o nome de uma raça, é apenas mera exquisitice do escriptor. Mas as suas palavras batem em cheio a confusão de Braga. Eil-as:

«... Si, des faits que M. d'Arbois de Jubainville a recueillis, des inductions qu'il en a tirées, il resulte que, vraisemblablement, *les*

Ligures, dont les Sicules sont un rameau, appartiennent á la famille indo-européenne, et qu'ils ont precédés les Celtes, les Ombrieus et les Germains dans l'Europe occidentale, nous restons dans le doute sur le nom qu'il couvient d'attribuer aux populations antiques, brunes, *indo-européennes*, de la vallée du Danube et de la Gaule Centrale (É um demasiado escrupulo do auctor, desde que reconhece que taes populações eram *aryanas* e *differentes dos Celtas ou Gaulezes).* Il me semble *qu'il est bon* (Só por isso?) *de laisser* le nom de Ligures à ceux que tous les historieus anciens ont ainsi denominés, et d'adopter pour les prédécesseurs des Gaulois — enfin pour les habitants de la région que Cézar appelait la Celtique — le nom de Préceltes. Différents des Celtes par la race, mais voisins par la langue, — comme les Ausones bruns le furent des Hellénes blonds, — les Préceltes se sont établis à côté des Ligures, andessus des Ibères, depuis la Savoie jusqu'à l'Armorique, jusqu'à l'Irlande; et, *par une singulière ironie du destin* (Ideia já antes emittida por Martins Sarmento), *ils forment aujourd'hui le principal élément des populations que l'archéologie et l'histoire qualifient de celtiques.* Ils sont une des forces de la France.

A' la vivacité, à la fougue brillante et mobile du génie gaulois, ils ont mêlé — ou plutôt accolé comme un contre-pois — *une tenacité laborieuse et solide* (Genio do *Ligure)* qui résiste aux misé-

res et aux déceptions les plus cruelles (Genio do *Ligure)*. C'est de cet équilibre entre deux tempéraments, pour ainsi dire complémentaires, que procéde cette élasticité, ce ressort (Tal qual como as gentes do Norte de Portugal), qui, jusqu'à ces derniers temps au moins, ont tiré la France des plus profonds abîmes, l'ont relevée de ses chutes, l'ont sauvée de la désespérance, — plus encore — des stagnations intellectuelles passagères, et de ces déraisons, de ces épizooties morales dont nous voyons à cette heure de si humiliants exemples» (1).

E é a gentes d'esta ordem que se quer tirar o seu nome nacional para substituir por essa cousa vaga e estupida que nada prova — *Préceltas!*... Sim; Jubainville tem razão; Martins Sarmento tem razão: são os *Ligures*, que, na Italia, França, Portugal, Irlanda, Inglaterra, representam a melhor dóse do bom senso n'esses paizes.

Lefèvre não repara que, tendo acceitado o mais, isto é, que os *Ligures* são *aryanos*, que são diversos dos *Celtas* ou *Gaulezes*, que *antecederam* a estes e aos outros grupos da raça na Europa, não repara que tendo acceitado tudo isto, vem complicar a questão, admittindo, além do *novo* grupo aryano — os *Ligures* — e

(1) *Les Gaulois*, pag. 188 e 189.

mais *todos* os grupos aryanos conhecidos, um *novissimo* grupo, esses mysteriosos — *Pré-celtas.* É muito gosto por nugas e por complicações...

Este ponto está liquidado.

Mas tinha eu dito que no trecho ultimo transcripto de Th. Braga, havia, além dos dois erros já refutados, outro mais: dar os *gaulezes* como *turanianos!* Confesso que não esperava por esta: é o maior grau de originalidade que até hoje lhe tenho descoberto. *Turano*... o typo anthropologico mais opposto que existe a tudo quanto se sabe dos caracteres physicos das gentes denominadas *turanas,* ou se chamem assim todos os povos da terra com excepção dos Aryanos e Semitas, ou se chamem assim, mais restrictamente, as gentes *Mongolicas,* ou se chamem assim, ainda mais restrictamente, apenas o grupo — *Uralo-altaico!*...

Esta só do dr. Joaquim Theophilo Fernandes Braga. — Não se refuta isto; porque não passa de simples loucura.

«Ceux que les anciens ont appelés indifféremment *Celtes, Gaulois* et *Galates* étaint grands, blancs et blonds. Voyageurs, historiens, poètes, tous sont d'accord sur la teinte ardente, blonde ou rousse de la chevelure gauloise: Possidonius, Diodorus, Tite-Live, Virgile, Silius vont répétant: *Xanthai komai, flava, aurea caesaries, rutilae comae.*»

E eram, além d'isso, dolichocepalos. E são,

apesar de tudo, *turanianos* para o dr. Theophilo! — Singular escriptor... Alexandre Herculano não cahia n'essas.

Um homem, como J. de Crozals, fallando da origem e dispersão das raças, doutrina:

«Il s'en faut que la science ait dissipé toutes les obscurités qui couvrent ces questions d'origine. Par exemple, *on ne sait exactement àquelle race rattacher le groupe des peuples* **touraniens,** qui paraissent avoir habité primitivement à l'est de la mer d'Aral et au sud des monts Altaï, et dont les Turcs e les Hongrois sont les représentants historiques contemporains» (1).

Como se engana o illustre historiador francez! Alli mesmo na Europa ha quem conheça tanto os *turanos* que até lhes augmenta o numero com os *gaulezes.*

Esse desacerto fundamental de Theophilo Braga é secundado por outros que se acham em seu livro, entre os quaes, no capitulo ora estudado, avulta a distincção *completa, radical, absoluta* que julga haver entre *Celtas* e *Gaulezes.*

Eis aqui as suas proposições n'este ponto:

B) «...no tempo de Cezar todos os povos *Gaulezes* eram indistinctamente chamados *Celtas.* Strabão influenciado pelos escriptos de

(1) J. de Crozals, *Histoire de la Civilisation,* I, pag. 28, Paris, 1887.

Cezar propagou este syncretismo ethnico, que tanto tem contribuido para viciar o criterio historico. Polybio distingue as duas raças *gauleza* e *celtica* e Diodoro Siculo a estabelece terminantemente...» (Pag. 139).

Segue-se a transcripção de umas palavras de Diodoro Siculo—que terminam assim:—*Mas os romanos confundiram estas nações sob uma mesma denominação e a todos deram o nome de Gaulezes.*

Braga, no trecho transcripto, affirma que, no tempo de Cezar, os romanos davam a todos os *Gaulezes* o nome de *Celtas;* já ahi ha um certo desconchavo; porque Diodoro Siculo diz exactamente o contrario: *os romanos a todos davam o nome de* **Gaulezes.** Não é de modo algum indifferente isto; porque o que está de accordo com o texto de Cezar é a lição do escriptor da Sicilia e não a do escriptor dos Açores:—*qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.* Cezar dá como latina a palavra *Gallus* e como celtica a palavra *Celta.* Braga, que tudo lê e compila ás avessas, troca as bolas. E insiste:

c) «...depois de uma nova migração de *Gaulezes*, a que os *escriptores romanos deram erradamente* (Este *erradamente* é delicioso) o nome de **Celtas**...» (Pag. 165).

E mais, para que a menor duvida não podesse haver, e porque Braga, quando pega uma nota, a repete até ao enfado:

D) «Todos estes factos se esclarecem tendo em attenção que os romanos deram *erradamente* (Lá vem!) o nome de **Celtas** aos **Gaulezes**, e que descendo do norte da Europa, occupa tambem o norte de Hespanha.» (Pag. 166).

E, assim, em trezentas passagens do livro.

Ora, tudo isto é errado, erradissimo: não é verdade que existisse separação *absoluta* entre *Celtas* e *Gaulezes;* porque eram um só povo e não dois povos differentes; não é verdade que fossem os romanos os que tivessem a taes gentes applicado o nome de *Celtas;* não é verdade que valha, em boa critica, o testemunho de Diodoro Siculo contra toda a litteratura grega e romana.

Convem examinar estes pontos.

A distincção entre *Celtas* e *Gaulezes* é cousa recente e meramente convencional.

Alexandre Bertrand, anthropologista, ethnologo e linguista de segunda ordem, foi o mais exaggerado em a propôr; não, todavia, no significado em que a toma o sr. Theophilo Braga e, sim, n'um sentido que se póde acceitar, tendo o cuidado de o conciliar com o que já d'antes tinham feito Amadeu Thierry e Broca, firmados no proprio Cezar.

O facto é este: Cezar, e depois d'elle toda a sciencia moderna, descobriram differenças entre as gentes do norte da França *(Gallia Bel-*

gica), do centro da França *(Gallia Celtica)* e do sudoeste *(Aquitania)*.

Cezar, como espirito genial que era, bastou vêr os tres povos para os distinguir e definir em traços profundos.

A sciencia moderna, por meio das analyses anthropologicas e investigações linguisticas, chegou ao mesmo resultado do admiravel capitão romano; procurou a explicação do facto e achou-a, não na differença da grande raça, dolichocephala e loura, que tinha no VIII ou VII seculo antes de Christo, ou talvez ainda anteriormente, invadido aquellas tres zonas do territorio da Gallia, pois que tal raça era uma só e identica a si mesma, sob o nome de *Celtas* ou *Gaulezes;* e *sim na differença profunda dos povos com quem cruzou e na differença da maior ou menor intensidade d'esse cruzamento.*

Nada mais simples: a *Aquitania* foi invadida fracamente pelos *Gaulezes*, que não tiveram alli gente sufficiente para modificar de todo os typos *Iberico* e *Ligure* (Não fallando nos restos dos pré-historicos); a *Celtica* recebeu onda maior dos invasores; teve sua população de *Iberos* e *Ligures* mais modificada, cumprindo accrescentar que, n'esta região, os *Ligures* sobrepujavam de muito os *Iberos*, sendo o inverso o que se dava na *Aquitania;* a *Gallia Belgica*, muito mais ao norte, foi que recebeu todo o

vigor da onda invasora, que alli predominou sobre as gentes anteriores.

Diante de tal estado de cousas convencionaram, e obraram mal, os sabios em dar o nome de *Gaulezes* ou *Galatas* ou *Kymris* aos que Cezar chamou *Belgas* e dar o nome de *Celtas* áquelles de que Cezar tinha dito—*que tinham o nome de Celtas na lingua d'elles e o de Gaulezes na lingua latina.*

Esta infeliz lembrança de fazer differença entre dois nomes synonimos, entre duas palavras que são uma só, tem sido a origem da orgia intellectual de Braga e consocios a respeito de Celtas.

O *Gaulez* ou *Celta* invasor foi o mesmo por toda a parte; os resultados dos cruzamentos é que foram diversos. Ha aqui, pois, uma differença falsa: a que erradamente (Agora é que o *erradamente* tem logar) se quer estabelecer entre *Cellas* e *Gaulezes;* e uma verdadeira: a que de facto anthropologicamente existe entre os mestiços do Centro e do Sul e os Celtas puros, ou quasi, da Belgica.

A *Aquitania* é uma especie de *Paraguay*, onde o typo *guarany* quasi absorveu o *hespanhol* (Alli o *Ibero* quasi absorveu o *Celta);* a *Gallia Celtica* é uma especie de provincia de *Rioja* ou de *Mendoza*, onde o elemento *hespanhol* não desappareceu quasi absorvido, mas onde se acha assás desfigurado sob os ele-

mentos *indigenas;* a *Gallia Belgica* é uma especie de provincia de *Buenos-Ayres,* onde o typo *hespanhol* predomina sobre o *indigena americano.*

Mas é evidente que se alguem se lembrasse de attribuir taes differenças ao *hespanhol invasor,* o mesmo nos tres casos, commetteria uma grande sandice. Pois igual é o caso dos que andam attribuindo as differenças das populações francezas não á diversidade das gentes primitivas occupadoras do solo e sim á phantasia de duas raças de *Celtas,* vindas em duas viagens, merecendo a primeira o nome encantador de *Celtas* e a outra o ainda mais encantador de *Gaulezes* ou *Galatas.*

São patriotadas de francezes, que, entre seus avoengos, querem apenas contar: — *Celtas* ou *Gaulezes, Romanos* e *Francos* e desesperam quando se lhes falla em gentes mais antigas. Esta pilula engolem-na a custo, dourada sob o rotulo de — *Pré-celtas* ou *Proto-celtas,* duas expressões estupidas, que nada significam, que os homens serios, como Belloguet e Jubainville, repellem e só acham os Bragas para a repetirem.

Insisto para ser bem comprehendido: A *Aquitania* é como a nossa *Amasonia,* onde, sobre o *portuguez,* preponderam os elementos indigenas brasileiros; a *Gallia Celtica* (de Cezar), a *França Central* de hoje, é como o *Ceará* ou o

Rio Grande do Norte, onde os elementos indigenas não suffocaram por completo o factor portuguez, mas onde o teem vastamente desfigurado; a *Gallia Belgica* é como (Aqui a comparação é mais difficil; porque não vejo canto algum do Brasil em que o indio e negro tenham deixado de todo livre o elemento portuguez), talvez, a ilha de *Santa Catharina* ou o districto da *Laguna* em começos do seculo XIX, quando a vasta população reinol, sobre tudo provinda dos Açores, não tinha sido ainda desfigurada por italianos e allemães.

Ora, são tres regiões brasileiras differentes pela diversidade na intensidade dos cruzamentos, e o que n'ellas ha igual é exactamente, precisamente, o elemento invasor: o portuguez.

Supponha-se agora que algum phantasista brasileiro, *amedrontado por poder passar por mestiço*, e existem muitos d'esses, se lembrasse de dizer, no intuito de esconder nossos avoengos negros e indios: a differença que se nota entre as populações de diversas zonas do Brasil provém de que algumas d'ellas foram no seculo XVI, da era christã, povoadas pelos *Portuguezes*, povo de tez morena e cabellos pretos, e outras porque o foram, annos mais tarde, pelos *Lusos* ou *Lusitanos*, gentes mais claras e de cabellos castanhos; a uns e outros teem alguns auctores, *erradamente*, considerado um só povo...

Não seria uma curiosa patranha? Pois é o caso dos francezes com os *celtas* e *gaulezes* ou *galatas*...

O dr. Theophilo tomou muito á lettra as contradictorias affirmativas de Bertrand, auctor hoje despresado, depois do erudito e profundo 2.º volume da grande obra de Jubainville.

Já mostrei, firmado nas melhores auctoridades, que as differenças, desde Cezar notadas, nas populações francezas, provinham, não dos Celtas ou Gaulezes, e sim dos povos com que elles cruzaram.

Urge agora mostrar que não foram, como *erradamente* diz Braga, os romanos que deram aos *Gaulezes* o nome de *Celtas;* que as duas palavras são igualmente *antiquissimas;* que são um só vocabulo e não dois termos diversos; que Diodoro Siculo é que andou ás tontas n'este assumpto.

Para isto hei mister apenas alguns trechos do livrinho de ouro de Lefèvre; sim de ouro, porque é impossivel em tão reduzido numero de paginas expôr melhor tantas e tão variadas doutrinas.

André Lefèvre dá, com razão, como plenamente provada a asserção de Jubainville de que—a lingua e a nação *celticas* (Veja bem, sr. Braga)—se formaram no centro do paiz que é hoje a Allemanha moderna. D'alli partiram os exercitos que subjugaram a Europa do

noroeste e do centro, englobando a Italia até o Æsis, á Hespanha até o Tejo e o Algarve, a Inglaterra e a Irlanda.

Firme n'este ponto, escreve o lucidissimo auctor estas palavras:

«Para os antigos gregos, o noroeste da Europa era região desconhecida. Tinham, por certo, colhido dos Phenicios algumas vagas noções sobre as costas do Atlantico, da Mancha e do Mar do Norte. Mas, a partir do Danubio, um impenetravel nevoeiro occultava a seus olhos o interior das terras, nas quaes situavam ao acaso os montes Ripéos, ou Riphéos (Carpalhos, Alpes.) Possuiam alguns conhecimentos precisos apenas do circuito do Ponto-Euxino. Para além dos Scythas e dos montes Riphéos, entreviam sómente *Hyperboreos*, perdidos nas brumas e nas neves.

Cerca de 500, *Hecateo de Mileto* menciona os *Celtas*. (Sr. Braga, veja que foi um *grego* e não um *romano*). *Herodoto* falla n'elles duas vezes. Depois de Herodoto, *Heraclito de Ponto*—escreve, em seu *Tratado da Alma:*—conforme noticias que me vieram do occidente, um exercito, vindo do paiz dos *Hyperboreos*, tomou uma cidade grega (Sic), chamada Roma, e situada lá distante perto do grande mar.—E a identidade dos *Celtas* e dos *Hyperboreos* se acha ainda consagrada, cem annos antes da nossa era, pelo viajante philosopho—*Posidonius*.

Mas, alfim, no declinio do VI seculo, os *Celtas*, com o seu *nome nacional* (Veja, sr. Braga), fizeram sua entrada na historia. Pouco a pouco repellidos para o oeste pela pressão dos Scythas (Germanos e Slavos), apoderaram-se, nos limites do mundo greco-etrusco, de uma extensão que não poderia ser completamente ignorada. Deixando na Illyria, na Styria e na Pannonia grupos assás compactos, Scordiscos e Tauriscos, na Bohemia—Boios e Elvetas, estabeleceram-se solidamente no valle do Rheno, depois nos do Escalda e do Somma.

A Inglaterra, desde os primeiros tempos da conquista (X seculo?), tinha sido invadida e ajudada a povoar por *Celtas*.

E não padece duvida que já as bacias do Sena e do Loira tivessem sido percorridas por numerosos bandos e que, pouco depois de sua fundação em territorio ligure (600), Massilia (Marselha) tivesse que se defender dos *Celtas* Salluvios *(Solyos* dos gregos), os primeiros que parece attingiram as costas do Mediterraneo.

No V seculo, passando os Pyrenéos, pelos mesmos caminhos sem duvida dos Ligures, os *Celtas* tinham rapidamente occupado o centro da peninsula iberica e chegado ao sudoeste até á Lusitania.

Em duas passagens, que servem tambem para provar a incerteza geographica do auctor, *Herodoto* testemunha a presença dos *Celtas* na

Iberia:—O Istros, diz elle, nascido entre os *Keltas* perto da cidade de Puréné, corre, dividindo a Europa em duas partes; os *Keltas* são, a partir das Columnas de Hercules, vizinhos dos *Kunesioi*, os ultimos Europeus do lado do occidente (II, 33). E ainda:—Na região acima dos Umbrios—o Carpis e o Albis, correndo para o norte, se lançam no Istros que atravessa toda a Europa a partir dos Keltas, os ultimos que, após os Kynetas, habitam o occidente.—*Ephoro*, em 350, ajunta que a *Celtica* comprehende a maior parte da Iberia. *Aristoteles* (Sempre os auctores gregos) sabe igualmente que os Pyrenéos estão situados na *Celtica*. Sabe igualmente que entre os *Celtas* os invernos são rigorosos e não ignora que *Celtas* tomaram Roma.

A *Celtica*, com effeito, se estendia do extremo occidente até á vizinhança dos Scythas. Dionysio de Halicarnasso e Plutarco repetil-o-hão ainda. Se havia *Celtas* na Lusitania, o *Periplo*, attribuido a Scylax, nol-os mostra na ponta do Adriatico, muito perto dos Etruscos; e *Theopompo* assignala uma derrota infligida pelos *Celtas* aos Illyrios. Além do mais, a alliança de Alexandre com os Celtas d'estas regiões é assás conhecida.

Strabão narra a entrevista do futuro conquistador com os delegados Celtas e a resposta famosa que lhes é attribuida.

A alliança durou emquanto viveu Alexandre; em 324, em Babylonia, houve *Celtas* entre os deputados que alli foram cumprimentar o vencedor da Asia. Quarenta annos depois, abalados por uma invasão germanica de *Quados* e *Marcomanos*, troços de *Celtas* invadiram a Macedonia. Em 280, o rei Ptolemeu Kerannos, atacado por elles, perdeu a batalha e a vida. Commandados por um rei ou Brennos, cahiram sobre a Thessalia e saquearam o templo de Delphos, 279-78. Repellidos nas Thermopylas, dissimados nos desfiladeiros do Parnasso e do Pindo, recuaram para o norte e, atravessando a Thracia, o Bosphoro, a Asia Menor, acabaram por se estabelecer na Cappadocia e na Phrygia. Com esta invasão de 280-278, e não antes, apparece um novo nome, o de *Galatas* (Veja bem o sr. Braga que os **gregos** já conheciam o nome de *celtas* bem antes de *galatas* e que os **romanos** nada teem que vèr aqui; entre os dois nomes elles preferiram sempre o ultimo).

Lê-se n'uma inscripção votiva de 278:—Sob este escudo Cydias estendia pela primeira vez seu braço esquerdo, quando o impetuoso Arés foi cruel para com o *Galata*.—Um enternecedor epitaphio reune os dois nomes, *Celta* e *Galata* (Note o dr. Theophilo).

Trata-se de moças massacradas em Mileto em 278:—Nós nos partimos da vida, oh! Mileto, patria querida, repellindo o criminoso ul-

traje dos *Galatas* sem leis. Eramos tres, virgens e cidadans: eis como o violento Arés dos *Celtas* mudou nosso destino. Não soffremos a união impia. Aidés foi nosso protector e nosso esposo.

A *mesma synonimia* se encontra em um hymno de Callimaco, no qual o deus *Celta* da guerra atira os *Galatas*, povo insensato, ultimos filhos dos Titães, contra os Hellenos. (E ainda ha em Portugal quem se lembre de dizer que foram os *romanos* que inventaram o nome de *Celtas!...*) Eratosthenes (230) chama *Galatas* os *Celtas* da Iberia. Emfim Polybio, no II seculo, se serve *indifferentemente dos dois nomes*, tratando a mesma tribu,—os Gaisatas,—por exemplo, ora de *Keltoi*, ora de *Galatoi*, a Gallia cisalpina aqui de *Galatia*, além de *Keltiké*.

Mais tarde, depois da morte de Cezar, quando, desde muito tempo, a antiga patria dos *Celtas* estava occupada pelos *Germanos*, e quando o nome de *Celtica* era attribuido definitivamente a Gallia Central, Diodoro de Sicilia se lembrou de fazer distincção entre os *Celtas* e os *Galatas*.

Eis como elle (Era um trapalhão, uma especie de dr. Theophilo da antiguidade) se exprime:—É importante definir o que muitos ignoram: dá-se o nome de *Celtas* áquelles que habitam o interior das terras acima de Marselha, perto dos Alpes e d'este lado dos Pyre-

néos; mas todos os que, para além do paiz dos *Celtas* ou *Keltiké*, habitam para o norte, perto do Oceano e do monte *Herkumin*, até á *Scytia*, são designados pelo nome de *Galatas*. —Para Diodoro, pois, os *Germanos* eram *Galatas*. Lembrando a expedição de Cezar contra os *Sugambros*, ou *Sicambros*, elle dirá que o proconsul, tendo passado o Rheno por uma ponte maravilhosa, —*reduziu os Galatas que habitam além d'esse rio.*

Dião Cassio (Outro trapalhão, outro Braga dos velhos tempos) ao contrario (fins do seculo II) inverterá as cousas, collocará a *Galacia* na margem *esquerda* do Rheno e na margem *direita* a *Celtica*. Considera *Celtas* os *Germanos Usipetas* e *Teucteros* e os *Suevos* de Ariovisto; —*alguns Celtas*, diz elle, *que nós chamamos Germanos;* mas reina em seu pensamento uma grande confusão (Este Dião Cassio e o tal Diodoro Siculo não prestam para nada). No seu modo de entender foram *Galatas* que, em 390, tomaram Roma, mas foi em combates singulares contra os *Celtas* que Manlius e Valerius, em 360 e 349, ganharam os appellidos de Torquatus e de Corvus.

O duplo erro, prosegue sempre André Lefèvre, o *duplo erro* (Note, sr. Braga) de Diodoro, de Dião e raros outros tem uma vantagem: prova que os antigos distinguiam mal o *Teutão* do *Celta* (Veja-se bem: a confusão era entre

Teutão e *Celta* e não entre *Celta* e *Galata);* refiro-me a *Celta* tradicional, ao genuino Celta de cabellos ruivos, tanto estavam os antigos acostumados a considerar as bacias do Rheno e do alto Danubio como o dominio especial, como a patria dos Celtas. (Porque assim tinha sido a principio, antes que d'alli tivessem, para o occidente, os *Germanos* repellido os *Celtas* ou *Gaulezes).*

D'onde proveio, porém, que os gregos, familiarisados durante tres seculos com o nome *Keltos,* se pozeram a tratar de *Galatas* aos Celtas invasores da Thessalia, da Thracia e da Asia Menor?

Se se interroga a palavra em si mesma (Aprenda, Braga) reconhece-se que *é perfeitamente celtica.* **Gal,** em irlandez, significa ainda hoje *bravura, proeza.* **Kel,** em *Keltos* não tem outro sentido; são pura e simplesmente duas *variantes dialectaes,* que differem apenas por uma attenuação da guttural *k* e pela inserção de uma vogal formativa — *a* — *(Keltos = Galtos = Galatos = Keltoi = Galatoi).*

A probabilidade transforma-se em certeza se se compara o nome do povo da terra de Caux, *Caletos,* e o do rei dos Boios Cisalpinos em 227, *Galatos.*

É evidente que os invasores de 279, Tolisto-Boios, Tectosages, pronunciavam *Galate* seu nome ethnico de *Kelte.* Os gregos tinham

muito boas razões para reter este nome; e, a seguir do III seculo, elles o applicaram, diz d'Arbois de Jubainville, a todos os Celtas, aos do oeste, que o não usavam, e aos de léste que lh'o tinham ensinado. O nome que os Italiotas preferiram, *Gallus*, d'onde provém *Gallensis* de que os francezes fizeram *Gaulois* (E os portuguezes—*Gaulez)* é inseparavel de *Galata* e, portanto, de *Celta*. A desinencia terá desapparecido por assimilação, como em *Pollux* do etrusco *Pu-lt-uke*.

É claro que, desde a chegada dos Celtas ao valle do Pô, no V seculo, os Latinos os conheceram com o nome de *Galli* (O dr. Theophilo diz que os romanos é que usavam do nome de *Celtas!...*) e deram a Lombardia, a Emilia—o nome de *Gallia cisalpina* ou *citerior*. Os terriveis Senões do anno de 390, por maioria de razão, eram *Galli* e sua antiga capital, *Sena*, conserva ainda hoje seu nome nacional, *Senagallica*, Sinigaglia.

Os Gregos, no III seculo, começaram a ter relações constantes com os Romanos; a palavra *Gallus* tornou-se-lhes familiar, e foi-lhes facil confundir em *Galatés* ao mesmo tempo *Gallus* e *Keltos* (Sempre o inverso do que pensa o famoso *mosarabe* Th. Braga...) Quanto aos Latinos, começaram por deixar o nome de *Celtas* aos *Celtici* e *Celtiberi* da Hespanha e aos *Celtas* do Rheno, reservando *Galli* e *Gallia* para

os Gaulezes da Italia e a Gallia cisalpina. Foi d'estes Gaulezes e não de outros, foi dos Insubrios de Milão, dos Boios de Bolonha ou dos Cenomanos que Catão—o censor, em 168, escreveu, em suas *Origens*, a famosa phrase de que se tem muito abusado:—*Gallia duasres industriosissime persequitur, rem militare et argute loqui.*

Até o ultimo terço do II seculo, a *Gallia*, a provincia da Gallia, concedida todos os dois ou todos os cinco annos a um pro-consul, é sempre o norte da Italia, comprehendida a Istria e até a Styria, porque Noreia, hoje Neumarkt, era uma cidade gauleza: *Noreia, quæ est in Gallia*, escrevia, no fim do II seculo antes de nossa era, um annalista perdido,—Sempronio Asellio.

Quando, chamados em soccorro de Marselha em 125 contra os Salluvios, os consules e pro-consules Fulvo Flacco, Sexto Calvino, Domicio, Fabio, passaram os Alpes, venceram os Ligures, os Allobroges e os Arvernos, foi constituida uma primeira *Gallia ulterior* em torno de Aix, *Aquae Sextiae;* depois uma segunda em 118, em derredor de Narbonna, *Narbo-Martius.*

De então em diante o nome de *Gallia* foi sendo estendido dos Alpes aos Pyrenéos, do Iséra ás Cevennas e ao alto Garonna.

Durante o I seculo antes da nossa era espalhou-se o uso de dar o nome de *Galli* mesmo

aos *Celtiberi*, aos *Galloeci (Gallegos* ou *Galizianos)*, aos *Galatas* da Asia; mas a *Gallia* sem epitheto, sem qualificativo especial, ficou sempre sendo, até o tempo de Cezar, a provincia romana (A *Provincia*, d'onde deriva a denominação moderna de *Provença)*. O resto da Gallia, comprehendendo a *Aquitania* e a *Belgica* se chama *Gallia Comata.* E d'esta grande Gallia uma divisão vae ser attribuida aos *Celtas*, territorio por elles conquistado, é certo, mas onde deixaram menos traços, a região central entre o Garonna e o Sena; é a *Celtica* de Cezar.

É que os antigos dominios dos Celtas, na propria margem esquerda do Rheno, tinham, desde longos annos já, mudado de denominação. Uma consideravel camada celtica (ou celto-germanica, mas fallando celtico) tinha vindo reforçar ou supplantar Celtas ahi mais antigos. Eram os *Volks* ou *Bolgs* ou *Belgas*, que deixaram no Limburgo, nas Ardennas, Hainalto e Picardia—os *Treviros*, os *Eburões*, os *Nervios*, os *Remos*, os *Suessões*, os *Bellovacos*, os *Atrebates*, depois, vingando o Passo de Calais, invadiram a Inglaterra e chegaram até á Irlanda; os *Volks* (povo, multidão), de que os Allemães fizeram *Valh*, *Welches*, *Wallons*, dos quaes algumas tribus celebres, os Tectosages, os Arécomiks, tinham já penetrado até Tolosa e até Nimes, lembremo-nos dos Tectosages da Asia, —os *Volks*, portanto, ou *Bolgs* (variante menos

antiga), tinham dado á Gallia do norte, até ao Sena, o nome de Belgica.

Procurando, o mais possivel, ser conciso, conclue André Lefèvre sua admiravel exposição, procurei não deixar a menor duvida ácerca do valor das palavras—*Celtas*, *Galatas*, *Gaulezes*, aliás *inteiramente synonimas* (Tome nota, Braga). Hoje, é habito deixar na Asia os *Galatas*, se ainda alli os ha, que assolaram o Oriente em 279 antes da era vulgar; faz-se, porém, emprego, *algum tanto insensatamente* (Tome nota, Braga), dos dois outros nomes, reservando de preferencia o nome de *Gaulezes* para o typo grande e louro do Norte (É a insistencia mais ou menos estolida de Bertrand, repetida com gaudio por Theophilo), e dando o nome de *Celtas* ás populações médias e morenas do Centro (São na maior parte os *Ligures* e alguns restos de *Iberos*, vencidos pelos terriveis invasores), que precederam de mil annos os *Keltoi* de Hecateo e Herodoto no solo que ainda hoje occupam. Estes só tomaram o nome de Celtas (Synonimo e igual a Gaulez) no tempo de Cezar» (1).

É impossivel em tão poucas paginas ensinar tanto e tão bem. Como tudo se esclarece e como se desfazem as confusões de Th. Braga! Como se vê claro que não foram os romanos

(1) *Les Gaulois*, pag. 6 a 14.

que inventaram o nome de *Celta*, que este não era outro senão o mesmo *Gaulez!*

Desastrado como é, ácerca dos *Celtas* ou *Gaulezes* em geral, não se pense que seja mais ponderado no que diz respeito a elles em terras de Portugal. Aqui os erros tornam-se mais grosseiros, porque, é evidente, o escriptor devia, ao menos, já que tomou da penna principalmente para corrigir Alex. Herculano, ter estudado bem o assumpto, no que elle tem relação mais directa com o seu paiz, e não limitar-se a enfileirar notas ao acaso.

D'est'arte, erra desastradamente no que refere de *Lusitanos*, de *Turdetanos*, da *divisão do paiz*, que fórma hoje a maior parte de Portugal, em Strabão, do *caracter portuguez*, com referencia aos *Celtas*, etc.

É o que falta mostrar na analyse do capitulo que vae sendo apreciado.

Vão os trechos do auctor:

E) «A occupação dos *Celtas* fez-se na peninsula de *léste para oeste*, alargando-se até á costa atlantica, ou recuando segundo a pressão das invasões maritimas. O territorio da *Lusitania* apresenta-nos esta vacillação; os ramos ou *povos celticos da peninsula* tambem se agrupam *em duas divisões essenciaes*, a do *Norte*, comprehendendo os Cantabros, os Asturos e os Vasconios, e os da *região Occidental*, comprehendendo os Callaicos e os *Lusitanos.*» (Pag. 144).

F) «... Algarve, onde, na *época celtica*, se haviam estabelecido os *Turdetanos* ou *Turdulos*. Por esta incorporação dos *Turdulos* pelos *Lusitanos*, se comprehende como os portuguezes tendiam para a conquista do Algarve.» (Pag. 145).

G) «Os *Turdetanos*, ou *Celto-phenicios*, receberam um impulso de civilisação dos navegadores phenicios...» (Pag. 145).

H) «Esta superioridade (dos *Turdetanos*) foi porventura o movel que os levou em expedições para o noroeste da peninsula, e assim se explica o facto apparentemente contradictorio citado por Strabão, em que apresenta os *Lusitanos* (Braga troca aqui de má fé a palavra — *Celtas* por *Lusitanos)*, das margens do Tejo, estabelecidos pelas margens do rio Lima.» (Pag. 145 e 146).

I) «O territorio em que veio a constituir-se a nacionalidade portugueza, acha-se dividido em tres partes distinctas pelos geographos antigos, *principalmente por Strabão:*

1.° Uma parte estendia-se desde o cabo *Nerio* ou de Finisterra até ao *Douro;* era o que propriamente se chama a *Galliza*, ou o territorio dos *Gallaecos;*

2.° Outra parte estendia-se desde o *Douro* até ao *Tejo*, e d'este até ao *Guadiana*, ou propriamente o territorio da *Lusitania;*

3.° Outra estendia-se desde o *Ana* até ao *Sacrum*, e era a *Turdetania.*» (Pag. 148 e 149).

Estes cinco trechos estão cheios de erros e falsidades. Logo no primeiro, contra todos os historiadores e contra todas as probabilidades, dá a invasão dos Celtas na peninsula como seguindo a linha de *léste para oeste*, quando o ensino constante, repetido ainda no seculo passado por Humboldt e Am. Thierry, é de que essa invasão se fez de *norte ao sul* pelo centro.

Commette, em seguida, o erro de dar como mais cheias de *Celtas* as regiões do *norte* da peninsula, quando devia dizer apenas as do *noroeste da peninsula*, e as do *occidente*, quando devia dizer apenas as do *sudoeste*.

Este ultimo erro é para incluir, contra o ensino clarissimo de Strabão, os *Lusitanos* no numero dos *Celtas*.

O seguinte trecho de Amadeu Thierry esclarece a marcha da invasão d'estes e quaes os territorios *mais occupados* por elles.

Depois se verá a lição de Strabão ácerca dos *Lusitanos* e dos *Turdulos* ou *Turdetanos*.

«Os Celtas e os Aquitanios, separados apenas pelo Garonna, tiveram muitas vezes de recorrer á sorte das armas para solver as mutuas contendas. N'uma d'essas guerras offereceu-se provavelmente o primeiro ensejo de um bando de Celtas passar os declives *occidentaes* dos Pyrenéos e penetrar no interior da Hespanha, onde foram seguidos de outros bandos. A onda d'esta primeira invasão se encaminhou

pelo norte ao centro da peninsula entre o Ebro e a cadeia dos montes Idubedos. A população iberica não se deixou facilmente subjugar.

Travou-se lucta longa e terrivel, no territorio invadido, entre a raça aborigene e a raça conquistadora. Fatigadas e enfraquecidas, approximaram-se emfim ambas, e de seu cruzamento sahiu a nação *Celtibera*, mixto de nome e de origem.

Aberto o caminho da Hespanha, numerosas levas gaulezas affluiram alli successivamente e acabaram por occupar a costa occidental (Thierry aqui exagera enormemente) desde o mar de Aquitania ao estreito que separa a peninsula do continente africano. A população indigena fugia diante d'essa torrente, ás vezes, e, outras vezes, oppunha-lhe tenaz resistencia, quando não acabava por misturar-se a ella, augmentando o grupo dos Celtiberos. *Celtas foram estabelecer-se no angulo sudoeste d'esta costa*, deserta (Isto é exagero do auctor) com a sua approximação; e com o seu nome nacional,— *Celtici*, fundaram acolá pequeno estado, que teve por fronteiras ao sul e a occidente o oceâno, a léste o rio *Anas*, o Guadiana de hoje.

Outros gaulezes, de tribu desconhecida, *apossaram-se do angulo noroeste, onde o nome actual da região, Galliza, recorda-lhes a conquista. O paiz intermedio* (Lusitania) *conservou uma parte de sua população nativa*, que, mesclada

aos vencedores, originou a nação dos *Lusitanos* (Para este, ao menos, os *Lusitanos* teem uma parte estranha; não são de todo *Celtas*. Para Braga são puros *Celtas*...), não menos celebres que os *Celtiberos* na historia antiga da Iberia.

A consequencia d'estes factos é que a raça gauleza ficou *espalhada* em mais de metade da peninsula hispanica.

O limite do territorio, por ella occupado, *mesclada* ou pura, se poderia representar por uma linha que, partindo (Repetição de Humboldt) das fronteiras da Galliza, acompanhasse o curso do Ebro até o meio, e seguisse a cadeia dos montes Idubedos, a terminar no Guadiana, comprehendendo, assim, todo o occidente e uma parte da região central da peninsula» (1).

Por esta narrativa, torna-se claro que, segundo o ensino dos mestres em historia, os Celtas entraram em Hespanha pelos lados da *Aquitania*, pelos contrafortes *occidentaes* dos Pyrenéos e não pelos lados da *Narbonense*, pelos contrafortes *orientaes* d'aquelles montes. Tiveram de seguir, mais ou menos, em principio o curso superior do Ebro, pelo lado de oeste

(1) *Histoire des Gaulois*, par Amadée Thierry, séptiéme édition, Paris, 1886, I, pag. 123.

e estender-se de norte a sul na banda occidental da peninsula, isto é, a região que fica áquem dos montes Idubedos, desde as primeiras ramificações d'esses montes ao norte, e áquem do rio Anas, desde as origens até á foz, deixando intacta a banda oriental.

Conhece-se, ainda, que de toda a região occidental, invadida irregularmente aqui e alli, os dois pontos em que os Celtas mais fortemente se estabeleceram foi na actual *Galliza* e na mesopotamia *entre o Tejo e o Guadiana*, não se querendo com isto dizer que, mesmo n'estes dois sitios, tivessem elles senhoreado por completo as terras. A occupação por pequenos *clans*, formando *aldeias*, era o costume celtico, e deixava larga margem aos povos invadidos. Alli mesmo, pois, estiveram sempre em minoria.

Braga faz em tudo isto um jogo infernal, multiplicando os **Celtas** na região de entre Tejo e Minho e Douro e Lima, para *celtisar* os *Lusitanos*, e reduzindo-os na mesopotamia d'entre Tejo e Guadiana, no claro empenho de ahi fazer que reinem os *Turdetanos*, que dá ora por *Phenicios*, ora por *Celto-phenicios*, chegando até ao disparate inqualificavel de reduzir toda a *Turdetania* áquelle pequeno trecho da terra peninsular!

Que os *Lusitanos* não eram *Celtas* nem *Celtiberos* é o que resalta de todo Strabão. O mesmo se dá com os *Turdetanos*.

Consultemol-o directamente e depois no bello commentario que lhe faz o grande sabedor n'estes assumptos — Francisco Martins Sarmento.

Dos trechos que vão ser citados de Strabão evidencia-se o duplo erro de Braga sobre o pretenso parentesco celtico dos *Lusitanos* e *Turdetanos* e sobre o disparate de dar, como do grande geographo, a *Lusitania* — tendo por limites o *Douro* e *Guadiana*, e a *Turdetania*, tendo por limites tambem o mesmissimo *Guadiana* e o cabo *Sacrum*.

Para tanto, seria preciso que o geographo commettesse a sandice de, tendo passado o alludido promontorio, incluido na *Lusitania*, levado até ás margens do *Anas*, voltar atraz para do *Sacrum* ao *Anas* constituir a *Turdetania!!*...

O sr. Braga ou não leu Strabão ou o não entendeu.

Leia-o agora e verifique:

«Estas duas correntes *(Tejo* e *Anas)* veem do levante; mas a primeira, o Tejo, muito mais consideravel do que a outra, corre direito ao poente até á foz, emquanto que o Anas volta ao sul, formando assim com o Tejo uma *mesopotamia*, cuja população *composta, na maioria, de celticos* conta tambem *algumas tribus Lusitanas* (Logo os dois povos eram distinctos para Strabão) que os romanos, n'outro tempo,

transplantaram da margem opposta do Tejo. Na parte mais alta (Na *mesopotamia*, nos *sertões* entre os dois rios) vivem *Carpetanos*, *Oretanos* e *Vettões* em grande numero (Sr. Braga, consulte um mappa da Hespanha antiga; do I seculo da era vulgar pelo menos). Todo este paiz é já soffrivelmente fertil, mas o que se lhe segue *ao sul e ao oriente* (Do alludido *sertão*) não cede a nenhum dos mais ricos da terra pela excellencia das producções terrestres ou maritimas. Este paiz é regado pelo *Betis*, outro grande rio, cuja fonte é vizinha das do Tejo e do Anas, e que pela importancia de seu curso é de algum modo o médio entre estes dois rios: o Betis faz o mesmo que o Anas, corre primeiro ao poente, curva-se depois para o sul e vae desaguar no mar nas mesmas praias.

Denomina-se este paiz a *Betica*, do nome do rio; *chama-se tambem Turdetania* (Veja um mappa, sr. Braga; e repare na sua phantasia de fazer coincidir a velha *Turdetania* com o *Algarve* actual!!...) do nome de um dos povos que a habitam. Estas povoações teem dois nomes *Turdulos* e *Turdetanos;* segundo uns, estes dois nomes sempre designaram um só e mesmo povo, mas segundo outros (E Polybio é dos ultimos, pois diz que os *Turdetanos* tinham por vizinhos ao norte os *Turdulos)*, designavam a principio povos diversos.

Em todo o caso, actualmente desappareceu

a distincção entre estes povos. Comparados aos outros povos *Ibericos* são os *Turdetanos* reputados os mais sabios; possuem uma litteratura, historias ou annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que datam, ao que pretendem, de seis mil annos; mas as outras *nações Ibericas* (Vá notando o leitor que Strabão não confunde nunca os *Ibericos*, os *Lusitanos*, *Turdetanos*, *Oretanos*, *Vettões*, etc., com *Celtas* ou *Celtiberos)* teem tambem a sua litteratura, ou melhor as suas litteraturas, ***pois que não fallam todas a mesma lingua.*** Esta região *situada áquem do Anas* (Não esquecer que o auctor escrevia em Italia, a oriente, pois, da Hespanha) prolonga-se ao oriente a entestar com a Oretania e tem por limite ao sul a porção do littoral comprehendida entre as boccas do Anas e as columnas de Hercules (Para o dr. Theophilo era entre o *Anas* e o *Sacrum!!...)*

. . . . . .

Superiormente ao littoral que acabamos de descrever, situado áquem do Anas, fica a *Turdetania* ou região regada pelo *Betis* (Parece que Strabão tinha o presentimento de que seria falsificado pelos Bragas futuros, tanto que é demasiado insistente ácerca da *Turdetania* e seus limites). A *Turdetania* tem por limites a oeste e norte o curso do Anas (Veja, sr. Theophilo); a éste uma porção de territorio *Carpetano* e toda a *Oretania*, ao sul, finalmeute, a tira es-

treita do littoral comprehendido entre *Calpe* e *Gadira*, occupada por uma parte da nação *Bastetana*, depois o mar até ao Anas» (1).

Eis o que diz da *Lusitania:*

«Ao norte do *Tejo* (E não desde o *Anas*, como disse Braga) dilata-se a *Lusitania* habitada pela mais poderosa das *Nações Ibericas* e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. Este paiz tem por limites ao sul o Tejo, a oeste e norte o oceano, a oriente as possessões dos *Carpetanos*, dos *Vettões*, dos *Vacceus* e dos *Callaicos*, não fallando senão dos povos conhecidos, porque ha outros que não merecem nomear-se, por obscuros e pouco importantes. Em opposição ao que acabamos de dizer, alguns auctores modernos comprehendem entre os *povos Lusitanos* estas tribus limitrophes. N'este caso devemos dizer que estas tribus confinam, pelo lado de léste, os *Callaicos* com o territorio dos *Asturos* e dos *Celtiberos*, e as outras todas com a *Celtiberia*... Os ultimos povos da Lusitania são os *Artabros*, que habitam parte do cabo Nerio. Na vizinhança do mesmo cabo, que fórma a extremidade tanto do lado occidental como do septentrional da Iberia, habitam os *Celticos*, *proximos parentes dos das*

(1) *Livro 3.º da Geographia de Strabão*, versão de Gabriel Pereira, pag. 5, 6 e 8.

margens do Anas. Conta-se com effeito que um bando d'estes ultimos emprehendera outr'ora uma expedição em companhia dos *Turdulos* (Por isto é que Braga tem o desplante de dizer que *Strabão apresenta os Lusitanos das margens do Tejo*, Anas devia dizer, *estabelecidos pelas margens do Lima!...*) contra os povos d'esta parte da Iberia, e entrara em desordem com os seus alliados logo na margem ulterior do Limeas, e, perdendo em tal occasião para cumulo de desgraça o chefe que o commandava, se espalhou no paiz decidido a permanecer ahi...» (1)

Por todos estes trechos, e muitos outros que poderiam ser citados, evidencia-se quão longe da verdade anda o professor do *Curso Superior de Lettras* em tudo que attribue a Strabão com relação aos *Lusitanos*, *Turdulos* e outros povos Ibericos, que jámais foram dados por celticos ou gaulezes pelo famoso geographo.

Além das gentes mestiçadas da região hispanica, que d'ellas tomou o nome de *Celtiberia*, Strabão, em toda a peninsula, de *Celtas* só falla nos do *Anas* e do cabo *Nerio*, podendo-se, por isso, dizer que a mais forte clava que se póde mover contra a celtomania de Braga e con-

(1) *Idem*, pag. 27 e 28.

socios é a obra preciosa do grande auctor antigo. Convem ouvir Martins Sarmento.

Por tres vezes, no livro em analyse, o sr. Theophilo Braga refere o nome de Francisco Martins Sarmento: a 1.ª a paginas 38, para dizer que o grande sabio portuguez descobriu as ruinas de tres povoações pré-historicas em Briteiros, Sabroso e Santa Iria, *que revelam as condições de vida de um povo da idade da pedra polida e de uma idade já possuidora dos metaes*, pondera o critico, sem juntar mais nada; a 2.ª, a paginas 55, em nota rapida, para dizer que, no livro os *Argonautas*, Sarmento colloca no Atlantico a tradição das navegações do Egeu, Euxino e Colchida; a 3.ª, a paginas 146, para referir em nota, que o alludido scientista fez um bello estudo sobre o poema *Ora Maritima*, de Festo Avieno.

Em nenhuma d'estas referencias diz uma palavra sequer ácerca das ideias fundamentaes de Martins Sarmento, das conclusões a que chegou no que diz respeito aos *Ligures*, aos quaes attribue, com razão, quasi tudo que falsamente anda ahi como obra de *Celtas*.

Nenhuma palavra existe em todo o livro sobre uma doutrina em que o sabio portuguez precedeu a Jubainville; porque este, no segundo volume da sua famosa obra *Os primeiros habitantes da Europa*, como já referi, apparecido vinte annos após o primeiro, chega ás mesmas

conclusões fundamentaes do auctor da analyse da *Ora Maritima* e dos *Argonautas*. Nenhuma palavra; mas isto seria desculpavel até certo ponto, se, implicitamente, Braga não chegasse a attribuir a Sarmento o inverso do que este pensava, n'estas palavras insensatas: «Por outro lado a investigação da realidade do poema geographico de Festo Avieno, *Ora Maritima*, começando a exploração das costas occidentaes da peninsula de norte para o sul, concordando plenamente com as designações locaes, tem *a importancia de revelar como á custa dos Celtas da Turdetania, que permaneceram dispersos pelas margens do Lima, poderam os phenicios explorar essas regiões hostis, onde estacionavam colonias gregas*». (Pag. 146).

Bem avisados andariam os Phenicios se, para seu commercio com os *Ligures* do norte de Portugal, que outros não são os *Gregos* postos alli pelo sr. Braga, tivessem de esperar pelos *Celtas*, de que se falla na *Ora Maritima*, como apparecidos mais tarde!... Se até do estudo do poema é que se conclue a vinda dos Celtas á peninsula como posterior á dos *Ligures!*

Tudo leva a crer que o sr. Braga não leu do poema e do commentario de Sarmento senão o rotulo. Nem prestou attenção ao que, no assumpto, vem no livro de Jubainville; do contrario não viria fallar de Celtas, como o faz.

Mas ouçamos o grave e ponderado Sarmento a respeito dos *Celtas* da *Lusitania:*

«Entre a Celtiberia e a Lusitania encontramos as poderosas tribus dos *Oretanos, Carpetanos, Vettões*, etc.

Os *Lusitanos* ficaram portanto completamente estranhos á *invasão celtica.* É muito natural que elles nem se occupassem com o que se passava para o Ebro, estando, como estavam, protegidos pelos seus vizinhos orientaes, que os *Celtas* tinham de submetter, antes de chegar ao seu territorio. É certo que uma turma de Celtas ultrapassa os limites da Celtiberia e se estendeu para o poente, seguindo por entre o Tejo e o Anas, e vindo habitar perto das margens d'este ultimo, ao sul da Lusitania. É d'elles que falla Herodoto. Estes, porém, como os seus irmãos do nascente, adoptam ahi estabelecimentos fixos, pois que Plinio os conhece nos mesmos logares, onde conheceu Herodoto.

Apenas alguns bandos d'estes *Celtici* do Anas, já mancommunados com os Turdulos *não Celtas* (Braga faz dos *Turdulos Celtas* ou *Celto-phenicios!!...*), fazem uma excursão para o norte.

Chegando ao rio Lima, as duas hordas desaveem-se e destroçam-se mutuamente, indo as reliquias celticas domiciliar-se pelas immediações do promontorio Nerio. Aqui estão os

unicos celtas, de que a historia nos dá conta na *Lusitania,* e que, como facilmente se imagina, deviam ser em breve absorvidos pela população pré-existente» (1).

Esta é a verdadeira lição, distante assás dos exaggeros de Am. Thierry, cuja narrativa invoquei no só intuito de mostrar, segundo as opiniões correntes, a direcção seguida pelos Celtas. E se o pensar de Sarmento está a grande distancia do do auctor da *Historia dos Gaulezes,* acha-se a distancia infinita do do dr. Theophilo, que vê em todas as tribus *Ligures* e *Iberas,* referidas em Strabão, outras tantas nações *Celticas,* em cujo numero inclue até os *Lusitanos* de Viriato, repetindo generalisações precipitadissimas, em completo desaccordo com os textos exactos do geographo grego.

Dá prazer, após as geringonças de Braga, ouvir o bom senso e o saber pela bocca de um homem como Martins Sarmento: «Pelo que respeita á *Lusitania,* se todas as investigações, a que é possivel recorrer n'estas materias, nos demonstram que a Lusitania ficou alheia á invasão e *occupação celtica* (Tome nota, Braga); que entre os usos e costumes dos seus habi-

(1) F. Martins Sarmento — *Os Lusitanos,* pag. 12, Porto, 1880.

tantes e os dos *Celtas* nenhum escriptor regista *a menor analogia*, mas antes com outros povos de *caracter e indole muito differente dos Celtas;* que nas reliquias da civilisação de seus povos se accusa o caracter do povo dos dolmens, que persistiu até épocas relativamente modernas; se tudo isto é indubitavel, *a opinião que sustenta a celticidade dos Lusitanos não sabemos onde possa encontrar uma base scientifica.* (Então, sr. Theophilo?) Ainda uma vez, para nós os *Lusitanos*, como os Albiões, Œstrymnidos, Hibernos, Cempses, Cynetes e Tartessios, são ramos da velha migração ariana, cuja affinidade de costumes e lingua com os Ligures, selloi, graici, etc., não póde ser seriamente contestada, nem em face das affirmativas dos escriptores antigos, nem das razões que se nos impõem por differentes vias; e os subsidios litterarios e archeologicos que temos passado em revista, consideramol-os como fragmentos de um mesmo livro que nos ajudam, como é possivel, a estudar este antigo mundo pré-celtico» (1).

Este, é claro, não accusaria Alexandre Her-

(1) *Os Lusitanos*, pag. 34. Acceitando as conclusões de Sarmento na importancia que dá aos *Ligures*, não o acompanho quando inclue os *Lusitanos* entre os alludidos povos. Os Lusitanos não eram *Celtas*, como diz Braga, nem *Ligures*, como ensina Sarmento. Eram *Iberos*.

culano por ter possuido a visão genial de achar falsas as tafularias celtisantes, que o sr. Theophilo Braga não se peja ainda hoje de repetir, depois de a sciencia as haver reduzido á poeira! N'este ponto quem está atrasado, quem merece censuras é o accusador, não é o accusado para o qual todos os elogios são poucos.

Eis, finalmente, as conclusões a que, após tenazes estudos, chegou Martins Sarmento:

«Se as considerações que ficam feitas não são infundadas, os *Lusitanos*, ao contrario do que geralmente se pensa, teem, graças á sua posição geographica, uma das mais puras arvores genealogicas dos povos antigos. Formado por um grupo de tribus, pertencentes á migração árica que primeiro penetrou na Europa, *completamente livre do contacto dos Celtas*, que vieram lançar sobre a ethnographia do Occidente uma confusão deploravel, este povo manteve-se no noroeste da Hespanha com a sua velha lingua, os seus velhos costumes, a sua velha civilisação, emfim, até á conquista romana.

As differentes revoluções porque passou a Lusitania, não alteraram em nada o caracter das suas populações. Aqui está o que nós podemos entrevêr d'estas revoluções.

No seculo VI (A. C.) os Lusitanos, que, já o dissemos, são para nós os *Ligures* do documento phenicio, occupam o noroeste da Hespanha, tendo ao sul os Cempses, que se es-

tendem até á bahia do Sado. As mais antigas noticias de Strabão dão-nol-os já occupando uma area muito mais extensa. Os limites da Lusitania antiga, antiga já para Strabão, eram: —ao sul o Tejo, ao poente e norte o oceano, ao nascente os Carpetanos, Vettões, Vacceus, gallegos e outros povos innominados.

Assim, em épocas posteriores ao seculo VI, os *Ligures* do noroeste teem-se apoderado do paiz dos Cempses, quer conglobando-os, quer rechassando-os para nascente.

Se a occupação do territorio dos Cempses é devida a uma superabundancia de população lusitana, se á accessão de novas tribus *liguricas* que vieram de outra parte, é uma questão que provavelmente nunca se resolverá. É, porém, muito verosimil que este facto coincida com a invasão celtica nas Ilhas Britannicas.

Este nome de britannicas, ignorado pelo roteiro phenicio, mas conhecido por Pytheas e vulgarisado por elle, suppõe-se ser uma innovação de procedencia celtica; e, visto que o roteiro não só desconhece este nome, *como desconhece Celtas na Inglaterra, na Irlanda, e ainda no Occidente da Gallia, a apparição d'este povo em taes paizes não póde deixar de lhe ser posterior, devendo collocar-se entre a viagem do auctor phenicio e a viagem do marselhez.*

Segundo é de crer, a invasão celtica annunciou-se na Inglaterra, como nas outras partes,

com o seu cortejo de guerras e devastações, promovendo a deslocação e emigração de alguns povos, sendo de presumir que alguns d'esses emigrantes procurassem um refugio na Hespanha, seguindo a estrada maritima, tão frequentada n'esses tempos.

Nada é impossivel que muitos descendentes d'aquelles mesmos Ligures, que os primeiros Celtas afugentaram do Baltico para a ilha dos Albiões, e que por tradição estavam bem ao facto das crueldades d'essa gente, fossem os primeiros a abandonar a segunda patria, vindo assim os velhos filhos de Cycnus a acabar na Lusitania, onde os esperava mais tarde a servidão inevitavel dos romanos.

Antes da conquista romana a ethnographia da Lusitania soffreu uma outra modificação. Os Callaici, que vimos ha pouco vizinhar com os Lusitanos do norte, apoderaram-se de um vasto tracto de terra entre o Douro e o mar Cantabrico. Não é facil saber-se se esta occupação foi pacifica, se violenta, nem a época em que se fez. Que ella estava effectuada antes da incursão de Bruto no Entre-Douro e Minho, é indubitavel, pois que de Bruto se diz que triumphou dos Lusitanos e dos Gallegos, e o Douro era já então o limite dos dois povos. Uma vista d'olhos aos successos que antes d'este tempo se deram em Hespanha, explica-nos talvez esta nova deslocação ethnographica. Os romanos

que chegaram á peninsula, como humildes supplicantes, mal conseguem expulsar d'ella os carthaginezes declaram-na propriedade sua, e empregam todos os esforços para anniquilar a resistencia que os povos ibericos oppunham á sua dominação. A conquista vae progredindo lentamente pelo sul e pelo nascente, e, como no tempo dos arabes, o noroeste da Hespanha torna-se o ultimo reducto dos seus defensores.

O movimento dos Gallegos sobre os Lusitanos do noroeste póde muito bem ter por causa a pressão dos povos da faixa do norte que vão recuando diante dos inexoraveis conquistadores.

Mas, seja como fôr, nem a nova migração Ligurica das ilhas para a Hespanha, nem a mistura de *Gallegos* e *Lusitanos*, altera em nada a ethnologia da Lusitania antiga; pois que *Lusitanos, Gallegos, Astures, Cantabros são povos da mesma raça com os mesmos usos e costumes: Strabão é expresso* » (1).

Este sim; este tinha estudos graves, ponderados, methodicos; investigações proprias, directas, feitas nos monumentos; erudição de

(1) *Os Lusitanos,* pag. 37 a 40. Até os grandes espiritos podem ser victimas de exaggeros. Correcto em tudo, Sarmento fórça um pouco a nota, estendendo demasiado a area occupada pelos Ligures e subsumindo n'elles povos da raça dos *Ibéros.*

primeira mão. Este não andou nunca a fazer de Ligures, Celtas; de Gallegos, Celtas; de Lusitanos, Celtas; de Turdetanos, Celto-phenicios... não povoou nunca, finalmente, a peninsula de *Mosarabes*... Sabia e era modesto; não tomou por habito—o atacar a Herculano, depois de morto, por não ter sido devoto de *S. Brandão* e crente nas *Ilhas Encantadas*...

Estas ultimas palavras levam a apreciar por derradeiro, n'este capitulo, uma das mais curiosas aberrações do espirito de Braga ácerca de Celtas, não tanto pela cousa em si, como pelas cousas contradictorias a que alternadamente a attribue.

Trata-se do caracter fundamental dos Celtas, da sua psychologia intima e da sua influencia na indole e no genio dos portuguezes. É como segue:

J) «A nacionalidade portugueza começou a organisar-se na região de Entre-Douro e Minho, onde existia mais elemento *ethnico de raça* (!) árica, sobretudo as colonias gregas e romanas, como se vê pelo regimen *emphyteutico* da propriedade (Isto está mal plagiado) na provincia do Minho; assimilou facilmente (?) a região central a titulo de libertação do dominio arabe, e conservou-se a aggregação pela acção vigilante das Ordens de Cavalleria; por ultimo, a terceira região como refugio dos Arabes foi conquistada já pelas incursões mariti-

mas (É falso), em que o genio da nova nação se revelava manifestando-se com uma consciencia da sua missão historica na dos *Algarves d'álem mar*, ou Africa do Norte, no reinado de D. João I (Aqui ha jogo proposital para illudir, confundindo a conquista do Algarve verdadeiro com as tentativas sobre a Africa). Que outra cousa é o caracter **celtico,** senão isto? Se Herculano (Lá vem a cousa) condemna os que consideravam os portuguezes como os herdeiros directos dos Lusitanos, pelo absurdo de fazerem resistir a raça dos Celtas através de todas as phases politicas e sociaes da Hespanha durante mais de tres mil annos, tambem é condemnavel o seu *exclusivismo* (É falso; Herculano é que repellia o exclusivismo dos *celtistas* e recusava reduzir todas as populações da peninsula a esse ramo só e estava com a verdade), porque a população hispanica, como se prova pela anthropologia, nunca se extinguiu (Nem Herculano jámais o disse), e o que se dá em França com relação ao typo *celtico* e ás suas tradições (Já mostrei que Jubainville reduz *a menos de um vigesimo* as influencias *celticas* em França, secundando, sem conhecer, o pensamento de Herculano!...) repete-se pelas mesmas leis physiologicas na peninsula.

Temos o *caracter celtico* no *genio amoroso*, no *espirito de aventura;* fomos ás descobertas maritimas levados pela ideia de um reino christão

phantasmagorico do *Preste João*, e andamos pelos mares procurando *Ilhas encantadas*, e por fim renovamos as *prophecias merlinicas* e encarnamos a *lenda arturica* em D. Sebastião.» (Pag. 149 e 150).

E mais:

K) «O Ligurio (Aliás *Ligure)* era o *Celta* maritimo (Este disparate já foi desfeito); o povo portuguez apresenta esses dois caracteres fundamentaes: o *genio amoroso* e o *gosto das aventuras* em expedições maritimas. (Ha de ser por isto que hoje não tem marinha mercante quasi nenhuma e um commercio maritimo reduzidissimo!) O sonho das *Ilhas encantadas* lançou-o na exploração do Mar Tenebroso (Atlantico), e o ideal de um triumphador vindouro, personificado mais tarde em D. Sebastião, levou os seus poetas (É inexacto; não foram os poetas) a cantarem o destino de Portugal como o *Quinto imperio do mundo.*» (Pag. 154).

E ainda n'estas palavras:

L) «No povo e na litteratura portugueza abundam as tradições *celticas* recebidas ás vezes tardiamente, mas com uma predilecção exclusiva. Algumas d'estas tradições chegaram a *influir nos destinos nacionaes*, como a das *Ilhas encantadas*, que foi o *primeiro estimulo* do nosso instincto das aventuras maritimas. Da ilha de *Avalon (Islavalon)* falla o Conde D. Pedro, quando introduziu no seu Nobiliario com

caracter historico as tradições do rei Arthur. Das viagens maravilhosas de *S. Brendam* escreve Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné:*—Bem he que alguns diziam que passara por alli S. Brandam... Estas tradições não deixaram de influir na concepção do magnifico episodio da *Ilha dos Amores* (Observação plagiada de Oliveira Martins), dos *Lusiadas*, e amalgamaram-se em um syncretismo popular na lenda de D. Sebastião, o *Encoberto*, que ha de vir fundar a grandeza de Portugal (Tudo isto tinha sido com muito mais vigor de estylo pelo auctor de—*Camões e os Lusiadas* e da *Historia da Civilisação Iberica)* como *Quinto Imperio do mundo.*» (Pag. 155).

E, porque em se dando a repetições costuma ir longe, ahi vae mais:

M) «Se procurarmos o veio *celtico* na litteratura portugueza facilmente poderemos enumerar muitos factos, que denotam uma predilecção por assim dizer organica para preferir estas legendas (Aliás *lendas)* a todas as outras influencias poeticas.» (Pag. 158).

Na mesma pagina, affirmando que as *gestas gallo-francas* não penetraram tão profundamente entre o povo portuguez como os *lais bretãos*, a despeito das grandes relações com a França, chega a estes dizeres:

N) «No *Cancioneiro* de Angelo Calloci, existem differentes *lais bretãos* adaptados á poesia

portugueza; o Conde D. Pedro colligiu no seu *Nobiliario* a tradição do *Rei Lear;* D. João I reproduz na hierarchia cavalheiresca da sua côrte o sequito dos companheiros do rei Arthur e manda traduzir para a lingua portugueza a *Demanda do Santo Graal*, que se conserva em parte inedita na Bibliotheca de Vienna; o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira imita na sua mocidade a virgindade heroica de *Galaaz;* D. João II, nas festas do paço veste-se á maneira do *Cavalleiro do Cysne*, e na bibliotheca de seu avô el-rei D. Duarte, guardavam-se as principaes novellas do *Cyclo da Tavola Redonda*, como o *Baladro de Merlin*, *Tristão* e *Galaaz*, ao passo que se não encontra nenhuma das grandes *Gestas gallo-frankas.* No onomastico da sociedade civil do principio do seculo XV, as damas tomam o nome de *Isêa* (Iseult), de *Genebra* (Geniver), de *Briolanja* (Brengienne), de *Viviana*, e os homens chamam-se em geral *Tristão, Arthur, Lisuarte.* Na constituição da nacionalidade portugueza tivemos relações intimas com a França, mas nem por isso as *Gestas* penetraram tão profundamente entre o povo *como as tradições bretans no curto intervallo da côrte portugueza de D. João com a Inglaterra.*

Esta circumstancia apparentemente maravilhosa só póde explicar-se pela persistencia de um grande elemento *celtico* no povo portuguez.» (Pag. 158).

Ora, pois, está bem provado, por taes e tantas citações, que todas essas cousas são *celticas*, sem a menor sombra de duvida. Puro engano!

É simples miragem: o dr. Theophilo vae agora demonstrar que são phenicias em varias passagens do seu livro. Eis aqui uma d'ellas:

o) «A introducção do elemento *phenicio* entre os Iberos da Turdetania (Persiste aqui no erro de suppôr que a *Turdetania* era equivalente ao sul de Portugal) é facil de explicar, attendendo (Misericordia! Santo Deus!) á cultura *accadica* dos *Phenicios*... A maior parte do onomastico portuguez das localidades é *phenicio*, e isto differencia o Ibero occidental e maritimo do que veio a ser propriamente hespanhol.

A lenda das *Ilhas encantadas*, que seduziu a imaginação portugueza e despertou o genio maritimo d'este povo, é de origem **phenicia**, da memoria das ilhas que primeiro habitaram no Golpho Persico; taes eram as fabulas das ilhas Cyaneas ou Symplegadas, ou Penhascos errantes, que se tornaram as *Fortunatas* e *Avalon*.» (Pag. 113 e 114).

Aqui não ha ainda sombra de *Celtas*, que só apparecem em paginas posteriores. Mas depois da orgia celtica, não se esquece de voltar a seus caros *Phenicios*. Ahi vae:

p) «No Algarve, primitivamente occupado

pelos *Phenicios*, é que se formou essa escola de navegadores, que por iniciativa propria foram á exploração do grande Oceano; dos *Phenicios* nos ficou a tradição das *ilhas atlanticas*, e essa vontade de dominar a Africa, cuja circumducção fôra realisada pelos Phenicios.

Michelet compara as nossas feitorias coloniaes ao systema fundado pelos Phenicios, e até um *certo numero de costumes* reappareceram entre nós (Onde andam os *Celtas?)* na época das primeiras navegações; Pietro della Valle nas suas viagens conta que os Portuguezes mettiam a pique todos os navios que encontravam na carreira da India; foi este o processo como os Phenicios e Carthaginezes sustentaram por muito tempo o monopolio das suas navegações.» (Pag. 215).

A contradicção é palmar: a especiosa influencia, de que se trata, no genio portuguez —é e não é, ao mesmo tempo, attribuida aos *Celtas*. Os Phenicios, povo de indole absolutamente diversa, tomam o logar d'aquelles.

Será preciso refutar esses futeis devaneios, com ares de sciencia positiva?

Em todo o caso, não me cansarei de repetir o que já tenho dito n'outras occasiões contra as extravagancias celtisantes.

D'ellas se tinha feito, em tempos idos, ainda que muito mais moderadamente, a essencia do genio portuguez. Nas ultimas deca-

das do seculo XIX resurgiram, sob a magia illusoria da palavra de Oliveira Martins, forte imaginação e notavel talento de escriptor, mal servidos, por uma erudição muito falha e por um senso critico muito fragil.

Braga, que a principio via na historia portugueza principalmente a influencia dos *Godos*, *Arabes*, e, sobretudo, a dos adorados—*Mosarabes*, teve inveja da fama subita dos escriptos historicos, politicos e sociaes de Martins, e, fingindo dar-lhe lições á custa de Buckle, entrou a reproduzir-lhe as principaes ideias ácerca da civilisação peninsular. Os documentos mais preciosos do primitivo pensar do dr. Theophilo em taes assumptos são:—*Epopeias da Raça Mosarabe*, *Poesia do Direito*, *Historia do Direito Portuguez* e *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*. São obras todas do decennio de 1862-72. Então, Braga estava sob a influencia de Herculano, cujas doutrinas reproduzia, desfigurando-as é certo, e de quem se foi afastando, entre outros motivos, pela predilecção do grande historiador por Oliveira Martins, preferido ao estragador dos feitos e prestigio dos *mosarabes* (1).

---

(1) Não vem ao caso aprofundar esta face da psychologia de Braga, que leva a ingenuidade ao ponto de, em meio de ataques injustissimos a Herculano, citar um

N'esse tempo, por outro lado, a influencia de Herculano em assumptos historicos, perturbada por algumas extravagancias romanticas de Michelet e Quinet, não tinha sido de todo burlada pelo *turanismo* pavoroso, tomado de Lenormant e Maspero, e pelo *positivismo* apressadamente mal aprendido de Littré.

Quem quer que ler os livros citados e os comparar, por exemplo, com este, que vou analysando, verificará a veracidade do que affirmo.

N'aquelle tempo, e n'aquellas obras, Theophilo ainda tinha affirmações d'estas, nas quaes não se mostra eivado de *celticismo:*

«A influencia do dominio *romano* no territorio portuguez *não exerceu nenhuma influencia organica* (N'este deploravel exaggero não seguia o criterioso Herculano); Roma conquistava com as legiões, mas não povoava... O *godo* servo, trazido na corrente da invasão (no seculo v) pelo vinculo da adscripção e da fidelidade, não encontrou uma plebe romana com quem se misturasse, mas achou essa brandura das migrações celticas (Migrações feitas onze

---

trecho de carta d'este a Martins, no qual o severo historiador, desapprovava, moderadamente aliás, alguns dislates d'elle Braga.

seculos antes!...) *que facilmente absorveu na sua individualidade*» (1).

Aqui os Celtas não passam de méras gentes amorphas e brandas, facilmente *absorvidas* pelos Godos! Admira que, com toda a sua brandura, não tivessem sido absorvidos por Iberos, Ligures, Phenicios, Carthaginezes e Romanos! Mas, em todo o caso, foram-no pelos Godos, e é o que basta. N'aquella época, como Herculano reduzia algum tanto a acção dos *romanos*, elle exaggerava enormemente essa reducção; como o famoso historiador reconhecia larga influencia nos *godos* e tambem nos *mosarabes*, o seu futuro critico veio a avolumar, além de toda a medida, essas influencias, maximé a dos *mosarabes*, pelo modo desastrado, geralmente conhecido, fazendo até d'elles uma *raça!* Esta ultima extravagancia ainda não lhe passou de todo e no livro mesmo que analyso se vae vêr.

E como Herculano reduzia assás a influencia dos Celtas, era n'este ponto, então, acompanhado tambem.

Mais tarde, em reacção contra o auctor da

---

(1) *Epopeias da Raça Mosarabe*, pag. 6. Por não ter agora á mão os antigos livros de Braga, onde a colheita seria enorme, limito-me a citar os parcos trechos que veem nas *Raças Historicas da Peninsula Iberica*, de F. A. C. Barata.

Historia de Portugal, veio Braga a praticar o inverso: elevar os Celtas e abaixar os Godos, deixando Romanos e Mosarabes no mesmo antigo ponto, mais ou menos.

Tal é o sentido de phrases, como a que ficou por ultimo citada e mais o d'estas: «As raças *germanicas* avassalavam pelo seu *numero* e pela *sua força moral* e material (Mais tarde dirá que a entrada dos Germanos foi uma cruel devastação de selvagens); Roma dominava *apenas* pelo vinculo juridico de uma forte organisação administrativa» (1).

E mais: «Os symbolos poeticos do direito, as tradições epicas, as lendas oraes, as superstições são puramente germanicas.»

Pouco após, tudo isto passou a ser ora *celtico*, ora *turaniano*. Como se praticou essa magica é o que só o illustre *mosarabe* poderá dizer.

E eis como reduzia a nada os Celtiberos: «O elemento *celtibero não existiu*, é uma consequencia de um *erro historico;* celtibero é o celta das proximidades do rio Ebro... E o sr. Antero de Quental, ainda a fazer estylo sobre o *sangue ibero!*» (2)

Depois tudo isto mudou e para peor; se as

---

(1) *Os Criticos da Hist. da Litt. Port.*, pag. 36.
(2) *Os Criticos da Hist. da Litt. Port.*, pag. 46.

antigas exaggerações em prol dos Germanos peccavam em parte, o negativismo de agora a respeito d'elles é muito mais condemnavel, por ser de todo alheio á verdade; se as velhas negações ácerca de Celtiberos eram muito infundadas, a alta conta em que agora os tem, não é menos estranha á sciencia. Muitas d'estas cousas serão apreciadas no correr d'estas paginas. Por agora é urgente repellir apenas a caracteristica *celtica* do genio portuguez.

Tal caracteristica consiste em affirmar ser a nota fundamental, basica, irreductivel do caracter, da indole d'aquelle povo — a *melancholia*, a tristeza ingenita, incoercivel, que se traduz, por um lado, no espirito irrequieto e *aventureiro*, que se atira á navegação como desafogo, e chega até a emprehendel-a, sem alvo e sem destino, atraz de *Ilhas encantadas*, de miragens fabulosas, qual a de *São Brendão*, e de mythos, como o de *Preste João;* e, por outro lado, se vasa n'uns *messianismos* dolentes e esperançadamente promissores, cuja fórmula mais vulgar é o famoso *sebastianismo*.

Similhantes phantasias, dadas como o retrato fiel do genio da nacionalidade de Gama, de Albuquerque e de Camões, não passam, ouso dizel-o, da macaqueação das phantasmagorias tecidas por Ernesto Renan, e por elle exhibidas como pintura exacta do caracter dos Celtas da Bretanha, — no seu, tão brilhante

quão inconsistente, ensaio intitulado—*La Poësie des Races Celtiques*. As mirabolantes miragens de merencorias, magoadas, dolorosas, inconsolaveis tristezas celticas, ha muito desfeitas pelos estudos severos de d'Arbois de Jubainville, Mommsen, nos dominios da ethnologia e da historia e pelos de Edmond Demolins nos da sciencia social, não fallando já nos de Gaspar Zeuss e Karl Müllenhoff, são tudo quanto existe de mais inexacto como retrato dos antigos e genuinos Celtas, guerreiros e falladores, bulhentos e divertidos, todos amanteticos de discursos, de pilherias e de façanhas de valentia.

As duas notas de *esprit et gloire* (Rem militare et argute loqui) não são as mais proprias para expressar a melancholia.

A novella ethnographica de Renan, de que darei opportunamente um trecho, nem aos proprios Celtas, decadentes e degenerados, da Bretanha franceza se poderia applicar, sem grandes reducções. A gente portugueza, vasada n'outros moldes e feita d'outros metaes, é que nada tem a vêr com ella.

Os argumentos com que a escora em Portugal o sr. Theophilo Braga difficilmente encontrariam outros mais frageis, mais improficuos, mais insubsistentes.

São outras tantas historietas para adormecer creanças.

A *melancholia intensiva*, em Portugal, como a nota caracteristica do povo, como a nota tonica da indole da gente!... É mister ter esquecido depressa o que são as *janeiras*, as *romarias*, as *feiras* em todo o reino; haver deixado apagarem-se da memoria os tons festivos do *trabalho* nas *sachas*, nas *mondas*, nas *desfolhadas*... as *danças*, as *cantigas*, o *fado*, em summa.

A trilha, a róta do Atlantico, aconselhada conscientemente pelos grandes espiritos emprehendedores da nação, reduzida ás proporções de *navegações, sem alvo e sem destino pratico*, atraz de *Ilhas encantadas!*...

As negociações com o Negus da Abyssinia, rasgo de politica genial, reduzido a uma corrida á busca do *mytho do Preste João!*...

O já apagado echo das lendas do cyclo da *Tavola Redonda* nos chronistas dos fins do seculo XV, cyclo que, desde a segunda metade do seculo XII até áquelle tempo, constituiu a base da litteratura inteira da Europa, indicado como prova do caracter celtico em Portugal!...

Como tudo isto é fallacioso, como as apparencias illudem, como as preoccupações celtisantes são enganadoras!

Um olhar lançado para a realidade historica assiste, como por encanto, ao desmoronar de tão frageis phantasias.

As grandes emprezas tentadas pelos portuguezes nos dominios do oceano nas ultimas

decadas do seculo XV, e na primeira metade do seculo XVI, são o phenomeno economico-historico mais simples, mais natural, mais logico, mais pratico, que ao mais exigente critico se poderia deparar na vida de quaesquer povos.

Eram a consequencia inevitavel e necessaria de toda a phase anterior, que parece andar assás esquecida pelo moderno fazedor de psychologia popular portugueza.

Durante todo o seculo XIII e, especialmente, no correr dos seculos XIV e XV o commercio principal europeu era o commercio do Levante, feito pelas marinhas das republicas italianas, nomeadamente a de Veneza, na bacia do Mediterraneo. D'alli se espalhava, por varias vias, pelos mercados da Europa.

Uma d'essas vias, d'esses caminhos, o mais notavel de todos, era o porto de Lisboa, estuario seguro e encantador, natural interposto das gentes ribeirinhas do Mediterraneo para os mares de oeste e norte do continente.

Todo o intercambio dos portos do sul com os mercados do Atlantico, da Mancha, do Mar do Norte, do Baltico, ou demandasse a França, ou a Inglaterra, ou Flandres, ou a Allemanha, ou a Dinamarca, ou a Scandinavia, ou as cidades Hanseaticas, ou fosse feito pelos navios das republicas italianas ou pelos das cidades livres do norte, passava pela famosa e formosa metropole do Tejo.

Durante todo o *Tresentos* e todo o *Quatrocentos*, e já desde o seculo anterior, Lisboa foi um assombroso centro mercantil, onde bysantinos, egypcios, syrios, judeus, mouros, venezianos, genevozes, flamengos, biscainhos, catalães, gentes de todas as zonas — entregavam-se ao commercio das drogas do Oriente, dos artefactos do Levante e dos productos do paiz. Os vinhos portuguezes já então circulavam por toda a Europa.

Os filhos da terra, em cujas veias circulavam fortes e abundantes gôttas do sangue phenicio e carthaginez sobre o fundo ligure, foram desde então attrahidos para o commercio maritimo, para as vantagens da navegação, além dos lucrativos negocios terrestres, largamente por elles tambem manipulados, como bons discipulos que tambem eram de judeus e arabes.

Ora, n'estes factos póde haver um pouco de tudo que se queira imaginar, menos a decantada melancholia dolorosa dos Celtas de Renan...

Estavam as cousas n'este pé, n'este pratico ponto de vista, quando os turcos trancaram de todo as portas do Levante, fecharam as entradas e sahidas, apoderando-se de Constantinopla, da Grecia, da Macedonia, do Imperio do Oriente, em summa, de toda a Asia anterior, de boa porção do Norte da Arabia, e parte do Egypto oriental.

Rolou por terra o poderio de Veneza, de Genova, de Pisa, das Republicas do Mediterraneo. Lisboa, sensatamente, judiciosamente, praticamente se preparou para recolher tamanha herança: o commercio directo com o Oriente.

Fechado pelos novos e barbaros dominadores o caminho terrestre, o classico, o tradicional, o conhecido, o batido, os monarchas portuguezes do tempo, como bons estadistas, D. Affonso v e D. João II, em cujo tempo se havia consummado o facto, procuraram, como o ordenava o mais elementar juizo, outras rótas e só duas se lhes antolhavam: a do Oceano, contornando a Africa, e a da Ethiopia pelo lado accessivel do Egypto. E, além do Atlantico, porque a Ethiopia? Por uma razão poderosissima: era, na direcção do Oriente, a terra de todo livre do dominio ottomano e era gente christã desde o seculo IV, tal qual hoje.

Eis o motivo da embaixada enviada ao Negus da Abyssinia, coevo de D. João II. E a isto se chama *correr atraz do mytho do Preste João*, desfigurando, sem vantagem e sem belleza, paginas mal comprehendidas dos chronistas!...

A demanda da India pelo Atlantico, circumnavegando a Africa, era determinada por motivos ainda mais praticos e de maior alcance, maximé após a viagem de Colombo em 1492, em que descobriu a America. Tornava-se

urgentissimo levar ao cabo o periplo do continente negro e chegar definitivamente ao Indostão, o que, ainda assim, só se veio a realisar em 1495.

A essas portentosas navegações do Atlantico, inicio da phase moderna na vida economica e social da humanidade, se denomina andar sem destino, nem alvo á cata de *Ilhas encantadas*, só porque essa deliquescente interpretação da historia encontra frageis pontos de apoio na philosophia imaginosa e na critica superficial do auctor da *Vida de Jesus*, e porque algum chronista imbuido da leitura dos livros mais em moda nos seculos XIV, XV e grande parte do XVI, os livros de *cavalleria*, *romances* e *novellas* da *Tavola Redonda*, se desenfastiasse, alludindo a taes phantasias, lembrando *S. Brendão*, a *Ilha de Asvalon*, o *Purgatorio de S. Patricio*, e outras semsaborias celticas!... São evidentemente theorias edificadas na areia; esphacelam-se entre os dedos.

Mas onde o erro assume proporções exaggeradas é no que refere Braga da influencia celtica no genio e caracter portuguez pela acção do chamado cyclo da *Tavola Redonda* nas lettras de sua terra na idade média. Reporta-se aos tempos de D. João I, D. Nuno Alvares, Conde D. Pedro, D. Duarte, D. João II. São estes os nomes que cita, como amantes das façanhas e costumes cavalheirescos dos

companheiros do Rei Arthur. Todos, todos elles são homens das ultimas decadas do seculo XIV, uns, que entraram largamente pelo seculo seguinte, e outros são figuras que nasceram e morreram no seculo XV. Que outros livros haviam elles de ler e guardar em suas bibliothecas, a não serem os livros do tempo, os livros da moda, os que toda a gente então conhecia e apreciava? Era isto um caso unico e especial de Portugal? Responda F. Brunetière, com este programma:

«Longue influence des *Romans de la Table-Ronde;* leur *diffusion à l'étranger;* la compilation de Rusticien de Pise, 1270; — traductions, continuations, imitations *italiennes, allemandes, néerlandaises, anglaises, espagnoles* et *portugaises.* Le *Parcifal* de Wolfram d'Eschenbach, et *Tristan et Iseult* de Gottfried de Strasbourg. On met en prose les plus anciens *Romans de la Table-Ronde;* on en compose directement en prose, tels que *Merlin*, le *Grand Saint Graal*, etc.; ils deviennent sous cette forme les sources d'inspiration des *Amadis;* et rattachent ainsi, par eux, le *roman* moderne et la litterature classique à la litterature et au roman du Moyen-âge» (1).

(1) *Manuel de l'Histoire de la Litterature Française*, pag. 11, Paris, 1898.

Fechado o cyclo da poesia heroica, cujo esplendor se distendeu pelos seculos X e XI, chegou a vez dos chamados *poemas cavalleirescos*, *romances da Tavola Redonda*, *cyclo Armoricano* ou *Bretão*, *cyclo de Arthur*, e outros nomes similhantes. Estenderam-se por toda a Europa e até pelo Levante e constituiram o fundo da litteratura da idade média desde os seculos XII até ao XVI. No tempo e no espaço reinaram vastamente.

Assim como os poemas heroicos da phase anterior, do denominado *cyclo carolingio*, eram de inspiração germanica, os romances da *Tavola Redonda*, que lhes tomaram o passo, tiveram por fonte de inspiração velhas tradições dos Bretãos, esquecidas, até que os Normandos, em odio aos Anglo-saxões, cuja terra conquistaram, e dos quaes eram inimigos, as traduziram em francez e as espalharam pelo mundo. O *Normando*, por accinte ao *Anglo-saxão*, renovava e dava vida ás lendas e peripecias varias das antigas luctas havidas entre este e seu tradicional inimigo, o *Bretão*, Celta desequilibrado e sonhador, cujos langurosos e lamurientos queixumes acharam, aliás, terreno adequado, para medrarem, na sociedade cavalheiresca dos bons tempos feudaes. E eis porque, mesmo em França, terra classica do *Gaulez* ou *Celta*, sua influencia nas lettras é posterior á dos romanos e até á dos proprios ger-

manos. É o que demonstra Gastão Paris, em seu admiravel ensaio—*As origens da litteratura franceza:* «Ces romans, traduits en français au XII siècle, perdirent naturellement leur caractère national; mais ils gardèrent leur inspiration, et sans doute il se trouvait encore dans le peuple gaulois devenu français quelque chose du génie primitif, car celte inspiration n'a pas cessé de se faire sentir, et l'amour, tel qu'il est compris dans les romans de la Table-Ronde, est resté depuis lors le sujét favori et presque unique de toute notre littérature d'imagination. *Mais cette influence celtique fut posterieure et indirecte: en Gaule même, la race gauloise ne devait pas continuer á regner*» (1).

Gaston Paris, em seu bello ensaio citado, depois de uma pintura geral do genio gaulez, ao passar á caracteristica dos romanos e após á dos francos, é que escreve aquellas palavras, affirmando que, a despeito de constituir em França o fundo da população, o Celta só veio a influir nas lettras posteriormente áquelles, a datar do seculo XII em diante.

Ora, se era assim em França, patria dos romances da *Tavola-Redonda*, originados todos das tradições da Armorica e da Bretanha *franceza*, pois que para elles a Bretanha *ingleza*

(1) Gaston Paris, *La Poesie du Moyen-Age,* pag. 51.

nada ou quasi nada contribuiu, mau grado o paiz de Galles e a Irlanda; porque como inglezes se não devem contar os poetas *normandos* do seculo XII, que se inspiraram nas tradições *armoricanas;* se era assim indirecto e tardio esse acordar da tradição celtica em França, que não deveria ter sido na peninsula hispanica, quasi de todo alheia ao genio celtico?

Veio a chegar ali, não ha duvida, ainda mais tarde, quando se espalhou por toda a parte, como questão de *moda* e não de raça. Tanto é certo que até na Allemanha, Hollanda, Grecia, Polonia e Asia anterior se espalhou essa litteratura.

Não existe um só historiador litterario que não ensine o ser posterior o *cyclo armoricano* ao *carlovingio;* que não mostre na diffusão d'aquelle a influencia normanda; que não indique a sua universal expansão nos ultimos seculos da idade média. Eis um testemunho do maior peso: «Les Celtes, qui, antérieurement aux Germains, avaient possédé la plus grande partie de l'Europe, ne conservaient plus, à la fin du XII siècle, que la presqu'île armoricaine et le pays de Galles. Leurs voisins, les Normands, alors maîtres de l'Angleterre et de l'Ouest de la France, eurent conaissance de leurs légendes nationales, les traduisirent en français, et les firent connaître à l'Europe entière. Arthur et les chevaliers de la Table-

ronde *furent bientôt chantés dans toutes les langues, dans celles du Nord comme dans celles du Midi, même en grec moderne* (Voyez, Mr. Braga): car les poèmes *français* avaient trouvé des imitateurs jusqu'à Constantinople, où ils avaient pénetré à la suite des croisés. Les compagnons de la Table-ronde furent considérés désormais come les vrais représentants de l'esprit chevaleresque et tout héros poetique (C'est le cas du Condestable D. Nuno Pereira et d'autres cités par M. Braga), ancien ou moderne, fut obligé de se façonner sur leur modèle» (1).

E o sr. Theophilo Braga, professor de litteraturas modernas, auctor de uma historia da litteratura portugueza, não recúa espavorido diante d'esta penca de erros: — «... *guardavam-se as principaes novellas* (na bibliotheca de D. Duarte, rei de 1433-1438) *do cyclo da Tavola Redonda, ao passo que se não encontra nenhuma das grandes gestas gallo-francas.*» Como poderia ser por outra fórma se as *canções de gésta* dormiam o somno do esquecimento, havia, pelo menos, mais de dois seculos, e nunca tinham tido a voga das famosas novellas, então espalhadas por toda a parte?

---

(1) *Histoire de la Littérature Allemand*, par A. Bossert, Paris, 1901, pag. 49.

«Na constituição da nacionalidade portugueza tivemos relações intimas com a França, mas nem por isso as Gestas (Aliás *canções de gésta)* penetraram tão profundamende entre o povo como as tradições bretãs no curto intervallo das relações da côrte portugueza de D. João I com a Inglaterra.» Este periodo é um tecido de falsidades: 1.º as *canções de gésta*, na força de seu prestigio, não podiam penetrar em Portugal, porque então este *natus non erat;* pois ellas são dos seculos X e XI e Portugal, cujo primeiro rei o andou a organisar entre 1139 e 1185, é um genuino filho da segunda metade do seculo XII, senão do seculo XIII, pois em tal periodo é que se lhe desannuviam os horisontes; 2.º as tradições *bretãs* não são merecedoras d'este qualificativo, por terem vindo da *Gran Bretanha*, da *Inglaterra*, como pensa Braga; não eram ellas, e os romances que as divulgavam, obra *ingleza*, senão puramente *franceza;* provinham directamente da Armorica as lendas, e os poemas e novellas eram naturaes da França; 3.º não penetraram em Portugal no tempo de D. João I (1383-1433) vindas da Inglaterra e sim bem antes; 4.º para se espalharem não precisavam, como affirma o phantasista Theophilo, *da persistencia de um grande elemento celtico no povo portuguez.*

Circumstancia maravilhosa seria o terem-se

espalhado até em terras da Turquia de hoje e não em Portugal (1).

Creio estarem desfeitos os enganos celtisantes, restando apenas o decantado *sebastianismo*. Quanto a este, se fosse symptoma digno de apreço, seria antes *semitico* e peculiarmente *judaico*, e não celtico. Ligado ao *celticismo* das melancholias intoleraveis e das viagens ás *Ilhas encantadas*, atraz do *S. Graal* e do *S. Brendão*, eu o julgo ainda mais improprio para definir o genio da valorosa nação portugueza entre as demais nações do mundo. Não é possivel que se tomem os augurios de um sapateiro mentecapto de Trancoso, as visagens de um hysterico como Frei Gil de Santarem, as phantasmagorias doentias do padre Antonio Vieira, evidentemente desequilibrado ao tempo em que se entregou ao delirio do *Quinto Imperio*, que se tomem taes symptomas morbidos por uma das expressões mais authenticas, mais genuinas, mais adequadas, mais eminentes do caracter e do genio portuguez.

Causa dó vêr a coragem com que se ousa

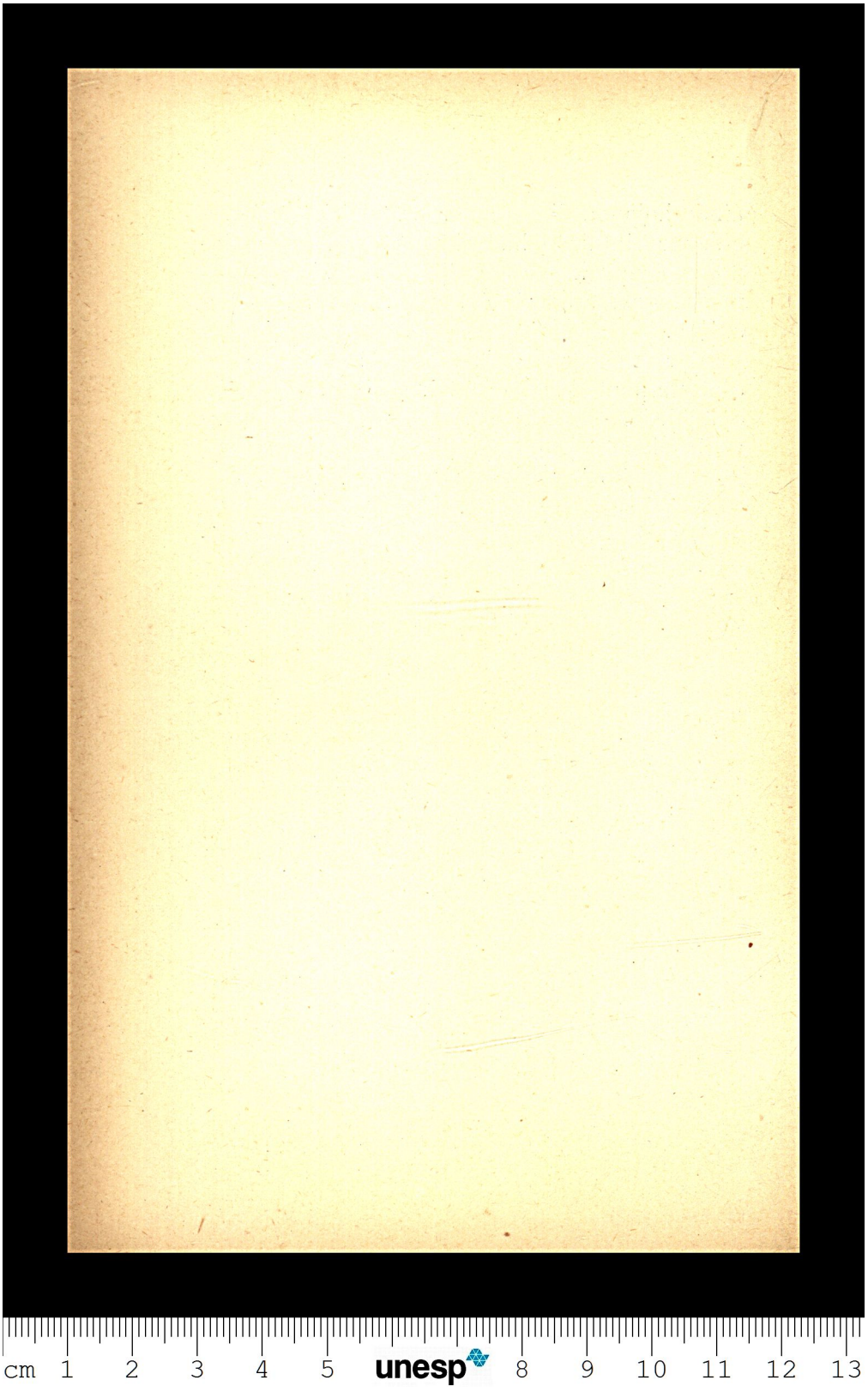
---

(1) Sobre o *cyclo armoricano*, além dos tres auctores acima citados, consultem mais: Hermann Pergameni, *Histoire générale de la litterature française*, pag. 30 e seguintes; Charles Gidel, *Histoire de la litterature française*, pag. 169 e seguintes.

ainda hoje em dia accusar um espirito da larga e segura intuição historica, qual era Herculano, por não haver acreditado em similhantes patacoadas, erigidas á categoria de factos positivos.

Por mais que os jesuitas, de quem Braga é n'este ponto inconsciente repetidor, forjassem o mytho e o enfeitassem, para seu uso e conveniencia, sempre aos espiritos criteriosos será elle suspeito como expoente psychologico dos compatriotas de Pombal.

É mais que tempo de passar a outro capitulo.



V

A civilisação celtiberica

É o quinto e tem por denominação — *A civilisação celtiberica*. O auctor repisa tudo quanto já tem dito de dois troncos que formaram essas gentes mestiçadas: *Iberos* e *Celtas*.

A parte d'estes é ainda muito consideravel; mas ficam em segundo plano, tomando-lhes os outros a dianteira sob os nomes do *Libyos* e *Berberes*. As despezas da excursão entre essas populações correm agora principalmente por conta de Pascal Duprat, de quem são reproduzidos longos trechos, infelizmente mal aproveitados pelo tecido de contradicções em que os envolve o escriptor portuguez. Indicar essas contradicções, que invalidam os trechos de P. Duprat e inutilisam completamente as compilações de Braga, será o principal a fazer nas paginas que se vão seguir.

Antes, porém, se me antolha conveniente depôr algumas linhas ácerca da chamada *celtomania*, de que evidentemente muito ainda soffre o auctor d'*A Patria Portugueza*.

São notações de caracter geral, aptas a esclarecerem o assumpto, e serão rapidas.

O caracter dos Celtas, devido aos exaggeros francezes, tem-se tornado um verdadeiro enygma ethnographico. Tal é a serie de extravagancias a seu respeito exhibidas pelo patriotismo imponderado.

Quasi nada existe de bom e fecundo nas lettras e na politica, na orbita do pensamento e da acção no mundo europeu que não tenha sido referido a essa raça exemplar. A cousa chegou ao ponto de se lhe attribuir até a formação das linguas novo-latinas, o genio dos romanos, a originalidade dos gregos, a phantasia dos slavos.

Os Celtas foram o primeiro ramo aryano que penetrou na Europa, trazendo comsigo o uso dos metaes, na opinião dos sectarios da origem asiatica d'aquella familia de povos, ou o primeiro que se destacou do nucleo primitivo da grande raça formada ao Norte da propria Europa, no pensar dos seguidores do indigenismo d'aquellas gentes n'essa parte da terra. Foram elles os creadores mais antigos e originaes da mythologia e da linguagem indo-europeia, os iniciadores da civilisação n'essas paragens, os dominadores dos velhos tempos, os renovadores da litteratura e da arte no seculo XII de nossa era, os fomentadores do genio anglo-saxão, os paes immorredoiros do

povo central dos positivistas... Segundo a theoria celtisante não houve conquista romana na Gallia; deu-se apenas alli um refluxo do proprio genio gaulez sobre o solo da futura França, pois a Italia nos seus primordios fôra povoada pelos Celtas; nem mais tarde se deu acolá sujeição pelos Germanos, porque a famosa *liga armoricana*, que se tinha conservado independente do jugo romano, chamou os *Francos* como simples *alliados*, senão verdadeiros *clientes*, cumprindo, além d'isso, não esquecer que as gentes Germanicas não passaram durante seculos e seculos de méros vassallos do grande imperio dos *Celtas*... Foram estes os possuidores dos craneos dolicocephalos que se vieram sobrepôr á primitiva camada de brachycephalos atrazados; foram os manejadores das bellas espadas de bronze, os edificadores das cidades lacustres... Tudo se lhes deve na Europa; e, todavia, o genio da raça não deu, no pensar de Renan, toda a medida de seu valor: a verdadeira maravilha se terá de vêr, quando a imaginação celtica se vier ligar ao espirito scientifico dos modernos tempos; o mundo entrará então em nova e original phase.

Não se pense que estou satyrisando; tudo, que rapidamente deixei ahi indicado de leve, tem sido, ao lado de muitas cousas mais, dito e reproduzido dos Celtas.

É uma historia de francezes, a que lusos e hespanhoes se teem juntado para enfiar esse rosario de maravilhas.

Nem se cuide que, n'esse inventario de prodigios, estou a remontar aos tempos da celtomania do seculo XVIII e começos do XIX. Não; refiro-me a auctores recentes e dos que parecem mais alheiados ás patriotadas infantis.

Sem sahir das paginas de um Ernesto Renan, de um J. Jusserand, de um Henri Martin, de um S. Reinach, e até, em alguns pontos, de um Jubainville, temos a predestigitação celtica inteira. Pois, ainda não ha muito tempo, não se viu J. Jusserand, na sua *Historia litteraria do povo inglez*, attribuir ao elemento celtico o que ha de mais brilhante, de mais vivaz no genio d'aquella gente, a aptidão para as creações dramaticas e romanescas e ainda mais o *humour* satyrico? Não se viu Henri Martin attribuir-lhe a architectura gothica e os ideaes artisticos da idade média? Não se viu Renan dar como creação d'aquelle ramo ethnico a cavalleria, o màravilhoso medieval, as correntes litterarias modernas, a nova intuição do amor da mulher, a inspiração de Shakespeare, de Ariosto, a parte principal da creação de Dante?

N'este sentido é um documento inapreciavel o ensaio do sabio francez *A Poesia das Raças*

Celticas, a que já me referi e a que voltarei em breve.

Em face de tantos exaggeros e extravagancias tem-se tornado difficil definir o genuino e exacto caracter dos Celtas e o valor certo de sua contribuição para a cultura universal.

A gallomania é ainda agora muito intensa, a despeito dos protestos em contrario; e teve necessariamente de provocar, por vezes, forte reacção adversa, que veio, não raro, a cahir no extremo opposto.

Como quer que seja, é indispensavel tomar pé no debate e dizer, sem rebuço, o que se pensa.

As principaes maneiras de caracterisar o genio dos Celtas, são as seguintes, algumas d'ellas totalmente contradictorias entre si: humorismo gracioso, alegria e saude d'alma, espirito espontaneo e vivaz, horror de chimeras, imperturbavel bom senso, equilibrio do pensamento e do coracão, tudo isto exemplificado em Rabelais, Montaigne, Voltaire, P. L. Courier; melancholia perpetua e indefinida, genio elegiaco e pesaroso, naturalismo phantasista e sentimental, personificados em Rousseau, Chateaubriand, Lamartine, Renan; espirito de revolta e independencia da razão, autonomia do caracter e das ideias, representados em Pelagio, Descartes, Lamennais; ingenui-

dade confiante e credula, poesia instinctiva e como que organica em que a realidade e o sonho quasi se confundem, tendo por amostras authenticas Joanna d'Arc, Carlota Corday e muitos heroes e heroinas da historia franceza; coragem, valentia, fanfarronada patriotica e guerreira, particularisadas em tanta gente que é difficil e inutil nomear alguem; finalmente, graça, vivacidade, eloquencia nas ideias e na linguagem e muita leviandade e inconstancia no caracter, predicados estes por quasi toda a gente franceza espalhados.

Quem já não terá lido ou ouvido alguma d'estas definições do genio gaulez? São todas verdadeiras? Não póde ser.

Observadores antigos e modernos deixaram alguns traços, algumas paletadas que talvez sejam os mais exactos, porque, fundamentalmente, se harmonisam. É assim que Varrão diz: «*Pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur: rem militari et argute loqui.*»

Mommsen vê n'essas palavras do famoso e sisudo Romano o *esprit et gloire* dos francezes e parece-me ter acertado, apesar dos protestos de Reinach e do proprio d'Arbois de Jubainville.

Cesar escreveu: «Os gaulezes, sempre inclinados a novidades, não podem supportar nem a liberdade, nem a servidão.» É um traço de mão de mestre; o grande conquistador e

sagaz politico tinha bastante pratica do assumpto para saber o que dizia.

Diodoro de Sicilia, como compilador que era, resumindo velhos auctores, expressou-se d'este modo: «A fama de coragem e barbaria dos gaulezes espalhou-se bem cedo; porque, com o nome de Kimmerii, devastaram ourt'ora a Asia. Desde os mais remotos tempos exerceram a pilhagem nas terras alheias; desprezam todos os outros povos. Foram elles que tomaram Roma, saquearam o templo de Delphos, tornaram tributaria grande parte da Europa e da Asia.»

E pudera ter accrescentado: destruiram a civilisação etrusca e praticaram as maiores tropelias contra os Ligures de Italia, Gallia, Gran-Bretanha e peninsula Hispanica, não fallando já em iguaes violencias contra os Iberos.

Como dista este escorço realista do quadro imaginoso e aéreo dos sonhadores de hoje! Varrão, Cesar e Diodoro Siculo parece acordarem-se em notar o espirito brilhante, irrequieto e vistoso da gente Celtica.

Tal modo de julgar, através de muitos seculos, foi reproduzido, em suas linhas geraes, por Amadeu Thierry, o eminente historiador dos Gaulezes, que, se não era tão forte como Jubainville em lingua, litteratura e direito dos Celtas, tinha mais do que elle o talento de es-

crever e o tino de observar. Assim fallou: «Os traços salientes da familia gauleza, os que mais a distinguem, a meu vêr, das outras familias humanas, podem-se resumir d'este modo: — uma bravura pessoal que nada eguala nos povos antigos; um espirito franco, impetuoso, aberto a todas as impressões, eminentemente intelligente; porém, *ao lado d'isto, uma extrema mobilidade, nada de constancia, uma repugnancia assignalada ás ideias de disciplina e de ordem, tão poderosas nas raças germanicas, muita ostentação e,* emfim, uma perpetua desunião, fructo da excessiva vaidade» (1).

O illustre irmão do incomparavel auctor da *Historia da conquista da Inglaterra pelos Normandos* não estava, como se vê, longe de pensar com os antigos escriptores citados; e tal era o retrato mais acreditado do caracter gaulez entre os espiritos imparciaes, retrato que ainda hoje permanece o mesmo a despeito da phantasiosa melodia de Renan, verdadeira cantilena romantica, que veio juntar todos os raios gloriosos do sentir e do pensar modernos na fronte da velha raça turbulenta, transformada na gente mais pacifica e merencorea do mundo, estendendo a toda ella o que só ao pe-

(1) *Histoire des Gaulois,* I, pag. 4; Paris, 1866, 7me édition.

queno grupo armoricano se poderá em parte applicar.

Felizmente, a canção renanica, que tanto enthusiasmo em Portugal causou em espiritos enfermiços, encontrou, mesmo em França, oppugnadores. O insigne Edmundo Demolins é um d'elles.

Em dois de seus livros estuda largamente os Celtas: em *Les Routes du Monde Moderne* e em *Les Français d'aujourd'hui*.

N'aquelle são peculiarmente estudados os Celtas do centro da Europa; no outro o grupo da Bretanha franceza, que foram para alli fugidos da Gran-Bretanha.

N'aquelle uma critica atilada verá que o que o auctor chama os Celtas da *primeira chegada* são os desventurados *Ligures*, despojados de seu nome; e o que chama os *supervenientes* ou da *segunda chegada* é que são os felizes *Celtas* ou *Gaulezes*, cheios de glorias á custa alheia, que passaram infelizmente muitos dos defeitos de seu caracter ás populações que se originaram do cruzamento d'elles com os *Ligures* e com os *Iberos*. E é esta a razão, porque é hoje impossivel conhecer a fundo os *Ligures* e os *Iberos*, principalmente os primeiros; pois que, com a conquista celtica na França e na Inglaterra, perderam aquelles de todo a autonomia, a lingua e até o nome, desapparecendo sob o despotismo dos vencedores, que não lograram

por completo fazer outro tanto com os *Iberos* da Hespanha.

Quanto aos *Ligures* d'esta região, se não foram tão intensamente eclipsados pelos terriveis conquistadores, torna-se, ainda assim, difficilimo distinguil-os nitidamente das populações circumvisinhas de *iberos* e de *celtas*, nomeadamente pela confusão que estes espalharam por toda a parte em que se estabeleceram.

Não repetirei trechos de Ed. Demolins, por não tornar demasiado sobrecarregadas estas paginas.

Baste-me affirmar que a caracteristica que dá dos celtas em geral é muito diversa da de Renan, posto que reconheça a triste apathia do grupo degenerado da Bretanha. No correr d'este estudo algumas das theses de Demolins serão referidas e vêr-se-ha o seu modo de pensar.

A crêr no poetico auctor da *Vida de Jesus*, até o christianismo já era instinctivamente uma pratica celtica, bem como o ardor pela vida do mar.

A essa gente é que se deve, póde-se dizer, a era das grandes navegações e o descobrimento da America. Mostrarei um trecho do famoso escripto, porque n'elle, evidentemente, como já disse, é que os modernos caracteristas do genio portuguez — Oliveira Martins e após elle Th. Braga e outros, foram achar a

origem da tendencia para a navegação que os seus compatriotas mostraram em certa phase da historia e da decantada melancholia que os atormenta, cousa em que, seja dito ainda uma vez, irreverentemente não acredito.

A bulhenta e fanfarrona alacridade gauleza transformada em fonte inexgotavel do melancholismo moderno é uma das toliçadas symptomaticas do seculo XIX a que nem os grandes scepticos, como o auctor da *Historia do Povo de Israel*, escaparam.

O retrato traçado por E. Renan tem duas faces: a das extraordinarias e inegualadas qualidades de intelligencia e coração, quaes não se encontram nas outras raças; a da melancholia infinita e singular, como outra nunca se deparou em parte alguma da terra.

A primeira figura do quadro é falsa, porque não passa de um exaggero sem fundamento nos factos; a segunda é tambem falsa em relação aos povos gaulezes tomados em totalidade, e apenas verdadeira, com muitas restricções, sendo applicada aos celtas dos platós graniticos e das charnecas da Bretanha, degenerados no decorrer de vinte e seis seculos n'um meio ingrato e hostil.

O trecho de Renan é longo, porém é delicioso e instructivo: «Quem viaja na peninsula armoricana, ao passar a região mais proxima do continente onde se prolonga a physionomia

alegre, porém vulgar, da Normandia e do Maine, quando entra na verdadeira Bretanha, que merece este nome pela lingua e pela raça, sente uma brusca e repentina mudança. Um vento frio, cheio de vago e de tristeza levanta-se e transporta a alma a outros pensamentos; as franças das arvores despem-se e extorcem-se; o nevoeiro estende ao longe sua côr uniforme; o granito rompe a cada passo um solo demasiado fraco para o revestir; um mar quasi sempre sombrio fórma no horisonte um circulo de eternos gemidos. O mesmo contraste nos homens: á vulgaridade normanda, a uma população nutrida e planturosa, contente de viver, repleta de interesse, egoista como todos os que teem o habito de gosar, succede uma raça timorata, reservada, de vida toda intima, pesada em apparencia, porém profundamente sensivel e possuidora de instinctos religiosos de uma adoravel delicadeza. O mesmo contraste, conta-se, experimenta quem passa da Inglaterra ao paiz de Gallés, da baixa Escocia, ingleza pela lingua e costumes, á patria dos Gaëls do norte, e tambem, com um matiz sensivelmente diverso, quem se adianta nas paragens da Irlanda onde a raça ficou estréme de qualquer mescla com o estrangeiro.

Parece que o viajor entra nas camadas subterraneas de outra idade e sente alguma das impressões que Dante nos faz experimentar,

quando nos leva de um circulo a outro de seu *Inferno*...

Se a excellencia das raças devêsse ser apreciada pela pureza de seu sangue e a inviolabilidade de seu caracter, nenhuma poderia disputar em nobreza com os restos subsistentes da gente celtica.

Nunca familia humana viveu mais isolada do mundo e mais pura de qualquer mistura estrangeira. Acantoada pela conquista em ilhas e peninsulas esquecidas, oppôz uma barreira intransitavel ás influencias externas: tem tirado tudo de si mesma e vivido de sua propria inspiração.

D'ahi esta poderosa individualidade, este odio ao estrangeiro que, até os dias de hoje, tem formado o caracter especial dos povos celticos... É n'esta vida retirada, n'esta desconfiança de tudo que vem de fóra que se deve procurar a explicação das linhas mais intimas da indole da raça celtica. Tem todos os defeitos e todas as qualidades do homem solitario: altiva e timida, poderosa no sentimento e fraca na acção; em casa livre e expansiva, fóra esquiva e acanhada. Desconfia dos estranhos, por vêr n'elles entes mais espertos que abusariam de sua simpleza; indifferente á admiração alheia, deseja apenas que a deixem em paz.

É por excellencia uma raça domestica, nas-

cida para a familia e as doçuras do lar. Em nenhuma outra o laço do sangue tem sido mais forte, creou mais deveres, ligou o homem a seu similhante com tanta extensão e tão profundamente. Toda a instituição social dos povos celticos era em principio uma extensão da familia. Uma expressão vulgar ainda hoje attesta que em parte alguma os vestigios d'esta grande organisação do parentesco se conservou melhor do que na Bretanha (1). É opinião espalhada n'este paiz que o sangue falla e que dois parentes desconhecidos, encontrando-se em qualquer parte do mundo, se reconhecem pela secreta e mysteriosa emoção que experimentam diante um do outro.

O respeito dos mortos prende-se ao mesmo principio. Em parte alguma a condição dos mortos tem sido melhor do que entre os bretãos; em parte nenhuma o tumulo recolhe tantas recordações e tantas preces. É que a vida não é para estes povos uma aventura pessoal que cada um corre por sua conta e risco: é um annel em uma longa tradição, um dom

(1) Creio que a maior parte das boas qualidades das gentes da Bretanha devem ser attribuidas aos Ligures, que alli constituiram o fundo primitivo da população, de preferencia aos Celtas, entre os quaes, como demonstra Demolins, o *Clan* reduziu muito a familia.

recebido e transmittido, uma divida paga e um dever cumprido.

Percebe-se sem esforço quão pouco aptas eram naturezas tão concentradas para fornecer um d'esses brilhantes desenvolvimentos que impõem ao mundo o ascendente momentaneo de um povo, e eis o motivo pelo qual o papel exterior da raça kymrica tem sido sempre secundario (1). *Falha de expansão, alheia a qualquer ideia de aggressão e de conquista*, pouco ambiciosa de *fazer prevalecer seu pensamento no exterior*, ella soube apenas recuar emquanto lhe foi chegando o espaço, e, afinal, acantoada no ultimo recesso, oppôr aos seus inimigos uma resistencia invencivel (2).

A raça celtica se tem gasto em resistir ao tempo e a defender causas desesperadas.

Não parece que em qualquer época tenha

---

(1) Note o leitor quão distante está este retrato do que se sabe dos *Celtas* que tomaram Roma, incendiaram o templo de Delphos, fizeram alliança com Alexandre e encheram de barulho toda a historia da *Gallia* e da *França* moderna. Compare-o com o que se sabe do caracter *Irlandez*.

(2) Ou não são *Celtas* ou o são totalmente modificados pelo meio. Aquella modestia para a acção e aquella tenacidade parecem-se com as dos *Ligures* em lucta com os romanos na costa Italiana que ainda lhes conserva o nome. Ha muita cousa ahi com o nome celtico que é ligure.

tenha tido aptidão para a vida politica: *o espirito de familia suffocou alli toda a tentativa de organisação mais extensa.* Não parece tambem que os povos que a compõem sejam por si mesmos susceptiveis de progresso. A vida lhes apparece como uma condição fixa que não é dado ao poder humano mudar. Dotados de pouca iniciativa, inclinados a se considerarem como menores e em tutella, crêem depressa na fatalidade e a ella se resignam. Vendo-a tão pouco audaciosa contra Deus, custa a acreditar que esta raça seja filha de Japhet (1).

Vem d'ahi sua tristeza. Vêde os cantos de seus bardos do VI seculo, pranteiam mais derrotas do que cantam victorias. Sua historia mesma não passa de um longo queixume; lembram-se ainda de seus exilios, suas fugas através dos mares. Se alguma vez parece folgar, uma lagrima vem logo brilhar por traz de seu sorriso; não conhece este singular esquecimento da condição humana e de seus destinos que se chama a alegria.

---

(1) Nota esta de todo falsa; e contra a qual, sem lembrar Voltaire, d'Alembert, d'Holbach, Lamettrie, Lalande, Diderot, Proudhon, e mil outros, não nascidos na Bretanha, basta citar—Pelagio, Lamennais, Maupertuis, e o proprio Renan, não fallando em Duguay-Trouin, Surcouf, La Bourdonnais, e diversos aventureiros, terriveis uns, scepticos outros.

Seus canticos de prazer acabam em elegias; nada eguala a deliciosa tristeza de suas melodias nacionaes; dir-se-hiam emanações dos ceus, que, cahindo gotta a gotta na alma, atravessam-na como lembranças de outro mundo.

Nunca foram tão longamente saboreadas essas volupias solitarias da consciencia, essas reminiscencias poeticas onde se cruzam ao mesmo tempo todas as sensações da vida, tão vagas, tão profundas, tão penetrantes, que, por pouco que se viessem a prolongar, se morreria sem se saber de que, se de amargor ou de doçura. A infinita delicadeza de sentir que caracterisa a raça celtica está intimamente ligada á sua necessidade de concentração.

As naturezas pouco expansivas são quasi sempre as que sentem com maior profundeza; porque quanto mais intenso é o sentimento menos tende a se exprimir. D'ahi esse delicado pudor, essa alguma cousa de velado, de sobrio, de raro, a egual distancia da rhetorica do sentimento das raças latinas e da ingenuidade reflectida da Allemanha, que brilha de modo tão admiravel nos cantos bretãos.

A reserva apparente dos povos celticos, que muitas vezes se toma por frieza, prende-se a essa timidez interior que lhes faz acreditar que um sentimento perde metade de seu valor quando é expresso e que o coração não deve ter outro espectador além d'elle proprio.

Se fosse permittido dar um sexo ás raças como aos individuos, poder-se-hia sem hesitação dizer que a raça celtica, especialmente em seu ramo kymrico ou bretão, é uma raça essencialmente feminina. Nenhuma familia humana, creio, transportou para o amor tanto mysterio. Nenhuma outra concebeu com mais delicadeza o ideal da mulher e foi por elle mais dominado. É uma especie de embriaguez, uma loucura, uma vertigem» (1).

E n'este gosto continúa por paginas e paginas o illustre academico a descrever os povos celticos como uns refinados ingenuos, uns admiraveis idealistas, uns magnificos sonhadores, uns adoraveis sentimentaes.

É possivel e até provavel que algumas d'essas notas sejam exactas, particularmente das gentes da peninsula armoricana, por causas mesologicas e historicas especiaes, sobretudo pelas nobres qualidades que herdaram dos Ligures, com quem andam cruzadas; com certeza, porém, estão em completo desaccordo com o que geralmente se sabe do grosso da raça no continente e de seus feitos no mundo.

Dos retratos das gentes celticas em globo é

---

(1) Ernest Renan, *La Poésie des Races Celtiques,* nos *Essais de Morale et de Critique*, 3me édition, Paris, 1861, pag. 375 e seguintes.

o que me parece mais phantasioso e falho de exactidão, e que se não póde applicar áquelles povos em seu conjuncto.

Entretanto, de todos é o que mais tem cahido em graça aos escriptores portuguezes, que vão alli buscar os modelos e as tintas com que costumam colorir o quadro em que representam seus patricios. Penso de modo diverso. Na Peninsula, como na antiga terra gauleza, elles não foram esses timidos embriagados dos mysterios do infinito, esses meigos temperamentos femininos de que nos falla Renan. Dou mais pelo vigor dos traços de Varrão, de Cezar, de Tacito, de Strabão, de Diodoro Siculo.

O predominio e a desmedida influencia dos Celtas nas populações da peninsula hispanica, contestados pela genial visão do ajuizado Alexandre Herculano, desde os seus primeiros ensaios historicos de 1839 e 1840, constituiam uma especie de paixão patriotica e eram a crença geral em Portugal. Herculano fel-a recuar um pouco, a despeito dos protestos logo apparecidos de Vilhena Saldanha e outros; mas a febre reappareceu com Oliveira Martins, de perto seguido, com os costumados exaggeros e despauterios, por Theophilo Braga.

Ao alto bom senso do eminente creador da moderna historiographia portugueza repugnava vêr nos seus patricios de hoje *um prolongamento immediato dos celtas.*

Para similhante equipolencia é que elle dizia que faltavam as tres bases principaes da identidade do *territorio*, da *raça* e da *lingua*.

Esta these reaccionaria tem cabal demonstração nas primeiras paginas da *Historia de Portugal;* e, como, entre outros, apparecesse o citado Vilhena Saldanha a defender a velha doutrina, o auctor impugnado retrucou em palavras que merecem repetição, no ponto attinente á *raça:*

«Diz o meu adversario que, apesar de todas as conquistas em qualquer paiz, *a raça indigena sempre fica sendo muito mais numerosa.* Não sei se assim devemos figurar-nos as associações ou substituições de raças, principalmente tratando-se das migrações que povoaram o sul da Europa. Essas tribus *celticas, cimmerias, indo-germanicas*, ou o que quer que fossem, deviam ser muito pouco numerosas... Logo que começou a occupação da Peninsula pelas nações civilisadas, *gregos, phenicios, carthaginezes* e *romanos*, os homens capazes de combater (e entre os selvagens são-no quasi todos) principiaram a sahir da Hespanha, ao passo que as colonias d'essas nações se estabeleciam largamente n'este solo. Quero conceder que a vinda de *gregos, phenicios* e *carthaginezes* não transformou senão por um terço o sangue indigena; que tambem a colonisação immensa e systematica dos *romanos* não o alterou senão

por outro terço; e que a chamada especialmente invasão dos *barbaros* só por outro terço o corrompeu. Chega depois a conquista *sarracena*... Veem á Peninsula *berberes*, *arabes*, *negros;* quantas castas de gente na Africa e em grande parte da Asia seguiam o islamismo: estabelecem-se; repartem as terras, fundam ou povoam cidades; os *mosarabes*, ou descendentes dos *romano-godos*, ficam sumidos no meio d'esta alluvião de novos habitadores de ambos os sexos, de todas as condições e edades.

A reacção começa nas Asturias; a guerra dilata-se; a assolação e a morte reinam por seculos; os *francos* veem d'além Pyrenéos ajudar frequentes vezes os seus co-religionarios; a Berberia é um manancial perenne de *novos colonos africanos;* os chefes sarracenos usam da antiga politica romana, e levam milhares e milhares de mosarabes para os empregarem nas suas emprezas além do estreito: e a Hespanha continua a ser celtica» (1).

Este magnifico trecho poderia ser assignado por d'Arbois de Jubainville. É a verdade quasi completa. Digo *quasi* completa, porque, quer n'elle, quer na *Historia de Portugal*, Herculano nada diz dos *troglodytas* pré-historicos e dos *Ligures*.

---

(1) Herculano, *Opusculos*, v, pag. 173.

Mas são as unicas lacunas, e essas perfeitamente desculpaveis em quem escrevia em 1840. De todos os outros povos que estanciaram na Peninsula falla elle e falla com seguro conhecimento. Iberos, Celtas, Celtiberos, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Suevos, Alanos, Vandalos, Wisigodos, Arabes, Berberes e até Francos, todos lhe mereceram attenção.

Nada disse dos selvagens pré-historicos e dos Ligures; que, porém, ácerca d'esses adiantou o sr. Theophilo Braga, o mais exaggerado de seus censores? Nada; tudo obscureceu, pelo contrario, com suas constantes contradicções.

Herculano andou acertadissimo em repellir o *celtismo* dos portuguezes e foi apenas incompleto na apreciação dos primitivos factores ethnographicos da Iberia; seu adversario Vilhena Saldanha, com todo o seu enthusiasmo em prol dos alludidos factores, cahiu no desproposito de os reduzir todos aos celtas.

A verdade é que estes só apparecem na Peninsula em sexto logar, isto é, em posição bem inferior á que tiveram em França, quanto á precedencia, e incomparavelmente mais mesquinha, quanto ao numero.

A Hespanha e Portugal passaram pelas seguintes phases na ordem de suas populações: 1.º, *o homem quaternario* (se é que o não teve no periodo terciario); 2.º, a gente das caver-

nas, os verdadeiros *troglodytas*, contemporaneos da rhenna, sem o conhecimento dos metaes, usando da pedra lascada e mais tarde da polida; 3.º, gentes que conheceram os metaes e são, talvez, os constructores dos monumentos megalithicos, e a quem se chama especialmente os *Ibéros;* 4.º, gentes de posse de uma civilisação ainda mais adiantada—ou os *Ligures;* 5.º, os *Phenicios* e com elles desde começo os *Carthaginezes;* 6.º, os *Celtas;* 7.º, os *Carthaginezes*, por sua propria conta; 8.º, os *Romanos;* 9.º, os *Suevos*, que durante dois seculos senhorearam os territorios da actual Galliza e Portugal até além do Tejo e, sendo muito energicos e numerosos, persistiram após as conquistas posteriores; 10.º, os *Wisigodos* (não fallando em *Alanos* e *Vandalos*—pouco numerosos); 11.º, os *Arabes* e *Mouros* da Berberia.

Claro é que nem Herculano nem o seu contendor reproduziram a verdade inteira, entrevista mais tarde pela sciencia. São ambos, porém, desculpaveis; porque escreviam em 1840, e n'esse tempo certos factos não estavam ainda elucidados. Quem não póde ter attenuantes é Oliveira Martins e é Theophilo Braga, que escreveram quarenta annos mais tarde. Aquelle, com muita imaginação e pouca sciencia, dizia, defendendo a identidade dos portuguezes e *lusitanos*, nas primeiras paginas de sua *Historia de Portugal:* «Entre as diversas

tribus ibericas, a *lusitana* era, senão a mais uma das mais individuadamente caracterisadas. Não esquecemos, de certo, a influencia posterior dos successos da historia particular portugueza; mas elles só por si não bastam para explicar o feitio diverso com que as cousas, em si mesmas, se representam ao nosso espirito nacional. Ha no genio portuguez o quer que é vago e fugitivo, que contrasta com a terminante affirmativa do castelhano; ha no heroismo *lusitano* uma nobreza que differe da furia dos nossos visinhos; ha nas nossas lettras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, ironica ou meiga, que em vão se buscaria na historia da cultura hespanhola, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de invectivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnanima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as féras. Funebre e tragica sempre, a historia hespanhola differe da portugueza, mais propriamente épica... Somos levados a crêr que a individualidade do caracter dos *lusitanos* provém de uma dóse maior de sangue *celta*, que gira em nossas veias, de mistura com o sangue iberico. As vagas indicações dos antigos fallam-nos dos *celtas* das margens do Guadiana, e dão-nol-os na costa occidental da Peninsula. Vale, porém,

mais do que isso a *analogia evidente* entre as manifestações particulares dos *lusitanos* e d'elles e dos *gallegos*, e aquella physionomia que os *estudos eruditos* sobre os celtas da França e da Irlanda teem determinado a estes ultimos» (1).

O trecho é bello; porque Martins era um elegante escriptor, n'este sentido infinitamente distante de Braga; mas quem não vê em suas palavras a influencia do famoso ensaio de Renan sobre *A Poesia das raças celticas*? Onde, senão alli, foi o escriptor portuguez descobrir aquelle idealismo dos *Lusitanos*, erroneamente identificados com os *Celtas*, contra o ensino de Strabão e a demonstração victoriosa de Martins Sarmento? Onde, senão alli, foi elle encontrar esse transcendental idealismo que chega a emprestar a todos os Celtas e até aos irrequietos Irlandezes? E quem o auctorisou a fazer dos Celtas, na Peninsula, uma quasi completa excepção portugueza, quando, muito mais do que em Portugal, influiram elles em mais de metade da Hespanha? E, de entre tantos factores do povo portuguez, quem o auctorisou a exaggerar a influencia dos queridos gaulezes?

É tudo méra phantasia com arremedos de sciencia.

Como quer que seja, nem pela acção do

(1) Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, I, pag. 5.

clima, nem pela raça, os portuguezes são o que, por imitação de Renan, disse Oliveira Martins e repetiu embrulhada e extravagantemente Theophilo Braga.

Depois de ter em seu extraordinario ensaio de geographia social, — a que deu o nome de *Les Français d'aujourd'hui*, estudado o *typo Bretão*, sob todos os aspectos do *solo*, da *historia*, da *raça*, do *trabalho*, da *propriedade*, da *familia*, da *organisação politica*, Edmundo Demolins assignala as causas da degeneração das populações *Armoricanas*, e mostra de onde provém a sua famosa tristeza, tão alheia ao genio dos outros Celtas. Demolins chega a esta conclusão:

«Os Bretãos são, pois, uns *communarios de clan*, grupados em *pequeninas communidades de aldeiolas*. Já por ahi differem claramente dos communarios das producções espontaneas da Italia e do Meio-Dia da França, que, em vez de se disseminarem pelos campos, se agglomeram em grandes burgos, alargados ás vezes ás dimensões de grandes villas ou pequenas cidades. E tal é certamente uma das causas da exuberancia exterior, da vivacidade, da animação, da alegria d'essas populações meridionaes, nas quaes a vida de sociedade e a vida publica são tão intensas, onde a necessidade de prazeres exteriores é tão vivo. E eis tambem o motivo porque o Bretão, posto seja tambem

do typo communario de producções espontaneas, tem um caracter tão differente» (1).

Pelo que sei dos Bretãos, conforme o ensino largamente documentado, e perfeitamente logico e claro de Demolins, e pelo que sei dos portuguezes, segundo o que entre elles presenciei, ouso affirmar que o caracter d'estes, excepto sómente as rarissimas populações dos recessos montanhosos, como as da Guarda, se approxima muito mais do das gentes da Italia e do Sul da França do que dos merencorios Bretãos.

Mas é tempo do leitor se avistar mais de perto com o conteudo do capitulo d'*A Civilisação Celtiberica.*

Vá-se deliciando com as seguintes antinomias, mais difficeis de conciliar do que as de Kant:

1) «Identificados os *Libyos* com os *Berberes* e com os *Iberos,* vêmos como os Libyos estiveram em contacto com o Egypto (De fórma que o contacto com o Egypto só se deu e só se poderia dar no caso de os Libyos serem aparentados com os Berberes, do contrario não!), e como os Berberes vindo da Asia meridional para a Africa do Norte e Europa occidental,

(1) *Les Français d'aujourd'hui,* pag. 417.

trouxeram comsigo os elementos da civilisação accádica (É outra conclusão curiosa esta: os Berberes trouxeram os elementos da cultura accádica, phantasia do auctor aliás, porque eram parentes dos Libyos; se não o fossem, não os poderiam trazer, haviam de deixal-os na Asia!...), que precedera na Asia o desenvolvimento dos Arias. Tal é o problema apresentado em *toda a sua simplicidade* (Engraçada simplicidade!), com elementos agglomerados pelos geographos antigos, mas não aproveitados por falta de coordenação. Libyo, Berbere e Ibero representam a mesma raça asiatica que se fixou no norte da Africa na sua migração que occupou as ilhas do Mediterraneo e Europa occidental, como as Canarias e que por ventura chegou á America levada pela corrente do Gulf-Stream. Por este modo de vêr se conciliam todas as theorias hypotheticas ácerca da origem dos Iberos». (Pag. 169).

Por este esdruxulo modo de fallar com certo arreganho, improprio do assumpto, parece que Braga está a exhibir doutrina sua, nova, original, na questão. Ora, novo ahi ha apenas o modo de embrulhar o debate.

A origem asiatica dos Iberos não tem data, de tão velha que é! O parentesco d'elles com os Berberes é, ha muitos annos, uma especie de logar commum scientifico. É repetido por toda a gente.

Em Portugal enche essa these as primeiras paginas da *Historia da Civilisação Iberica*, do já citado Oliveira Martins, livro bem anterior á obra de Theophilo.

É a doutrina seguida por Verneau, Duveyrier, Barth, Hanoteau, Letourneux, Berthelot, Letourneau (1).

É tambem a ensinada por de Préville e Demolins e toda a escola de Le Play; o dr. Theophilo não disse nada de novo; repetiu pessimamente o que os outros disseram bem. O que é puro braguismo é a mania de enxertar os *turanos de Accad* em tudo. Até os Berberes estiveram nas escolas da Mesopotamia... Mas eis aqui asserções algum tanto divergentes:

2) «Assim os *Libyos* constituem a grande raça proto-árica que se espalha pelo Occidente, na Italia, nas Gallias, Hespanha e Bretanha, emquanto que os *Iberos* asiaticos representam expedições tardias de tribus metallurgicas no occidente da Europa, sem comtudo terem a importancia de uma colonisação, como primeiro refere Appiano». (Pag. 179).

Aqui os Iberos já não são bem, como se

---

(1) Não confundir—Letourneux com Letourneau. Vide *Historia do Direito Nacional*, pelo auctor, na *Revista Brasileira*.

dizia atraz, os Libyos; não passam d'uns pobres retardatarios sem a importancia de uma colonisação.

Os mesmos Iberos ora são o typo perfeito dos povos *nomadas*, ora dos *sedentarios*. Comparem:

3) «Na passagem da Asia para a Africa, e d'este continente para a Europa, andou sempre (O Ibero) em uma *deslocação violenta e em lucta*, a ponto de se perder entre os geographos antigos a *acção da unidade da raça dos Libyos; desmembrados em pequenos povos*, os Iberos não tinham condições para crearem uma tão importante civilisação com os mesmos caracteres na Italia, nas Gallias, na Hespanha e nas Ilhas Britannicas...» (Pag. 171).

4) «Um dos factos que mais resistencia deu ás populações Ibericas foi a formação de *centros em que as suas tribus se tornaram sedentarias*, vivendo em *cidades*... Foi esta *estabilidade*, tanto na Hespanha como na Italia e Gallia, que fez com que se *desenvolvessem as livres instituições municipaes e o direito territorial*, que os Romanos tanto procuraram destruir para fundarem o despotismo da sua unidade territorial». (Pag. 183).

Um dos pontos, seja desde agora dito, sobre que mais desarrazoa o dr. Braga é esse de *municipalismo*, embrulhado sempre com *federalismo*, e que attribue na Europa ora aos

Iberos, ora aos Celtas, ora aos Gregos, ora aos Romanos; mais logo aos Arabes, aos Mosarabes, aos Godos, aos Berberes, aos Phenicios... um horror! Isto se verá mais de espaço e quem quizer póde por si verificar no livro do açoriano.

Parece desconhecer o que sejam *tribu*, *clan* e *familia* e as relações entre essas tres fórmas de associações humanas primitivas. Por isso escreve phrases d'estas:

5) «Quando os Romanos entraram na peninsula, a *gens* ou o *direito gentilico* (Expressão erronea, porque *gens* não é a mesma cousa que *direito gentilico*) já se confundia com a *familia* (Assim fallando dá a entender que a *gens* é *anterior á familia*, o que é falso), que comprehendia filhos, aguados e escravos; e o descredito produzido pelo christianismo sobre a *communidade de familia ou o clan peninsular* (Pensa que *communidade de familia* é o mesmo que *communidade de clan!...*), mas tambem contra as crenças e costumes locaes, como se deduz do sentido odioso das palavras *gentilidade* e *paganismo*, veio alterar essa primitiva constituição social (Já estava enormemente abalada havia seculos), essa aristocracia de familia, ou *filhos d'algo*, que prevaleceu na época feudal (É falso: a *familia feudal* não era a mesma cousa que a *primitiva communidade de clan*, que formava a base da organisação social da velha

Hespanha) e na reconquista neo-gothica». (Pag. 191).

Difficilmente se encontraria um trecho, um periodo de qualquer auctor, dos mais inferiores, tão cheio de erros e confusões. São cousas copiadas mal e pessimamente reproduzidas.

O dr. Theophilo pensa que a familia é uma desmembração do *clan* ou *gens;* é uma formação posterior. Elle faz a tricotomia: *tribu, clan, familia.* Não sabe que as quatro raças brancas: —*japhetica* ou *aryana*, *semitica* ou *syro-arabe*, *hamitica* ou *chuschita (Chus* era neto de *Ham* ou *Cam)* e *uralo-altaica* ou *turana*, segundo alguns, começaram pelas *tribus nomadas*, formadas de *familias patriarchaes;* que só mais tarde é que, com as emigrações dos centros communs, se fraccionaram as *tribus*, dando logar aqui e alli, aos grupamentos fixos, que em geral se chamam *clans*, grupamentos que se viram forçados após a separação do tronco primitivo, pela natureza dos novos meios, productores de novos modos de trabalho, a tornarem-se sedentarios? (1). Não sabe que em varios sitios, nomeadamente no grande ramo aryano de *forma-*

(1) O mesmo se deu com a raça *Amarella* ou *Mongolica.*

ção particularista se deu a fixação por *familias isoladas?* Não é só: não está vendo em tudo isto que a familia é anterior ao *clan* ou *gens?* Não vê que é um erro de collegial dizer a *communidade de familia* ou o *clan peninsular?*

O auctor portuguez não conhece evidentemente os estudos mais recentes da Escola Social: não distingue a communidade de *tribu*, da communidade de *clan*, da communidade de *aldeia*, da communidade de *familia*.

Deixe os delirios do *turanismo*, os sonhos *accadeanos*, os esconjuros do *positivismo* e estude os livros da escola de Le Play, tendo antes o cuidado de meditar tres annos as obras de H. Spencer.

Não é verdade que o christianismo tenha lançado descredito sobre a *communidade de familia*, que tem tantos pontos de parecença com varias instituições christans; e para proval-o basta notar que essa religião floresce em paizes onde existe largamente a referida communidade. Se o não sabe o sr. dr. Theophilo, pergunte a qualquer estudante de Lyceu.

O sr. Braga obscurece as cousas por prazer: o milhares de vezes já notado sentido odioso dos termos *gentilidade, paganismo*... pelo facto da persistencia tenaz das velhas crenças nas populações arredias dos pagos campestres e montesinos, nada tem que vêr com a organi-

sação *communaria da propriedade* por *tribus, clans, familias.*

O sr. Theophilo Braga anda a illudir os seus discipulos e o seu povo, prégando-lhes tantos disparates com fingida erudição.

Nada, porém, como dizer que *a Egreja alterou a aristocracia de familia, que veio, depois, de novo a prevalecer na época feudal.*

Estas poucas palavras encerram quatro erros: 1.º, não é verdade, já se viu, que a religião christan se tivesse mettido a alterar a *fórma communaria* da propriedade e da *aristocracia de familia;* 2.º, não se concebe, senão por milagre, que o tivesse feito, e viesse a fórma *morta* a resurgir, precisamente, exactamente, na época de maior força, de maior prestigio da Egreja, o periodo até que tem o nome de *catholico feudal;* 3.º, não é exacto que a *primitiva constituição social da Iberia* fosse a mesma que encontrou alli o christianismo; quando este appareceu a velhissima *communidade tribal* do Ibero tinha dado passagem á *communidade de clan* do Ligure e do Celta, e mais á propriedade *individual* do Romano, já amplamente preparada pelo genio mercantil e interesseiro do Phenicio e do Carthaginez; 4.º, é um erro sem nome suppôr que a aristocracia feudal e da época da reconquista é a mesma cousa que a antiga *communidade de clan peninsular* ou, sequer, a mesma cousa que a *primitiva commu-*

nidade de familia, que o sr. Braga confunde com ella (1).

O escriptor portuguez não distingue o *feudalismo* do *communismo de clan*, ao gosto celtico!... É estupefaciente.

Por estas e outras façanhas é que os famosos clans são por elle dados, ora como uma originalidade dos Iberos, ora como cousa de toda a gente. Eis aqui:

6) «Os nomes gentilicos, ou que nos revelam na Peninsula a fórma da aggregação *social do clan*, encerram inferencias preciosas por onde se vê que esta instituição, que comprehendia naturalmente as familias, estava *ligada á estabilidade territorial, e na época romana ás fórmas municipaes.* É por isso que, *apesar da influencia dos ramos áricos, lygios, celtas, gregos, jonios e romanos*, e ainda reforçada pela acção do Christianismo, *nunca a organisação do clan ou gens* póde ser extincta». (Pag. 192).

Eis ahi: o *clan* é uma instituição tão sériamente fundamental na Iberia, original d'ella, que tem resistido ás influencias aryanas em contrario. Claro é, pois, que a raça indo-europeia não conheceu, não possuiu jámais o *clan*, por ella rudemente combatido em Hespa-

(1) Vide—*Les Routes du Monde Moderne*, pag. 420, por E. Demolins.

nha. É um trecho copiado mal de alguem, sem a devida comprehensão e em flagrante contradicção com este outro, copiado de fonte diversa:

7) «Nos *povos áricos*, como *gregos*, *latinos*, *germanos*, *celtas* e *slavos*, existiu a organisação social da *gente*, ou agrupamento de familias; taes são o *genos* dos gregos, a *gens* dos latinos, a *thiuda* dos germanos, o *clan* dos celtas, o *mir* dos slavos e a *zadruga* dos slavos meridionaes». (Pag. 193).

Curioso é saber o porque e o como esses aryanos, possuidores de *clans*, gentes para as quaes essa fórma social foi geral e é ainda hoje em varios paizes, haviam de fazer guerra a uma organisação congenere na Hespanha, segundo o trecho anterior de Theophilo.

O contrario é exactamente a verdade: foram os aryanos, Ligures e Celtas, que mais desenvolveram na Peninsula a fórma social do *clan*, se é que não foram elles que alli a introduziram. É mais provavel que, entre os Iberos primitivos, antes de quaesquer invasões de Aryanos, existisse preponderantemente a fórma *tribal* de preferencia á de *clan* (1); pois é o que

(1) Releva ponderar que tenho fallado de *clan*, dando-lhe o significado erroneo de *subdivisão da tribu*, pouco mais ou menos no sentido de *Pagus*, de *Vicus* ou mesmo

ainda hoje se dá em todo o norte da Africa, entre as populações Berberes, das quaes os Iberos foram um prolongamento, no pensar dos mais competentes.

O dr. Theophilo tambem o repete, obscurecendo, porém, o ensinamento dos sabedores, pela singular tendencia de attribuir todas as cousas a cada um dos povos que vae encontrando na Peninsula.

Por um tal systema chega-se ao fim, tendo-se a confusão na cabeça e nenhuma luz no espirito.

N'este mesmo capitulo da *Civilisação Celtiberica* tem-se d'isso uma prova curiosissima. Quando falla em *pastos communs, deambulação do gado, divisão annual das terras, celleiros communs* e outros phenomenos congeneres e dos mais notaveis para a caracterisação actual das populações portuguezas, além de lhes não comprehender o significado, Theophilo Braga cahe francamente na sua peculiar *orgia de duendes;* que consiste na dança das raças em torno dos taes factos, reivindicando a paternidade d'elles.

---

de *Civitas* entre os Celtas; e o tenho feito por não me afastar do modo geral de se entender o *clan*. A verdade, porém, é que o *clan* era um agrupamento méramente *politico-militar*, como se verá adiante.

É só lèr quem quizer:

8) «Os Berberes nas suas povoações isoladas teem caixa de *soccorros communs*, e teem as *pastagens communs*, chamadas *Deheza*, que apparecem tambem nas nossas *devezas e baldios*. (São factos universaes; são *survivals*, notados sobre toda a terra, onde quer que tenham existido gentes que tivessem passado pela *communidade tribal*, *aldean* ou outra qualquer; não é licito ignorar cousa tão comesinha). Nos costumes portuguezes conservam-se fragmentos d'estas instituições. (A causa explicativa é que escapa a Theophilo). Diz dos costumes do Suajo D. Antonio da Costa:—Na serra amarella se apascentam de maio a agosto os gados dos habitantes *em commum*, substituindo-se de tres em tres dias os pastores, tirados de cada familia para vigiarem o gado e o livrarem das feras.—Á maneira (Prosegue Braga) do *amin* berber vêmos tambem alli no Suajo a freguezia dividida e governada por um juiz e um thesoureiro...

O *cofre commum* tambem se encontra no Suajo (Segue-se uma citação de D. Antonio da Costa...) Quanto á *distribuição da terra* pelas familias da povoação que usam os Berberes, e a que na Hespanha ainda se dá o nome de *Suerte*, como no Minho, achamos nos costumes do Suajo (Nova citação de D. Antonio da Costa...) Os *celleiros communs* são muito

usados ainda entre as populações do Alemtejo, onde existem as *matmorras*, ou covas para guardar os cereaes, como entre os Berberes; tambem se acham na Guarda, bem como o costume da *deambulação dos gados* nas diversas estações». (Pag. 184 e 185).

Nada mais positivo, nada mais claro: todas estas cousas são dos *Berberes*, passaram d'elles para os *Iberos* e d'estes para os *Celtiberos*. Irrisoria crença!

Na pagina 264 passam a ser germanicas:

9) «Freemann, ao estudar as instituições inglezas, esboça *o quadro da eleição do governo no cantão de Uri como um phenomeno de persistencia da tradição social árica;* mesmo em Portugal, onde persistem costumes das épocas anti-historicas, *temos na povoação do Suajo*, a dez kilometros dos Arcos de Val-de-Vez, o typo da tribu primitiva, *que conserva o esboço geral das instituições europeias, bem como na freguezia de S. Miguel de Entre-Rios, a doze kilometros de Ponte da Barca.*» (Pag. 264).

Claro é que este escriptor tem o habito de fazer seus livros dispondo notas accumuladas que lhe foram fornecidas por auctores das doutrinas mais diversas.

D'est'arte, aproveitadas as notas de *A* sobre certo assumpto, passa ás notas do auctor *B* sobre assumpto identico ou approximado, e, se acontece que *B* tem ideias divergentes de

A, o dr. Theophilo, ou porque não se lembre do que atraz deixou compilado, ou porque não tenha o cuidado de conciliar as suas fontes de informação, ou porque não se resigne a pôr fóra suas notas, no claro empenho de multiplicar livros e mais livros, vae reproduzindo tudo, o que tirou de *A* ou de *B* ou de *C* ou de *D* e assim por diante.

D'est'arte se explicam as repetições, os enxertos fóra de proposito, as divagações e, sobretudo, as contradicções que formigam em suas obras.

N'este mesmo capitulo ora em questão, além dos citados, existem outros muitos casos analogos. O do suffixo *tan* é um d'elles. Na pagina 44, fallando do predominio aryano no norte de Portugal e do semitico no sul, escreve Braga:

«... no decurso historico estas duas zonas approximaram-se e confundiram-se, sendo os nomes locaes, como Tejo e Ana, *phenicios*, e os nomes de povoações com a fórma *brig*, *celticos* (Não esquecer que, na pagina 89, censura G. de Humboldt por suppôr *celticos* os nomes em *brig!...*) Herculano considera no nome *Lusitania*, que exprimia esta fusão, a terminação *tan* como *punica*.» (Pag. 44).

É, pois, fóra de duvida; Braga prega o predominio do *Semita*, maximé do *Phenicio* no sul de Portugal e, como argumento, invoca a opi-

nião, que perfilha, de Herculano sobre a terminação *tan*.

Na pagina 182 muda inteiramente de parecer e escreve, insistindo na origem Berbere dos Iberos:

«A terminação *tani*, dos nomes de muitos povos peninsulares, como *Lusitani*, Turdetani, Edetani, é considerada semelhante á fórma *tah* da lingua dos Tuaregs.» (Pag. 182).

E Braga acceita o facto e, até, em nota junta muitos nomes topographicos com o suffixo *tan*, genuinamente *berbere*. Não se lembrava que, na pagina 44, tinha baptisado o famoso *tan* por *punico*, tomando por padrinho Alexandre Herculano... Que ha, porém, a esperar de um escriptor que n'aquella mesma pagina affirma: — «*os nomes de povoações com a fórma* **brig** *são celticos*» — e, na pagina 89, ousa escrever, tratando das palavras terminadas em *briga* ou em que apparece o grupo *br*, estas monstruosas cousas: — «Guilherme de Humboldt accumula muitos outros nomes em que entra este radical; **mas a preoccupação infundada de uma etymologia celtica** *não o deixa...*, etc., etc.»

Este ponto ficou atraz analysado.

Eguaes contradicções existem ácerca de *bebetrias, municipios, federalismo, espirito particularista local*, como já tenho dito, e, talvez, venha a discutir mais para além.

Afinal passa o leitor o capitulo da decantada

Civilisação Celtiberica mais atrasado do que antes de lhe haver começado a leitura. E, senão, veja se é capaz de responder: — na peninsula hispanica o *clan* foi uma creação do *Ibero?* ou do *Ligure?* ou do *Celta?*

A vida em pequenas *aldeias* foi systema devido ao *Ibero?* ao *Ligure?* ao *Celta?* E a *tribu* pura, se alli existiu, a quem attribuil-a?

E a *communidade aldeian* a quem se deve? Ao *Ibero*, ao *Ligure*, ao *Celta*, ao *Suevo* ou ao *Godo?*

Os *costumes do Suajo* a que raça se prendem?

D. Antonio da Costa, no seu bello livro de viagens intitulado — *No Minho*, attribue-os, no excellente capitulo XV — *No Minho os Barbaros do Norte e a Communa*, aos Germanos:

«Torna-se portanto curiosissimo este verdadeiro typo local na celebre provincia, e se não temos, como a Italia, uma republica de S. Marinho, possuimos *uma tribu da antiga Germania*, não avó que nos amedronta, mas irmã que nos attrahe sympathia» (1).

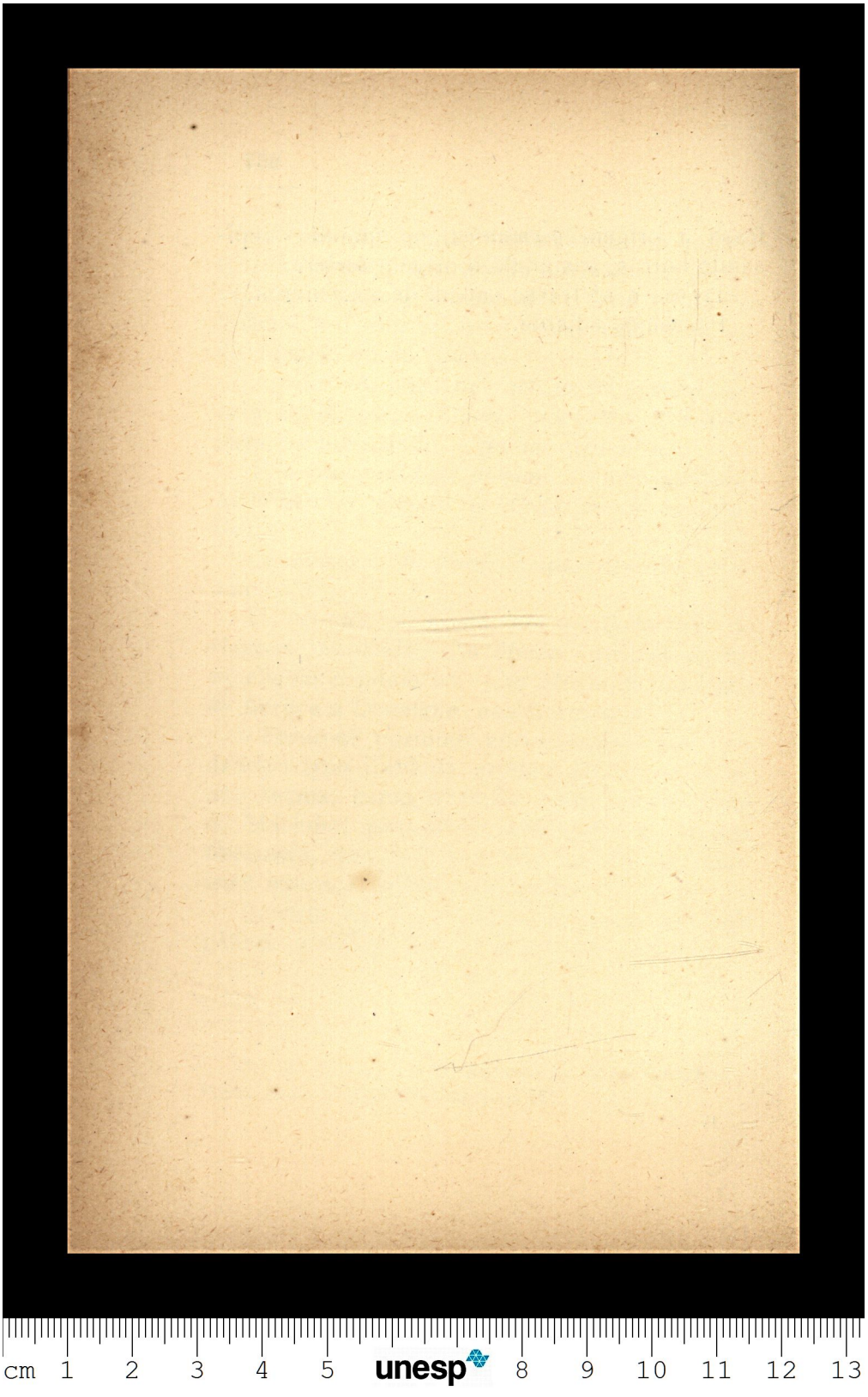
Quando acerta o dr. Theophilo, quando, repetindo o parecer de D. Antonio da Costa, pro-

(1) *No Minho*, por D. Antonio da Costa, 2.ª edição, Porto, Antonio Figueirinhas, pag. 181.

fessa a origem *germanica*, ou quando, repisando outros, assignala a origem *berbere?*

Trevas e só trevas sahem de seus livros...

Passemos adiante.



VI

Colonias dos Phenicios, Jonios e Carthaginezes

Eis o capitulo denominado — *Colonias dos Phenicios, Jonios e Carthaginezes.*

É costume do auctor analysado iniciar sempre os capitulos do seu ultra-extravagante livro por umas generalidades banalissimas que dá como lições de anthropologia e ethnographia, duas sciencias por elle superiormente ignoradas.

O que vae ser agora apreciado não falha á regra; abre por este *amphiguri* que desafia a perspicacia dos mais atilados:

«É notavel a comprovação dada pela anthropologia aos dados ethnicos de uma população com fórmas de civilisação mongoloide.» (Pag. 198).

Uma comprovação dada aos dados ethnicos de uma população com fórmas de civilisação mongoloide!... Que é isto? Que barafunda é esta? E quasi tudo que, de proprio, tem sahido da penna d'esse escriptor, é sempre n'este gosto. Em seus livros só se salvam os innu-

meros trechos citados de auctores ou copiados sem indicação da origem.

Cita, após o *charivari* das primeiras linhas, fóra de proposito, um longo trecho de Paulo e Oliveira ácerca da doutrina de Retzius.

Tendo ficado já muito para traz a questão dos trogloditas e dos primitivos habitantes da Hespanha, repisada impertinentemente em todos os capitulos anteriores do livro, com proposito ou sem a menor sombra d'elle, quando fallou de Iberos e Celtas e Ligures e Bascos e Celtiberos, a que vem, de novo, a repetição das phantasias de *mongoloides europeus*, quando se vae tratar de *Phenicios* e *Jonios*? Repisa o pretendido parentesco dos *Lapões* e *Finnezes*, contestado por Broca, firmado na anthropologia sem fallar nos argumentos da linguistica contra similhantes phantasias (1).

Braga, dando por evidentes o intimo parentesco de Lapões e Finnezes, tanto que os indica muitas vezes sob a denominação de raça *lapo-finnica*, repetindo auctores de quinta ou sexta-ordem, os filia a uns e outros entre os Mongóes, e escreve estas palavras, verdadeiramente singulares:

1) «As relações entre esta raça *(mongolica)*

(1) Vide *Mémoires d'Anthropologie*, II, pag. 117, 423, 424, 556.

e o typo laponio são explicadas pelos anthropologistas fazendo d'este o representante de uma migração que acompanhou o rangifer para o norte quando o clima da Europa se elevou. Uma cousa é o facto, e outra a explicação. A falta de um prospecto geral da distribuição (Vamos vêr a explicação nova de Braga...) da primeira raça asiatica que penetrou na Europa, é que fez recorrer a estas explicações de occasião, porque (Este *porque* é um prodigio de logica!...) a raça *lapo-finnica* deve-se considerar como *retardada e nunca como tendo avançado* (De fórma que estes pobres diabos sahiram, segundo o auctor, dos centros da Asia e chegaram aos confins da Europa do norte sem ter *avançado!* É um cumulo!), da mesma fórma que a raça *berberica* que ficou *retardataria* (Confunde o sentido *espiritual* do termo com o material...) e confinada junto do Atlas.

Os ramos mais activos d'essa primeira expansão *mongolica* na Europa (Lá vem as *duas viagens* que obsedam Braga...), é que desceram do norte para o sul, como vêmos com os *Eusk* ou Aquitanios, e é que penetraram por todas as ilhas do Mediterraneo e Europa meridional, como vêmos (Esses repetidos *como vêmos* com pretensão a provas positivas—são muito engraçados...) com os *Iberos* e Libyos.» (Pag. 200).

O pobre homem já não se lembrava que, linhas atraz, tinha gasto tinta e papel para repetir a velha doutrina da identidade dos *Iberos* e *Berberes* e *Libyos*. Agora vem dizer-nos que os *Berberes* ficaram, á guiza dos que chama *Lapofinnicos*, parados e que *Iberos* barafustaram por ilhas e terras do sul da Europa, seguindo do Meio-Dia para o norte a enfrentar, mansueto *rendez-vous*, com seus parentes que vinham do rumo opposto—os *Aquitanios!*... E a estas babuzeiras é que se chama a moderna sciencia que Alexandre Herculano tinha a desgraça de desconhecer. Misericordia, Santo Deus!

E prosegue immediatamente:

2) «Esta raça (A dos *Iberos* e *Libyos)* tinha uma civilisação rudimentar (Aqui é *rudimentar;* n'outros topicos do livro é *avançada*...) da qual poder-se-ha formar uma *clara* ideia (Está muito engraçada a clareza...) pelas *descobertas accadicas* (Lá vem o delirio agudo!...) feitas no *ponto da sua irradiação atravez da Africa e para a Europa*. Pelo contacto com os povos Arias, e *sendo talvez a causa da sua differenciação do tronco branco* (Que é isto?!), elles vieram preparar na Europa as condições para a hegemonia da raça mais progressiva da humanidade.» (Pag. 200).

De fórma que os *Iberos*, *Berberes* e *Libyos* sahiram, sem a menor sombra de duvida da Mesopotamia do Tigre e Euphrates, e a essa

região chama o sr. Theophilo Braga, em sua detestavel lingua, *ponto de irradiação atravez da Africa e para a Europa!...*

E o mais interessante é que esses amulatados *Mongóes*, em contacto com os Arias, foram *a causa da sua differenciação do tronco branco...*

Mas *sua* — de quem?

Se a differenciação é dos Arias, qual foi o tronco branco de que se differenciaram? Se é dos *mongolicos*, qual foi o tronco branco de que se differenciaram elles por sua vez? E como, sendo, n'esta hypothese, brancos de origem, poderiam em contacto com os Arias, tambem brancos, se differenciar de um tronco branco?

O dr. Theophilo não pesa as palavras que escreve e nem sabe o que diz. É pavoroso o chaos em que se lhe agitam as ideias.

Como quer que seja, nada do que tem vindo a allegar tem a mais leve ligação com Phenicios, Jonios e Carthaginezes. Afinal surgem aquelles e são recebidos assim:

3) «As consequencias geraes da civilisação phenicia foram: preparar a *mais facil assimilação dos progressos* trazidos pelas colonias gregas ou jonicas, as quaes já haviam recebido o primeiro impulso dos Phenicios...» (Pag. 201).

É ideia plagiada, bem como todo o resto do trecho, dos auctores que vêem no elemento semita—de Tyrios, Carthaginezes, Judeos e Arabes—um constante estimulo para as aspirações

cosmopoliticas no mundo occidental, contra o *particularismo* aryano. Na pag. 214, Braga repisa:

4) «Os Phenicios fizeram entrar a peninsula hispanica no concurso das civilisações mediterraneas, representadas pelo Egypto e pela Syria, pelos Helenos e pelos Italiotas; assim, depois do fundo ethnico commum já indicado, elles vieram estabelecer a *concordancia nas fórmas da civilisação occidental*, porque a Grecia continuava os progressos do Egypto e dos Phenicios, os Italiotas seguiam os primeiros impulsos da Grecia...» (Pag. 214).

Mas não era só a ideia da marcha rhythmica da civilisação, descripta por Mommsen, nas primeiras paginas da *Historia Romana*, passando da bacia do Mediterraneo para o Oceano, aliás muito melhor descripta por Buckle e melhor ainda por Mettchenikoff, aquelle na *Historia da Civilisação na Inglaterra* e este em *Os Grandes Rios e a Civilisação*, que a fizeram sahir dos deltas de certos rios para os mediterraneos e d'estes para os mares livres e grandes oceanos e para o planeta inteiro, não era só essa ideia e o papel que n'ella cabe aos Phenicios que o dr. Theophilo tinha sêde de reproduzir, dando-se ares de annunciador de novidades. Era fatal que se apropriasse tambem da ideia do antagonismo entre Aryanos e Semitas, travando lucta renhida no solo da Hespanha e vindo esta lucta a constituir o interesse drama-

tico da historia n'essa região. Oliveira Martins tinha escripto sobre esse thema, senão novo, por elle renovado, vibrantes paginas que eram e são um pesadelo para Theophilo. Não hesitou, pois, em desmanchar, por suas proprias mãos, a *harmonisação* que era a caracteristica do genio Phenicio e a sua missão historica no mundo, e escreveu:

5) «Para as regiões do norte de Portugal desenvolveram-se as colonias maritimas dos *gregos (Ligures* aliás; Braga attribue a gregos o que era puramente ligure), e ainda hoje existem vestigios na belleza das mulheres (Braga n'este livro repete isto uma duzia de vezes e n'outros livros umas trezentas), como em Ovar, Aveiro, Maia e Vianna; o sangue arabe nunca se estendeu da Villa da Feira para cima. *O antagonismo* (Sic) *entre gregos e phenicios revela-se aqui em uma accentuada linha de separação.*» (Pag. 202).

E accrescenta paginas adiante:

6) «A fronteira lusitanica fixada pelos geographos antigos nas margens do Douro é um facto significativo, que só pelas colonias gregas do norte se póde bem comprehender; os gregos e phenicios *andaram sempre em conflicto nas suas explorações* maritimas e commerciaes, até que pela *violencia da situação* (Adeus, harmonisação dos Phenicios!...) os gregos fizeram-se substituir na lucta chamando os romanos e entregando-lhes as suas colonias, para

assim se achar de frente a frente com os Phenicios esse novo poder. Portanto, os limites dos *lusitanos* determinam-se no ponto em que os Phenicios na occupação da peninsula iberica já então por causa d'esse novo povo chamada *Span*, se encontraram com as colonias gregas do norte. E isto que se deduz do *antagonismo dos dois povos*, verifica-se na conquista arabe, em que o dominio sarraceno se não elevou tambem acima do Douro.» (Pag. 204).

Trecho singular este, duplamente contradictorio; porque se, de um lado, se contrapõe á famosa *harmonisação phenicia*, paginas antes tão apregoada, por outro lado, estabelecendo que a genuina Lusitania ia até onde chegavam as possessões phenicias, ao passo que *a differenciação de Portugal dos outros povos da Hespanha começa e se deve principalmente com o predominio do elemento árico do norte* (Pag. 203), se colloca em radical polaridade com o que o auctor escreveu insistentemente na pagina 146, na qual assevera que o começo da differenciação portugueza se deve ao «*estabelecimento das tribus Turdulas que faz o territorio confinado pelo Minho corresponder a uma realidade ethnologica, designada pelo nome de Lusitania* (Sic), *cuja separação do elemento gallaico era devida ao cruzamento com os libyo-phenicios.*» (Pag. 146).

Quando terá razão este exquisito homem: quando faz derivar a differenciação de Por-

tugal ao predominio aryano (Pag. 204), ou quando a faz dimanar do cruzamento libyo-phenicio? (Pag. 146).

E, se n'uns pontos atira *Portugal* especialmente para o norte e fixa a *Lusitania*, como alguma cousa de estranho para as paragens do sul, onde predominaram semitas (Phenicios e Arabes), n'outros faz corresponder os dois territorios e as respectivas populações.

Exemplo d'isso é:

7) «André de Rezende confundia o nome de *lusitano* com o de *portuguez*, e o da *Lusitania* com o territorio de Portugal, porém dado o desconto ás differentes raças que ainda occuparam a peninsula hispanica depois dos Celtas, e que são factores essenciaes da nossa nacionalidade, e attendendo ás modificações politicas que pelo conflicto d'estas raças variaram os limites do territorio, a ideia de Rezende é *profundamente verdadeira;* entre os historiadores como Damião de Goes e Jeronymo Osorio, e entre os poetas como Henrique Cayado e Camões, o nome de *Lusitania exprime a tradição ancestral portugueza com uma intuição que a ethnologia confirma* » (Pag. 148).

Um ponto que o dr. Theophilo repisa, contra o que hoje se sabe, depois do estudo da *Ora Maritima*, de Avieno, é o da existencia de innumeras colonias gregas no norte de Portugal. É uma especie de estribilho que elle modula

de vez em quando, principalmente no correr do capitulo ora analysado. Vêde:

8) «Para as regiões do norte de Portugal desenvolveram-se as *colonias maritimas dos gregos*, e ainda hoje existem vestigios na belleza das mulheres como em Ovar, Aveiro, Maia e Vianna.» (Pag. 202).

9) «Segundo os geographos antigos (É falso), desde o Douro até ao Cabo de Finisterra, *o territorio era totalmente habitado por colonias gregas;* fallando do Lima, diz Silio Italico—, que corre pelo terreno dos Gravios:—*Guippe super Gravios lucentes volvit arenas.* Tambem Plinio diz—*graecorum soboles omnia.*

Este facto, que ainda hoje se authentica na belleza esculptural das mulheres da Maia, de Vianna e de varias povoações da costa do norte, apparece em muitos usos *privativamente* gregos.» (Pag. 204).

10) «Estando occupada a Andaluzia, e a região do Algarve e Extremadura pelas colonias phenicias, os expedicionarios *gregos* foram costeando *para o norte*, estabelecendo estações nas fozes e margens do Douro, do Lima e Minho; Plinio falla d'estas povoações, caracterisando-as *graecorum soboles omnium*, e Strabão allude ás analogias dos seus costumes, nos ritos cultuaes e ceremonias do casamento *more graeco.* Este facto, repetimos, actuou sobre o typo e no genio portuguez; ainda hoje (Lá vem o estribi-

lho...) é admirada a belleza esculptural das mulheres do norte de Portugal, de Aveiro até Vianna...» (Pag. 219).

O dr. Braga, é claro, exaggerando duvidosas affirmativas de varios escriptores, acredita e quer fazer acreditar aos seus leitores que na costa occidental da peninsula hispanica, maximé na região correspondente ao norte de Portugal e a actual Galliza houve uma vasta colonisação grega. Hoje ninguem mais acceita similhantes phantasias pelas seguintes razões, cada qual mais ponderosa:

1.° A historia da colonisação devida aos gregos é já agora bastante conhecida e provado está que elles nunca sahiram para além das columnas de Hercules; sua actividade se circumscreveu dentro da bacia do Mediterraneo e mares a ella adstrictos.

2.° Não houve uma só região em que pozessem pé e tomassem conta de um territorio, no qual não fundassem logo uma cidade, ponto de apoio julgado por elles e, com razão, indispensavel. Assim foi na Asia anterior, na Italia do Sul, na Sicilia, nas ilhas do Mediterraneo, do Eggeo, do Thirrheneo, no Sul da França, na costa oriental da Iberia.

Ora, nenhuma cidade, nenhum burgo, nenhuma aldeia grega foi jámais conhecida e nomeada na região das phantasias do dr. Theophilo. Isto é significativo.

3.º As phrases que se lèem em Strabão ao dizer que certas gentes da citada região faziam os casamentos *more greco*, as hecatombes *ritu greco*,—não provam a existencia alli de colonias sahidas da patria grega; provam exactamente o contrario. O geographo não cahiria na infantilidade de dizer que *gentes gregas* se casavam ao *modo grego*. Seria uma tolice. Nunca o disse de facto onde quer que fallou de *genuinos gregos*. Admirava-se sim de que povos não gregos, povos estranhos á sua raça tivessem algumas usanças que lembravam as de sua nação. Nada mais claro.

4.º A critica tem hoje explicado essa apparente extravagancia provando a existencia na região questionada do primeiro ramo aryano que penetrou e se espalhou em grande parte da Europa, antes dos Celtas e bem antes dos Gregos: os Ligures. Como *aryanos* que eram, não é para admirar que tivessem varios costumes em commum com as gentes hellenicas. Os Gregos da mais alta antiguidade, como Hesiodo e Anaximandro de Mileto distribuiam d'este modo os povos antigos: *Indús* a Oriente, *Ethiopes* ao Sul, *Scythas* ao Norte, *Ligures* a Oeste (1).

(1) D'Arbois de Juvainville, André Lefèbre citam os textos.

N'este ponto escreve o grande sabio portuguez Francisco Martins Sarmento: «Assim é que em épocas muito remotas, posteriores todavia á occupação do sudéste da Europa pelos thracios, uma grande massa de povos aryanos faz a sua apparição no norte e d'ahi se estende até o sul da Europa, occupando de preferencia os littoraes; é um facto fóra de toda a discussão. Que esta marcha seja aberta por tribus anteriores aos hyperboreos, ou as inclua já, é o que ninguem poderá affirmar, ou negar com consciencia, mas o que não affecta essencialmente o problema ethnico, pois que a origem d'umas e d'outras deve ser a mesma; que sob o nome de hyperboreos se *comprehendam povos da mesma familia dos selloi, graici*, etc., e que estes seguissem o caminho, indicado ainda hoje pelos marcos millenarios dos dolmens, é o que póde causar tão pouca surpreza, como a marcha de quaesquer outros emigrantes que fizeram esta longa peregrinação, partindo do mesmo ponto, e o que o rasto das tradições gregas deixaria entrever» (1).

Evidentissimo se torna que se trata n'estes factos relativos ao primitivo povoamento da Europa occidental de migrações de povos aryanos, descidos do norte para o sul, nas mais antigas

(1) *Os Lusitanos*, pag. 23.

eras, e não de *colonias*, mandadas fundar pelos gregos, seguindo a direcção inversa de sul a norte, na época historica. Não; ao norte de Portugal não houve nenhuma Marselha e nenhuma Ampurias. Mas eis que o lucido e eminente Martins Sarmento é ainda mais explicito n'esta passagem:

«Sobre este mundo mysterioso, que as sciencias archeologicas forcejam resuscitar, poderiam lançar uma viva luz os documentos phenicios. É sem duvida alguma com estas populações préceltícas, e dominantes na vasta zona dos dolmens, que do seculo XII em deante começam a lidar os Tyrios no seu commercio com o paiz do estanho e do ambar. Infelizmente este povo é o menos communicativo da terra, e a sua reserva parece obedecer além d'isso a um calculo de mercador, que lucra em envolver no maior mysterio a fonte de riquezas incalculaveis que quer monopolisar. Afóra o documento do seculo VI, que um verdadeiro milagre nos salvou, as informações que sobre o Occidente devemos aos Phenicios, andam dispersas e desfiguradas pelos mythographos e outros escriptores antigos, sendo ainda um *desideratum* o destrinço e a collecção d'estes materiaes, feitos com a critica severa que elles estão exigindo. Para alguns investigadores, por exemplo, *Albion* e *Dercynus*, filhos de Neptuno, *Lygus* e *Bergion*, adversarios de Hercules, nada

mais são que os insulares do mar do Norte e outros povos do noroeste da Europa, que receberam pouco amigavelmente a primeira visita dos filhos de Melkart. Esta interpretação parece de todo o ponto justificada pelo *roteiro do seculo VI*, que conhece uns *Albiones*, uns *Dranganes* mais que um *povo ligurico* nas regiões, onde o theatro d'aquellas scenas melhor póde collocar-se.

O que, porém, *é incontestavel, é que o nome collectivo dos povos occidentaes na antiga geographia era o de Ligures*, segundo se vê ainda de um fragmento de Hesiodo que nos dá o Norte occupado pelos *Scythas*, o Sul pelos *Ethiopes*, o Occidente pelos *Ligures;* e esta *geographia não póde deixar de ser phenicia, pois que no tempo de Hesiodo, e ainda seculos depois* (sic), *os Gregos apenas podiam saber de positivo sobre o occidente e os povos occidentaes aquillo que aos Phenicios aprouvesse communicar-lhes.* Eram, pois, os *Ligures* que os Phenicios consideravam como representantes da civilisação do Occidente; e os *albiões* e *oestrymios*, que o documento do VI seculo nos nomeia na Inglaterra, os *hibernos* na Irlanda, os *cempses*, *cynetes* e *tartessios* no poente e sudoeste da Hespanha, não são certamente outra cousa mais que differentes ramos d'esta grande collectividade de povos, que *pela affinidade saliente de seus costumes e raça* tinham direito a uma dominação commum perante a

theoria geographica, mas que, como é de crêr, se resolviam em ethnicos mais ou menos especiaes na nomenclatura de um observador, que os passava particularmente em revista.

Isto é tanto mais provavel, que o roteiro conhece *ainda dous povos com o nome especial de Ligures, um no sul da Inglaterra, os celebres Ligures do Baltico, fugidos aos Celtas, outros no noroeste da Hespanha* (sic), *a norte dos Cempses, e que, a nosso vêr, são os Lusitanos dos escriptores subsequentes*» (1).

É isto; este grande mestre, que conhecia a fundo as fontes classicas, os ethnologos modernos e a archeologia do septentrião de Portugal por investigações directas, affirma que do velho *mundo mysterioso* do Norte e Occidente da Europa da época pré-celtica, os gregos *só poderiam saber o que aos Phenicios aprouvesse ensinar-lhes*...

O dr. Theophilo, que tudo tinha a aprender em tão seguro guia, despreza-o e entra a povoar Aveiro, Ovar, Vianna, o Lima, o Douro de colonias gregas e a sonhar com *a belleza hellenica das mulheres da Maia!*...

São gostos, reveladores de grande phantasia, talvez; mas de nenhuma sciencia séria, por certo.

---

(1) *Os Lusitanos,* pag. 24 e 25.

Impossivel é analysar todas as cincadas do capitulo sobre—*Colonias dos Phenicios, Jonios e Carthaginezes*, sem cahir no genero massador. Tantas são ellas.

Passarei de leve sobre algumas afim de seguir para diante.

Ás vezes, senão quasi sempre, tira conclusões que são justamente o inverso das premissas. Assim, a paginas 208, escreve:

«A quantidade excepcional de divindades *italicas* que apparecem nas inscripções lapidares reunidas na Collecção de Berlim, revelam-nos a existencia de *povoações da mesma raça a que pertenciam os romanos, e que facilmente adoptaram a lingua latina.*»

Não seria mais logico concluir da abundancia das divindades *italicas* nas inscripções da Peninsula—a importancia, o valor, a profundeza, a extensão da colonisação romana?

Mas é que o dr. Theophilo vae, já desde aqui, preparando o terreno para, em desaccordo completo com as verdades mais solidas da linguistica moderna, vir dizer-nos, repetindo alguns ignorantes lettrados, que as chamadas linguas novo-latinas são velhos idiomas que sempre existiram ao lado do latim, e não transformações dialectaes d'esta lingua. Mais além, este desproposito terá de ser apreciado. Vêr-se-ha.

Na mesma pagina 208, em nota, escreve:

«Os nomes de divindades *phenicias*, como *Melkart*, foram apropriados pelos *gregos* ás suas divindades, e este facto *nos revela a importancia das feitorias* **gregas** *na Peninsula.*»

É muito exquisito esse modo de concluir: se os gregos adoptaram os nomes das divindades dos phenicios, porque estes nomes eram geralmente, então, conhecidos, tanto que havia conveniencia em os adoptar, não seria mais logico deduzir d'ahi a importancia das colonias phenicias, encontradas pelos gregos por onde quer que andavam?

Parece claro a toda a gente, menos a Braga.

Mas são pequenos disparates que ficam offuscados diante de grossos erros, indesculpaveis contradicções, e calvos plagiatos.

Um d'esses grossos erros que se espanta a gente de encontrar nas paginas escriptas por um individuo que é auctor de uma historia das *Civilisações Turanianas* e de uma historia das *Civilisações Semitas*, é o que se refere á entrada e dominio dos Carthaginezes na Iberia.

É pouco mais ou menos como aquelle famoso erro de dar a conquista da Gallia como *anterior* á da Hespanha que atraz ficou apontado.

Na pagina 208, já citada duas vezes, lê-se isto: «O dominio carthaginez na *Peninsula* data do anno de 242, quando repellidos os carthaginezes da Sicilia e da Sardenha trataram imme-

diatamente de se apoderar dos territorios ao sul do Ebro. As consequencias do dominio carthaginez foram a conquista e unificação politica da *Peninsula* pelos Romanos, que intervieram no conflicto das colonias gregas e dos carthaginezes; essa intervenção data do anno de 264, no começo da primeira guerra punica.» É um perfeito embrulho: os Carthaginezes teem colonias na Peninsula pelo menos desde 264 (A. C.), tanto que n'este anno interveem os romanos nas suas pendencias com os gregos, e o dominio carthaginez na mesma Peninsula começa no anno de 242 (A. C.)! Como tudo isto está erradamente contado!

É certo que nos vinte e tres annos, que medeiaram entre a primeira e a segunda guerra punicas (241-218), os Carthaginezes procuraram o mais possivel alargar seus dominios na Hespanha; mas é um erro de criança fazer só de então datar sua presença conquistadora alli.

Não é só. Esquecido o sr. Braga do que tinha escripto na referida pagina, adianta na 221: «Repellidos os Carthaginezes das costas de Italia e da Sicilia, *fizeram convergir o seu interesse* para as colonias da peninsula; o *seu dominio estava completamente firmado aqui quatro seculos antes da nossa era.*» Um erro e uma contradicção: contradicção, quando diz que o dominio carthaginez estava firmado na Hespanha

havia quatro seculos (A. C.), tendo asseverado antes que tal dominio tinha começado no anno 242, pouco mais de *dois seculos* antes da mesma era; erro, quando faz depender a firmeza de tal posse do *maior interesse* a ella prestado, depois da *repulsa dos carthaginezes das costas da Italia e da Sicilia*, porque tal facto não se deu quatro seculos antes da era vulgar e sim bem mais tarde.

O ensino dos mestres e sabedores modernos é outro.

A dominação dos Carthaginezes na Hespanha teve tres diversos periodos. O primeiro, que vae do anno de 950 (A. C.) ao v seculo, se confunde com o proprio dominio dos Phenicios. Estes eram os chefes, os senhores; porém a maior parte dos colonisadores com que contavam para manter-se no solo hispanico eram Liby-Phenicios. Caindo Tyro em poder dos Babylonios em 574 e pouco mais tarde sob o jugo dos Persas em 537, Carthago proclamou-se independente e manteve-se na Hespanha por sua propria conta. É o segundo periodo, que durou poucos annos, cedendo os conquistadores africanos o passo aos Celtas, que os rechassaram da maior parte dos pontos que occupavam; mas não de todos. Em varias paragens os Carthaginezes conservaram-se senhores do terreno e sustentaram colonias, que vieram a ser a base da forte irru-

pção que fizeram pela maior porção da Peninsula pelos annos de 241 a 218.

Foi então que se abriu a terceira phase do dominio punico, que era destinado tambem a pouco durar; porque n'aquelle ultimo anno começou a segunda grande guerra de vida ou morte entre Roma e a Republica africana, guerra que a esta devia custar a perda de suas possessões hespanholas (1).

Tudo isto é bem diverso das compilações contradictorias do auctor de *A Patria Portugueza*.

Finalmente, algumas palavras sobre o que se poderia chamar a doutrina geral do capitulo, e que seria a synthese de todo o livro, se o auctor, paginas além, a proposito de *mosarabes*, que são a sua maior paixão, não a alterasse em grande parte.

Sabe-se que o phenomeno da decadencia rapida da Hespanha tem dado logar a um certo numero de theorias explicativas, quasi todas ou todas ellas falhas ao fim a que se propõem.

São explicações demasiado simplistas para serem acceitas como capazes de dar conta do facto.

---

(1) Vide — Jubainville; *Les Prémièrs Habitants de l'Europe*, I, pag. 61, 65.

As mais notaveis são a dos *democratas* de todos os typos, maximé os *federalistas*, que atiram, no meio de grandes gabos ao povo, toda a culpa para a *realeza* e a *Egreja catholica;* a dos *reaccionarios* e *absolutistas* que dizem exactamente o contrario; a de H. Th. Buckle, o famoso auctor da *Historia da Civilisação na Inglaterra,* que vae buscar nas condições do solo hispanico as raizes mais fundas das qualidades do caracter do povo, um dos da Europa, no qual as leis *moraes* se desenvolveram fóra da acção das *intellectuaes,* produzindo *ignorancia, fanatismo, reverencia e lealismo exaggerados, apêgo a tudo esperar do Estado, ausencia* de *grandes iniciativas creadoras* e *progressistas.* Ao lado d'estas podem-se inscrever a de Pompeyo Gener, que acceita a explicação fundamental de Buckle, juntando-lhe motivos tirados do facto de *mestiçamento* das populações da Peninsula; fonte, a seu vèr, de *inferioridade,* e a de Oliveira Martins, que tece um peculiar caracter ao hespanhol, oriundo do *conflicto,* travado nas almas e na historia, *entre a corrente semitica e a aryana.*

Theophilo Braga, conforme seu costume, ao defrontar-se com os democratas e federalistas, repete-lhes as objurgatorias contra a *realeza* e a *clerezia,* e, ao avistar-se com Buckle, acceita as suas doutrinas, que estão em completa opposição ás d'aquelles.

E o mais interessante é que, fingindo dar quinaus em Oliveira Martins, copia d'elle, quasi textualmente, as ideias correntes e as, senão novas, renovadas por esse celebre phantasista da historia.

A summula da doutrina de Martins, firmada, em parte, em ideias já por outros defendidas, e, em parte, em ideias que lhe eram peculiares, se reduz ás theses seguintes: 1.º pertinacia e sobrevivencia geral do Ibero na Hespanha; 2.º parentesco do Ibero com o Berbere, cujo caracter ainda hoje reproduz em mais de um traço; 3.º lucta entre esse genio especial e a influencia aryana devida a outros povos que estancionaram na Peninsula.

N'este ultimo ponto é que Martins diz alguma cousa de novo.

É claro que não devo n'este logar entrar na discussão esmiuçada de taes theorias, já, em parte, analysadas n'outros escriptos. Seria descabido (1).

Se o tivesse de fazer, opporia ás doutrinas exclusivistas e incompletas d'esses auctores uma explicação estribada nas seguintes series de factos e considerações:

---

(1) Vide, na *Revista Brasileira,— Historia do Direito Nacional*, e, nos *Annaes,— Uma supposta theoria nova da historia latino-americana.*

1.º As *singularidades do meio* hispanico que fazem das regiões do sul uma quasi continuação da Africa e mui diversas das regiões do norte.

2.º O *fundo primitivo e mais espalhado da população* que é a mesma gente *patriarchal, consummaria de familia ou de tribu*, do continente fronteiriço, fóra, porém, na peninsula, das suas condições normaes de existencia.

3.º O *mestiçamento geral* de todas as gentes hispanicas, mestiçamento reforçado no curso de seculos e seculos por elementos inferiores (mouros, almohades e almoravides quasi todos mesclados de negros, nubios, ciganos, e todo o rebutacho das gentes da Asia occidental e da Africa do norte, trazidos pelos arabes).

4.º Mais ainda do que o simples mestiçamento geral, o que se poderia chamar a *mestiçagem divergente e localista*, porque na Hespanha se nota o phenomeno singularissimo de não ter havido uma só das muitas raças que para lá se dirigiram que a tivesse senhoreado por inteiro e espalhado gente por todas as partes. Sempre o contrario se viu: aqui acantoaram-se *Ligures*, alli *Phenicios*, alli *Celtas*, alli *Carthaginezes*, acolá *Gregos*, além *Romanos*, mais além *Suevos*, adiante *Godos*, mais adiante *Vandalos*, para além *Silingos* e mais *Alanos*, n'outras paragens, e após tudo isto, *Arabes*, sendo certo que nenhuma só d'estas raças colonisou a Pe-

ninsula por completo, lançando apenas por toda a parte a confusão ethnica e a desordem nas almas.

5.º A grande singularidade, o facto quasi sem igual na historia da Europa de uma conquista, por gente de todo estranha de raça e religião e costumes, em plena idade média, no momento precioso exactamente em que se começava a fazer a fusão dos antigos e novos elementos de que ia sahir a Europa occidental. Nem a Scandinavia, nem a Allemanha, nem a França, nem a Hollanda, a Inglaterra, a Italia, nenhuma d'ellas passou por um tão grande infortunio perturbador, como a Hespanha com os *Arabes*. Na Europa oriental os casos da Hungria, Russia e Peninsula dos Balkans não se lhe podem de todo comparar. O da Hungria, porque, sobre ser a invasão de territorios que não eram a séde de um grande povo, foi ella assás posterior, trouxe a victoria completa do elemento estranho, imperando hoje alli o *Madgyar*, que acceitou promptamente o christianismo.

Na Russia os *Tartaros* e *Mongóes* só chegaram no XIII e XIV seculos; já acharam o povo slavo mais ou menos constituido e acabaram por ser absorvidos. O caso que se approxima mais do hespanhol é o dos Balkans. Os *Turcos* apossaram-se do velho Imperio do Oriente, comprehendendo—Grecia, Macedonia, Bulga-

ria, Valachia, Moldavia, Servia, Illyria, etc. Mas duas circumstancias afastam este caso do outro; eram velhas populações, já feitas, que não tinham, além d'isso, soffrido a invasão do elemento germanico do v seculo; e a irrupção turca é um facto, por assim dizer, de hontem, da segunda metade do xv seculo, setecentos e quarenta annos posterior ao da Hespanha medieval, em via de formação. Entretanto, que horrivel e inapagavel perturbação não foi e é o Turco para as populações da Rumania, da Grecia, da Bulgaria e da Servia!...

A invasão turca foi a causa unica do fraccionamento d'aquellas gentes, de seu atrazo, da grosseria de seu caracter (1).

6.° As condições da reconquista contra o Arabe que nem tinha assimilado as populações preexistentes nem se deixou por ellas assimilar, reconquista morosa, iniciada e dirigida, como notam Buckle e P. Gener, por hespanhoes do centro, privados do contacto do mundo e por isso presto cahidos em forte atrazo espiritual e assignalada miseria economica.

---

(1) Não refiro o caso da conquista da Inglaterra pelos *Normandos;* porque, além de já terem achado constituida a gente anglo-saxonia, eram um povo da mesma raça e da mesma religião.

7.º O terem sido esses os que vieram a preponderar sobre os hespanhoes de todas as zonas.

8.º As condições especiaes de trabalho, geradas pelo meio e por todas essas contingencias historicas.

9.º O caracter predominante no povo, formado por todos os motivos precedentes, que é o das gentes que a Sciencia Social denomina *communarias de Estado, com familia instavel, esperando tudo de uma providencia exterior, sem iniciativa, sem capacidade de viver por si sós.*

Agora podem-se ouvir as brilhantes e phantasiosas generalisações de Oliveira Martins, repetidas em linguagem pedestre pelo dr. Theophilo. Eis a comparação entre as raças:

«A hypothese da affinidade entre os povos primitivos da Hespanha e os *que ainda hoje representam as populações da Africa septentrional* tem por si argumentos cada vez mais poderosos. Estudados os da anthropologia e da archeologia pré-historica, achamos em trabalhos recentes sobre a Kabylia provas cujo alcance é incontestavel.

Os kabylas são os genuinos representantes actuaes dos numidas de Massinissa, de Syphax e de Jugurtha, terriveis para os romanos.

As invasões successivas d'estes, dos phenicios, dos vandalos e dos arabes repelliram-nos das costas da Africa, onde a velha religião e a

lingua antiga foram vencidas, para o interior onde se conservaram até nós, puros, alguns documentos da sua existencia remota (1).

Quasi identica ao tuareg e aos idiomas saharianos, desde o Senegal até á Nubia, para áquem dos negroides do Sudão, a lingua kabyla ou berbere é affim da do Egypto, o copta; e se se provasse que tambem o é do basco, desappareceria a singularidade d'este phenomeno linguistico, esclarecendo-se definitivamente a questão da origem das populações ibericas.

Tinha um alphabeto particularmente seu, a raça berbere; *tinha uma religião que trocou pelo islamismo;* e das suas creações proprias os restos actuaes são, além da lingua, *o systema das instituições sociaes.*

Acceitando a religião de Coran, o kabyla não lhe acceitou os preceitos civis e politicos: manteve com o islamismo o seu direito consuetudinario.

É nas instituições que nós vamos encontrar singulares traços de affinidade entre os kabylas, entre o que a historia nos diz da Hespanha, e

---

(1) Oliveira Martins acreditava que os Berberes da costa, refluindo para o interior, é que tinham formado a população da Africa desde o Mediterraneo até o Soldão. O contrario é exactamente a verdade. Da *zona dos desertos* é que os Berberes chegaram *á costa* que occuparam, passando até a Hespanha.

o que por baixo das fórmas sociaes, impostas pela civilisação romana e germanica, encontramos ainda hoje no caracter e nos costumes peninsulares.

A **djemâa** *ou aldeia* (?!) *das tribus do Atlas* assemelha-se de um modo tão notavel ao *pueblo* hespanhol, que é licito suppôr na Hespanha pré-romana *djemâas* constituidas pelos *conquisdores em municipios e que sob esta fórma vieram até nós. Apesar da centralisação imperial romana e depois catholica, o* **ayuntamiento** conservou-se na Hespanha e é ainda hoje a molecula social. O **ayuntamiento,** a **djemâa**—são a *aldeia,* com o seu **amin** ou **alcalde** eleito.

Na Kabylia não ha Estado ou poder central que delegue administradores para tutelarem a **djemâa;** na Hespanha a civilisação á europeia creou um Estado, mas no **ayuntamiento** não ha tampouco representantes d'elle. A organisação politica parte de baixo para cima, *federativamente;* e só na *provincia,* aggregação de **ayuntamientos,** apparece o *gobernador.* O Estado, á europeia, não póde penetrar mais fundo. Todo o kabyla póde ser **amin,** todo o hespanhol **alcalde.**

Como a **djemâa,** tambem o **ayuntamiento** é uma *caixa de soccorro mutuo;* e se para cá do Mediterraneo não se encontra a *thimecheret,* ou distribuição de carne, *encontra-se no pueblo o* **celleiro collectivo** *e a* **deheza** *commum onde os municipes mandam pastar o seu gado—todos* teem

pelo menos um porco e um burro—encontra-se finalmente a **suerte**, onde cada qual lavra o seu pão. Este systema, commum dos dois lados do Mediterraneo, não fomenta decerto a producção da riqueza, mas regularisa a distribuição e evita o proletariado. A pobreza fica sendo um incidente, não uma fatalidade; e por isso o mendigo não perde a nobreza, a dignidade; não é um pária como nas sociedades industriaes, nem um *infame* como um inglez já disse. O sentimento de uma egualdade natural imprime-se nas instituições, e reage contra as forças espontaneas da natureza economica.

Não só a **djemâa** como tambem a **anaia** e o **çof** são documentos de affinidade ethnica, já não observaveis hoje na Peninsula, mas conhecidos nos fastos da historia que os supprimiu.

A **anaia** do kabyla é o pacto de protecção reciproca, realisado na Hespanha sob o nome de **behetria;** o **çof** é a *liga que d'este lado do Mediterraneo existiu com o nome de* **union**. Quando a anarchia dos tempos da reconquista da Hespanha aos arabes accordou os instinctos juridicos, parece que o povo se lembrou dos velhos usos esquecidos sob a denominação romana, e sob a visigoda que continuou a precedente. Dos dois lados do Mediterraneo **uniones** e **çofs,** estendidos por toda a area do paiz, o constituiram em ligas espontaneas, indepen-

dentes, e sem relação com a tribu em Africa, e na Hespanha com as instituições cultas, feudalismo, municipalismo e monarchia.

Foram as instituições nascidas de origem estranha, romana e depois germanica, as que substituiram na Hespanha a *tribu, essa fórma de aggregação de aldeias, actual ainda na Kabylia, e entre nós anterior á occupação romana* (1). A adopção de uma civilisação estranha deu á sociedade peninsular um aspecto diverso do que teria, se espontaneamente se desenvolvesse de um modo isolado, com os elementos proprios da sua constituição ethnogenica... Como, prosegue Oliveira Martins, a raça berbere, que pôde escapar á dominação estranha, *constituida em pequenas tribus independentes e variamente federadas, assim é de crer que teria sido a Peninsula, se tivesse podido libertar-se dos seus conquistadores antes de fazer suas as ideias que elles lhe ensinaram.* É nas regiões de lingua basca, é no Aragão tambem, ou na Hespanha do Ebro que se julga estar o resto das primitivas tribus peninsulares: é tambem alli que a vida da

(1) Oliveira Martins, se conhecesse os trabalhos de Le Play, Rousiers, Préville, Demoulins, da Escola da *Sciencia Social,* em summa, não cahiria no erro deploravel de suppôr que a *tribu é sempre uma agglomeração de aldeias!...*

djemâa é mais intensa, e mais pronunciada a resistencia á iniciação europeia. O amor quasi religioso da sua lingua, o culto pelos seus *fueros*, são sentimentos enraizados que ainda em nossos dias a civilisação hespanhola não pôde extinguir (1). Tambem na **djemâa** da Kabylia, só o **marabú**, *como o padre na Hespanha*, é um privilegiado; mas no Atlas, onde a tribu resistiu á absorpção em um Estado dynastico, o sacerdocio não se tornou um poder, nem o clero uma casta. Expressão de um instincto religioso profundo,—alliado sempre a um sentimento de independencia pessoal pronunciado,—o **marabú** que na Hespanha veio a ser clero, aristocracia e até governo nos Concilios visigodos, é o orgão do mais intimo dos caracteres da raça. A paixão da igualdade, *impedindo toda a civilisação progressiva, pôde nas tribus do Atlas impedir a constituição de um Estado; nas da Hespanha resistiu, mas não pôde vencer os romanos que as arrastaram para o seio da vida europeia.* Indicamos os symptomas

(1) Meu fim agora não é refutar, e sim mostrar as passagens plagiadas por Theophilo Braga. Seria facil mostrar, com Pompeyo Gener, que na *Catalunha* e no *Aragão* predominam os elementos *aryanos*. O inverso do que pensava Martins. Protestaria contra a reducção dos Berberes aos simples *Kabylas*, etc., etc.

d'essa resistencia, ainda hoje visiveis no federalismo semi-doutrinario, semi-historico, tradicional e anachronico, e no decurso do nosso trabalho vêl-os-hemos surgir em todos os momentos de crise. Resta-nos agora dizer que *o caracter da civilisação iberica, embora moldado em fórmas europeias, mantem uma originalidade proveniente do conflicto e da propria resistencia dos caracteres ethnogenicos... Por isso a civilisação hespanhola tem um cunho particular e proprio, cuja origem está, a nosso vêr, na combinação dos caracteres das populações primitivas* **(hamo-semiticas)** *e das ideias indo-europeias.* A serie das invasões historicas da Hespanha corrobora as causas que pretendemos descobrir no supposto e provavel caracter dos seus habitadores de antes da historia» (1).

A despeito de varias incorrecções, como seja a de reduzir o typo berbere aos Kabylas do Atlas, quando os mais completos exemplares da raça se encontram entre os *Tuaregs, Chambaas, Beduinos, Tischltis, Uled-Mbareks, Brakuas, Trarzas, Duyschs* do Sahara, é uma pagina interessante por mais de um titulo, e é bem anterior ao que sobre o assumpto andou o sr. Braga a reproduzir em *As Modernas Ideias*

(1) *Historia da Civilisação Iberica*, 4.ª edição, paginas XXVII a XXXIII.

na Litteratura Portugueza e no livro que faz o objecto d'esta analyse.

É um verdadeiro plagiato que não se deve passar em silencio, por causa do modo sobranceiro como o açoriano trata a sua victima, que lhe era immensamente superior em talento e até em saber selectamente escolhido.

E veja o leitor como a bella pagina de Martins é desfigurada na reproducção de seu iracundo aristarcho:

«É sobretudo nos *costumes d'esta grande raça* (dos *Berberes*), *desmembrada na Africa septentrional* que se *observa* (!!!) *as grandes analogias ethnicas com os povos peninsulares, em instituições que ainda persistem*, apesar do predominio da civilisação árica.

O primeiro caracter é essa divisão de pequenas nações berberes, em que a unidade libyca se tornou desapercebida para os povos da antiguidade; da mesma fórma no seculo XII da nossa era, ainda as nacionalidades peninsulares, leonezes, asturianos, gallegos, valencianos, castelhanos e portucalenses conservam uma autonomia á custa do esquecimento da sua unidade ethnica (1).

(1) É engraçado, no seculo XII depois da invasão da Peninsula por vinte povos diversos, fallar em *unidade ethnica!...*

Como os Iberos da Hespanha antes de adoptarem o christianismo, *os povos berberes tinham um fetichismo primitivo que foi substituido pelo islamismo.* (Até esta observação banalissima é repetida!...). Ainda hoje o typo berber *(Qual d'elles?)* assemelha-se em tudo ao hespanhol nos habitos e fórmas de actividade. Um dos factos que mais *resistencia deu ás populações ibericas foi a formação de centros em que as suas tribus se tornaram sedentarias, vivendo em cidades* (Troca *aldeias* em *cidades).* Foi esta estabilidade, que fez com *que se desenvolvessem as livres instituições municipaes* (É o pensamento de Martins desfigurado) e o direito territorial, *que os Romanos tanto procuraram destruir para fundarem o despotismo imperial.*

Os villares, casaes, pobras e aldeias são esses nucleos de população que se fortalecem com a estabilidade territorial *formando uma pequena federação de concelhos.* Estes dous nucleos da liberdade civil e politica, que entre os Berberes ainda conservam a fórma do **Djemâa,** ou *aldeias das tribus junto do Atlas* (1), *e a auctoridade electiva de* **Amin,** *ainda persistem em*

(1) Martins commetteu o erro de identificar—*Djemâa* e *aldeia*; por isto Braga repete o mesmo erro. A *Djemâa* é a *assembleia publica* de uma tribu ou, melhor, de uma *confederação* de *tribus.*

Hespanha no **Ayuntamiento** *e no* **Alcaide** (Braga troca *alcalde em alcaide,* porque pensa que é a mesma cousa!... Manes de Herculano!...) *As pequenas federações berberes de hoje fazem-nos comprehender as federações dos estados peninsulares antes da unificação neo-gothica. A* **Anaia** *dos berberes é o pacto da mutua alliança defensiva, como faziam as cidades livres da Hespanha que por um pacto formaram as* **Behetrias**... As populações berberes *ainda hoje formam ligas defensivas, a que chamam o* **Çof,** da mesma fórma que as populações peninsulares ainda no fim da idade-média formavam as *Hermandades*... Os berberes nas suas povoações isoladas *têm caixa de soccorros communs e têm as pastagens commus chamadas* **Deheza,** que apparecem tambem nas nossas devezas e baldios (1). Á maneira do **Amin** berbere vemos tambem no Suajo (Aqui Braga mette em contribuição — D. Antonio da Costa, mas só no que diz respeito aos costumes do Suajo) a freguezia dividida e governada por um juiz e um thesoureiro...

(1) Como se está a vêr, plagiou Theophilo todas as observações de Oliveira Martins. Nada lhe escapou: *Djemàas, Amins, Çofs, Anaias, Ayuntamientos, Behetrias, Dehezas* e *Suertes.* O que não está em Martins é a tolice de dizer que aos *pastos communs* chamam os Berberes — *Deheza.* Este nome lhes dão os Hespanhoes.

Quanto á distribuição da terra pelas familias da povoação que usam os Berberes e a que na Hespanha se dá o nome de **Suerte**... *Os celleiros communs são muito usados* ainda entre as populações do Alemtejo... Por ultimo a acção moral *que exerce o cura ou parocho entre as povoações ruraes*, tanto em Portugal como Hespanha e França,—*é comparavel á dos* **Marabús** (Nem os pobres **Marabús** escaparam!...) entre os Berberes» (1).

É uma copia evidentissima; pois até os erros de Oliveira Martins são inconscientemente repetidos, prova de que Braga não procurou estudar as gentes Berberes em centenas de publicações hoje existentes, de facilimo accesso, para fazer por si mesmo o parallelo entre ellas e os velhos Iberos. Limitou-se a copiar o livro da *Civilisação Iberica*, sem citar uma só vez o nome do auctor, e com a circumstancia aggravante de ter sido esse livro objecto de uma critica malevola do mesmo Braga, em *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, como já ficou dito e será pouco além devidamente apreciado.

Antes de o fazer, releva ponderar que não foi só a comparação entre o Berbere e o Ibero que o dr. Theophilo plagiou de Oliveira Mar-

(1) Pag. 182 a 185.

tins, esse grande amigo de Alexandre Herculano e Antero de Quental, as duas maiores victimas posthumas do desequilibrado açoriano. A mesma sorte coube ao retrato que o imaginoso auctor dos *Filhos de D. João 1* fez do genio hespanhol e do caracter de sua historia. Aprecie quem tiver interesse n'esta ordem de estudos:

«Se a opinião que expozemos sobre as origens da população iberica chegar a conquistar os foros de verdade scientifica, deveremos vêr no primeiro encontro de *Iberos* e *Celtas* (Errado: o primeiro encontro dos *Iberos* foi com os *Ligures* e o immediato com os *Phenicios:* os *Celtas* vieram depois)—facto anterior aos tempos historicos—*um prenuncio dos successivos encontros de que a historia resa.* O primeiro d'elles *(dos historicos* na opinião de Martins)—foi o dos *Phenicios* (Jubainville demonstrou que antes dos *Celtas* entraram na Peninsula os *Phenicios;* a critica victoriosa de Martins Sarmento provou a existencia alli dos *Ligures* antes dos *Phenicios* e, respectivé, dos *Celtas),* que, vindo do mar, colonisaram as costas da Hespanha mediterranea.

Depois dos Phenicios, depois dos Celtas, a Peninsula *é o theatro das luctas dos povos, Semitas ou não-semitas da Africa septentrional, que véem do sul, por mar,—com os povos de raça* **indo-europeia,** descidos pelas fronteiras pyrenaicas.

Ethnologicamente, o systema da historia hespanhola consiste n'isto.

Mentindo, porém, á lei das invasões dos indo-europeus na Peninsula, os gregos véem por mar nos seus navios que do IX ao XI seculo singram em todos os sentidos nas aguas mediterraneas... (1) Póde datar-se o principio da historia peninsular da era em que apparecem em scena, de um lado os *Libi-phenicios de Carthago, e de outro os Romanos, á prolongar nas idades conhecidas o systema de encontros de raças que parece ter já precedido os tempos historicos. Nós já indicamos a especie de influencia exercida sobre as populações indigenas pelos invasores indo-europeus,* ou *particularisando mais, pelos Romanos,* que constituiram á sua moda a sociedade peninsular. Já dissemos que *a esse facto devemos, não só o caracter europeu da nossa civilisação, mas até o proprio facto da existencia d'ella.* De outra fórma teriamos ficado na vida da tribu, á maneira das populações kabylas: em vez de um *clero* teriamos *marabús,* e em logar

(1) Não existe tal *lei da entrada dos aryanos na Peninsula pelos Pyrenéos.* A maior porção dos *Ligures* passou de Inglaterra para alli por mar. Grande parte da invasão *Romana* foi tambem feita por mar e não sómente por terra pelos Pyrenéos. E, além de tudo, as melhores investidas dos gregos foram por terra pela estrada de Marselha á Hespanha.

dos audazes capitães da Hespanha, berberes montados nos seus cavallos magros e vellozes, occupados em guerras de tribu como as do Atlas (1). É o que auctorisam a suppôr os vestigios ainda vivos nos habitos e usos das populações peninsulares, e mantidos, apesar das instituições e leis de uma organisação politica e de uma religião trazidas de fóra... O que caracterisa o berbere *é o mesmo sentimento que todo o observador perspicaz encontrará como alicerce do caracter hespanhol*—: **a hombridade, a independencia.** Esta condemna as populações berberes a uma anarchia permanente (Toma illusoriamente o *viver patriarchal da communidade tribal*—por *anarchia!);* impede a constituição de uma civilisação, de uma aristocracia, e de um clero; tornou impossiveis as fórmas progressivas com que outros povos iniciaram o desenvolvimento das instituições auctoritarias da civilisação.

Foi ella que na Hespanha fomentou *o espirito d'onde se gerou a familia do Cid*, as *behe-*

(1) Sim; seria isto, se o solo das Hespanhas fosse igual, fosse uma reproducção exacta do da Africa... O auctor tem a ingenuidade de não contar com *a acção do meio!*... Descreve a Hespanha por luxo, sem tirar a menor consequencia para a historia. Só a faixa sul da Peninsula *(Algarve, Andaluzia* e *Granada)* se parecem com a Africa.

trias, as *uniones;* e que, embora transformada, *deu um caracter singular ás ideias e instituições com que era batida, sem poder ser vencida:* tamanha era a sua vitalidade.

O absolutismo monarchico, já o dissemos, tomou o caracter de um cesarismo democratico; e a esta victoria do genio independente da Hespanha, mais evidente na monarchia castelhana do que na portugueza, junta-se uma outra, mais grave, mais importante ainda.

A religiosidade que no seculo XVI attingiu o maximo grau de expressão, produzindo o theatro mystico de Calderon e a pintura de Murillo e de Ribera, animando Santa Thereza e por fim o jesuitismo, é ainda um phenomeno em que a faculdade inicial do povo apparece manifesta.

O genio de uma raça é como a raiz persistente da graminea que lavra e reverdece em todos os terrenos, apesar de todas as charruas. Assim a submissão dos vassallos radica-se no orgulho, porque se para cada hespanhol o monarcha é um chefe, é tambem, como homem, um igual: em vez de se curvarem perante o throno, sentem-se reis... *Assim a obediencia dos mysticos revela uma tensão de animo heroica, e, de rastos deante do altar, os crentes sentem-se deuses no fundo da sua alma...*

Eis como o absolutismo e a theocracia, que nos povos orientaes significam uma abjecção politica e moral, se transfiguram, quando im-

plantados no seio de *uma raça cuja alma é feita de hombridade*» (1).

Não está em questão a veracidade do retrato. Haveria muito a dizer contra umas tantas cousas que Oliveira Martins e seu repetidor põem á conta dos berberes e dos semitas. Poder-se-hia contestar victoriosamente, por exemplo, a pretenção de attribuir á influencia semita a *tendencia particularista*, existente em Hespanha, e a de presentear a influencia aryana com a tendencia opposta: a *attracção para a unidade*, tambem alli existente.

Não seria difficil mostrar igual lucta entre povos que nada devem nem a semitas nem a aryanos, ou entre nações puramente indo-europeias, livres de mescla semitica, a não ser a recente de alguns judeus. Mas não se trata d'isto por agora, senão de mostrar como Theophilo desfigura o painel algum tanto colorido, devido ao pincel de seu compatriota. É como segue:

«... Importa notar que a população hispanica *oscilla*, segundo as *vicissitudes historicas, ora entre a preponderancia do elemento semita, ora prevalecendo a raça árica* (Era o caso de ajuntar: *conforme já foi dito por Oliveira Martins...*), *mas dando-se sempre o phenomeno sin-*

(1) *Idem*, pag. XXXIV a XXXVII.

gular de regressão ao typo iberico (Idem: *segundo o mesmo Oliveira Martins)*... Esta fusão de raças *influiu na agitação incongruente da historia da peninsula, em que as mais altas individualidades se mostram contradictorias, como se vê representado no typo tradicional do* **Cid** (Manes de Oliveira Martins...), e em que a mentalidade é dirigida pela preponderancia de elementos subjectivos sem dependencia dos dados objectivos ou da realidade, como Cervantes synthetisou do modo mais admiravel no typo nacional de *Dom Quichote* (É, para peior, a observação de Martins sobre o *theatro mystico* de Calderon, a *pintura* de Murillo e Ribera, a *religiosidade* de Santa Thereza e de Ignacio de Loyola). Este desequilibrio dá-nos a hallucinação do genio e a exaltação do sentimento, prevalecendo este ultimo na fórma do fanatismo da honra, da cavalleria, e na intolerancia proselitica da religião...» (Pag. 216).

Este final é o traço da psychologia do hespanhol definido por Oliveira Martins na especial attitude que assume a alma peninsular em consequencia da lucta n'ella travada entre o *absolutismo politico* e o *fanatismo religioso* e a sua *hombridade* e *independencia* natural. Ha apenas a distancia que vae entre o que disse um homem que tinha um estylo elegante e o que sahe da penna de um homem que não sabe escrever.

E, como nota final n'este ponto, releva pon-

derar que o dr. Joaquim Theophilo tinha serios motivos para ser grato a Martins. Entretanto, demasiado aspero é o modo porque sempre o tratava, ao passo que lhe tomava as ideias sem o citar. Quem d'isso se quizer capacitar, leia no já tantas vezes citado livro de Theophilo— sobre as modernas ideias na litteratura portugueza, livro que fez para endeusar-se á custa principalmente de Herculano, Antero e Oliveira Martins, o capitulo a este consagrado e aprecie os aleives, as falsidades, que attribue a seu illustre predecessor no estudo da historia da Peninsula, de quem faz uma verdadeira caricatura.

Theses que se acham nos livros de Martins, Braga affirma alli não se acharem; cousas que o eminente escriptor jámais disse, Braga—attribue-lh'as. É uma ciganada, demasiado irritante, que me levaria muito longe, se a fosse aqui examinar. E o procedimento que tem para com Alexandre Herculano?... É melhor passar adiante.

VII

O dominio dos Romanos

O dominio e civilisação romana — é o capitulo que se segue ao que trata dos phenicios e carthaginezes; é o que vae agora ser examinado.

Quatro ordens de disparates enchem todo elle: são divagações sobre o valor e *importancia* da conquista romana, motivos da propagação e *extenção da lingua latina*, lucta entre as tendencias oppostas do *particularismo* e do *unitarismo* politico, *municipios* e sua natureza intrinseca.

Seria impossivel em torno d'essas quatro velhas e, em todos os sentidos, discutidissimas theses accumular mais banalidades, erronias e contradicções. Só a analyse meuda d'essas paginas, que devia ser feita linha a linha, daria logar a um volume maior do que o do auctor portuguez. A sobriedade, porém, se impõe e devo resignar-me a poucas palavras. Indicarei as theses capitaes do auctor, acompanhadas, ainda agora, de rapidos commentarios:

A) «Quando a peninsula hispanica foi submettida ao dominio dos Romanos, já a Italia, a Africa, as Gallias e a Grecia estavam unificadas (Parte, como se vê, de uma premissa falsa: a conquista da Hespanha, como já se mostrou, foi anterior á da Grecia, da Africa, da Mauritania, do Oriente, da Gallia e do Egypto) sob o seu imperio militar. Esta (Esta qual?) situação historica dos Romanos, além da superioridade da sua civilisação, exerceu uma acção particular no desenvolvimento historico dos povos hispanicos, produzindo um movimento apparentemente *contradictorio:* de um lado a rapida propagação das *instituições municipaes* (É *falso;* é a repetição inconsciente de igual falsidade de Oliveira Martins, quando disse—*é licito suppôr na Hespanha pré-romana djemâas constituidas pelos conquistadores em municipios e que com esta fórma vieram até nós)*, favorecendo a independencia e liberdades locaes (É inexacto: os Romanos nunca as favoreceram), de outro *a* **unificação** *politica a uma unica lei* (Este facto não foi jámais peculiar á Hespanha; foi e é geral em toda a Europa, mesmo n'aquellas regiões d'esta onde o Romano não pôz nunca o pé), reduzindo os estados conquistados a provincias governadas por proconsules debaixo do mais apertado centralismo. *Estas duas correntes,* que tanto actuaram na marcha social dos povos peninsulares,

nunca se confundiram, nem se extinguiram (Não é um facto peculiar á Hespanha, repito; é europeu e até universal: a lucta entre o *particularismo e o unitarismo);* por ellas ainda hoje se explica a tendencia para a *autonomia local*, a persistencia do *municipalismo* (As autonomias locaes não se manifestam só pelo *municipalismo)*, e ao mesmo tempo essa *absorpção unitarista* em um só estado, realisada pelos *reis germanicos* (Agora Braga já recorre aos *reis germanicos!* Não precisava ir tão longe: já os Carthaginezes, na maior parte, e os Romanos, em toda ella, tinham unificado politicamente a Hespanha), continuada pelas dynastias neogodas, por Fernando e Isabel, por Carlos v e Philippe II. Um tal phenomeno (Que se deu na França, na Inglaterra, na Italia e na Allemanha e não só na Hespanha, sr. Braga!) não tem sido explicado (Lá vem a presumpção: explicadissimo está elle) por falta de uma *vista de conjuncto* (Realmente, ha certas *vistas de conjuncto* que são uma originalidade do dr. Theophilo) que esclarecesse os esforços da erudição fragmentaria; na propria historia de Roma está *implicita a explicação d'este facto capital.* (Vamos vêr...)

Emquanto Roma incorporou no seu dominio os Estados italicos, *destruiu systematicamente as instituições municipaes d'esses povos* (É falso: Roma não agiu por systema e não teve na Italia proceder diverso do que teve por

toda a parte), tirando-lhes esses centros de independencia. Os povos perdiam as suas leis proprias (É falso; Roma lh'as conservava o mais que podia; porque era mui ciosa de conceder a estranhos o seu *jus civile romanorum*... O inverso do que diz Braga) e ficavam sujeitos á vontade discrecionaria de um Prefeito ou de um Pro-consul, segundo a fórma da dependencia para com Roma, se eram *Dedititii* ou *Fœderati*. Roma não reconhecia no *provincial* (Está errado; ao *estrangeiro* é que acontecia o que diz o auctor) nenhuma *capacidade juridica* (Sim, em face do *direito romano;* reconhecia-lhe o *jus gentium)*, nem como pae, nem como marido, nem como proprietario; o sólo conquistado era considerado apenas como um usufructo do que o possuia. D'aqui a enorme distincção juridica entre a *propriedade e a posse* (Santo Deus!... Pois Theophilo não pensa que a velha doutrina do direito *interno* dos Romanos sobre *dominio e posse* só lhes veio á mente quando trataram com os *Provincianos!* Que desgraça!...) Para sahir d'esta situação precaria, cada individuo e cada cidade procurou apropriar-se dos direitos privativos do cidadão romano, identificando-se completamente com Roma. O provincial alcançava primeiramente o direito da cidade (Isto está mal copiado de F. de Coulanges; mas só por ahi devia vêr o sr. Braga que Roma *não prohibia o direito alheio, estranho;* só ligava, é

certo, peculiares vantagens ao seu proprio. Esta regra foi geral, tanto na Italia como nas Provincias), mas sem o direito de suffragio e o de *connubium;* depois, pelo exercicio de uma magistratura, obtinha com o titulo honorifico de cidadão todos os outros direitos, de censo, de suffragio, de *connubium*, e ao mesmo tempo a independencia completa das obrigações do governo interno da provincia.

Á medida que as cidades perdiam a auctoridade sobre os seus habitantes, que obtinham o titulo de cidadãos romanos, ellas foram reconhecendo a necessidade de reclamarem tambem para si o *direito de cidade* ou o *jus italicum* (Está errado; Braga não conhece a differença entre as quatro categorias de direitos—existentes no mundo romano—*jus civile* ou *quiritium* ou *romanorum*, *jus latinum*, *jus italicum* e *jus gentium*... Pensa que o *jus civile* é o mesmo que o *jus italicum!* Que tal?!), em que o seu territorio lhes pertencesse como proprio, identificando-se com o *ager romanus*. Foi este o movel da guerra social, em que os povos italicos, destruidas as suas instituições locaes, exigiam que Roma os considerasse como romanos. Foi, por consequencia, pela incorporação dos povos italicos na cidade ou municipio romano, que se deu a unificação politica de toda a Italia. Este facto (Braga não sabe a razão geral pela qual, sempre, por toda a parte,

os Romanos procederam assim: é que, como mostrou Mommsen, elles nunca tiveram *a concepção do Estado representativo moderno*, não passando do *conceito municipal do Estado)* influiu directamente na fórma da conquista das Gallias e da Hespanha; para apressar a incorporação d'estes paizes, Roma *teve de fazer o contrario do que praticou com os povos italicos* (É falso; os Romanos tiveram, como disse, por toda a parte a mesma norma: deixarem vegetar as taes ou quaes organisações municipaes que encontravam nas suas conquistas, não lhes reconhecendo valor juridico no sentido do *jus civile*, até que ellas se abysmassem no seu proprio *Municipio*, na *Urbs*, na *Civitas*, que era a imagem que formavam do *Estado)*, *ella mesma facilitou e promoveu o desenvolvimento ou implantação* (Está errado) das fórmas municipaes.» (Pag. 223 a 225).

Este longo trecho foi reproduzido porque n'elle se acham reunidas em synthese braguista os desacertos ácerca de tres d'entre as questões predominantes, como disse, em todo o capitulo; *importancia da conquista* romana na Hespanha, persistencia e desenvolvimento dos *municipios* alli; lucta entre as duas tendencias oppostas— do *particularismo localista* e do *unitarismo* politico. Faltam apenas no alludido trecho os desconcertos sobre *a propagação do latim* e a *formação dos idiomas novo-latinos*, que citarei depois.

Antes de refutar as embrulhadas ideias do escriptor açoriano sobre as tres theses indicadas, não é sem vantagem notar que, em sua mente, ellas fluctuam n'um mar de contradicções. Ás vezes parece ser pela *unidade politica;* outras, o que, aliás, é mais commum, se decide pelo *particularismo local,* arranjado n'uma federação de toda a Peninsula; agora attribue as tendencias *unitarias* á monarchia e á Egreja; mais logo suppõe-nas filhas do espirito *aryano* no famoso conflicto com o espirito *semitico,* entre hespanhoes.

N'uns pontos alarga a influencia romana; n'outros restringe-a.

Aqui o espirito municipal é romano, além é ibero, é celta, é gothico... E assim todas as theses e todas as antitheses a chocarem-se n'um espirito desequilibrado.

Eis aqui algumas:

B) «Assim pela primeira vez o territorio hispanico se achou submettido (no tempo dos Romanos) a uma unidade politica, que ao mais leve abalo social se tinha de anniquilar, como se viu nas invasões germanicas e ainda em toda a reconquista neogothica (1). É porque esta uni-

(1) Isto não é de todo verdadeiro. Primeiramente, não foi só na Hespanha que se deu o rompimento da *unidade* politica implantada pelos Romanos. O mesmo se

dade politica não tinha fundamento na natureza, baseava-se na força bruta; esta deploravel politica, que a unidade catholica fez renascer, implantou-se na Europa e tem-se mantido unica e exclusivamente pela força.» (Pag. 235).

Aqui a acção unitaria, quero dizer, o impulso da influencia romana, pelo direito, pela administração, para levar cada um dos povos que conquistara a uma certa unidade eliminadora de particularismos dissolventes, é por Theophilo Braga estygmatisada como politica malefica e compressora.

Mas não tarda n'este escriptor nunca o reverso da medalha.

Eil-o aqui duas paginas apenas adiante:

c) «Roma nas suas conquistas veio estabelecer a unidade fundamental da civilisação do occidente, *fazendo convergir* (Aqui já não é a maldita politica da força!) para esse maravilhoso concurso a Grecia, a Italia, as Gallias, as ilhas Britannicas e a Hespanha.

É este o mais alto sentido da incorporação romana.» (Pag. 237).

---

viu na Italia e na Gallia, além da Hespanha. E depois, passado o primeiro abalo devido a irrupção das diversas tribus germanicas, a Gallia sob os Francos e a Hespanha sob os Wisigodos readquiriram a unidade perdida. Mais tarde perderam-na de novo, é certo; mas reconquistaram-na tambem outra vez.

Braga repete, n'este ultimo trecho, uma verdade banal, dando-lhe apenas o tom de que era a primeira vez que, no mundo, se dizia esse *logar commum.* — Pouco além volta ao assumpto, ainda absolvendo a romanisação da Peninsula:

D) «Quando Sertorio procurou desenvolver a cultura latina nos estados (?) em que se revolucionara contra Roma, não seguia uma politica errada, como pareceu a Rossew Saint Hilaire; pelo contrario, sem destruir as energias da resistencia nacional, e a prova é que juntou em volta de si para cima de setenta mil homens, *conseguiu imprimir pela unidade de civilisação o accordo a que o separatismo cantonal não deixava chegar.*» (Pag. 240).

N'esta e na anterior passagem a tendencia *unitaria* é gabada e o *separatismo cantonal* merece censuras. Innumeros são os trechos do livro em que o contrario é exposto com pasmo do leitor.

Esse thema da *unidade* na Peninsula offerece ensejo para cousas muito interessantes.

O dr. Theophilo assoalha aos quatro ventos que é *positivista*, que segue a doutrina de Augusto Comte, e é muito o arreganho, por exemplo, com que elle increpa ao fallecido Oliveira Martins o não ter sido sectario do famoso systema. — Mas, em todos os livros do massudo escriptor, existem cousas que, se foram lidas

por verdadeiros positivistas, ha muito Theophilo estaria excommungado e os seus escriptos no *Indice* dos doutrinarios de Clotilde de Vaux.

Tudo leva a crêr, com os melhores fundamentos, que Braga não conhece senão muito pela rama, muito superficialmente o systema de Comte. Só por esta fórma se podem explicar horrendas heresias que espalha constantemente.

Em *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, I, pag. 48, censura Herculano, por haver appellidado de *gongorismo scientifico* umas exquisitissimas cousas que Braga e outros charlatanescos companheiros seus andaram a dizer com pretenção a *anthropologia, pré-historia, ethnographia, linguistica, critica religiosa... etc.*

Ora, outro não era o parecer de Comte ácerca de taes materias e o sr. Miguel Lemos, em seu livro sobre Camões, publicado em 1880, chega até a acceitar as palavras de Herculano e a tecer-lhe elogios.

Que os que não são positivistas censurem Herculano, n'esse ponto, é explicavel. Positivistas é que não.

No mesmo volume d'*As modernas Ideias*, pag. 54, passa o sr. dr. Theophilo uma formidavel reprimenda no alludido auctor da *Historia de Portugal*, porque, no 1.° tomo de seus

Opusculos — diz umas verdades amargas contra *soberania popular* e *democracia!*...

As palavras de Herculano são magnificas e dignas de ser assignadas por Augusto Comte. Este nunca disse tão bem contra as duas grandes illusões dos modernos tempos. Era o caso de elogiar o grande escriptor portuguez, por haver chegado, sem o lêr, ás mesmas conclusões de Comte.

Que os que não somos sectarios do positivismo censuremos taes exaggeros negativistas a respeito de *soberania popular* e *democracia*, ainda uma vez, comprehende-se. Positivistas é que não.

Mas temos cousa melhor.

Ainda em *As Modernas Ideias*, vol. II, pag. 376, accusa os governos portuguezes, por haverem preservado Portugal da *Reforma* e da *Revolução!*...

Aos ouvidos de um verdadeiro positivista esse desproposito sôa como uma blasphemia... Se até um dos grandes elogios tecidos por Comte ás gentes — *ibero-latinas* é exactamente essa de terem escapado ao que elle chamava o espirito dissolvente do *protestantismo*...

Sr. Theophilo, tome senso. Se a sua doutrina é-lhe assim conhecida, avalie-se o que será das que lhe são estranhas...

Na pagina seguinte, 377, accusa os reis portuguezes e nomeadamente D. Manoel, *por*

haverem promovido a unidade do governo e da legislação em seu paiz, sem reparar que foi esse o rhythmo da evolução em toda a Europa nos seculos XV e XVI, objecto de elogios da parte de Comte, que elevou, por identicos motivos, ao setimo céo — o typo de *Luiz Onze* de França.

Que tal a orthodoxia positivista do escriptor portuguez?

D'ella temos, na famosa questão da *unidade* hespanhola, no livro que se está analysando, alguns especimens curiosissimos.

Aqui vão alguns para edificação do leitor:

«— Quando, depois da civilisação scientifica e juridica da Grecia e de Roma se devia seguir a actividade industrial e pacifica, a Europa foi arrastada n'uma falsa direcção, *theologica e militar; a idade média nas suas trevas* (Linguagem impropria de um positivista: achar *falsa direcção o regimen theologico da idade média* e julgal-a cheia de *trevas;* Comte pensava de outro modo), nos seus *desastres*, nas manifestações das mais extraordinarias energias, *não foi senão o esforço constante de dissolução d'este regimen catholico-feudal.*» (Pag. 251). Santo Deus! Onde este homem tem a cabeça? A idade média não dissolveu o regimen *catholico-feudal;* foi, ao contrario, quem o creou, do V ao XIII seculo. Do seculo XIV em diante é que começa a decadencia do regimen. Braga desnatura tudo; juro

que nunca leu Comte, de quem faz citações destacadas, tiradas d'outros.

Senão fôra assim, não diria tantos dislates. Este de a idade média *dissolver* o que ella teve por funcção exactamente crear, não tem igual no mundo das lettras e da sciencia.

Foram os tempos de transição da idade média para a época moderna, tempos em que se deram os dois famosos movimentos que teem na historia os nomes de primeiro e segundo *Renascimento*, a saber do seculo XIV a XVI, que se encarregaram de dar começo e adiantar a dissolução do alludido regimen.

O professor portuguez tudo confunde, estraga, corrompe, conspurca. Não escreve duas paginas que não diga duzentos dislates.

Isto que estou a fazer com a sua *Patria Portugueza*, póde ser praticado com todos os seus livros. Se alguem o fizesse, as tolices voariam d'elles aos milhões.

Mas, eil-o que prosegue:

«São estes (o *Sacerdocio* e o *Imperio)* os dois representantes da *unidade romana* que nos apparecerá em todas as phases da historia da Peninsula (E porque não?), como *consequencia* (Se assim era, nada mais regular e justo) *da evolução geral* da Europa moderna. *Monarchia* e *Catholicismo* significam a fórma das duas correntes unitaristas da Europa, que *só produziram* (Que bello resultado da *evolução geral da Europa!...*)

devastação, retrocesso (Que positivista, Santa Clotilde!), *ruinas das liberdades e sangue.*» (Pag. 252).

No mesmo espirito anti-positivista, espirito de revolucionario voltairiano, atrabiliario, demagogico a mais não poder ser, é o trecho seguinte, entre trezentos outros:

«Na larga historia de Hespanha, todas as luctas e catastrophes se agrupam em volta d'estes dois factos; a *unidade politica*, desde Affonso VI de Leão até Fernando e Isabel, Carlos V e Philippe II, custou rios de sangue e a atrophia da *mais activa* (!!) das nacionalidades; a *unidade religiosa,* quebrada pela *Reforma* (Em Hespanha não), sustentou-se á custa da mais absurda intolerancia, pelas fogueiras dos autos de fé, *pela imbecilidade systematica* de um povo, *alcançada pelo terror de que os padres cercaram a doutrina religiosa*». (Pag. 279).

Como anda, n'estes dizeres, o sr. Braga afastado dos ensinamentos de Buckle, cujo livro atirou violentamente na cabeça de Oliveira Martins (1).

Pela leitura attenta dos dois, não é difficil notar que o ultimo conhecia muito melhor o

(1) Vide em *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza,* o estudo consagrado a Oliveira Martins.

celebre historiador inglez do que o seu terrivel censor.

No livro de Martins vem uma refutação, bem regular, das doutrinas de Buckle sobre a Peninsula.

O auctor da *Historia da Civilisação Iberica*, pelo menos, é sensato e logico, a despeito de todos os seus equivocos, consideravelmente inferiores aos do dr. Theophilo.

Martins, *tant bien que mal*, tinha um só criterio, uma só philosophia; não era como Braga, que faz um connubio sacrilego e disparatado, um verdadeiro coito damnado entre a theoria *democratica*, *revolucionaria*, *socialista*, *anarchista*, póde-se dizer, da historia, no que tem tal doutrina de mais exarcebado e violento, e a theoria *positivista*, já do *inteiro positivismo* das ultimas producções de Comte, que o auctor portuguez conhece pessimamente, já do *demi-positivisme* de Buckle, como appellidava Littré as ideias do philosopho britannico.

Para quem não é nem *positivista*, nem *revolucionario*, para quem segue, por exemplo, o criterio *evolucionista* de um Spencer, a *hybridação* produzida por Braga é demasiado chocante.

Para quem fôr *positivista* sério e convicto ou para quem fôr *democrata*, *revolucionario* ou *socialista*—o embrulho do sr. Theophilo ainda mais enjoativo deverá ser.

No fim d'este estudo ácerca do professor do *Curso Superior de Lettras* darei, se tiver paciencia, algumas pinceladas em sua psychologia, aptas a explicarem as *misturas de cousas antitheticas* que elle tem andado a fazer durante mais de quarenta annos. Por agora, e antes de lhe desfazer os absurdos que accumulou sobre os Romanos, convem mostrar, com os textos, que Buckle pensava ácerca da *monarchia* e da *igreja* hespanholas por modo diverso. E bem divergente era tambem o seu sentimento á conta do *povo* peninsular.

Para Braga o espectaculo da historia hispanica é *o da mais activa das nacionalidades*, a mais cheia de *viço*, de *liberdades* e *autonomias locaes*—comprimida sempre por *padres velhacos*, corrompidos e corruptores, e *reis despotas*, tyrannicos, em monstruoso consorcio, formando uma *unidade* contra a natureza e contra tradições seculares ou millenarias...

Buckle pensava mui diversamente, como se vae vêr dos rapidos trechos a seguir.

Não contestava a grande influencia da *monarchia* e, sobretudo, do *clero;* mas esse prestigio era um *effeito* e não uma *causa primaria*, era consequencia: 1.º, das condições *physicas* do paiz; 2.º, das *especiaes qualidades de superstição e fanatismo* d'ahi no povo originadas, do *caracter* d'este, pois; 3.º, das *condições especialissimas* que cada vez mais acirraram esse *caracter*.

Buckle, em uma palavra, tentou em Hespanha, como em toda a parte, uma explicação *naturalista* da historia, uma explicação em que o factor predominante viesse a ser a *physica* dos varios *meios*.

Braga recorre a uma explicação *metaphysica*, em que predomina a *vontade astuciosa* de padres e reis... Esta existiu, em parte, não resta duvida; mas como *effeito* e em plano secundario.

Ouçamos o famoso auctor da *Historia da Civilisação na Inglaterra:*

«Vimos que as velhas civilisações *tropicaes* possuiam certos traços caracteristicos que eu intitulei—*os aspectos da natureza*. Inflammando a imaginação, deram vida e coragem á *superstição e impediram a analyse dos phenomenos physicos* que pareciam ameaçadores; em outros termos, elles retardaram a *creação das sciencias physicas*.

Um facto curioso a notar é que nenhum paiz da Europa tem, sob esse especial aspecto, *tantos pontos de semelhança com as regiões tropicaes quanto a Hespanha*. Nenhuma outra parte da Europa parece tanto como ella ser *pela propria natureza designada para a séde e o refugio da superstição*. As principaes causas physicas d'esta foram sempre as *fomes*, as *epidemias*, os *tremores de terra*, os *climas insalubres* que, limitando a duração ordinaria da vida, excitam

as gentes *á invocação frequente e ardorosa de um auxilio sobrenatural.* — Estas particularidades tomadas em globo são mais salientes em Hespanha do que em todo o resto da Europa.

Não será, pois, sem vantagem dar aqui um resumo apto a mostrar quão desastrados foram os effeitos de taes causas *na formação do caracter nacional.* Excepção feita da extremidade septentrional da Hespanha, pode-se affirmar que os dois principaes traços caracteristicos do clima d'esta região são o *calor* e a *aridez,* augmentados, além de tudo, pelas difficuldades de irrigação que a natureza creou por todos os lados; porque os rios que cortam esta terra correm na maior parte em leitos demasiado profundos para que possam servir na réga do sólo que é e sempre foi de uma extrema seccura.

É a esta causa e á raridade das chuvas que esse paiz europeu, tão rico sob todos os aspectos, deve o ter sido mais do que quaesquer outros a séde das sêccas e das fomes. Estas vicissitudes do clima, maximé nas regiões do centro, faziam da Hespanha um paiz habitualmente insalubre, o que, com a frequencia da fome, durante toda a idade média, tornou consideravelmente funestas as devastações da péste. Ajuntemos a isto que na Peninsula, comprehendido Portugal, os terramotos teem causado grandes desastres e sobrexcitado os

sentimentos *supersticiosos que taes phenomenos naturalmente provocam*, e poderemos fazer uma ideia da incerteza da vida n'estes paizes e torna-se facil comprehender, como consequencia, a facilidade com que um clero habil póde fazer de tal incerteza um poderoso meio de influencia.

Outro traço caracteristico d'esta terra é que a vida pastoril n'ella predomina e é entretida pelas difficuldades que ahi experimenta a população a tomar os habitos regulares da industria agricola (1). Em quasi toda a Hespanha, o clima torna o trabalho impossivel ao cultivador durante grande parte do dia; e este repouso forçado encoraja no povo uma irregularidade de proceder, uma instabilidade, que o leva a preferir a vida errante do pastor aos trabalhos assiduos da cultura.

Durante toda a duração da guerra que sustentaram contra seus conquistadores mahometanos, ficaram sempre os hespanhoes expostos ás investidas subitas, inesperadas e ás *razzias* da parte do inimigo, a ponto de comprehender a necessidade de poderem levar comsigo seus meios de existencia, e, n'estas condições, tive-

(1) Escusado é advertir que a transcripção aqui feita de trechos de Buckle contra Braga, não quer dizer que eu acceite todas as opiniões do auctor inglez.

ram de preferir o producto de seus rebanhos aos productos de suas terras: tornaram-se pastores em vez de agricultores, além do mais pela excellente razão de que tinham menos a perder quando a guerra chegasse até elles.

E até após a tomada de Toledo, bem por diante no XI seculo, os moradores das fronteiras da Extremadura, da Mancha e de Castella-Nova eram quasi todos pastores e os rebanhos pastavam nos campos publicos e não nos prados de propriedade privada. Tudo isto augmentou *a incerteza da vida* e incrementou *o amor das aventuras* e esse espirito romanesco que mais tarde deu o tom á litteratura popular. Tornou-se, d'est'arte, *tudo precario, inquieto, incerto:* pensar e investigar era impossivel; não existia o espirito de duvida e preparada estava a via para as *superstições*, para as *crenças enraizadas e perseverantes que, nos antigos tempos, formaram o caracteristico principal da historia do povo hespanhol.* Impossivel é determinar o grau de influencia que estas circumstancias podessem haver tido no destino ulterior da Hespanha na hypothese em que ellas tivessem obrado sós; mas não se póde duvidar de que tenham acarretado consequencias consideraveis. É ponto secundario, porém, quanto ao resultado final, porque uma longa serie de acontecimentos, ainda mais decisivos, concorreram, ao lado dos já indicados, para o estado

de cousas que trouxe em resultado a decadencia da nação. A historia da decadencia da Hespanha é demasiado clara, quando é estudada á luz dos *principios geraes que enunciei*, os quaes por seu turno, se sentem comprovados pelo brilho intenso que lançam n'este assumpto tão instructivo quanto doloroso (1). O primeiro e principal acontecimento, após a queda do imperio romano, na historia de Hespanha foi a conquista dos Wisigodos e o predominio de suas opiniões na Peninsula. Como os Suevos, que os tinham precedido, eram arianos, e a Hespanha, durante cento e cincoenta annos, tornou-se o principal ponto de apoio d'essa famosa heresia, á qual tinham adherido a maior parte das tribus dos Godos.

Em fins do v seculo, os Francos, convertidos, adoptaram a crença orthodoxa opposta e declararam guerra a seus hereticos visinhos... Durante mais de um seculo houve guerra por motivos de crença entre a França e a Hespanha, cujo imperio wisigothico esteve mais de uma vez a dois dedos de completa ruina. E foi assim que em Hespanha *uma guerra pela independencia nacional se tornou tambem uma guerra*

---

(1) Vá vendo o sr. Theophilo se Buckle deixa as *causas geraes pelas secundarias* de caprichos de reis e padres.

pela religião nacional. D'ahi intima alliança entre os reis e o clero arianos. É aqui que se deve ir buscar a origem d'essa immensa influencia dos padres na Hespanha, influencia originada de factos peculiares que depois nunca mais cessou; porque foi, ao contrario, fortalecida pelos acontecimentos posteriores. Quando, no curso do VI seculo, o clero latino converteu seus chefes e senhores Wisigodos, o governo d'estes conferiu a seus novos chefes espirituaes auctoridade igual á de que tinha gosado o clero ariano... No VIII seculo teve logar um acontecimento que apparentemente quebrou e dispersou a hierarchia; mas que no fundo lhe foi muito favoravel.

Em 711, os musulmanos fizeram-se á vela da costa d'Africa e vieram desembarcar na costa de Hespanha.

No espaço de tres annos conquistaram todo o paiz, com excepção das regiões quasi inaccessiveis do noroeste. Ao abrigo de quaesquer ataques nos recessos de suas montanhas, os hespanhoes cobraram coragem; reuniram forças esparsas e, por seu turno, assaltaram os conquistadores. Seguiu-se uma lucta desesperada, que durou mais de oito seculos, e, ainda uma segunda vez, na Hespanha *se viu uma guerra pela independencia ser tambem uma guerra de religião.* A guerra entre os Arabes infieis e os christãos hespanhoes, como, outr'ora, a dos

trinitarios de França e os arianos de Hespanha, continuava lentamente, vencendo consideraveis difficuldades: os christãos avançaram, combatendo sempre. Nos fins do XI seculo tinham reconquistado suas terras até ao Tejo, e Toledo, sua antiga capital, cahia em seu poder em 1085. Grandes esforços restavam a fazer.

No Sul a lucta revestiu o cunho mais sanguinolento; prolongou-se com tanta obstinação que só após a tomada de Malaga, em 1487, e de Granada, em 1492, é que o imperio christão foi restabelecido e a velha monarchia hespanhola subiu definitivamente ao throno. *Estes factos tiveram no caracter hespanhol uma influencia notavel.*

Durante oito seculos successivos o paiz esteve a braços com uma cruzada religiosa e ao passo que os outros paizes da Europa só accidentalmente tiveram *guerras santas,* a Hespanha as supportou durante vinte gerações; porque seu fito não era só reconquistar o territorio, senão o de restabelecer uma crença... O perigo que ameaçava o paiz era constante e de todo o momento; superexcitou os sentimentos supersticiosos que todo o perigo serio desperta e aos quaes as civilisações tropicaes deveram algumas de suas mais curiosas peculiaridades. Apenas se viram expulsos de suas casas e refugiados no Norte, os christãos

hespanhoes se acharam em iguaes condições e esta lei da historia se pôz em acção. Em seu retiro, no seio de asperas montanhas, conservavam um cofre com reliquias de santos que tinham na conta de um meio de salvação.

Era para elles uma especie de estandarte nacional, em torno do qual cerravam fileiras, e com cujo auxilio alcançavam milagrosas victorias contra os infieis. Diziam-se soldados da cruz; e seu espirito contrahiu o habito das cousas sobrenaturaes a tal ponto que nos custa comprehender, feição esta que os distinguiu sempre, n'este particular aspecto, de todas as nações da Europa. Os moços tinham visões, os velhos sonhos. Estranhos signaes lhes appareciam nos céos; mysteriosos presagios diante d'elles surgiam nas vesperas das batalhas e notava-se que, sempre que um mahometano violava o tumulo de um santo christão, sahiam d'elles clarões para repellir o incredulo ou para castigar o sacrilegio. *Em. tal estado de cousas, era impossivel que o clero não estendesse sua influencia, ou antes devemos dizer que o curso dos acontecimentos se encarregou de lh'o augmentar.* Os christãos hespanhoes, encerrados durante um consideravel lapso de tempo nas montanhas das Asturias, privados de seus antigos recursos, degeneraram rapidamente e chegaram até a perder a pouca civilisação que

tinham antes adquirido (1). Despojados de suas riquezas, confinados nos limites de uma região comparativamente arida, recahiram na barbaria e durante cem annos pelo menos viveram sem artes, sem commercio e sem litteratura. Quanto mais crescia sua *ignorancia*, mais augmentava a *superstição*, e mais esta espontaneamente fortificava a auctoridade dos padres.

O que se seguiu *foi, portanto, inteiramente natural:* a invasão mahometana empobreceu os christãos; a *pobreza* gerou a *ignorancia* (Repare, sr. Braga); a *ignorancia* gerou a *credulidade;* a *credulidade*, tirando ao homem a faculdade e o desejo de comprehender por si mesmo, gerou o *espirito de veneração* e consolidou os habitos de *submissão* e de *obediencia cega* á Igreja, que são, desgraçadamente, o traço predominante da historia da Hespanha.

De tudo isto se conclue que a invasão mahometana fortificou os sentimentos religiosos do povo hespanhol por tres modos: primeiro, provocando uma longa e obstinada *guerra reli-*

---

(1) Cumpre advertir que o sr. Pompeyo Gener, em seu livro intitulado *Heregias* (Barcelona, 1887), quasi não fez mais, no ensaio que denominou *La Decadencia Nacional*, do que copiar este capitulo XV da obra de Buckle, sem o citar uma só vez!...

giosa; em segundo logar, mantendo por seculos a presença *constante de imminentes perigos;* finalmente, pela *pobresa* e *ignorancia* a que se reduziram os christãos da reconquista.

Estes acontecimentos, precedidos, aliás, da grande guerra do arianismo, ajudados do *cortejo de phenomenos physicos*, cuja tendencia no mesmo sentido já tive occasião de notar, combinados com as faculdades energicas do povo, chegaram a fazer com que o elemento theologico não fosse *só um dos elementos do caracter nacional, porém o caracter nacional mesmo.* Os mais capazes e mais ambiciosos monarchas hespanhoes viram-se forçados a seguir o caminho traçado e chegaram, até os mais despotas, a succumbir debaixo do mando de opiniões consagradas, *tendo ingenuamente a illusão de que elles é que dirigiam...* » (1).

Para meu fim basta chegar até aqui. Buckle prosegue mostrando como o caracter hespanhol, representado nos animos energicos de Fernando e Izabel, Carlos v, cuja sinceridade elle enaltece, Philippe II, levou o paiz á grandeza.

Mostra como e porque decahiu sob os rei-

(1) *History of Civilization in England,* vol. II, pag. 426 e seguintes.

nados de tres incapazes, — Philippe III, Philippe IV e Carlos II. Não é tudo; mostra como a despeito dos esforços de tres monarchas de primeira ordem, — Philippe V, Fernando VI e, especialmente, o grande Carlos III, uma das figuras de rei mais distinctas que teem existido, ajudados todos tres por ministros de superior capacidade, foi impossivel reerguer a nação; porque o *povo estava abaixo do governo*, não o ajudava, não o comprehendia, solapava-lhe os planos e voltava sempre ao seu endurecido fanatismo e execranda superstição.

Bastava o exemplo admiravel dos tres grandes monarchas que enchem de extraordinario brilho toda a historia do seculo XVIII para provar quão errado anda o dr. Theophilo, quando faz depender o atrazo da Hespanha da vontade de seus reis, contra a lição de Buckle, que tão falaciosamente invoca.

Quanto á corrupção dos padres, só uma vez, já no fim do capitulo consagrado á civilisação peninsular, é que, e isto com referencia ao clero do seculo XIX, o auctor inglez falla em seus *costumes desregrados*... Seria para desejar que o professor portuguez relesse o seu exemplar da *Historia da Civilisação na Inglaterra* para não injuriar, com inconvenientes falsidades, a memoria de seu grande auctor.

É tempo de mais directamente elucidar o

sr. Braga ácerca do papel dos Romanos na Peninsula.

Para isto parece-me sufficiente dizer directamente do caracter d'essa famosa gente e de sua acção nas Hespanhas.

É de simples intuição que não venho fazer, n'estas paginas, a historia da conquista da Peninsula pelos Romanos e nem até expôr o systema das suas instituições, os intrincados meandros de sua legislação. É trabalho mil vezes já feito e algumas d'ellas com pronunciado brilhantismo.

Pelo que diz respeito ao seu direito, que ainda hoje é assumpto em todas as academias juristicas de cathedras especiaes, e que é fundamentalmente o mesmo que tem regido e ainda hoje rege as nações occidentaes, aos estudiosos que o queiram aprehender em seus traços mais geraes e em seu espirito superior, limito-me a envial-os para a leitura facil, attrahente e compensadora de tres livros hoje classicos, tres monumentos do saber juridico-historico do seculo XIX: *A Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges, o *Antigo Direito*, de H. Sumner Maine, e o *Espirito do Direito Romano*, de R. von Ihering. Lidos, estudados, após a meditação carinhosa da *Historia Romana*, de Th. Mommsen, deixam vêr a indole, a natureza, o caracter do Romano em os traços capitaes, e constituem um verdadeiro *bréve* con-

tra o envenenamento produzido por todos os Bragas havidos e por haver (1).

N'estas paginas tenho apenas que indicar em linhas rapidas qual tenha sido esse caracter; como e até que ponto as gentes romanas entraram para a formação de hespanhoes e portuguezes, e porque fórma a vida d'estes se achou influenciada pela dos conquistadores latinos.

Para tanto se me afigura ser mister tocar em meia duzia de theses capitaes e não mais.

Antes de tudo, releva dar uma noção ethnographica d'aquelle povo duro e egoista, que chegou a senhorear a maior porção do antigo mundo e a quem a leviandade da historia ainda hoje, manejando velhas metaphoras, costuma de chamar — o povo-rei.

Ethnographicamente sua caracteristica não é das mais invejaveis: uma mistura de raças diversas, um *salmigondis* inextricavel.

Não sou eu que o digo, é a voz geral dos homens mais competentes no assumpto:

«Ha enormes difficuldades, escreve o principe dos naturalistas philosophos das ultimas

(1) Indispensavel é lêr em *Les Grandes Routes des Peuples,* no 1.º vol. consagrado a *Les Routes de l'Antiquité,* o capitulo dedicado ao *Typo Romano.* É portentoso de clareza e acuidade de vistas. É uma renovação completa do assumpto.

décadas do seculo passado, em identificar os povos, entre os quaes os diversos dialectos do grupo latino se desenvolveram, com uma raça qualquer, cujos vestigios se encontrem na Italia nos tempos historicos. A Italia do norte foi povoada, além dos aborigenes, por *Ligures* morenos de cabeça quadrada, por *Gaulezes*, que, provavelmente, em larga escala, eram louros e de cabeça comprida; por *Illyrios*, de quem nada se sabe. Existia alli, além d'estes, aquelle povo enygmatico dos *Etruscos*, que, parece, foram primitivamente morenos de cabeça longa. A Itália Meridional e a Sicilia offerecem um contingente de Sikels *Phenicios* e *Gregos;* e, por cima de tudo isto, em tempos relativamente modernos, houve uma adjuncção de sangue *Teutão* (e *Celtico*, deve-se accrescentar). Os dialectos latinos nasceram, ninguem sabe como, entre as tribus da Italia central, cercados de todos os lados por povos dos mais variados caracteres physicos, que eram gradualmente absorvidos no ventre romano, cada vez mais distendido, e ahi, á força de empregar a mesma lingua, tornaram-se o ponto de partida d'esse espantoso *salmigondis* ethnologico, que, sem motivo serio, tem-se denominado raça latina» (1).

(1) Huxley, *La Place de L'Homme dans la Nature*, pag. 325.

Ainda hoje o espectaculo é este mesmo assignalado pelo sabio naturalista inglez, referindo-se aos antigos tempos. E para que a vaidade latinisante, ainda muito corrente entre nós, não venha a suppôr que aquillo são exaggeros Anglo-Saxonios, ouçamos um dos nossos apostolos, o querido Rénan, e em sua propria lingua:

«L'Italie est le pays où l'ethnographie est *la plus embarrassée. Gaulois, Étrusques, Pélasges, Grecs,* sans parler *de bien d'autres peuples ennemis,* s'y croisent dans un *indechiffrable mélange*» (1).

Como quer que seja, a gente romana, muito inferior aos Gregos em capacidade artistica e scientifica, aos Judeus em capacidade religiosa, aos Germanos em capacidade poetica, philosophica e industrial, chegára, por motivos varios e diversas contingencias historicas do meio europeu na segunda phase da antiguidade, isto é, depois da brilhante evolução do Egypto, da Assyria, da Babylonia, da Persia e da Grecia, a revelar grande habilidade politica, e viu-se senhora do mundo mediterraneo. Depois de avassallada a Italia, chegou a vez da Hespanha, de Carthago, do Oriente, da Gallia e de certa porção da Britannia. Só a Germania escapou,

(1) *Discours et conférences,* pag. 293.

em beneficio futuro da humanidade, á sanha conquistadora do romano cruel, e á influencia completa de sua legislação compressora.

Cumpre destacar o que fizera ella nas regiões ibericas.

A primeira opposição d'esse povo em Hespanha foi a titulo de a defender dos Carthaginezes, desde 227, antes de Christo. Deram-se seguidamente os famosos feitos dos dois irmãos Publio e Cnœus Scipião, que, com fortuna varia, combateram os valentes africanos, depois que estes destruiram Sagunto e levantaram contra si a maior porção das tribus hespanholas.

Os triumphos romanos foram, em certa zona, rapidos; mas a Hespanha ficou por muito tempo bem longe de poder ser considerada uma provincia da Republica. Os dois Scipiões foram destroçados em 212 pelos generaes carthaginezes Asdrubal e Hannon. Immediatamente Lucius Martius vingou-os, não sem muita perfidia contra o inimigo.

Em todo caso, estava fortemente iniciada a sujeição da Iberia. O pretexto fôra o Carthaginez; a realidade era a conquista.

Mas a velha raça ibéra, caldeada principalmente pelo Ligure, não era cousa para se levar de vencida em um bello passeio militar, como se havia feito na Sabinia, a poucos passos de Roma.

Cerca de duzentos annos, seja dito entre

parenthesis, a contar desde a primeira irrupção dos Romanos, levaram elles para reduzir a Peninsula. Empregaram os melhores de seus generaes, muitos dos quaes se cobriram alli de eterna vergonha, uns por delapidações, outros por villanias de todo o genero.

Mas o moço Scipião, filho de Publio, mais tarde cognominado — o *Africano*, tinha proseguido com vantagem na senda trilhada por seu tio, a ponto de poder, desde 206 (Confirmação mais tarde no tratado de 202), ser a Hespanha considerada uma conquista romana. Foi dividida em duas provincias, a *Citerior* e a *Ulterior*. Esta ultima encerrava em si a *Lusitania*.

Não se pense, porém, que tudo estava completamente acabado e a Peninsula escravisada de uma vez. Bem longe d'isso; notaveis regiões hespanholas não obedeciam ao vencedor, e a lucta, como já disse, teve de protrahir-se até aos dias do Imperio, ao tempo de Augusto, por duzentos dilatados annos. Os mais famosos generaes romanos, os Lucullos, os Galbas, os Vitellios, os Nigidios, Lelios, Metellos, Unimanos, Plautios, Fabios, Maximos, Servilianos, Rufos, Caepiões, Pompilios, Hostilios e o proprio Julio Cesar, tiveram de medir armas com os patriotas ibericos, dos quaes o mais notavel foi o valoroso lusitano Viriato.

Feitos heroicos tiveram logar, sobresahindo a todos a epopeia de Numancia, vergonha in-

apagavel do nome ainda de um Scipião—o Emiliano.

Interessante se mostra o movimento politico tentado pelo ambicioso e irrequieto Sertorio, que, apesar de tudo, é um typo equivoco da historia. N'estes acontecimentos foi grande a coparticipação da Lusitania (1).

Quatro longos seculos, não fallando nos dois de maior ou menor agitação, durou o dominio incontestado e pacifico dos Romanos nas Hespanhas, que se latinisaram de todo, excepto os altos recessos do extremo norte occupados pelos Bascos.

Augusto procedeu alli a nova organisação administrativa fazendo desapparecer a divisão em duas provincias *Citerior* e *Ulterior*, que foi substituida pela de tres, sob os nomes de *Betica*, *Lusitania* e *Tarraconense*.

Á *Betica* incorporou-se cincoenta e quatro annos mais tarde a *Tingitania* Africana. Constantino separou mais tarde da *Betica* a *Tingitania* e desmembrou da *Tarraconense*—*Carthagena* e a *Gallecia*, deixando a Hespanha dividida em seis provincias: a *Betica*, a *Lusitania*, a *Gallecia*, a *Tarraconense*, a *Carthaginense* e a *Tingitania*.

O mesmo Constantino—o Magno—dividiu,

(1) Vide Paquis, *Histoire d'Espagne et de Portugal*, I, pag. 23 e seguintes.

como é sabido, todo o imperio romano em quatro grandes governos ou *Prefeituras: Oriente, Illyria, Italia* e *Gallias.*

Cada uma d'estas *Prefeituras* foi dividida em *Dioceses.* A Prefeitura das *Gallias* teve tres *Dioceses:* a *Gallia,* a *Hespanha* e a *Bretanha.* Á frente de cada *Prefeitura* estava um *Prefeito do Pretorio,* e á testa de cada *Diocese* um *Vigario* (Vicarius) *do Prefeito,* e, sob as ordens d'estes, cada provincia tinha seu *Governador* ou *Presidente.*

«Os antigos governadores das duas provincias—a *Citerior* e a *Ulterior,*—escreve um historiador, tinham mando soberano nos negocios civis e militares e chamavam-se *consules* ou *pretores.* Por serem, por sua instituição, annuaes estas dignidades, aquelles que os preenchiam por mais de um anno se chamavam *proconsules* ou *propretores.* Sob o reinado de Augusto, os governadores da *Lusitania* e da *Tarraconense* tomaram o titulo de *legados imperiaes* ou *legati Augustales,* ao passo que os da *Betica* continuaram a denominar-se *proconsules.* Cada um d'estes grandes dignitarios tinha dois ou tres *deputados* ou *vice-legados,* que residiam nas grandes cidades de cada governo. Tal foi o systema que subsistiu até Constantino-Magno, o qual dividiu o mundo romano em quatro *Governos* ou *Prefeituras,* dirigido cada uma por um *Prefeito do Pretorio,* como disse.

A Hespanha pertencia á das Gallias, tinha seu *Vigario*, superintendente dos governadores locaes. *As appellações processoaes eram dirigidas dos tribunaes d'estes governadores ao do vigario e d'alli ao tribunal do* **prefeito.**

Os governadores da Lusitania, da Betica e, subsequentemente, da Gallecia, foram invariavelmente designados com o titulo de *consules*, ao passo que os das outras provincias se chamavam presidentes *(praesides)*.

Além do *vigario*, cuja administração *se limitava principalmente aos negocios civis*, havia o *conde*, cujas funcções eram de indole *militar*, posto que, ás vezes, os proprios assumptos militares fossem tambem *submettidos ao vigario*. Não se deve, comtudo, suppôr que a auctoridade d'esses officiaes se estendesse a todas as cidades da peninsula.

Algumas eram governadas até em ultima instancia por suas proprias leis; outras dependiam immediatamente da capital do mundo romano. Distinguiam-se as *colonias*, os *municipios*, as *cidades romanas*, as *alliadas*, as *tributarias*, as de *fôro latino* (1).

(1) Exactamente como na Italia e por toda a parte. Veja o dr. Theophilo a falsidade da distincção que sonhou, copiando mal algum auctor de quarta ordem, entre a conquista da *Italia* e a das *Provincias*. Só na *Sabinia* é que se deu a destruição geral dos velhos municipios.

D'est'arte a Tarraconense em setenta e nove cidades tinha doze *colonias*, treze *cidades romanas*, dezoito de *direito latino*, uma *alliada* e trinta e cinco *tributarias*.

A Betica encerrava cento e sessenta e cinco cidades, sendo: nove *colonias*, dezoito *municipios*, vinte e nove de *direito latino*, seis *livres*, tres *alliadas* e cento e vinte *tributarias*.

A Lusitania era possuidora de quarenta e cinco cidades, a saber: cinco *colonias*, um *municipio*, tres de *direito latino* e trinta e seis *tributarias*» (1).

Que queria isto dizer?

Que vinha a ser esta extraordinaria variedade na tão decantada unidade romana?

É o que não sabia explicar Paquis e em geral os historiadores de seu tempo.

Para responder áquellas perguntas é indispensavel lançar um olhar sobre a indole intrinseca, o caracter, o genio do povo romano e respectivamente de sua politica, de seu direito (2).

---

(1) Paquis, *Histoire d'Espagne et de Portugal*, I, pag. 46.

(2) Se Paquis nada esclarece em tal sentido, sendo um espirito eminentemente methodico e lucido, menos ainda o póde fazer Theophilo Braga, o espirito mais embrulhado que se podéra imaginar.

O caracter do povo romano é um dos phenomenos mais curiosos da historia universal, e essa curiosidade origina-se da contradicção intrinseca em que elle se debatia. De um lado, egoista, nativista, compressor; de outro lado, tendo, consciente ou inconscientemente, a intuição da unidade geral humana, da universalidade dos povos ligados sob um só dominio, um só regimen, um só direito. Esta dupla qualidade resulta nitida do estudo de seus feitos e de suas instituições. Os mais perspicazes caracteristas d'esse povo singular attestam, mais ou menos claramente, este dualismo, que não sabem explicar. O mais eminente de todos elles — von Ihering — escreve um capitulo inteiro n'esse intuito, e, mau grado toda a sua destreza de psychologo e analysta, sente-se que a difficuldade do assumpto o assoberba.

«Em Roma, assevera elle, *o principio do Estado e do direito triumpha do principio da nacionalidade.* Descobrimos em Roma, desde sua origem, a ideia que encerra sua importancia ulterior, sua posição e sua missão peculiares na historia universal. Não existe nome que tanto quanto o de Roma desperte a ideia de *um conflicto entre o principio da nacionalidade e o principio abstracto do Estado e do direito, ou a ideia do contraste entre a nacionali-*

dade e as tendencias transnacionaes ou universaes » (1).

Nada mais claro e mais decisivo para quem olha só para um dos lados da vida romana; mas o sabio jurista-philosopho seria incompleto, se não lançasse as vistas tambem para outra parte: o lado tetrico e sombrio do nativismo egoistico do famoso povo-rei. Felizmente, von Ihering lançou-as e teve a coragem de encarar o problema em sua fundamental contradicção. A explicação que nos deu de tão singular phenomeno sociologico, não satisfará, talvez, a todos; mas é apta a esclarecer, até certo ponto, o assumpto. «Collocamos, escreve elle, linhas acima, a importancia de Roma na realisação da *universalidade politica e juridica abstracta* em opposição ao particularismo do principio nacional.

Quem nada sabe do caracter popular dos Romanos poderia acreditar que a essencia d'esse caracter consiste na *universalidade cosmopolitica*. Por pouco, porém, que se conheça a gente romana, sabe-se que nunca existiu outro povo que tivesse possuido uma nacionalidade tão indestructivel e que a ella se tivesse mais

---

(1) Não confundir esses conceitos de *nacionalismo* e *universalismo*, entre os quaes vacillava o caracter romano, com o *cantonalismo* e *unitarismo nacional*, de que falla Braga desasadamente.

intimamente ligado. Esta nacionalidade não tinha precisão de isolar-se para se conservar, nem de repellir os elementos estrangeiros. Provocava, ao contrario, todos os povos a medirem-se com ella, acolhia em multidão os elementos estranhos; mas o espirito romano immediatamente os dissolvia e os assimilava, sem que exercessem sobre elle influencia alguma perniciosa.

Esta energia, desenvolvida em Roma pelo *principio da nacionalidade*, como concilial-a com a *missão antinacional, universal* do povo romano?

A universalidade, responde o grande escriptor, procede d'uma propriedade, que é, ao mesmo tempo, expansiva e geral de um lado, contractiva e exclusivista de outro: o *egoismo*. O egoismo quando se erige em centro do mundo e refere tudo a si, não corre o risco de esquecer-se, de renunciar á sua particular posição exclusiva: *sua universalidade consiste axactamente em querer tudo.*

Tal força expansiva dos appetites, posto que ande sempre ligada á maior estreiteza de espirito, é, todavia, objectivamente, para a historia, um poderoso meio de realisar a ideia de *universalidade.* Roma fornece-nos d'isso a prova mais brilhante» (1).

(1) R. v. Ihering, *L'Esprit du Droit Romain,* tr. fr. I, pag. 309 e 313.

O celebre jurisconsulto allemão enxergou, pois, as duas qualidades primarias do genio romano; mas para elle não se trata propriamente de conciliar duas coisas antitheticas: *universalismo* e *nacionalismo*, intuição geral, cosmopolitica, humanisante com egoismo patriotico, patriotismo estremado; porque esta segunda qualidade, que era a predominante, era que, por seu proprio excesso, pela mania de tudo cubiçar e querer, pelo prurido de tudo pretender dominar, produzia a outra.

O sonho do romano não era o sacrificio de Roma ao mundo, era, ao contrario, o sacrificio do mundo a Roma; era, póde-se dizer, uma especie de pantheismo a Spinosa que não sumia, como Hegel, o universo em Deus, mas fazia a operação contraria, sacrificava Deus ao universo, o mais no menos. Não era má a pretenção...

O que resta saber é se existem bons motivos para a humanidade ser grata a esses despoticos e estreitos dominadores.

O que não admitte duvida é que de todos os modos que tem existido de se procurar realisar, consciente ou inconscientemente, a unidade humana, a dos Romanos pela monarchia universal, a da idade média pela religião tambem universal, a dos modernos tempos pela sciencia e pela industria, a dos primeiros foi a mais esteril e perniciosa. O que tambem não

padece duvida é que de todos os proclamados factores ou elementos de cultura geral que a antiguidade nos legou, — a arte e a philosophia dos Gregos, o christianismo dos Judeus, o direito dos Romanos, este ultimo é que tem sido mais emperrado e malefico em sua imperiosa dispotia.

Para comprehender a veracidade d'esta increpação, é mister não prestar ouvidos a velhos juristas romanisantes, ao gosto de Ravina, que não se cançavam de tecer elogios á justiça da conquista dos Romanos e á sabedoria do seu direito.

Sem desconhecer um instante os serviços por esse povo prestados á cultura occidental, para a qual entraram com sua quota de ideias juridicas, e com o proprio facto de sua dominação, quasi geral no velho mundo mediterraneo, julgo não dever mentir á historia, doirando, como é de costume, os feitos, todos os feitos de sua politica.

Trata-se aqui da acção dos Romanos em Hespanha e particularmente em Portugal. É, pois, de bom criterio, nomeadamente quando urge desfazer um tecido de falsidades como as que, no assumpto, se lêem no trecho transcripto do auctor açoriano, é de bom criterio que se estudem os seus feitos peculiarmente pelo lado especial das relações que costumavam manter com os povos que lhes eram sujeitos, suas provincias, suas colonias.

Geralmente repete-se entre gentes, que pretenciosamente se dizem latinas, sob a influencia de Dubos, Raynouard, Fauriel, Guerard, e até certo ponto de Aug. Thierry, que Roma fôra por toda a parte nas suas conquistas a introductora da *liberdade municipal*, que por toda a parte fundara outras Romas, eguaes á mãe-patria, fócos de cultura e romanismo.

São canções romanticas pulverisadas por um estudo mais serio dos textos e dos factos. E não precisa ir muito longe. Laurent e Coulanges, este a despeito de todo o seu ardor romanisante, são mais que sufficientes para dar-nos a vêr os acontecimentos sob luz bem diversa.

Velha cidade municipal, que se fez Reino, Republica e Imperio, sem sahir nunca d'este rudimentar regimen; que, no dizer de Mommsen, nunca alcançou comprehender a moderna concepção do Estado; que só dentro de seus muros é que podia admittir direitos e capacidades politicas; velha cidade — reino — ou imperio — ou republica — de regimen duramente aristocratico, foi a ultima dos antigos tempos a modificar, e isto mesmo mui parcamente, o primitivo direito, preso á religião, intransigente e exclusivista.

Sua historia, por esse lado, é um doloroso drama em quatro actos, cheios de tremendas luctas em que o terrivel e resistentissimo espirito conservador se bateu desesperadamente.

Primeiro a admissão dos plebeus, moradores na *Cidade*, ao direito de cidadãos, depois a dos habitantes do *Lacio*, depois a dos da *Italia*, finalmente a dos das *Provincias* (1). As peripecias d'estas quatro immensas luctas dilataram-se por mais de oitocentos annos. Só a ultima interessa aqui.

Foi na segunda phase do Imperio, quando já não era difficil discernir os signaes da rapida e profunda decadencia, foi ao contacto continuado de barbaros e estrangeiros de toda a casta, singularmente exigentes, que o velho direito romano se modificou em sentido mais liberal, deixando de firmar-se no conceito estreito da *Civitas*, base do seu *municipalismo*, para sentar-se no da *Libertas*, e, só depois, muito depois, no da simples *Natura huminis*. Era tarde; era muito tarde.

O *egoismo* romano só reconhecia direito na *sua gente*, e esta era apenas a principio os que elle considerava *cidadãos*. Aos homens *livres*, estranhos ao seu gremio, não lh'o reconheceu senão quando já era impossivel negal-o. Aos homens em geral, habitadores do Imperio, só veio a concedel-o quando o *direito de cidade* já

(1) D'ahi as quatro categorias de direitos: o *Civile*, ou *Romanorum*, ou *Quiritium*, o *Latinum*, o *Italicum* e o *Jus Gentium*.

nada valia; porque, morta a aristocracia, morto o Senado, morto todo o espirito publico, a força unica *politica* era o Imperador. E isto mesmo, esse simulacro, vão e inutil, só quando o Imperio já cambaleava é que veio a concedel-o, quando já nada valia e ninguem d'elle devia fazer caso.

Releva ponderar que toda a má vontade de Roma, proveniente de seu velhissimo espirito *municipalista*, que consistia em pensar que a capacidade juridica e politica só podia caber ao *cidadão*, ao filho livre da *Cidade (Civitas)*, e, por isso até é que o seu direito tinha o nome de *jus Civile (direito da Cidade)*, toda essa má vontade, oriunda d'esse ferrenho espirito municipalista, que ella foi habil para anniquilar por toda a parte e muito ciosa em conservar em seu proprio seio, era especialmente contra os estrangeiros. Estes, para ella, não tinham direito digno de ser reconhecido, não podiam gosar do *commercium* e do *connubium*. Só pela *hospitalidade*, privada ou publica, poderam elles, no correr dos tempos, gosar de certas liberalidades. D'ahi os contractos, chamados *isopoliticos*, em que Roma lhes reconhecia alguma, limitada, muito reduzida e circumscripta, capacidade juridica.

Nas suas *relações internacionaes*, até n'essas relações!... tratava-os com as regras estreitas de seu direito particular.

Considerava-os como *clientes*, susceptiveis do *patronato* e da *dedição*, da alliança ou da sujeição: eram — *socii* ou *dedititii* (1).

Convem insistir um pouco mais.

Depois das luctas em que foram os *plebeus* admittidos ao *direito de cidade*, porfiada foi a pendencia para o obterem os *habitantes do Lacio*. É muito significativo o horror manifestado pelo Senado quando os *Latinos* mostraram tal pretenção. Parecia que um mundo ia desabar; depois dos *plebeus* — os *Latinos*... Onde se iria parar?

Foi preciso sophismar, fazer enormes restricções, e o genio chicanistico do Senado creou então o famoso *jus latinum*, bem diverso do *jus civile*, que era o peculiar *jus Romanorum*, *jus Quiritium*. Este, que era, em sua mente, o pleno direito, os Romanos o reservavam para si. O outro era lacunoso, pois que os Latinos não tinham o *direito de suffragio* na ordem *politica*, porque o genuino Estado era dentro dos muros da Cidade de Roma, e na ordem *civil* não possuiam o *direito de casamento*, nem eram contados no *censo*.

Mais tarde os *habitantes da Italia* reclamaram tambem o *direito de cidadãos* e os Ro-

(1) Laurent, *Rome*, pag. 64; F. de Coulanges, *La Cité Antique*, 141.

manos recorreram a uma nova ficção, creando o que chamaram o *jus italicum*, inferior ao *latinum*, como este era ao *jus civile romanorum*, referindo-se mais ao *sólo* do que ás *pessoas*, segundo opina o douto Fustel de Coulanges, o homem que, ao lado de Ihering e Mommsen, melhor conheceu a organisação interna dos Romanos (1).

Eis ahi: um direito de *Roma*, um do *Lacio* e um da *Italia!*... É como se, em Portugal, houvesse um direito de *Lisboa*, um da *Extremadura*, e um do *Minho*, do *Algarve*, da *Beira* e *le reste*...

Sem se comprehender isto, é perder tempo o fallar dos Romanos. O menos que acontece é se entrar a dizer que elles, nas *Provincias*, seguiram normas differentes do Lacio e da Italia; que n'ellas ajudaram a fomentar o espirito municipal e outras leviandades do genero.

Cada concessão romana, só era feita após uma victoria das armas romanas; assim, a dos Latinos só veio depois do anniquilamento da sua Liga e da sua completa sujeição. A dos Italianos foi o resultado da celebre *guerra social* que Roma venceu, mas teve de satisfazer, a contra gosto, as aspirações dos Italianos.

Quando, mais tarde ainda, os Romanos,

---

(1) *Idem, ibid.*, 451.

aglutinado o Lacio e conquistada a Italia, começaram a submetter terras estrangeiras, como Hespanha, Carthago, Grecia, Oriente e Gallia, transportaram para essas regiões, como meio especial e adequado de dominar, a sua triplice categoria de direitos, que graduavam, conforme as circumstancias e conveniencias de mando.

Este é o nó da questão.

Raramente concediam o *jus civitatis*, o famoso *jus civile romanorum;* mais a miudo outorgavam o *italicum* e, em varios casos, o *latinum*, que era o intermedio.

Qual a razão? Roma não fez colonias, ao gosto dos Gregos; fez conquistas. Não desbravou terras incultas, como os Inglezes, Hespanhoes e Portuguezes tiveram mais tarde de fazer, creando fócos de cultura, novas nacionalidades; submetteu povos, já cultos em maior ou menor escala, aos quaes, para os amesquinhar e mais facilmente dominar, tratava como sêres inferiores, indignos de compartilharem de suas leis privilegiadas.

Não se diga, pois, que esse modo de agir era um producto do tempo; porque, antes dos egoistas Romanos, os Gregos e até os Phenicios procederam por modo diverso.

«Quando se comparam, escreve Laurent, as colonias de Roma com as da Grecia, é-se levado a crêr que aquellas prestaram menos

serviços á humanidade. As colonias gregas, estabelecidas por um povo civilisado em meio de nações incultas, eram essencialmente fócos de hellenismo: parecia, como dizia Cicero, que um cinto despregado da Grecia viera circular todos os paizes barbaros. As colonias romanas jámais foram enviadas a paizes incultos estrangeiros; vinham após as legiões occupar territorios conquistados já habitados. Este caracter era da essencia mesma da colonia que os antigos jurisconsultos definiam uma reunião de homens, mandados juntos a um logar guarnecido de edificios que deviam possuir debaixo de certas condições. As colonias romanas parecem fundamentalmente inferiores ás gregas. Estas edificavam cidades e criavam novos centros de civilisação; Roma não fazia mais do que expellir, quanto podia, os antigos habitadores para collocar sua gente no logar d'elles. A colonisação grega devia a origem a emigrações voluntarias; os emigrantes iam fundar em paragens longinquas cidades que vieram a tornar-se quasi todas centros commerciaes, ainda quando o commercio não tinha sido o movel da emigração. A colonisação romana, ao contrario, era systematica; seus juristas recusavam o titulo de colonia a qualquer emigração occasionada, *verbi-gratia*, pelas discordias civis; o estabelecimento de uma colonia era decretado pela auctoridade publica com um

alvo exclusivamente militar. Os colonos partiam de Roma, bandeiras soltas aos ventos, como exercito que fosse guarnecer cidades fortificadas; em vez de soldo recebiam terras em paga. Nada de espontaneo e livre em seus movimentos; eram sentinellas avançadas das legiões; dependiam de Roma; eram como membros destacados da metropole. As colonias gregas eram independentes, e esta liberdade favorecia o surto das ideias e fez das colonias o elemento progressivo da vida hellenica. As colonias romanas ficaram a imagem fiel da metropole» (1).

Mas esta *imagem* é apenas um modo de dizer, e, com grandes restricções aliás, póde tão sómente referir-se aos nucleos isolados que, com o nome especial de *coloniae*, eram estrategicamente estabelecidos nos paizes conquistados.

O methodo romano consistia principalmente em tomar posse dos paizes submettidos, dividil-os em varias porções sob os mais diversos aspectos politico-juridicos, e estabelecer habilmente n'elles, aqui e alli, com grande habilidade as famosas *colinias* que lhes serviam de atalaias.

Como se está a vêr, as conquistas, as cha-

(1) Laurent, *ibid*, pag. 90 e 91.

madas provincias não ficavam sob um regimen igual para todos; não eram povoadas, como foi o Brasil, por exemplo. As *colonias* eram fócos destacados, *cheios de grandes privilegios*, como meio de se ir despertando a *cobiça* das differentes populações no sentido de desejaremnos tambem para si e se irem aos poucos romanisando.

O genio extraordinariamente chicanistico e cavilloso do Romano fazia centenas de distincções pelas provincias em fóra: havia gentes de direito *romano*, outras de direito *latino*, outras de direito *italico*, umas *alliadas*, outras *tributarias*, outras *municipaes*, outras *contributas*; varias *senatoriaes*, diversas *imperiaes*, estas *patricias*, aquellas *togadas*, estas *civis*, aquellas *militares*... Um horror!

A razão de todo esse machiavelismo juridico-administrativo anda mais ou menos indicada em Ihering e Mommsen e até no proprio Sumner Maine; mas onde, sob o peculiar aspecto que n'estas paginas pretendo elucidar, se acha melhor esclarecido é na *Cité Antique*, que tantas vezes já foi citada. É a notação mais instructiva que conheço do proceder dos Romanos n'esse particular.

Ella demonstra ser uma das singularidades mais notaveis da politica de Roma, o attrahir todos os cultos das cidades visinhas, e em geral das cidades conquistadas, tomal-os para

si com o mesmo empenho egoistico porque se apoderava das cidades mesmas. Mas o que era notavelmente exquisito é que a velha lôba do Lacio *conquistava os deuses dos vencidos e não lhes cedia os seus.*

Guardava, assevera Coulanges, para si os *protectores*, procurava até augmentar-lhes o numero; caprichava em possuir mais *cultos* e mais *deuses tutelares* do que qualquer outra cidade.

E não era só isto: não era só na ordem religiosa que se ostentavam a ambição, o egoismo, o exclusivismo romano, *ambição em tomar o alheio e exclusivismo em monopolisar o proprio.*

Na esphera juridica e politica a coisa era ainda peior. Roma suffocou, bem ao inverso do que inconscientemente affirma o sr. Theophilo Braga, por toda a parte o velho espirito autonomo e municipal (1). Este desapparecia de entre todos os povos alliados e conquistados, conservando apenas os primeiros méras fórmas exteriores.

Destruindo systematicamente as instituições alheias, nada collocava no logar d'ellas. Aos povos espoliados de seus regimens indigenas,

---

(1) Braga tem a coragem de citar Coulanges, para dizer o contrario do que este ensina. Ou não o leu ou não o entendeu.

não dava esse vencedor cruel nada em troca, nem procurava sequer crear instituições novas que os substituissem. Nunca fez, prosegue o eminente escriptor francez, uma constituição para os povos de seu imperio, e não soube estabelecer regras fixas para os governar. Sua propria auctoridade sobre elles nada tinha de regular.

Como não faziam parte de seu Estado, que por uma inqualificavel aberração confundiam com sua Cidade, não tinha sobre elles nenhuma acção legal legitima e normal. Seus subditos das provincias eram para ella como estrangeiros, e, d'est'arte, tinha, e este é o amago da questão, em face d'elles esse poder illimitado que o seu antigo e obsoleto direito municipal deixava ao cidadão a respeito do estrangeiro e do inimigo. Todo o povo sujeito não entrava para o Estado romano, *in civitate;* cahia apenas sob o dominio, *in imperio* (1). Distincção capital, que derrama luz intensissima no assumpto, de sua natureza embrulhado e subtil ao mesmo tempo.

O modo mesmo de apoderar-se de um territorio era caracteristico da parte do Romano.

O Senado enviava um dos cidadãos da Re-

---

(1) Fustel de Coulanges, *La Cité Antique*, pag. 431, 441, 443, 444.

publica ao paiz conquistado ou que se pretendia subjugar e fazia d'essa região a *provincia* d'esse homem, a saber: seu encargo, seu negocio particular, seu cuidado pessoal, e conferia a esse proconsul — o *imperium* (1). D'ahi as malversações de todo o genero, com que os Hespanhoes em particular foram flagellados. Alli o famoso regimen *municipal*, creado ou consentido, ou conservado pelos conquistadores, a despeito dos elogios banaes da escola romantica, repetidos atrazadamente por Th. Braga, não passava, não passou nunca da caricatura do velho municipalismo, irremediavelmente destruido. Se para bem ou mal do paiz, não me compete decidir. Constato apenas o facto.

As cidades hespanholas, como as da Gallia, tiveram seus senados, seus magistrados electivos, imagem dos da metropole (2). É que, na ausencia de direito proprio, na qualidade de desclassificados, todos os homens das *provincias*, não podendo emancipar-se, sob o guante de ferro das legiões, não tiveram, ai d'elles! outro recurso senão *romanisar-se* cada vez mais, submetter-se, sujeitar-se em absoluto

(1) *Idem, ibid.*, 444.

(2) Ginoulhiac, *Histoire Générale du Droit Française*, pag. 60 e seguintes.

e mendigar insistentemente o famoso *jus civile*, o unico que lhes poderia garantir alguma dignidade.

Essa posição de solicitantes durou para a Hespanha por quatro dilatados seculos, que tantos são os decorridos entre o anno 202 antes da era vulgar, em que foi ella declarada *provincia* da Republica, e o de 211 de nossa era em que subiu ao throno o celebre Caracalla, que a todos os subditos do Imperio conferiu a grande naturalisação.

Por igual caminho andaram todas as outras provincias do mal organisado colosso imperial, e causa certa magua aos espiritos emancipados de ruinosos preconceitos o espectaculo da insistencia com que antigas populações livres disputavam o favor de se deixarem mais e mais escravisar, abrindo mão completamente de seus direitos originaes e estendendo os pulsos ás cadeias do romanismo.

É verdade que este, na sua longa evolução millenaria, como já se advertiu, mudou, modificou-se consideravelmente; mas foi só na superficie e sob o influxo dos Barbaros. Mas já era tarde para a expansão natural do genio iberico largamente vigorisado pelo Ligure. A Hespanha estava latinisada até ás raizes, apesar de ter sido sempre pelos Romanos a mais maltratada de suas provincias; porque, como atiladamente notou Herder, a Hespanha

foi sempre para esses conquistadores insaciaveis o que a America foi mais tarde para os Hespanhoes: *mina a explorar, terra para a pilhagem.*

Escusado é, depois de tudo o que fica dito, insistir em indicar a enorme influencia do Romano na Peninsula. Lingua, costumes, direito, tudo tomou certos moldes que nunca mais foram quebrados, deixando no genio iberico marca inapagavel.

Mas, tudo isto se fez e praticou por fórma e por motivos mui diversos dos apontados por Theophilo Braga.

Roma não teve, para apressar a incorporação da Hespanha, como escreveu o auctor portuguez, de fazer n'ella o contrario do que praticara na Italia: *facilitar e promover o desenvolvimento ou a implantação das fórmas municipaes, favorecendo a independencia e liberdade locaes.*

Isto não passa de uma declamação romantica, socialista, ou cousa peior.

O dominio romano nas Hespanhas estendera-se, como já disse, por seis longos seculos, dos quaes dois se seguiram ao famoso decreto, já citado, de Caracalla. Se não foi um periodo de decadencia em sentido geral, sob o ponto de vista da unidade, foi-o sob o ponto de vista do vigor, da vitalidade organica do povo.

D'ahi, a facilidade relativa da conquista pelos Suevos e Wisigodos, ao passo que tão difficil e porfiada tinha sido a dos proprios Roma-

nos. É que o virus do despotismo imperial havia amolentado o velho animo iberico. O que tem feito illusão sobre o valor da administração romana na Hespanha e algures, é a mania romantica, repito, que tem levado grande parte dos historiadores a crêr na persistencia integra do antigo municipalismo latino alli e n'outras paragens, quando a verdade é que do velho espirito municipal existiam apenas as fórmas exteriores, as apparencias da vida. E o mais curioso é que até alguns e dos mais eminentes espiritos allemães teem contribuido com o melhor de suas luzes para a duração d'esse sonho das pretenções romanicas. N'este sentido Niebuhr e Savigny não são despidos de culpas.

Mas o ponto culminante dos fatuos exaggeros latinisantes, encontra-se em Raynouard com seu celebre livro da—*Historia do direito municipal em França*, apparecido, em pleno romantismo em 1828. É a mesma intuição acanhada do padre Dubos.

Em geral, na maioria dos auctores, a historia do municipalismo europeu, anda mal contada e cheia de enormes obscuridades. É mister refazel-a.

Na historia, quatro ou cinco vezes millenaria d'essa instituição, deve-se para bem comprehendel-a, destacar as seis phases seguintes, cada uma d'ellas subdivididas em tres ou quatro periodos principaes: 1.ª a do velhissimo

regimen municipal dos povos indo-europeus, nomeadamente dos Celtas, Gregos e Italiotas, desde quando, deixada a vida nomada do pastoreio, se fixaram no solo; este antiquissimo regimen foi em grande parte destruido pelos Romanos com as suas conquistas e seu systema despotico e unitarista; 2.ª a do systema municipal dos Romanos, feito por influencia do primeiro, mas sem a sua vida intensa; 3.ª a do regimen municipal que se poderia chamar ecclesiastico, que vae do v ao IX seculo, substitutivo do segundo, mas já sem a primitiva plasticidade pratica d'este; 4.ª a do systema municipal das communas e cidades da idade média, revigorado pelo elemento particularista germanico; 5.ª a do municipalismo decadente da época do absolutismo regio que vae do XV seculo á Revolução franceza; 6.ª a do regimen contemporaneo, mais ou menos vitalisado, ou mais ou menos apagado, conforme a indole dos povos.

Dos velhos historiadores, foi Guizot o que mais brilhante e profundamente se occupou do assumpto, apezar de só ter tratado de tres d'essas phases: a 2.ª, a 3.ª e a 4.ª (1).

---

(1) Da 2.ª e 3.ª no seu inapreciavel ensaio — *Du Régime Municipal dans l'Empire Romain;* da 4.ª na *Histoire de la Civilisation en France.*

E refiro-me a Guizot, não só por seu extraordinario merecimento, maximé exactamente na questão presente, como tambem porque o vejo desdenhosamente tratado pelo dr. Theophilo Braga.

Na determinação das causas da decadencia do imperio romano e na analyse das instituições municipaes no v seculo, quando se deu a grande invasão dos Barbaros, Guizot não foi ainda sequer igualado e menos ultrapassado. Eis a verdade.

Não basta repetir d'elle o que, em 1840, dizia seu grande émulo—o illustre chefe da escola pinturesca na arte de historiar:

«O auctor dos *Ensaios sobre a Historia de França* e da *Historia da Civilisação* levanta-se a uma vista de conjuncto, que é a pura abstracção dos factos reaes; *tem o duplo privilegio de illuminar como um raio solar a sua intelligencia geral e ficar inatacavel aos olhares da erudição exacta e minuciosa.* Dotado de um maravilhoso talento de analyse, caminha, como que brincando, através das obscuras épocas, cheias de contradicções, nas quaes os elementos da sociedade mutuamente se combatem e mal se distinguem. Prima em descrever o desordenado, o fugitivo, o incompleto no estado social, em fazer sentir e comprehender aquillo que não póde ser formulado, que não possue côr definida e caracter preciso. *Cabe-lhe em*

alta dóse o grau de imparcialidade critica, a faculdade de ponderar equitativamente todas as noções, tradicionaes ou adquiridas, cuja multiplicidade compõe o quadro real, a verdadeira theoria da historia» (1).

Não basta, digo, reproduzir este justissimo elogio de um rival que tinha alta competencia para o fazer; porque essas palavras se referem ao talento geral de historiar em Francisco Guizot.

É mister ouvir a opinião de outros grandes espiritos, exactamente no que diz respeito ao famoso ensaio de Guizot ácerca do regimen municipal nos fins dos antigos tempos e começos da idade-média e assumptos que se lhe prendem.

Edmond Scherer, o severo critico, adversario de Guizot, em 1861, escrevia:

«Seus *Ensaios sobre a Historia de França* é que *fixaram muitos pontos importantes para a intelligencia de nossos annaes*» (2).

O illustre M. A. Bardoux, em 1894, affirmou:

«O historiador (Guizot) se colloca no v seculo da era christã e estabelece primeiro que

---

(1) Aug. Thierry, *Récits des Temps Mérovingiens*, I, pag. 171.

(2) *Études sur la Littérature Contemporaine*, I, pag. 88.

o despotismo do Imperio romano *tinha trazido a destruição da classe média. Seu anniquilamento tinha sido o resultado de um regimen municipal, que a tinha tornado ao mesmo tempo o instrumento e a victima da administração romana.*

Só este facto explica a prodigiosa facilidade das invasões dos Barbaros e permitte comprehender o estado social que lhe succede. Pela primeira vez, o papel da Igreja é tambem posto em seu legitimo logar» (1).

Mais significativo ainda é o que disse o sabio Robert Flint em 1875: «No ensaio ácerca do *Regimen municipal do Imperio Romano no V seculo da era vulgar*, Guizot discute um grande problema para o qual estava peculiarmente preparado como traductor e commentador da obra immortal de Gibbon: — a explicação da queda do imperio romano. Tinha já o assumpto preoccupado muitos pensadores, entre outros Montesquieu e o proprio Gibbon; porém, *pela prima vez, Guizot lhe deu uma solução approximativa.* Seus predecessores tinham apenas tratado de um modo geral das causas da decadencia romana, e girado, mais ou menos habilmente, em torno do problema especifico. Tinham attribuido a queda do Imperio á escravidão, ao despotismo dos imperadores,

(1) *Guizot*, par M. A. Bardoux, pag. 119.

ao declinio da fé religiosa, ao luxo e á corrupção dos costumes, e não perceberam que taes causas só indirectamente haviam contribuido para a ruina, porque exerciam havia já muitos seculos sua influencia e o Imperio se achava ainda em todo o prestigio do poder. *Foi, pois, um passo decisivo e consideravel para uma solução*, posto não seja ella ainda definitiva e completa, quando Guizot, deixando de lado as generalidades, chamou a attenção para o facto de ser o Imperio uma agglomeração de cidades (os taes *municipios)*, cuja união só era mantida pela auctoridade soberana do poder central, e *demonstrou como, seguindo passo a passo a legislação relativa aos* **curiales**, *poder-se-ia provar que essa classe, a unica essencialmente* **contributiva**, *tinha pouco a pouco succumbido sob o peso dos impostos, acabando por desapparecer e com ella os recursos da auctoridade imperial*» (1).

Diante de testemunhos d'estes vê-se que ainda é prova de criterio e saber ouvir as lições do grande mestre; e sente-se quão desasado é o dr. Theophilo, quando, em tom de mofa e desdem, escreve em *As Modernas Ideias*, referindo-se a Herculano: «*Historiador da escola auctoritaria e analysta de Guizot...*» (2).

---

(1) *Philosophie de l'Histoire en France*, pag. 255.
(2) *Op. cit.*, I, pag, 57.

Auctoritaria... como e em que?

Analysta... e porque não?

Até aqui, porém, se dizia exactamente o contrario: que o auctor da *Historia da Civilisação* primava principalmente pelas grandes syntheses. Braga descobriu ser elle *analysta*... Quando este homem tomará senso?

«Já vimos como na Hespanha, diz sr. Braga, repetindo palavras de Oliveira Martins, existiam os centros de vida local anteriores ao dominio romano, e por isso se adaptavam á fórma romana do municipio, que por isso mesmo tem persistido até hoje, através de todas as revoluções historicas.» (Pag. 226).

Diga-nos agora Guizot, com a sua *auctoridade de analysta*, o que era, o que valia esse tão decantado *municipalismo*.

«A queda do Imperio Romano no Occidente constitue um phenomeno singular. Não só a nação não sustenta o governo em sua lucta contra os Barbaros, como, abandonada a si mesma, não tenta, por sua conta, resistencia alguma. Ainda mais, nada, em tão longo debate, revela a existencia de uma nação; sabe-se vagamente que ella soffre; padece todos os flagellos da guerra, da pilhagem, da fome, uma completa mudança de destino e de estado, sem agir, sem fallar, sem apparecer.

Não é singular sómente este phenomeno, é sem exemplo. O despotismo reinou n'outras

paragens; mais de uma vez a invasão estrangeira e a conquista devastaram paizes por elle opprimidos.

E, porém, até nas terras onde a nação não resistiu, sua existencia se manifesta por qualquer modo na historia; soffre, lastima-se, e, a despeito de seu aviltamento, se debate contra a desgraça; narrativas, monumentos attestam o que ella padeceu, o que veio a tornar-se, e senão o que fez, ao menos o que fizeram d'ella.

No seculo v, os restos das legiões romanas disputam aos Barbaros o immenso territorio do imperio, mas parece que este territorio é um deserto. Vencidos ou afugentados os soldados do imperio, não se falla mais de ninguem, de nada.

As populações barbaras dilaceram as provincias, apropriam-se d'ellas e a seu lado uma só existencia se revela nos factos, a dos bispos e do clero. Se não existissem leis para dizer-nos que uma população romana cobria ainda o solo, a historia nos deixaria duvidar.

E é especialmente nas provincias submettidas havia muito tempo a Roma e nas quaes a civilisação era mais adeantada, que o povo assim mais facilmente desapparece. Considera-se como um documento da fraqueza dos subditos do imperio a carta dos Bretãos *(gemitus Brittonum)*, implorando com lagrimas o soc-

corro de Aëcio e a remessa d'uma legião. É uma injustiça.

Os Bretãos, menos civilisados, menos Romanos que os outros subditos de Roma, resistiram aos Saxões e essa resistencia tem uma historia. No mesmo tempo, nas mesmas condições, os Italianos, os Gaulezes, os Hespanhoes não a possuem.

O imperio retirou-se de seus paizes, os Barbaros os occuparam, sem que a massa dos habitantes tenha representado o mais leve papel, tenha notado, por qualquer fórma, seu logar nos acontecimentos que a entregavam a tantos flagellos.

E, todavia, a Gallia, a Italia, a Hespanha estavam cobertas de cidades out'rora ricas e populosas. A civilisação se tinha intensamente desenvolvido. Estradas, aqueductos, circos, escolas abundavam. Nada faltava de tudo que attesta a riqueza e dá aos povos uma existencia animada e brilhante.

As invasões dos Barbaros vinham pilhar todas estas riquezas, dispersar todas estas reuniões, destruir todas estas riquezas.

Nunca a existencia d'uma nação foi tão completamente subvertida, nunca os individuos tiveram tantos males a supportar e tantos receios a conceber.

D'onde provém a mudez ou morte d'essas nações?

Porque tantas cidades saqueadas, tantas situações mudadas, tantas carreiras interrompidas, tantos proprietarios despojados deixaram tão poucos signaes, não digo de sua resistencia activa, mas sómente de suas dôres?

Allega-se o despotismo do governo imperial, o aviltamento dos povos, a apathia profunda que se havia apoderado de todos os subditos.

Tem-se razão. É esta com effeito a grande causa d'um facto tão estranho. Porém é pouco enunciar assim, de um modo geral, uma causa que n'outras épocas e logares, a mesma na apparencia, não produziu identicos resultatados. É preciso penetrar mais profundamente na sociedade romana tal qual o despotismo a fez. É mister procurar porque meios elle lhe tirou até este ponto toda a consistencia e toda a vida.

O dispotismo póde revestir-se de fórmas muito diversas e exercer-se por praticas que dão á sua acção muito diversa energia e ás suas consequencias muito maior alcance.

O grande facto que tinha arrastado o systema do despotismo imperial, e que explica o phenomeno de que me occupo, é a dissolução, a destruição, o desapparecimento da classe média no mundo romano. Por occasião da chegada dos Barbaros esta classe não existia mais. E é por isso que não existia mais a nação.

Este anniquilamento da classe média foi especialmente o resultado de um regimen municipal, que a tinha tornado ao mesmo tempo o instrumento e a victima do despotismo imperial. Todas as baterias n'este ultimo foram dirigidas contra ella, e foi no regimen municipal que elle a aprisionou para sujeital-a, quebral-a, dissolvel-a, suffocar-lhe toda a vida politica e destruir d'est'arte a nação.

Um tal facto merece bem ser estudado. Só elle explica a prodigiosa facilidade das invasões dos Barbaros e permitte comprehender o estado social que lhe succedeu. Quem não conhece a organisação do regimen municipal n'esta época e seus effeitos na sociedade, não póde comprehender os primeiros seculos de nossa historia» (1).

São as primeiras paginas do mais bello estudo de quantos se acham reunidos no magnifico livro dos *Ensaios sobre a Historia de França*. Ahi, em linhas rapidas e seguras, está indicado o estado de miseravel anniquilamento a que tinha no v seculo chegado o Imperio Romano, com a destruição monstruosa por elle feita das *instituições municipaes*, que se reduziram a nada, especialmente n'essa Hespanha,

(1) *Essais sur l'Histoire de France*, par M. Guizot, septième édition, Paris, 1847, pag. 1 a 3.

onde, na estulta aberração de Braga, ellas *nunca se chegaram a extinguir*.

A demonstração da these, feita nas paginas seguintes, é um prodigio de saber, de logica, de larga intuição e nunca desmentida lucidez.

Envio para ellas o leitor; pois é indispensavel pôr termo a este já longo capitulo, indicando as cincadas theophilistas ácerca da lingua latina e suas descendentes.

Quem, com animo despreoccupado de falsos romanismos, estudar o ensaio de Guizot, de accordo, aliás, com as demonstrações já hoje fornecidos por outros illustres historiadores, chegará a este resultado synthetico:

Deploravel era a situação dos Romanos em todo o correr do IV seculo. Uma dictadura insensata no cimo, uns senadores corrompidos e avarentos, uns proconsules rapaces, uma classe-média decadentissima e singularmente empobrecida, uma plebe ociosa e turbulenta — despertam para logo a attenção a quem quer que olhe com vistas indagadoras para o estado da sociedade.

Cidades isoladas na immensa vastidão do Imperio, nada de vida agricola, latifundios desoccupados por toda a parte, o trabalho aviltado nas mãos de escravos em pequenas industrias, eram outros tantos signaes dos tempos.

Apenas a burguezia, a classe-média, os

curiales, horrendamente depennados, eram ainda uns fracos productores a seu modo; mas as suas contribuições eram um pouco de palha na fornalha ardente e insaciavel do fisco imperial. Tudo era devorado. A centralisação era absoluta; o velho espirito municipal, que nunca tinha tido, aliás, valor politico, estava completamente morto, mesmo nas méras relações administrativas; a grande machina governativa funccionava no vacuo. Os Barbaros puzeram-lhe a mão e desconjuntaram-na como por encanto. Admira apenas que o não tivessem feito mais cedo.

Agora as *bellezas* sobre o latim e idiomas d'elle derivados.

N'este ponto as doutrinas do professor portuguez se reduzem a repetir uma passagem extravagante do mediocre livro de Ernesto Charrière — *A Politica da Historia*, cujas ideias geraes são acceitas apezar de avessas ás do positivismo.

Cousas de Braga.

«D'onde provém, escreve Charrière, que o latim existe ainda quasi inteiramente nas linguas da Italia, da Hespanha, da França e mesmo da Inglaterra? *Attribuir este facto á dominação romana é impossivel*, porque n'este caso, é preciso explicar como este dominio tendo sido effectivo na Grecia e na Asia Menor e sobre toda a costa de Africa, as lin-

guas d'estas regiões não teem o minimo vestigio de uma lingua que, comtudo, *reinou mais directamente* (Quanto á Africa, sim, em termos; quanto á Grecia e Asia Menor é um erro de palmatoria!...) *sobre ellas.*

É mil vezes mais claro para o senso commum (?!), que *o latim*, na sua qualidade de lingua occidental, *se achou a expressar-se como se expressavam pouco mais ou menos os outros dialectos contemporaneos do Occidente, mesmo antes que Roma pensasse em conquistal-o*, em virtude da mesma lei que pelo seculo x, depois das invasões barbaras, e da renovação da sociedade, fez tornar a achar em todos os idiomas novos a mesma identidade de expressões e de ideias. Sem isto, como explicar um accordo que se encontra sobre os pontos onde Roma apenas penetrára, como a Lusitania, e aquelles como a Escocia onde ella nunca formou estabelecimento e onde o seu idioma revive no todo ou em parte na linguagem actual? Attribuil-o a uma communhão de civilisação não basta; porque se esta influencia podia existir nas cidades, não teve o mesmo grau de intensidade nos campos; e, tomae um a um todos *patois*, cujas fórmas exteriores são tão dessimilhantes, muitas vezes de uma localidade visinha para outra, ao ponto de pela pronuncia dar-se uma barreira insuperavel para as populações que as fallam, e por toda a parte este

fundo romano ou occidental *(Devia então acontecer o mesmo na Grecia, tão pelasga ou mais do que Roma)* apparece desde que os tornam escriptos».

Só Braga poderia em uma só pagina accumular tantos despropositos, em completo desaccordo com a historia e a linguistica, como esse sr. Charrière, auctor de quarta ou quinta ordem.

Antes de mais nada, convem advertir que houve tempo, no qual, sob a influencia de Adolpho Coelho, o sr. Braga chegou a ter umas noções, levissimas é certo, de linguistica romanica, e até atreveu-se a escrever uma grammatica portugueza, onde se acham compiladas as principaes leis da transformação phonetica e syntactica que veio a produzir os idiomas novo-latinos.

N'aquelle tempo Theophilo não acceitava as phantasias de Charrière, que não passam de nova edição das extravagancias de Maffei e outros. Escrevia, até, arrogantemente cousas assim:

«Isto veio (as grandes leis demontradas por Fr. Diez) lançar por terra as velhas hypotheses de Maffei, que *julgava o italiano um latim vulgar*... A verdade tem este poder maravilhoso; na formação das linguas romanicas uma lei geral dominou o processo da derivação latina, é a *persistencia do accento latino.* O accento,

conservando-se através de todos os accidentes extraordinarios porque passou a palavra no uso dos italianos, francezes, hespanhoes ou portuguezes, mostra-nos que mesmo nos phenomenos de decomposição ou decadencia existe uma lei intima inherente á natureza; e *portanto não é necessario inventar a hypothese de que existisse um dialecto popular junto do latim urbano, destinado a produzir os novos dialectos latinos*» (1).

A mudança, para peor, é palmar.

Como quer que seja, convem desfazer as falsidades de Charrière.

O escriptor francez embrulha e confunde os phenomenos linguisticos de mais de dezesete seculos, desde a fundação de Roma até o seculo x da era vulgar.

Parte de uma affirmação gratuita: a identidade completa, ou quasi, dos idiomas fallados na Europa occidental.

A verdade não é esta; é outra e bem diversa: tanto na Europa Occidental como na Oriental, bem antes de serem fallados os dialectos aryanos, houve variadissimas linguas, a datar dos ultimos tempos terciarios e durante toda a época quaternaria actual. No alvorecer dos tempos historicos ainda o mesmissimo era o facto,

---

(1) *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, 1.ª edição, pag. 5.

e duas d'essas antiquissimas linguas ainda existem para attestal-o: o *Basco* e o *Filandez.*

A Hespanha, pois, onde, quando chegaram os Romanos, se fallavam, pelo menos, duas linguas estranhas ao grupo aryano — o *Ibero* ou *Basco* e o *Punico*, não póde entrar na sonhada communhão dos *velhos fallares iguaes ao latim.*

Não é só: é uma extravagancia a pretensão de identificar, como fez Charrière, entre si os proprios idiomas aryanos, a ponto de suppôr que *quem entende um entende os outros.* É isto méro sonho.

O primeiro grupo de linguas aryanas falladas na Europa —, denominado por Jubainville — grupo *Thraco-Illyro-Ligure*, dista, consideravelmente, do grupo asiatico — onde figuram o *Sanscrito* e o *Zende*, e tambem se differencia, notavelmente, sob o ponto de vista da facilidade de comprehensão, do grupo que se lhe seguiu immediatamente, — denominado por Schleicher — *Greco-Italo-Celtico.* Se as proprias linguas de cada agrupamento entre si são tão divergentes!

Quem quizer se capacitar tome dois textos de duas linguas das mais aparentadas: um texto *latino* e um *celtico.* Tente, mesmo pessoa que saiba bem o latim, lêr e comprehender o texto celtico. Ha de ter muito com que quebrar a cabeça e acabará por nada entender do segundo.

O mais são phantasias.

Não é só ainda: se o latim se approximava de outros idiomas indo-europeus e é isto que explica sua diffusão em certas zonas, em identica relação de parentesco se achava para com o grego. E, portanto, por tal motivo devia ter penetrado e se mantido na Grecia.

Já se vê que a explicação do auctor francez, tão elogiada por Braga, falha nos pontos principaes.

Ambos estes phantasistas se esqueceram de dividir o problema em suas partes principaes, quanto ao tempo e quanto ao espaço.

Sob o primeiro aspecto, a questão do latim e suas relações com outras linguas apresenta tres largos periodos seculares, que só a mais inveterada superficialidade poderá confundir: 1.º relações do latim, dentro da Italia, com os dialectos *Italiotas* com elle aparentados: *osco, sabellico, umbrio, volsco;* 2.º relações d'elle com as linguas estrangeiras, aryanas ou não, das conquistas; 3.º relações d'elle com os idiomas germanicos depois das invasões barbaras do v seculo.

São tres phases longas e diversissimas: a primeira, desde a fundação da cidade em 750 até 290 em que a Italia ficou toda unificada, dilatou-se por mais de quatrocentos annos. É claro, que o latim, prevaleceu, é certo, sobre os dialectos irmãos e d'elle approximados, re-

cebendo, porém, mais de um influxo da parte d'elles.

Ahi a assimilação foi facil, porque não passavam todos de simples variedades de fallar.

Se é com a similhança d'esses dialectos que o sr. Charrière quiz formar o seu *fallar geral similhante do Occidente*, illudiu-se duplamente; pois que taes dialectos nunca foram fallados fóra da Italia, onde, aliás, não imperavam só, porque alli se fallavam tambem o *Etrusco* e o *Celtico*, aquelle no centro e este no norte, sem fallar no *Grego* que se fallava no sul.

Todas estas linguas desappareceram, além do *Osco*, *Umbrio*, *Sabellio* e *Volsco*. E se estes eram simples differenciações dialectaes aparentadas com o latim, não se póde dizer o mesmo do grego, do celtico, e muito menos do etrusco, que ainda hoje faz o martyrio dos linguistas.

Como explica Braga esses resultados identicos de cousas tão diversas?

O latim preponderou na Sabinia, na Umbria, na Sabellia, porque os fallares de taes regiões lhe eram affins. Muito bem. Mas preponderou tambem na Etruria e na Gallia Cisalpina; seria por igual motivo?—Ora!

O segundo periodo durou n'uns paizes seis, n'outros cinco, n'outros quatro seculos.—A Hespanha está no primeiro caso. A Africa, a Britannia, a Gallia, a Grecia, o Oriente nos outros.

A questão aqui diverge muito de seu aspecto na primeira phase. Agora o latim se acha, n'estes paizes, em face de idiomas que lhe são de todo estranhos. Ao lado d'elles é evidente que se vae modificando diversamente, conforme as zonas e a indole das respectivas linguas. Mas ao fim de seis, de cinco, de quatro seculos, assim como predominava na Italia, veio a predominar na Africa, na Hespanha, na Gallia, que chegaram a fornecer ao Imperio os seus melhores escriptores.

Os fallares populares na Italia, na Gallia, na Hespanha, na Africa, deveriam ter varias divergencias entre si, como acontece com o *portuguez* em Portugal, no Brasil, em Angola, em Gôa, em Macau.

Essas diversidades locaes, é evidente, do latim d'esses varios paizes, vieram a ajudar a differenciação futura dos idiomas novo-latinos, quando, entre os seculos V e X ou XI, a lingua dos velhos conquistadores se achou em contacto e em fusão com as linguas teutonicas dos novos conquistadores germanicos. São outros cinco ou seis seculos de singular elaboração, onde se acharam novos elementos, que se não encontravam nos dois primeiros longos periodos descriptos.

De se não terem feito estas distincções é que se originaram os dois systemas exclusivos existentes para a explicação das linguas novo-

latinas: um que as considera simples modificações, por assim dizer, espontaneas e internas do latim; outro que as considera antigos dialectos contemporaneos do latim, rejuvenescidos apenas.

A verdade é que os idiomas novo-latinos são, sim, modificações do latim, por um lado, sob o influxo dos antigos dialectos das terras onde se vieram a formar e, por outro, das linguas germanicas com que se achou em contacto durante a idade média.

Não basta, porém, dividir o problema no tempo; mister é dividil-o tambem no espaço.

Sob este aspecto, quatro casos se nos deparam, explicaveis por modo mui differente do que apresenta Charrière com os levianos applausos de Theophilo:

1.º Terras onde o latim, com a conquista romana, medrou e ficou, vivendo ainda em alguma das chamadas linguas — novo-latinas; é o caso da França, da Italia, da Hespanha;

2.º Terras onde, com a conquista, se espalhou menos, onde não chegou a supplantar de todo a velha lingua local ou onde foi quasi supplantado pela lingua dos invasores germanicos; é o caso da Inglaterra e Escocia;

3.º Terras, nas quaes, com a conquista, medrou largamente e onde foi mais tarde suffocado por fortissimas invasões exteriores; é o caso da Africa;

4.° Terras, nas quaes, a despeito da conquista, não penetrou, onde nunca chegou a ser a lingua do povo; é o caso da Grecia e do Oriente.

O primeiro caso explica-se pelo atrazo das populações indigenas levadas, politica, social e intellectualmente, de vencida pela superioridade do genio e da cultura dos Romanos. Assim na Italia, na Hespanha, na Gallia.

Aqui não se precisa recorrer *ao similhante fallar occidental* ou a qualquer outra tolice do genero. O segundo é explicavel pelo pouco rigor da colonisação e da administração dos Romanos na Britannia, ilha afastada, a que nunca deram a importancia da Italia, da Hespanha ou da Gallia.

O sr. Charrière cahiu no erro de considerar a persistencia do latim na Inglaterra como igual á dos paizes citados. É um erro gravissimo; provavelmente considerava o *inglez* como filiado no grupo *neo-latino!*...

A instrucção d'esse escriptor é demasiado incompleta; tudo o revela.

O terceiro caso, o caso africano, é o mais instructivo de todos. Alli o latim reinou durante quasi seis seculos, o que se explica pelas mesmas razões do primeiro; a superioridade da cultura dos Romanos, e não porque tivessem estes alli encontrado o *similar fallar occidental;* pois Charrière não se atreveu a dal-o como

existente tambem em Africa. De todas as provincias romanas foi talvez a que mais se latinisou. O indigena, o *berbere* das quatro provincias — *Africa proconsular*, *Numidia*, *Mauretania Cesariana* e *Mauretania Tingitana*, latinisou-se intensamente, maximé nas tres primeiras.

Se o dr. Theophilo estudasse as auctoridades em assumpto de administração e organisação e costumes romanos, um Mommsen, um Maquardt, um Friedlaender, um Gaston Boissier, saberia d'isto e não andaria a repetir dislates de Charrière.

Fallando dos processos da administração dos Romanos em Africa, pergunta, logo na segunda pagina de seu admiravel livro, Gaston Boissier:

«De quels procedés se sont-ils servis pour implanter leur civilisation au milien de ces peuples barbares, et l'y rendre si florissante que *l'Afrique a fini pour produire en abondance de écrivains latins*, et qu'à *un moment elle a paru plus romaine que l'Italie même et que Rome*? (1).

E como e porque isto acabou, isto que não se teria dado, se para dar-se fosse mister o Romano em Africa ter encontrado o famoso *fallar similhante occidental*? Como?

---

(1) G. Boissier, *L'Afrique Romaine*, Paris, 1895, pag. II.

Pelas pressões constantes exercidas pelos Berberes circumvisinhos, pelas tres invasões successivas dos Vandalos, dos Arabes, dos Turcos: a população romana ficou suffocada especialmente pela inundação de Arabes e de berberes arabisados. E nada mais natural. Hoje o seu idioma novo-latino, — o francez, vae ganhando passo lentamente e provavelmente avultará no futuro.

E então os Bragas e Charrières do tempo — hão de dizer que foi porque alli o francez achou o mysterioso *fallar commum occidental.*

O quarto e ultimo caso deita na sua implacavel divergencia fundamental por terra de uma vez a theoria de Charrière.

Este superficialissimo escriptor commette o erro de collegial de dizer *que a lingua latina reinou mais directamente sobre a Grecia e a Asia Menor do que sobre as outras provincias do Imperio,* e desappareceu mais tarde sem deixar vestigios...

Não sei onde foi descobrir esse disparate; porque o inverso é exactamente a verdade: o latim nunca penetrou na Grecia, nem na Asia Menor.

Se a phantastica doutrina tivesse visos de verdade, dever-se-hia ter verificado na Grecia, porque o *latim* e o *grego,* se existem idiomas *occidentaes* aryanos approximados, são elles o que mais o são.

Entretanto, a lingua do vencedor jámais na Grecia penetrou. Porque? Por causa da superioridade da cultura hellenica; esta servia de anteparo. O Romano, longe de impôr a sua lingua, sua arte, sua cultura, seus costumes, procurava imitar tudo isto do grego. Até vassallos seus africanos, como Juba II, se deram ao luxo de escrever livros em lingua grega!

O mesmo aconteceu na Asia Menor. Não havia lá unidade de linguagem; varios idiomas eram alli fallados; mas, desde a conquista de Alexandre, o *hellenismo* reinava, a influencia grega foi sempre a predominante. Roma se contentava com o dominio politico, os impostos, os trigos do Levante e do Egypto. E eis porque sua lingua não penetrou n'aquellas zonas, deixando o terreno livre á lingua hellenica.

Não me furto ao delicioso prazer de fechar este capitulo, no qual tantas parvoiçadas de Braga foram ouvidas ácerca de unidade politica e religiosa, influencia dos Romanos, influencia da Egreja, dominios da lingua latina, sem dar a lêr uma pagina de homem verdadeiramente superior, na qual esses grandes assumptos são de leve tocados. Mas que elevação d'ideias!

Para o auctor portuguez, victima d'um voltairianismo incuravel, aquellas grandes cousas foram quasi sempre obra de padres *devassos* ou *velhacos* e de reis *tyrannicos* ou *mentecaptos*.

Para Scherer tudo aquillo foi o natural desdobramento da dialectica da historia, fornecendo a cada grande época a sua *visualidade* propria, a sua *intuição* caracteristica. A da idade média foi a do ascetismo religioso, originando, como consequencia, a pretenção da Egreja ao governo geral dos homens: a ultima fórma da theocracia na historia.

Mas tudo isto vinha preparado de traz pela unidade politica iniciada pelos Gregos, desenvolvida pelos Romanos, e pelo consorcio do *hellenismo* e do *judaismo*, operado pela mutua penetração do Oriente e Occidente, resultado das conquistas d'aquelles povos illustres.

Este é o assumpto de uma profunda obra de Heinrich von Eicken, a respeito da qual o critico francez escreveu um admiravel estudo, do qual transcrevo estas palavras:

«O que mais profundamente caracterisa uma raça, uma época, uma civilisação é a ideia que ella faz do mundo.

A concepção geral das cousas, resultado de todas as experiencias feitas, de todos os conhecimentos adquiridos, vae-se modificando de seculo em seculo, mas constitue em cada época o meio espiritual em que nascem as gerações. Cada uma d'estas recebe a sua influencia, ainda que inconscientemente trabalhe para transformal-a.

Os Allemães teem uma palavra para ex-

primir o que nós somos forçados a traduzir por uma circumlocução. O seu *Weltanschauung* significa esse modo de representar o universo e o destino humano que se torna o traço distinctivo de cada um dos periodos da historia. Bellas obras sobre as phases diversas da civilisação teem, entre elles, tomado por titulo essa expressão.

M. Moriz Carriere (1) serviu-se d'ella para seus estudos sobre a philosophia do seculo XVI. M. von Eicken, archivista em Aurich, no Hanover, escriptor pouco conhecido até agora, acaba de nos dar ácerca da *Weltanschauung* da idade média, um livro que eu ouso chamar consideravel. Uma grande erudição é n'elle posta ao serviço de uma luminosa ideia. Os factos n'essa obra são sem esforço levados ás leis do seu desenvolvimento dialectico. Sente-se, fechando o volume, que se fez uma acquisição intellectual, que se ficou enriquecido para o resto da vida. Substituindo ao titulo intraduzivel de Eicken, o de *theocracia christã*, approximo-me, quanto possivel, do seu pensamento. A idade média é essencialmente uma theocracia. É a ideia de uma tutela religiosa dos povos que

(1) Não confundir com o extravagante francez Ernesto Charrière das famosas toliçadas sobre os idiomas novo-latinos.

tudo n'ella se refere. Como, porém, a christandade chegou até ahi? Como do ensino de Jesus de Nazareth pôde sahir uma tentativa de governo universal? Responder a esta questão, remontar á origem da ideia theocratica é o unico modo de explicar este paradoxo da historia.

Se o christianismo transformou o mundo antigo, foi do mundo antigo que elle nasceu, foram as civilisações anteriores que tinham ao mesmo tempo *preparado as condições materiaes por elle aproveitadas* para se espalhar, e *elaborado as ideias* a que elle deu um corpo. Não ha solução de continuidade na historia, e menos na historia religiosa do que na successão dos imperios.

O christianismo *foi o termo de uma evolução*, ou, mais exactamente, *foi o ponto de encontro de varias correntes*, cada uma das quaes tinha por si mesma feito, por muito tempo, seu caminho antes de perder-se no rio immenso.

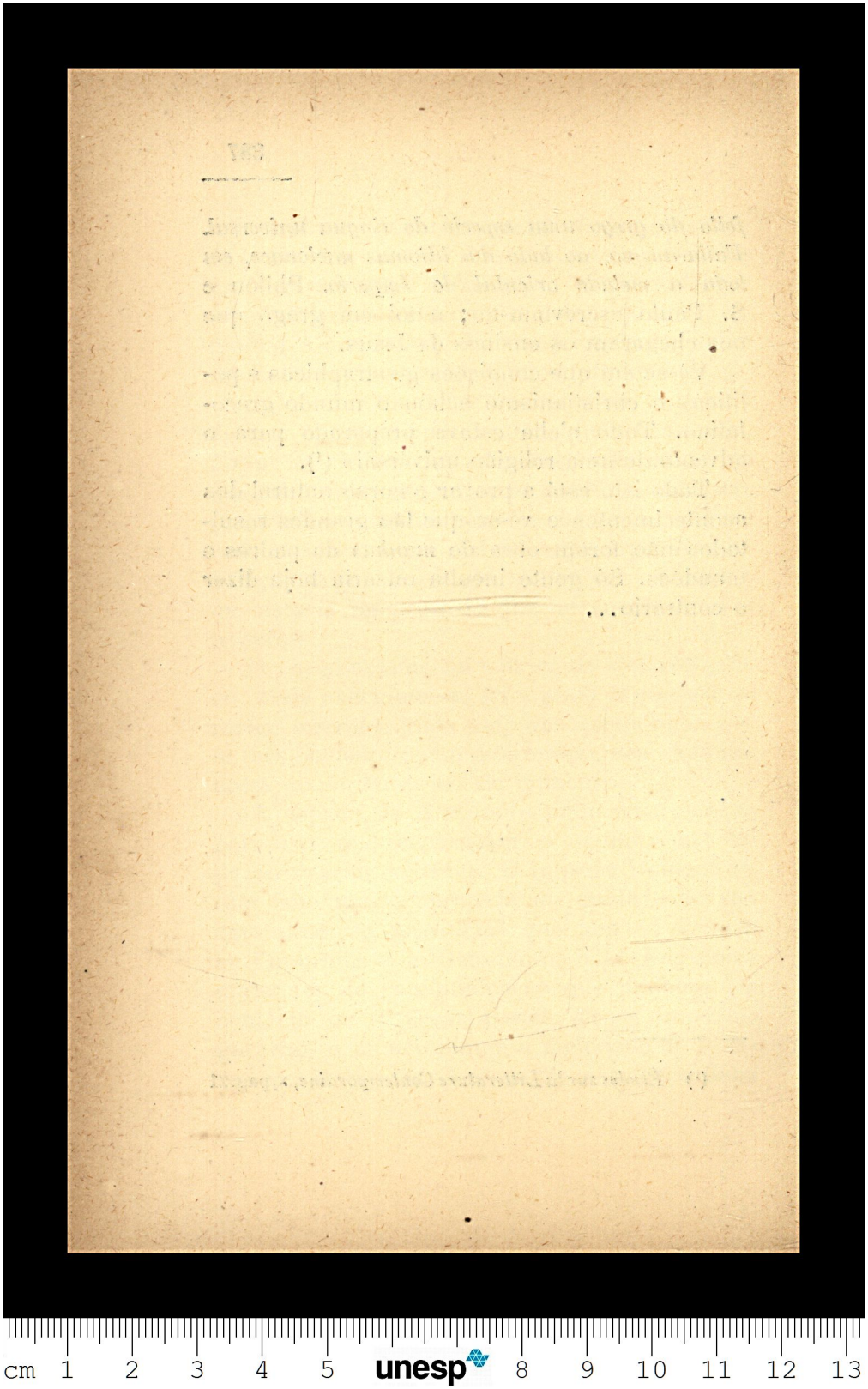
A espada de Alexandre tinha destruido as barreiras que separavam o mundo oriental da civilisação hellenica. O Imperio Romano tinha feito mais: abraçava na unidade de sua administração provincias que iam do Tamisa ao Euphrates e do Danubio ao Nilo. Aos meios materiaes de communicação que punham em contacto as diversas partes d'esse immenso governo, é mister juntar a facilidade de se fazer comprehender. *A conquista macedonica tinha*

feito do grego uma especie de lingua universal. Fallavam-no, ao lado dos idiomas nacionaes, em toda a metade oriental do Imperio. Philon e S. Paulo escreviam-no; e foi em grego que nos chegaram os ensinos de Jesus.

Vê-se em que condições geographicas e politicas o christianismo achou o mundo greco-latino. Tudo n'elle estava preparado para o advento de uma religião universal» (1).

Tudo isto está a provar o curso natural dos acontecimentos e vê-se que tão grandes resultados não foram obra de *manhas* de padres e mandões. Só gente inculta ousaria hoje dizer o contrario...

(1) *Études sur la Litterature Contemporaine*, x, pag. 21



VIII

A invasão germanica e a unidade da monarchia visigoda

No capitulo que entra agora em scena, o sr. Theophilo Braga trata da *Invasão germanica e a unidade da monarchia visigoda.*

N'este ponto, como já tive occasião de notar, Braga mudou completamente de ideias. Em seus mais antigos escriptos, sob a desastrada influencia de Michelet, era elle sectario de um *germanismo* espurio, alheio á mais elementar verdade. N'essa época andou a diluir as *Origens do direito francez*, do famoso escriptor, n'uma serie de publicações sob os titulos de — *Poesia do Direito*, *Historia do Direito Portuguez*, *Theses escolhidas de Direito* e outras. Em *Epopeias da Raça Mosarabe* e em *Os Criticos da historia da litteratura portugueza* ainda é a mesma intuição que domina, ao lado do *mosarabismo* de Alex. Herculano.

Como sempre, Theophilo exaggerou e deitou a perder os ensinamentos de seu guia. Só porque Michelet, entre as creações do direito fran-

cez, notou algumas que são de origem germanica, Braga entendeu de logo concluir que *todo o direito portuguez é tambem de origem germanica, que os caracteres dos foraes se encontram completamente no direito barbaro.* Especialmente —o *mallum*, os *conjuradores*, a *composição por dinheiro*, os *juizos de Deus* e *ordalias* e varios *symbolos juridicos*, Braga, dando provas da mais completa ignorancia da historia da evolução juridica universal e de direito comparado, teve o desplante de proclamar originalidades germanicas!...

N'esse tempo, elle negava completamente a influencia dos romanos e escrevia cousas assim:

«A *influencia* do dominio *romano* no territorio portuguez *não exerceu nenhuma influencia organica* (Influencia a exercer influencia!). Roma conquistava com as legiões, mas não povoava; deixava os costumes e as leis ás populações submettidas do seu dominio, e explorava-as com uma absorvente administração do seu governo militar» (1).

Tudo era então ou *celtico* ou *germanico.* E eil-o que bradava:

«O *godo* servo, trazido na corrente da invasão (no seculo v) pelo vinculo da adscripção

(1) *Epopeias da Raça Mossarabe*, pag. 6.

e da fidelidade, *não encontrou uma plebe romana* com quem se misturasse, mas achou essa brandura (!!!) das migrações *celticas*, que facilmente absorveu na sua individualidade» (1).

Proposições todas estas desastradas: seu antigo pretenso *germanismo* era tão cheio de erros quanto o seu *romanismo* de hoje. São dignos irmãos de seu *celticismo* e de seu *mosarabismo* de todos os tempos.

É o homem mais alheio ao senso historico e ethnographico que se poderia imaginar.

Ao seu encontro sahiram (1872 e 73) F. A. Corrêa Barata, no opusculo — *As Raças Historicas da Peninsula Iberica*, e Julio de Vilhena, no opusculo de quasi igual titulo — *As Raças Historicas da Peninsula Iberica e a sua influencia no Direito Portuguez.*

O primeiro refutou principalmente os exaggeros do incansavel compilador, quanto á influencia dos *arabes* e dos *mosarabes;* o segundo principalmente as gratuitas affirmações ácerca das origens germanicas do direito portuguez. Ambos procuram demonstrar a larga *romanisação* da Peninsula durante os sete seculos que precederam as invasões dos barbaros do Norte.

Em tudo se mostram cheios de razão na parte critica.

---

(1) *Idem, ibid.*

Cumpre, porém, ponderar que Julio de Vilhena cae em quatro formidaveis erros, dignos de Theophilo Braga: dá os *Iberos* como *aryanos;* no afan de contestar o *germanismo* de seu adversario, chega ao ponto de *negar toda a influencia ao elemento germanico na historia* e tudo attribuir aos romanos (ponto de vista que é agora mais ou menos o de Braga); reduz, com uma cegueira inacreditavel, a nada o prestigio e influencia arabe; dá a *composição por dinheiro* em direito penal como creação da Igreja!

Só no proprio Theophilo Braga se poderia encontrar tanta falta de visão historica.

O primeiro erro é só possivel da parte de quem nada saiba de serio ácerca de linguas, religiões, politica, direito, evolução historica, caracteres anthropologicos e ethnographicos dos aryanos.

O segundo é prova de um esteril espirito de atrazado e retrogrado *latinismo.*

O sr. Vilhena não percebe que elogiar, como faz, a idade média e, ao mesmo tempo, como tambem faz, cobrir de improperios os povos do Norte,—é uma tremenda contradicção?

Que é que houve de novo na idade média? O Romano? Não. O Grego? Não. A Igreja? Não. A grande e unica e irrecusavel novidade é: o Germano, o Scandinavo. São elles que tudo transformam.

Negar a influencia romana, como fazia Braga, é tão estulto como negar a influencia germano-teutonica, como fazia Vilhena e o faz ainda hoje, de parceria agora com seu adversario.

Negar a acção na historia de ambos os povos é só proprio de ignorantes ou desequilibrados.

Póde-se discutir sobre o maior ou menor valor d'essas influencias. Negal-as é que não.

Acho, para meu uso, e n'isto estou de accordo, felizmente, com a doutrina da *Sciencia Social* de Le Play e Tourville, que, desgraçadamente, o influxo romano foi maior do que seria para desejar, e o influxo germanico e peculiarmente saxonico menor do que se deve aspirar para bem da humanidade; mas julgo um disparate, indigno de homens que pensam, contestar as duas ordens de influencia.

Quasi igual, em dissonancia historica, é a semceremonia do terceiro erro do sr. Vilhena: negação de todo e qualquer valor aos Arabes. São estas as suas inqualificaveis palavras:

«A raça semitica não tem litteratura, porque não tem imaginação; não tem philosophia, porque não tem metaphysica; não tem religião, porque é intolerante» (1).

(1) Julio de Vilhena, *ibid*, pag. 127.

Que tal? É de assombrar!

De modo que—Philon, Josephus, Lessing, Heine, Börne, Disraeli, Auerbach, Mendelson, Lasker, Darmesteter, Spitzer, Abraham Geiger, os Worms, os Reinachs, na ordem politica litteraria e scientifica, aos quaes, se póde juntar Meyerbeer e Halevy, na orbita artistica, nada valem... Tambem não valem, em philosophia, Averróes e o phenomenal Spinosa. Nada valem, em religião—Jesus, Moysés, dada a sua existencia historica, Isaias, Ezequiel, Michéas, Mahomet, S. Paulo...

Toda a evolução industrial, commercial, scientifica, litteraria, philosophica da Caldeia, da Assyria, de Babylonia, da Phenicia, do Povo de Israel, da Arabia, dos judeus modernos, dispersos pelo mundo, tudo, tudo isto nada vale; porque, para Julio de Vilhena, os Semitas não teem *imaginação*, *metaphysica* e *tolerancia*.

Não admira isto, por sahir do mesmo homem, que, por acaso, firmando a universalidade dos phenomenos juridicos, conhecidos sob os nomes de *maltum*, *conjuratores*, *judicium Dei*, communs a quasi todas as raças, existentes entre todos os povos aryanos na phase primeira da sua evolução juridica, vem dizer que a *composição a dinheiro*, que os germanos chamavam *Wehr-geld*, foi uma revolução operada pela Igreja, quando de todos os phenomenos

juridicos em questão a *composição por dinheiro nos crimes* foi o mais geral, o mais espalhado entre todos os povos. É mister que o sr. Vilhena seja tão extravagante quanto o sr. Braga, para affirmar dislate tão formidavel.

Braga, n'este ponto, tem ao menos uma attenuante: e é que aquelles phenomenos juridicos, se tinham sido conhecidos de todos os povos indo-europeus, estavam já olvidados por gregos e romanos, ao passo que ainda eram praticados pelas gentes germanicas, quando estas invadiram o Imperio, e, póde-se dizer, pois, que os germanos, se não os crearam, deram-lhes nova vida, uma como segunda existencia, porque os fizeram apparecer entre as nações da idade média em via de formação.

Mas deixemos os contradictores de Theophilo e venhamos a elle.

Temos larga mésse de contradicções.

Aqui vão algumas:

A) « Essas tribus germanicas (N'outro tempo tão elogiadas) *eram verdadeiramente barbaras, e portanto traziam comsigo a devastação;* os *horrores* descriptos na *Chronica* de Idacio (Nunca lida por Braga) têm o fundamento do que se observa entre todos os povos n'um *estado social inferior.* » (Pag. 254).

N'este trecho a barbaria dos germanicos é completa; eram gentes inferiores, chegadas até ao *cannibalismo*, pois que, continuando, Braga

chega a dizer: *o cannibalismo que se revelou n'essa immensa catastrophe*... etc.

Tudo isto não priva o guapo escriptor, cujos elogios aos primitivos Iberos já foram notados, a escrever, linhas abaixo, que as gentes germanicas *vieram desenvolver a persistencia do typo Iberico*. Deve-se, logo, concluir que não podiam ellas ser tão *barbaras* quanto suppôz, linhas acima, o auctor. «Pelo colonato, escreve Theophilo, os romanos tinham introduzido na Peninsula populações vagabundas da Germania, sobretudo os Getas (É falso), que representam na raça arica as relações primitivas d'esta com as tribus da alta Asia (Este papel não foi peculiar dos Getas; coube a muitos outros ramos aryanos); assim estas populações vinham sobre o territorio peninsular desenvolver pelas suas colonias a persistencia do typo iberico da primeira migração asiatica.» (Pag. 255).

Não passa tudo de um tecido de grosseiros erros; pois outro nome não se póde dar a esse pretendido *reforço ethnico* trazido pela gente germanica, pertencente ao grupo indo-europeu, ao Ibero primitivo, d'ella tão distanciado de raça e entrado na Peninsula cinco ou seis mil annos antes, pelo menos. Isto para não dizer sete ou oito mil annos—o que seria, parece, mais de accordo com o pouco que se sabe das mais antigas populações da Iberia.

Não é só; na pagina seguinte volta a insistencia ácerca da selvageria germanica n'estes termos:

B) «A Civilisação occidental *teve um desastroso eclipse;* foi preciso um longo e difficil esforço para que essas tribus barbaras reconhecessem o alto valor da cultura latina, *ou fossem eliminadas pela acção do clima meridional* (?!), —custou seculos a sua lenta assimilação, que se realisou no decurso d'esse *periodo de energia psychologica chamado idade média* (Admira que um periodo de *eclipse na civilisação* tivesse tanta *energia psychologica*...), que outra cousa não foi senão a elaboração intima da sociedade e da civilisação moderna. Os historiadores metaphysicos, seguindo as ideias de Hegel (Era o caso de Braga, que seguia Hegel de *outiva*...), e do chauvinismo germanico, quizeram considerar como providenciaes as invasões germanicas, vindo implantar as fórmas de uma nova civilisação que traziam em germen, sobre o esgotamento do Imperio romano. Mas a barbarie não póde dar mais do que tem, a brutalidade impetuosa; e as invasões germanicas só podem ser bem avaliadas por um simile que nos apresenta a historia antiga quando essa esplendida civilisação mediterranea do Egypto foi assaltada pelas tribus nomadas dos Hyksos, os quaes ao fim de seculos vieram a cultivar-se e a attingir um certo grau de progresso

em contacto com os vencidos.» (Pag. 255 e 257).

A condemnação não póde ser mais completa: chega a comparar, na historia universal, a acção dos povos que fundaram as nações que se chamam — Suecia, Noruega, Dinamarca, Allemanha, Inglaterra, Hollanda, Austria, Suissa, Estados-Unidos e Australasia, com as tribus de pastores Berberes que irromperam por vezes sobre o Egypto; a acção dos povos que transformaram a Gallia, a Britannia, a Italia, a Iberia, a Lusitania — nas modernas nacionalidades que são a gloria e orgulho dos homens; dos povos que deram ao mundo genios como Shakespeare, Leibnitz, Copernico, Kepler, Newton, Kant, Hegel, Goethe aos invasores Hyksos da terra dos Pharaós!...

É um cumulo. Não se viu jámais igual incapacidade de pensamento para comprehender a evolução da cultura espiritual da humanidade e o papel representado n'ella pelas diversas raças.

Custa a acreditar.

Singular psychologia a d'esses espiritos, como o de Theophilo: o *positivismo* ordena-lhes que elogiem a idade média; o *chauvinismo latinisante* que digam mal dos Teutões, parte integrante da mesma idade média e sem os quaes ella fica incomprehensivel; o *voltairianismo* que detratem da Igreja, sem a qual é

tambem a alludida phase historica um enygma insoluvel; o *liberalismo democratico* que cubram de baldões a *realeza,* que alli exerceu papel preponderante... É um cahos e Braga não sae d'elle senão a troco de innumeras contradicções; porque faltam-lhe o senso historico, o criterio ethnographico, a intuição politica, a imparcialidade critica, a vista philosophica para harmonisar os contrastes, notar o relativismo de tudo e fazer justiça aos tempos, aos homens, ás instituições.

É por isso que, pouco além d'aquella objurgatoria contra as gentes germanicas, escreve esta serie de verdades banaes, logares communs, que correm as ruas ha perto de duzentos annos, em completo desaccordo com o que havia affirmado, e, o que é peior, fazendo uma inepta e ridicula accusação a Alexandre Herculano:

c) «Herculano e os historiadores *medievaes* que seguiu (Braga chama *medievaes* aos historiadores que estudaram e escreveram ácerca da idade média...), desconheceram dois *problemas* (?) fundamentaes da historia da Europa (Vamos ter alta novidade...), imprescindiveis para comprehender a elaboração social (Deve ser cousa nunca vista...) que começou com as invasões germanicas e produziu as modernas nacionalidades; o primeiro d'esses problemas (?) é a *identidade de instituições* (Isto não é

problema, é um facto mais ou menos comprehendido, mais ou menos assente; mas não é *problema) entre todos os povos desprendidos do tronco arico*, como o prova Freemann (Bem antes de Freemann já se sabia d'isso), e outros publicistas; o segundo é a *identidade de costumes entre todos os ramos da raça germanica*, quando se comparam as suas instituições (Eis as duas grandes *novidades* ignoradas por Herculano!...), que se tornaram divergentes á medida que esses ramos — saxão ou franko, ostrogodo ou visigodo — se estabelecem em diversos territorios, em differentes condições ou n'um estado mais ou menos obliterado d'essa classe unitaria e simples dos *homens livres*, como o provou Savigny.

Estas duas ideias são a luz que tudo illumina (Duas velharias, *inexactas* na amplitude que lhes dá Braga); sem a *homogeneidade* árica (Admira que os *selvagens* Germanos tivessem qualquer homogeneidade com os *divinos* Romanos..) cáe-se no erro de julgar incompativeis entre si as instituições romanas e as germanicas (Iguaes ás dos *Hyksos!)*, cria-se a necessidade de considerar como uma decadencia a assimilação dos costumes romanos pelos Visigodos e fabrica-se um facto maravilhoso, o da persistencia de instituições como o municipio, essencialmente democratico, com a realeza, que os Germanos tornaram hereditaria.

Se desconhecermos a similaridade das instituições dos differentes ramos da raça germanica, topamos immediatamente com factos inexplicaveis, como o feudalismo, peculiar da França (É falso; estendeu-se muito mais), o facto constitucional em Inglaterra, ou o poder senhoril na Italia, quando todas estas fórmas não são mais do que desdobramentos mais ou menos completos dos mesmos elementos sociaes segundo as modificações do meio territorial em que se deram.» (Pag. 262 e 263).

São verdades triviaes, mal copiadas, envolvidas em varios erros.

O que mais admira é que o auctor não perceba a contradicção radical existente entre essas affirmativas e as anteriores.

A que fica reduzida a selvageria dos Germanos, se as instituições d'elles são as mesmas de todas as nações aryanas, inclusivè — Gregos e Romanos?

Esse facto, que se começou a conhecer na Europa desde a segunda metade do seculo XVIII; que se tornou corrente, depois dos estudos de linguistica e mythologia comparada; que se generalisou até pelas aulas de direito, depois dos trabalhos da *escola historica;* esse facto, sobre o qual assentam todos os escriptos de Bopp, Fr. Schlegel, G. de Humboldt, Fr. Diez, Eichorn, Savigny, Kreuzer, Lachmann, e duzentos mais; esse facto que é

co-relato do outro — a identidade dos costumes dos varios ramos germanicos, base das obras historicas de Hallam, de Aug. Thierry, de Guizot, mestres immediatos de Herculano, o sr. Theophilo Braga, para deprimir seu genial compatriota, de quem se fez inimigo, tem a coragem de dizer que era desconhecido do grande historiador portuguez!

É de mais. *Ne sutor...*

São sempre assim as grandes descobertas do sr. Braga: velharias mal assimiladas e mal expostas.

Já se viu a que se reduz a *luz que tudo illumina na historia da Europa.* Vamos agora admirar o *facto culminante de toda a historia da Peninsula*, o que não nos privará de apreciar, em seguida, o *facto capital d'onde derivam todas as fórmas sociaes nas Hespanhas.* É este o primeiro:

D) «É este o *facto culminante de toda a historia da Peninsula*, facil de explicar desde que se reduzam as cousas ao natural, isto é, que as tribus celticas não destruiram as populações ibericas (E quem jámais disse o contrario?), nem que os phenicios e romanos eliminaram as populações celtibericas; pelo contrario, estes com as colonias liby-phenicias e berberes e outros com as colonias geticas (Antes tinha dito que as gentes germanicas no Sul da Europa tinham, sob o influxo do clima, *desappare-*

cido!...) desenvolveram essa população rural e trabalhadora, cujo estado social se elevou desde a servidão e dependencia pessoal até ás garantias individuaes reconhecidas ou concedidas pela realeza.» (Pag. 266).

Eis ahi: assim como da *luz que tudo illumina,* isto é, da analogia das *instituições* dos indo-europeus entre si, e da similitude dos *costumes* dos varios ramos germanicos, dois factos geraes e não méramente hispanicos, tem o sr. Braga a illusoria pretenção de haver tirado illações especiaes para a Peninsula, ignoradas por Herculano; assim tambem cahe na simplicidade de elevar á categoria de *facto preponderante de toda a historia das Hespanhas* —o phenomeno geral, universal, de todos os tempos e de todos os logares—da persistencia das populações em qualquer paiz dado. É estupendo. Esta persistencia é tão vulgar e anodina que d'ella nada se póde concluir de especial para a Iberia. Foi o que se deu na Gallia, na Italia, na Germania, na Britannia, na Grecia, na Russia, em toda a Europa, em todo o mundo... Sr. Theophilo!

Mas a Braga não bastava pôr duas banalidades á frente da historia de Hespanha e Portugal; era-lhe mister uma terceira, desfigurando um facto, em parte exacto, mas que está em desaccôrdo com o que o escriptor havia antes affirmado ácerca da *selvageria* germanica e do

desapparecimento dos godos sob o influxo do clima meridional. Tal é o famoso *facto capital d'onde derivam todas as ulteriores fórmas sociaes.* É assim:

E) «A transformação social da peninsula hespanica sanccionada pelo Codigo Visigothico é o *facto capital* d'onde derivam todas as ulteriores fórmas sociaes. *(A luz que tudo illumina* e *o facto culminante* — ardem em ciumes diante d'este novo concorrente...) em que os caracteres romanos e *germanos* se fundem. (É admiravel; pois que os germanos eram barbaros como os *hyksos* e tinham *desapparecido sob o influxo do clima meridional...),* produzindo a realeza, o feudalismo, a burguezia, os concelhos, os municipios (Tambem estes?), as côrtes, os systemas tributarios, etc., etc.» (Pag. 262).

Vê-se claramente que todo o livro é assim composto de trechos copiados em fontes desaccordes e contrarias, não se dando o auctor a um trabalho de selecção e de critica. Aqui os povos germanicos contribuiram para todos aquelles grandes factos; pouco antes o sr. Braga tinha dito: «mas a barbarie não póde dar mais do que tem, a brutalidade impetuosa...»

Já não se lembrava.

Tinha copiado mecanicamente. Assim é que tem sido facil produzir as dez duzias de volumes com que anda desnaturando a intelligencia portugueza.

Essas contradicções constantes são um resultado d'esse methodo de trabalho, especialmente em assumptos ethnographicos, nos quaes as informações se mostram a miudo desaccordes.

O leitor está cançado de apreciar o phenomeno no livro que vae commigo analysando.

N'este capitulo, antes de passar a assumpto mais geral, apontarei apenas duas. Refiro-me aos casos de *appellido* e *malhon*.

Depois de innumeras cincadas ácerca de realeza, classes nobres, classes médias e servas e assumptos congeneres, tudo mal copiado de varios auctorès, especialmente Herculano, Theophilo escreve:

F) «... Na nossa lingua existe um certo numero de palavras que significam *instituições sociaes de caracter germanico;* o *Mahal* é o *Malhon*, ou assembléa ao ar livre, onde se discutiam as garantias e immunidades locaes.» (Pag. 272).

N'essas palavras o *Malhon* é essencialmente germanico. O nosso homem tinha-se esquecido que, ao tratar das *behetrias* que considerava *celtibericas*, tinha escripto:

G) «O vinculo moral da *behetria* era o santuario commum no alto do castro fortificado, onde existia o poço que servia de celleiro, e onde os chefes de familia faziam a sua assembléa ao ar livre ou *Malhon*, de cujo cos-

tume ficaram os *homens bons* e os *Concelhos*.» (Pag. 195).

Agora o *malhon* é *celtiberico* e o são tambem os *homens bons* e os *concelhos*. Mas tenhamos fé que, tanto os *homens bons*, como os *concelhos* tornam já a ser germanicos, como o *malhon*.

Escreve Braga, fallando, como já foi visto, a respeito do *facto capital* famoso:

H) «...romanos e germanicos se fundem, produzindo realeza, burguezia, *concelhos*, *municipios*...» (Pag. 262).

E mais claro ainda:

I) «O rico-homem ou da turma guerreira tinha pelo direito da conquista dois terços da terra; o *homem-bom*, a quem nada cabia, acceitava d'elle a propriedade em beneficio, ficando a prestar-lhe serviço militar; este grau de dependencia a classe dos *bucoellarios*. Muitos costumes se conservaram na Hespanha da idade média provenientes d'esta situação, taes como a obrigação de *acudir ao appellido*, etc., etc.» (Pag. 272).

É como disse: pouco tardava que os phantasticos *homens bons* da phase *celtiberica* se mudassem nos *homens-bons* ou *buccellarios*, os germanos da *banda-agricola* de que fallam os historiadores. Mas não é só: o *acudir ao appellido*, ahi dado como *germanico*, já tinha tambem sido dado por *celtiberico;* e eis a prova:

J) «Segundo as necessidades da defeza, os

clans celtibericos, sem perderem a sua independencia local, formavam uma associação superior, *reunida pelo Appellido*, como se vê pelo costume persistente nos velhos foraes.» (Pag. 197).

É inacreditavel! Para este famoso professor um costume, uma instituição é, ao mesmo tempo e indifferentemente, celtiberica e germanica... E a esses dispauterios é que chama emphaticamente—a *sciencia moderna*—ignorada por Herculano.

Não tem valido, por certo, a pena ter perdido tanto tempo, interrompendo o andar normal da formação do quadro do Brasil real, estudado na sua actualidade e nas raças que o formaram, para desbravar, desembaraçar o caminho, entulhado por Theophilo, com o que tem escripto do povo portuguez, principal factor da formação brasileira. Se tivesse previsto ser tão formidavel a porção de entulho accumulado, não teria mettido hombros á empreza.

É natural, pois, que, por brevidade, deixe de notar e repellir muitos e mui graves erros de detalhes que se lêem nas paginas consagradas por Theophilo aos Wisigodos e Germanos em geral na Peninsula, para attender a duas faces mais geraes do assumpto: o caracter das invasões germanicas, a indole dos povos teutonicos. Ácerca da primeira, Braga ainda labora no velho estribilho latinisante de ter sido

uma subita e horrorosa inundação, a devastar tudo, levando o incendio e a morte por toda a parte.

Sobre a segunda, depois de ter sido, por influencia de Michelet, sectario de um *falso e espurio germanismo*, passou sob o influxo, desastrado n'este ponto, de Littré, a emparelhar os Germanos com os *Hyksos*.

Com o advento das gentes do Norte na scena da historia, entra-se, póde-se dizer, na sua phase moderna; porquanto a idade média é apenas o prologo dos novos tempos; os elementos são os mesmos, o rhythmo das ideias similhante; penetra-se em plena civilisação christã, muito diversa da antiga.

Quaes os factores de tão consideravel alteração?

O christianismo e os Barbaros germanico-scandinavos. Mas a primeira d'estas duas grandes forças, desde os tempos de Tiberio, desde quatro longos seculos antes, tinha começado a ser incorporada na civilisação occidental; não era, pois, uma novidade no seculo v da era vulgar, quando as gentes do Norte, do grupo teuto-scandinavo, transpondo as fronteiras, derruiram o velho e carunchoso edificio do Imperio.

Foi uma como libertação universal, muito mais consideravel, por certo, mas que não deixa, em grande parte, de se parecer com o

allivio geralmente sentido na Europa quando foi da queda do imperio napoleonico.

Aos chamados Barbaros pertence, portanto, tudo quanto de novo se nos revela nos modernos tempos e a propria victoria do christianismo só foi uma realidade depois que elles o adoptaram.

Quando se falla da invasão dos Barbaros no imperio romano, nos começos do v seculo, os espiritos superfiiciaes teem lá de si para si que foi uma verdadeira enchente, um cataclismo que estalou sobre regiões indefezas, tudo inundando, destruindo todas as cousas, anniquilando as populações. Eram, conforme o pensar d'esses taes, os Barbaros gentes desconhecidas que irromperam, então, dos longinquos recessos em que até alli tinham vivido.

Diante dos textos, em face de testemunhos irrecusaveis, que mostram os barbaros durante tres ou quatro seculos em contacto constante com os romanos, servindo-os no exercito e em varios cargos da administração, era facil mostrar a completa inanidade da opinião vulgar. E não faltou quem o fizesse.

Mas uma exaggeração trouxe outra: os devotos do romanismo, ou melhor os inimigos irreconciliaveis dos Germanos, nomeadamente em França, entraram de patrocinar a extravagante doutrina de que nunca se tinha dado

invasão alguma de barbaros nas provincias do imperio; de que aquelles jámais tiveram em phase alguma a supremacia; de que não passaram até á queda do imperio de subditos e alliados dos romanos.

Dubos é o chefe d'este partido extremo, que ainda hoje encontra fanaticos de todas as fórmas e feições, sendo muito de notar que n'elle se tivesse recentemente filiado um homem do saber e do valor de Fustel de Coulanges.

A verdade anda bem longe d'esses dois exaggeros. É certo que durante mais de tres seculos a administração e a politica dos Cesares, com evidente impericia, foi consentindo n'uma especie de lenta e pertinaz saturação de fortes elementos germanicos em meio das gentes romanas; mas tambem é verdade que taes elementos, n'um dado momento, estenderam as mãos aos patricios e parentes, e fizeram-nos alastrar as mais bellas provincias do colosso imperial.

A concessão de terras, o commando de tropas, a mão de princezas de sangue imperial dada a chefes barbaros são cousas de vulgar noticia, especialmente nos ultimos dois seculos da agonia dos Cesares.

É este um estudo que está feito, e bem, por historiadores eminentes, e não serei eu que o repetirei aqui, por desnecessario ao fim que me proponho.

Bryce, Geffroy e Laurent, entre outros, dão testemunho irrecusavel de taes factos, que hoje estão incorporados á sciencia geral, depois de completamente explanados por escriptores allemães.

Deu-se no imperio romano, nas regiões do occidente, durante tres ou quatro seculos o que em menor escala se tem estado a repetir no Brasil meridional nos derradeiros annos, a datar de 1825, isto é, uma administração desasada e imprevidente foi entregando regiões inteiras ás gentes germanicas, no fallacioso empenho de as contentar e no ledo e cego engano de as submetter opportunamente. O resultado foi lá a queda geitosa do Imperio, e aqui será a perda irremediavel das terras do sul, se a corrente immigratoria continuar desbragadamente d'aquella só origem, caso este que se daria com mór presteza, se as nossas zonas invadidas não estivessem tão distantes da terra teutonica e se as incertezas e preoccupações da politica europeia permittissem uma mais franca expansão do allemanismo nos continentes longinquos.

Mas a cousa se ha-de dar, desgraçadamente, mais cêdo ou mais tarde, se não mudarmos já e já energicamente de rumo, se não tratarmos de assimilar de todo os elementos estranhos que temos tumultuariamente mettido em nosso organismo. Tal qual foi o caso dos

romanos. Se estes tivessem dissolvido os bandos barbaros por todas as zonas, tanto do Occidente como do Oriente, do Imperio, teriam inoculado seiva nova em seu organismo; elles teriam sido os assimiladores e não os assimilados.

Os espiritos clarividentes tiveram d'esse enorme desacerto da politica imperial perfeito conhecimento. É o caso, entre outros, de Ammiano Marcellino e de Synésius, que escreveram antes da grande invasão do principio do v seculo. O primeiro, fallando do tratado entre o imperador Valente e os Godos, convenio pelo qual lhes concedia que passassem o Danubio e se estabelecessem na Thracia, escreveu:

«Quando os mensageiros vieram ter com o imperador, os cortesãos applaudiram; enalteceram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia recursos inesperados e de tão longinquas regiões.

Um bom ajuste devia immediatamente ter lugar. O exercito romano ia ficar invencivel com a incorporação de tantos estrangeiros; o tributo que as provincias deviam em soldados, convertido em ouro, augmentaria indefinidamente os recursos do thesouro, o imperio ganharia segurança e riqueza.

O imperador firmou a convenção, estipulando a admissão dos barbaros. Enviaram-se

immediatamente numerosos funccionarios para ordenarem o transporte; teve-se muito cuidado para que um só d'estes *destruidores* do imperio não ficasse da outra banda, ainda mesmo que estivesse atacado de molestia mortal. Dia e noite, em cumprimento da ordem imperial, essa plebe truculenta, apinhada em barcas, taboas, troncos de arvores, foi transportada para cá do Danubio. A pressa era tão grande que varios morreram afogados. Tanta azafama e tanto trabalho para introduzir o flagello e a ruina do mundo romano!...»

Ammiano Marcellino era d'aquelles que não se illudiam a respeito da inconveniencia de tratados como o que foi levado a effeito pelo infeliz imperador Valente. Este desgraçado morreu, pouco depois, queimado por esses mesmos barbaros.

Synésius via ainda mais claro nos factos:

«Quando se imagina, escreveu elle, o que póde emprehender n'um momento de perigo para o Estado uma mocidade estrangeira, numerosa, formada por leis diversas das nossas, tendo outras ideias, outros costumes, é mister haver perdido a mais elementar previdencia para não tremer.

O rochedo de Sisypho está suspenso sobre nossas cabeças. Appareça-lhes a mais leve esperança de victoria, e havemos de vêr que tenebrosos pensamentos *alimentam em segredo*

nossos defensores de hoje... Os barbaros são tudo, sejam de tudo afastados! Sejam-lhes inaccessiveis as magistraturas e especialmente a dignidade senatorial, suprema honraria dos romanos... Quê! Não existe uma só familia das nossas, na qual um godo não esteja empregado n'algum serviço! Em nossas cidades o pedreiro, o vendedor de agua, o carregador, são godos!...»

Exactamente a nossa situação com os Allemães no Rio Grande, Santa Catharina e Paraná. Estamos, pois, no Brasil em optimas condições para comprehender praticamente como se operou a infiltração barbara no corpo romano e como foi facil o ultimo empurrão na hora adequada.

Posto que tenha em geral mais sympathia pela *gens teutonica* do que pela *gens romana* como factores da cultura humana, parece-me que o famoso povo-rei devia ter sido mais precavido, devia ter empregado mais cuidado em defender-se, como tenho, durante mais de trinta annos, aconselhado o mesmo ao Brasil, representando aqui o papel de Marcellino e Synésius, sempre incomprehendido!

Façamos como os Japonezes: do estrangeiro tomemos sómente, dos poderosos, os grandes processos que asseguram a victoria, e nada mais. Preparemo-nos para concorrer e luctar com elles. Quanto a immigrantes, apenas

reduzidas levas methodicamente espalhadas por todo o paiz. Eis o programma que não canço de lembrar, digo-o entre parenthesis.

Conhecido o vasto processo trisecular empregado pelos barbaros para infiltrarem-se no corpo romano, urge indicar o estado de cultura e de caracter de povos tão progressivos e ousados.

O fanatismo latino, peculiarmente entre gentes apaixonadas como somos os brasileiros e portuguezes, tem o velho habito de pintal-os como uns quasi selvagens, alguma cousa de parecido com os Pelles Vermelhas ou os Botocudos da America. É um deploravel absurdo, tão grosseiro, que nem merece refutação. Acanha até cital-o.

Custa a crer que tão levianas extravagancias sejam ainda hoje feitas á conta de um tão distincto ramo da raça aryana, possuidor de uma notavel mythologia, de uma poesia epica, sómente inferior á de Homero, de uma linguagem abundante e harmoniosa, de excellentes qualidades praticas para o governo, dotado de assombrosas faculdades de assimilar a civilisação, de pronunciado genio inventivo, uma gente que já no tempo da conquista possuia um homem como Theodorico, e, pouco mais tarde, contaria um espirito como Carlos-Magno, para não fallar em Othon e Frederico-Barba-Ruiva, que são mais chegados a nós. A alta capaci-

dade civilisadora dos Germanos é um facto que os seus progressos posteriores á invasão tornaram em pouco tempo evidente (1).

Tenho agora no assumpto o grato prazer de ceder a palavra ao meu velho amigo, o saudoso barão de Tautphœus, o sabio mestre de algumas gerações de brasileiros, e a quem, ao lado do tambem illustre scientista Francisco Primo de Sousa Aguiar, devo a vantajosa intuição com que tenho sempre apreciado o valor da contribuição germanica nos progressos humanos.

«Os allemães, deixou elle escripto, são o unico povo civilisado que, desde o seu apparecimento na historia, nunca perdeu a independencia; dentro de suas fronteiras nunca conquistador estrangeiro lhes impoz sua lingua ou suas leis; nunca o desenvolvimento natural, espontaneo lhes foi interrompido e alterado por força alheia.

Mostraram-se, é certo, sempre muito accessiveis ás ideias de outros povos mais adiantados em civilisação, adoptaram os dois grandes resultados moraes da vida dos povos antigos, elaborados no repouso dos dois primeiros se-

---

(1) Escusado é advertir que, quando fallo em *Germanos,* tenho em mente o grupo *Teutonico-Scandinavo,* tomado em totalidade.

culos do imperio romano, o christianismo e o direito civil, mas adoptaram-nos livremente e não tardaram em adaptal-os á sua indole e ás suas necessidades espirituaes. Na época em que os romanos entraram em contacto com os povos germanicos, estes já possuiam alguns rudimentos de civilisação.

Conheciam e praticavam a agricultura, sabiam forjar armas de bronze e de ferro e tinham uma organisação social e politica regular, na qual podemos reconhecer distinctamente o germen e o principio fundamental da monarchia limitada, que ainda hoje rege quasi todos os povos germanicos e germano-latinos.

Devemos figurar o seu estado social analogo ao dos gregos no tempo da guerra de Troya, como nol-os pinta Homero. É esta propriamente a phase épica na vida dos povos progressivos, e, com effeito, os historiadores romanos que melhor conheceram e descreveram os povos da Germania, Cesar e Tacito, referem que os germanos costumavam em suas festas e antes de entrar em combate, cantar poesias, umas religiosas e mysticas, outras épicas e heroicas. Aquellas eram hymnos em honra ao seu Deus nacional — *Thuisco* — do qual o povo allemão deriva seu appellido — *teutsch* (tuitsch na pronunciação do dialecto allemanico, duitsk — no dialecto baixo-allemão, da Westphalia e da Hollanda), e do filho d'elle,

Manus, o fundador mythico da raça germanica.

Nos cantos heroicos celebravam suas façanhas guerreiras e as dos seus chefes. Estes cantos eram de caracter historico; Tacito conta, por exemplo, que longo tempo depois da morte de Arminio *(Hermann)*, os gloriosos feitos d'este grande libertador da Germania eram cantados por seus gratos compatriotas.

Os germanos já conheciam n'esta época a arte de escrever e possuiam um alphabeto proprio, similhante em parte ao grego e em parte ao phenicio; mas empregavam seus signaes alphabeticos, chamados *runas*, unicamente para fins religiosos, para formar com elles uma especie de oraculos e agouros afim de conhecer a vontade dos deuses e os acontecimentos futuros. Nunca escreveram suas antiquissimas poesias, não tiveram a felicidade de possuir, como os gregos, um Homero, cujos cantos se tornassem immorredoiros pela propria divina belleza.

Não temos noticia positiva da existencia de taes poesias entre os germanos do II e III seculos; porém quando vemos que, em épocas muito menos poeticas, todos os acontecimentos que agitaram e impressionaram fortemente o povo allemão, como, por exemplo, as luctas dos suissos contra os duques d'Austria e de Borgonha, as longas guerras entre as cidades

livres e a nobreza, os movimentos da época da Reforma, produziram uma verdadeira alluvião de poesias propriamente populares, tanto narrativas como lyricas e satyricas, e que o mesmo aconteceu até nos prosaicos tempos modernos em que todos os factos, que interessaram o povo allemão, as ultimas revoluções interiores de sua patria, as guerras recentes contra dinamarquezes e francezes, deram origem a um grande numero de toscas poesias populares, nascidas nas tendas dos soldados e nas feiras das aldeias, não podemos duvidar de que n'aquelles tempos antigos, quando a poesia era a unica expressão dos sentimentos, a indole poetica da raça germanica tenha acompanhado com seus cantos todas as phases da vida nacional.

A propria abundancia de taes poesias, que tiravam seu interesse unicamente da actualidade dos factos a que se referiam, devia fazel-as cahir em esquecimento, á proporção que outras novas se produziam, e na memoria do povo se conservavam sómente aquellas que tinham maior importancia pratica, por contarem a genealogia dos reis e das grandes familias, ás quaes a propria existencia das tribus estava ligada.

E todavia o habito de exprimir o pensamento por um modo determinado, de observar um rhythmo certo e a fórma poetica propria

dos germanos,—a alliteração,—devia necessariamente dar á lingua maior flexibilidade e tornal-a propria para acompanhar e exprimir todos os movimentos da intelligencia. Isto aconteceu principalmente entre os godos, a mais brilhante de todas as tribus germanicas, a mais adiantada em civilisação, e a mais prompta em apropriar-se das vantagens da cultura romana.

Desde o III seculo elles adoptaram a religião christã e possuiram não sómente uma grande serie de poesias historicas, cujo theor é em parte reproduzido por seu historiador Jornandes, como tambem leis escriptas. O idioma dos godos estava, pois, bem preparado para a grande obra que seu bispo Ulphilas emprehendeu no IV seculo, a saber, a completa traducção da Biblia; e é admiravel a maestria com que elle soube desempenhar esta difficilima tarefa.

Como o alphabeto runico, de que os godos até então se serviam, era muito incompleto, Ulphilas preencheu as faltas com lettras gregas e latinas, que soube muito habilmente adaptar aos sons da lingua gothica. Tomou como texto para o antigo testamento a versão dos setenta e para o novo testamento um texto grego que em varias partes diverge de todos os manuscriptos actualmente conhecidos. Sem fazer a menor violencia á indole de sua lingua materna,

o sabio bispo soube achar ou crear palavras apropriadas ao grande numero de ideias e objectos novos para os godos que se encontram na Biblia e acompanhar em toda a sua traducção com fidelidade quasi litteral o texto grego.

Assim este grande homem creou para seu povo um modelo perfeito de prosa, na qual se mostra toda a riqueza e flexibilidade da lingua germanica. Ulphilas, era visigodo; mas a sua Biblia foi igualmente adoptada pelos ostrogodos.

Este esperançoso começo de desenvolvimento litterario da lingua germanica não deu fructo, porque o ramo gothico, depois de conquistar a Italia e a Hespanha, abandonou o uso da lingua materna, antes que a sua litteratura nascente podesse ganhar influencia sobre os outros povos germanicos.

Mesquinhos restos d'essa litteratura chegaram até nós.

O mais importante é o celebre *codex argenteus*, escripto com lettras prateadas em pergaminho côr de purpura. Este curioso manuscripto foi durante a idade média conservado como precioso thesouro na bibliotheca episcopal de Mayença; durante a guerra dos trinta annos foi roubado pelos suecos e existe na bibliotheca da universidade de Upsala. Contém sómente uma grande parte do novo e pequenos fragmentos do antigo testamento. Outros fra-

gmentos da Biblia e de uma paraphrase dos evangelhos foram em nosso seculo descobertos em Milão e em Roma em palimpsestos, todos oriundos do antigo convento de Bobbio.

Apesar de tão pouco extensas, estas reliquias gothicas são valorosissimas, não só para a historia da lingua allemã, como para a linguistica em geral, porque formam um élo essencial na classificação phonetica e grammatical das linguas aryas» (1).

O trecho é instructivo, e claro é que a povos tão altamente dotados pela face da capacidade espiritual, e peculiarmente ao ramo gothico, do qual um garfo veio estacionar nas Hespanhas, não assentam as insensatas objurgatorias tão do gosto de certa classe de fanaticos.

A conquista dos Visigodos na Peninsula hispanica é facto capital para a comprehensão da historia média e moderna d'aquellas regiões. O mesmo se deve asseverar da conquista e permanencia do valiosissimo ramo Suevo, por dois seculos, com Estado livre nas terras que são a Galliza e o Portugal de hoje e que não teem sido devidamente aquilatadas.

N'este ponto são incomprehensiveis o silencio e a cegueira de todos os historiadores, que

(1) J. H. von Tautphœus — *Origem e desenvolvimento da lingua allemã*, pag. 15 e seguintes.

até hoje teem passado sobre a influencia suevica como se nada houvesse em tal sentido n'aquellas regiões acontecido.

É assumpto, seja dito desde já, que será explanado em paginas do quadro d'*O Brasil Social;* porque, sem a nitida comprehensão do contingente suabico, impossivel é caracterisar e distinguir os motivos que differenciam gallegos e portuguezes de entre todas as gentes da Peninsula. Sem os Ligures e sem os Suevos é perder tempo tentar a psychologia de taes povos.

Pelo que toca aos Ligures, Martins Sarmento foi o primeiro a revelar sua importancia ethnographico-historica n'aquellas paragens. Aos esquecidos Suevos — será finalmente feita justiça — quando se tiver de caracterisar directamente o povo portuguez e sua acção no Brasil.

Após a grande invasão de 406, estabelecidos os Burgundios n'uma parte da Gallia oriental, e passados os Alános, Vandalos e Suevos á Hespanha, o imperador Honorio, que não quizera tratar com o famoso chefe dos Visigodos, Alarico, que tinha tomado e saqueado Roma, entendeu-se com Ataulpho, successor do terrivel barbaro, e incumbiu-o de ir combater na Gallia os inimigos do imperio. Foi assim que os Visigodos vieram a occupar vasta região do sul da França, d'onde lhes foi facil

passar á Hespanha, que foram conquistando aos poucos aos Alános, Vandalos, Suevos e aos proprios romanos que ainda alli possuiam varias provincias. O dominio visigothico, disputado a principio por aquelles adversarios, principalmente os Suevos, que resistiram por duzentos dilatados annos, sendo afinal incorporados e não destruidos, o dominio visigothico dilatou-se depois incontestado por toda a Peninsula até ao começo do seculo VIII. Durou trezentos annos assim imponente.

Seguiu-se a invasão arabe e o Estado visigothico ficou um momento circumscripto ás Asturias, d'onde partiria opportunamente o impulso da guerra de reconquista.

Não tenho que fazer aqui a historia dos Visigodos, desde a sua entrada na Hespanha até á expulsão dos arabes. Basta-me deduzir dos factos a sua lição philosophica.

Todos os anteriores povos que tinham senhoreado a Peninsula, depois de predominios, mais ou menos vastos no tempo e no territorio, deixaram-se submetter successivamente uns pelos outros; não assim os Visigodos, que, investidos pelos arabes, se deixaram imperfeitamente subjugar, não desanimaram e vieram mais tarde a rechassal-os da Peninsula. E é por isso que na moderna constituição dos povos peninsulares é mistér contar com esse poderoso factor.

Não foi embalde que gentes germanicas vieram sentar-se na Italia, na Gallia, na Britannia e na Iberia.

Onde essas gentes válidas, progressivas e singularmente dotadas de qualidades de governo, fizeram casa, resultados muito serios ficaram para vantagem do futuro.

Pena é que, n'algumas paragens, como na Hespanha, os densos elementos retardatarios anteriores tivessem acabado por suffocar em grande parte as optimas tendencias inoculadas alli pelo elemento teutonico.

Ainda hoje, especialmente entre os chamados povos latinos e mais peculiarmente entre as nações *mestiçadas* que na America, a despeito d'este seu enorme mestiçamento, teem a velleidade de se dar por latinas só pelo facto secundario de fallarem um dialecto oriundo da velha lingua dos Romanos, ainda hoje entre taes gentes a ideia predominante na intuição que teem da historia da civilisação occidental é a de ser esta uma simples continuação da cultura greco-romana.

Os quinze seculos de luctas que teem consistido exactamente em modificar e corrigir os ensinamentos da gasta e corrupta civilisação antiga, não teem sido sufficientes para arrancal-as de tal cegueira.

Quanto a mim, supponho justamente o contrario; acredito que o espectaculo attrahente e

instructivo da historia moderna, desde a queda do imperio romano, tem consistido em reagir, *servatis servandis*, cada vez mais conscientemente, contra os quatro legados, sob varios aspectos compressores e illusorios da antiguidade: o direito dos Romanos, o christianismo de Judeus e Hellenos, conjugados em certo momento da evolução occidental, a metaphysica e a esthetica dos Gregos.

Se a historia moderna tem um sentido, se o genio dos novos tempos tem uma significação, outros não podem ser senão esses que indico.

Procedendo a humanidade por evolução, é claro que não poderia ella apagar de uma vez os germens que por tantos e dilatados seculos lhe foram depositados n'alma por aquellas quatro forças; ella os não extirpará jámais de todo n'aquillo em que elles são immortaes por superiormente verdadeiros; porém os irá attenuando mais e mais no que encerram de falso, em busca de concepções mais largas, mais comprehensivas, mais de harmonia com as suas necessidades e com a realidade das cousas.

Na ordem religiosa, que significam todas as brechas que a sciencia e a experiencia teem aberto no dogmatismo compressor da velha Igreja? Que significa a obra de Copernico, de Kepler, de Newton, de Leibnitz, de Luthero, de Calvino, de Baur, de Strauss?

Na esphera da metaphysica que quer dizer

a acção de Spinosa, de Bacon, de Descartes, de Hume, de Kant, de Spencer? Nos dominios da esthetica e da arte que outro sentido teem as revoluções de um Richardson, de um Rousseau, de um Lessing, de um Diderot, de um Prevost, de um Byron, de um Shelley, de um Balzac, de um Flaubert, de um Zola, de um Turgeniew, de um Tolstoi, de um Ibsen, não fallando já no revolucionario supremo da poesia — Shakespeare?

A mesma cousa tem sido levada a effeito no terreno juridico, quer no direito publico ou politico, quer no civil ou privado.

E, cousa singular, a revolução operada na arte, na religião e na philosophia é mais patente e menos contestada, ao passo que no districto da jurisprudencia ainda hoje existem retardatarios e caturras que a não comprehendem e a combatem estonteadamente. Entretanto além de que seria absurdo alterar-se a orbita do pensamento e das creações intellectuaes, sem que o direito fosse levado na mesma corrente, porque elle não póde estar em desaccordo com a lei sociologica do *consensus* que rege todos os phenomenos da civilisação, accresce que basta olhar para a sociedade actual para vêr a olhos nús o quanto ella differe da velha e rudimentar organisação politico-juridica dos romanos.

Que havia no direito publico do famoso

povo-rei que désse uma ideia do parlamentarismo dos Inglezes, que se espalhou por quasi toda a Europa, e do presidencialismo dos Anglo-americanos, que se distendeu por toda a America?

Que havia em direito que comportasse o desenvolvimento assombroso do moderno direito commercial e, ainda mais, do novissimo direito industrial? Que tinham elles que podesse solver as incandescentes questões agitadas pelo socialismo hodierno? E na esphera do direito natural? do *Homestead?*

E que valia seu acanhado direito internacional, fundado na ideia da conquista e applicavel a um pequeno mundo de nações, mais ou menos sujeitas, que circulavam a limitada bacia do Mediterraneo, diante do moderno direito das gentes, apto a applicar-se ao planeta inteiro, n'um mundo que tem, na Europa, imperios como a Russia, a Austria, a Allemanha e nações fortes e cultas como a Inglaterra, a França e a Italia; na Asia, o caso imprevisto e extraordinario do Japão e o singularismo da China; na America as singularidades dos Estados-Unidos, do Brasil, do Chile, da Argentina; em Africa, o phenomeno unico de um Estado como o do Congo, e revivescencias inesperadas como as do Egypto e da Abyssinia; na Oceania, a federação interessantissima da Australia?

Que era o direito penal de Roma em face do moderno direito penal, todo renovado em seus fundamentos e em suas doutrinas? Que sabiam os velhos juristas latinisantes das origens ethnographicas do direito, de sua evolução parallela entre todas as raças, de suas relações com todos os ramos da cultura, de seu caracter adstricto ás circumstancias de suas modalidades varias? Que tinham elles que se possa collocar diante de nosso direito comparado?

O bom senso e a historia mandam responder negativamente a todas estas interrogações.

Por mais intensa que seja ainda a cegueira dos endeusadores do velho direito romano, não se deve contestar que a organisação que elle nos deixou da propriedade, maximé a territorial, da familia, da successão, do contracto e de varios outros institutos juridicos, tem sido um forte impecilho ao desenvolvimento normal d'esses phenomenos sociaes, que tem provocado reacções que constituem um dos lados mais tragicos da historia dos ultimos tres seculos.

Agora pergunto eu: qual foi o elemento *novo* que se veio juntar aos elementos grego, romano e semitico da antiga civilisação a datar do IV seculo? Que é que veio fecundar a vida occidental, o mundo aryano, a historia europeia?

Seria o Celta turbulento e infecundo, suffocado na Iberia desde o tempo dos Carthaginezes e na Gallia desde sessenta annos antes de Christo? Seria o Slavo, que mourejou barbaro e imprestavel por toda a idade média e grande parte da phase moderna, e, só recentemente, entre tumultos e desequilibrios, começa a dizer vagamente a que vem?

O elemento novo, fecundante, differenciador, na historia, desde a queda do imperio latino, é, sem contestação séria, o elemento do norte, o elemento teuto-germanico.

Tratando da acção d'elles na formação de portuguezes e hespanhoes, posto que accidentalmente e em repulsa aos inqualificaveis absurdos de um desvairado que os compara aos *Hyksos*, não era possivel deixar passar o ensejo de insistir no alto valor da contribuição d'essas gentes em tudo que diz respeito á civilisação que actualmente se desenrola (1).

---

(1) Rendo, n'este logar, de novo, um preito de reconhecimento aos dois homens que primeiro me chamaram, quando era simples estudante de preparatorios, de 1863 a 1867, a attenção para o alto significado dos Germanos na civilisação moderna: o dr. Primo de Aguiar e o Barão de Tautphœus. A elles, aos quaes poderia juntar tambem, até certo ponto, Joaquim Verissimo da Silva e o Padre Patricio Moniz, meus lentes de philosophia e litteratura n'aquelle periodo, devo principalmente ter evitado

Assim como estou convencido que a raça aryana é a mais elevada e distincta da humanidade, tenho igual convicção que, entre Aryanos, o ramo mais merecedor de tempos a esta parte é o dos Germanos ou Teutões, comprehendendo n'elles seus parentes Scandinavos, Hollandezes, Flamengos, Anglo-saxões e genuinos Suissos e Anglo-americanos. A elle attribuo o que de novo e melhor tem apparecido na vida moderna, tudo que o genio de Gregos, Romanos, Judeus e Arabes é incapaz de explicar.

Nem é isto uma simples vista subjectiva; é antes a lição irreductivel dos factos. De todos os ramos das gentes aryanas, os Germanos são os unicos que alliaram n'um todo harmonico a triplice capacidade que andava dividida pelos outros grandes garfos: a faculdade juridica, politica e pratica — ao genio philosophico, scientifico e artistico e ainda mais ao senso mythico, religioso e poetico.

---

as mentiras latinisantes, que me teriam tornado impossivel comprehender a moderna civilisação e me teriam inhabilitado para o criterio *ethnographico* que tenho applicado á historia do Brasil e de sua litteratura.

Cumpre-me assignalar o prazer que sinto em vêr confirmados pelo ensino da moderna Escóla da *Sciencia Social*, oriunda de Le Play, os pontos capitaes de minhas crenças no assumpto.

O mesmo não se deu em igual escala com as outras divisões da nobre raça. É assim que o Hindú teve capacidade na mythologia, na religião, na poesia, na metaphysica; mas não teve em grau nenhum o senso politico, o senso do direito, o senso da vida pratica.

Pujante floração mythica que se desenrolou em seus immensos poemas cyclicos, grandes e poderosas religiões como o brahmanismo e o buddhismo, rica litteratura, e, quanto ao Estado, incapacidade completa, que fez a India ter sido sempre a presa predilecta dos conquistadores.

Quasi o mesmo se póde dizer dos Hellenos, com seu gracioso polytheismo, sua poesia épica, seu theatro, sua estatuaria, sua philosophia, contrastadas pelas turbulencias da vida publica, pela incapacidade economica, que nunca deixaram fundar o Estado em bases seguras e estaveis.

O inverso se deu com os Romanos, mediocres na arte, na metaphysica, na mythica e superiormente dotados de senso juridico e politico.

O Teutão, o Germano-Scandinavo reune todas as qualidades: floração mythologica, só excedida pelo Hindú e pelo Grego; poesia cyclica nacional — nos *Eddas*, nas *Sagas*, nos *Niebelungen*, como só aquelles dois povos tambem possuiam; arte, bastando só lembrar, em ar-

chitectura — o *gothico*, que é d'elles, principalmente do ramo Franco, por mais que ousados phantasistas presumam o contrario; em pintura — as escolas *flamenga* e *holandeza;* em musica — Gluck, Mozart, Beethoven, Haydn, Weber, Schubert, Wagner; em poesia, Shakespear, Milton, Byron, Uhland, Schiller, Gœthe, Lenau, Tennyson; metaphysica, como igual não tiveram outros, Leibnitz, Kant, Schelling, Hegel, Herbart, Schopenhauer, Hartmann, Noiré; senso juridico e politico que se revela poderoso em seus codigos, em suas inestimaveis obras theoricas de incomparaveis jurisconsultos, e vivaz na vida pratica da Suissa, da Hollanda, da Suecia, da Inglaterra, dos Estados Unidos e d'essa Allemanha, que fundou o Santo Imperio, as cidades livres, as hansas, a Confederação Germanica, o particularismo de varios Estados, e, quando se suppunha uma terra de sonhadores, deu ao mundo os casos inesperados de um Frederico II, de um Bismarck, isto é, de uma Prussia organisada como uma machina e de um novo imperio forte e progressivo que mudou o centro hegemonico da politica européa.

Ramos d'essa nobre raça, no raiar da phase original e encantadora da historia que se chama idade-média, cumpriram a util missão de desmembrar o colosso romano e substituil-o pelo reino dos Suevos, o reino dos Ostrogodos,

o reino dos Lombardos, o reino dos Francos, o reino dos Visigodos, o reino dos Burgundios, o reino dos Anglo-saxões. D'est'arte os proprios nomes de França, Inglaterra, Allemanha, Lombardia, Borgonha, Andaluzia, Catalunha, lembram episodios da grande phase historica em que essas gentes sem par, com fortuna vária, conquistaram as provincias do Imperio e implantaram n'ellas uma nova ordem de cousas que veio a constituir a base dos modernos tempos, o ramo da evolução hodierna.

As nações todas de quaesquer raças haviam começado pelo mais completo separatismo, pelo exclusivismo mais radical em religião, em direito, em politica.

Transformações de velhos agrupamentos tribaes, em suas instituições ostentavam o mais accentuado nacionalismo. Assim tinha sido a Grecia, assim fôra tambem a Roma dos reis e da Republica. O genio politico dos Romanos foi modificando pouco a pouco o velho municipalismo separatista e tradicional, foi praticando conquistas, alargando as raias do Estado, avassallando povos e chegou ao ponto de sonhar a unidade humana pela dictadura monarchica. A unidade politica d'essa gente preparara o leito em que viéra distender-se o ideial catholico, a unidade pela religião e pela fé.

Parecia que ao menos a humanidade occidental iria constituir-se n'uma immensa fami-

lia. Mas ha no genio, no caracter do Romano, do Latino em geral, uma contradicção intrinseca que o corrompe e precipita para a queda: um individualismo egoistico e extremado ao lado de um universalismo abstracto e inorganico; um leva-o a querer tudo para si e o outro a esperar tudo do grande todo, do Estado ou da Sociedade. D'ahi, o vacillar elle politicamente sempre entre a *anarchia*, ponto extremo do individualismo na pessoa, e o *despotismo*, a *dictadura*, ponto extremo do individualismo no Estado. É que o egoismo e a indifferença para com o que lhes não diz respeito directamente —é o nucleo central, o *nisus* do caracter dos Romanos.

Nenhum povo concebeu jámais o individuo com tanta força, com tanto poder. A propriedade entre elles era a affirmação brutal da vontade, da autonomia individual,—*jus utendi et abutendi;* ao testador se deixava larga amplitude de acção; o poder paterno era demasiado excessivo; e o poder marital seguia igual rumo na direcção do exaggero.

O proprio Estado era considerado um individuo immenso, distincto e independente das unidades que o compunham, em polaridade com os individuos sociaes, podendo protegel-os ou esmagal-os, conforme os caprichos do confiscador supremo do poder. Era o leito adequado ao mando absoluto dos dictadores imperiaes.

Facil é conceber o que deveria sahir, na orbita politica, d'esse dualismo exquisito, extravagante: o Estado omnipotente, considerado abstractamente como uma pessoa e diante d'elle, como uma especie de invejoso e inimigo, o individuo abroquelado na sua vontade, exclusivista, no sentido de só tratar de si, e contradictoria, em esperar tudo d'esse Estado, que lhe apparecia como rival e ao mesmo tempo como protector.

Singularissima esta psychologia dos povos latinos e em geral de todos os que se lhes assemelham por essa intuição communaria do Estado.

D'ahi, o desapparecimento da vida local, a inaptidão para as associações, a inexistencia do accordo das vontades para fins communs, a ausencia de collectividades, de classes, de corporações válidas, representativas dos interesses multiplos do povo.

D'ahi, a concentração das populações nas cidades, a insignificancia das gentes ruraes, os latifundios, a agiotagem nas familias ricas, a devassidão na aristocracia, o aviltamento da plebe, que se contentava em comer e divertir-se.

O cosmopolitismo, o universalismo, nascido da unidade romana, tinha, pois, alguma cousa de morbido e era em grande parte simplesmente apparente.

Foi, d'est'arte, um grande beneficio para a humanidade a reacção particularista da idade-

média, reacção em virtude da qual, em logar de um imperio universal, das forças da historia sahiu uma Europa coberta de Estados válidos, progressivos: uma França, uma Hespanha, uma Inglaterra, uma Allemanha, uma Italia, uma Hollanda, um Portugal e dez outras nacionalidades independentes.

O papel dos povos germanicos n'esta salutar transformação só por um doentio e fallacioso romanismo exclusivista e fanatico poderá ser contestado.

E quando, mais tarde, na época do absolutismo regio, que se originou do renascimento do espirito do direito e da cultura romanica, as tendencias compressoras do universalismo religioso por meio da Igreja, na impossibilidade de resuscitar o imperio universal, se tornaram verdadeiramente insupportaveis á razão dos povos, foi ainda d'entre Germanos que partiu o brado de emancipação pelo orgão da Reforma. Nem é preciso lembrar os germens de governo liberal que desde cêdo começaram a proliferar na Inglaterra.

Aos povos teutonicos é, portanto, que principalmente se deve na Europa a morte da suffocante unidade politica, sonhada pelos Romanos com a monarchia, e a da não menos oppressora unidade religiosa, sonhada pela Igreja Catholica, digna irmã do Imperio dos Cezares, sob este peculiar aspecto.

E ainda hoje da parte d'elles é que provém a mais salutar opposição a esse neo-catholicismo dos positivistas, que tão assustadoramente tem lavrado entre os povos que se dizem latinos e entre as nações incipientes que d'elles se originaram nos novos continentes.

Os Romanos vieram a possuir pelas fatalidades de sua historia, as duas qualidades mais oppostas a um desenvolvimento organico das sociedades politicas: o *egoismo individualista*, que se lhes fortaleceu nas grandes luctas que tiveram de sustentar no Lacio desde o inicio de sua vida, e o *unitarismo universalista*, que se lhes veio juntar n'alma com o brilho de suas victorias, as vantagens de seus triumphos, a riqueza e o valor de suas conquistas.

Ora, dada a divisão originaria e real da humanidade em raças diversas, são esses os dois predicados mais nocivos que imaginar se possa para a evolução normal das gentes, dos povos, das nações; porquanto o egoismo individualista, por falta de largueza, de plasticidade, de elasterio, isola as vontades e mata n'ellas a mais energica das forças sociaes, a cooperação dos homens entre si, por grupos, classes, series, corporações, ordens, associações de toda a casta; prejudica, d'est'arte, o progresso do povo, de todos e de cada um, dentro de suas proprias forças e raias; o unitarismo unitarista e cosmopolita, achando a na-

ção já enfraquecida pelo egoismo de seus membros, pela falta de solidariedade, de consciencia clara de um destino e de um ideal commum, acaba a obra de destruição, apagando no povo suas originalidades nativas, seus traços caracteristicos, o amor de suas tradições, a vitalidade de suas aspirações, o que emfim o distingue e ennobrece, pela adopção tumultuaria de tudo quanto é estrangeiro, de tudo quanto é exotico, de todas as extravagancias e desvarios.

Foi o que se deu em Roma por fim.

N'esse meio tão deteriorado por essas duas forças apparentemente antagonicas e perfeitamente sinergicas nos pessimos effeitos, é que os Germano-Teutonicos surgiram afinal para trazer á historia o seu esforço, até então desaproveitado para a humanidade. Vae para mais de dois millenios que seu nome se fez ouvir pela primeira vez entre as nações latinas, por occasião da mais antiga incursão dos Cimbros (114 A. C.) e ainda hoje estão elles na pujança de sua evolução. Pouco mais de metade d'aquelle tempo decorreu entre a fundação de Roma e a queda do Imperio do Occidente, o que vale dizer que o desenvolvimento dos Romanos foi muito mais precipitado e inorganico.

A razão fundamental é porque o Germano, principalmente nos ramos normando, franco e saxão, não é individualista até ao egoismo, nem universalista até á falta de personalidade.

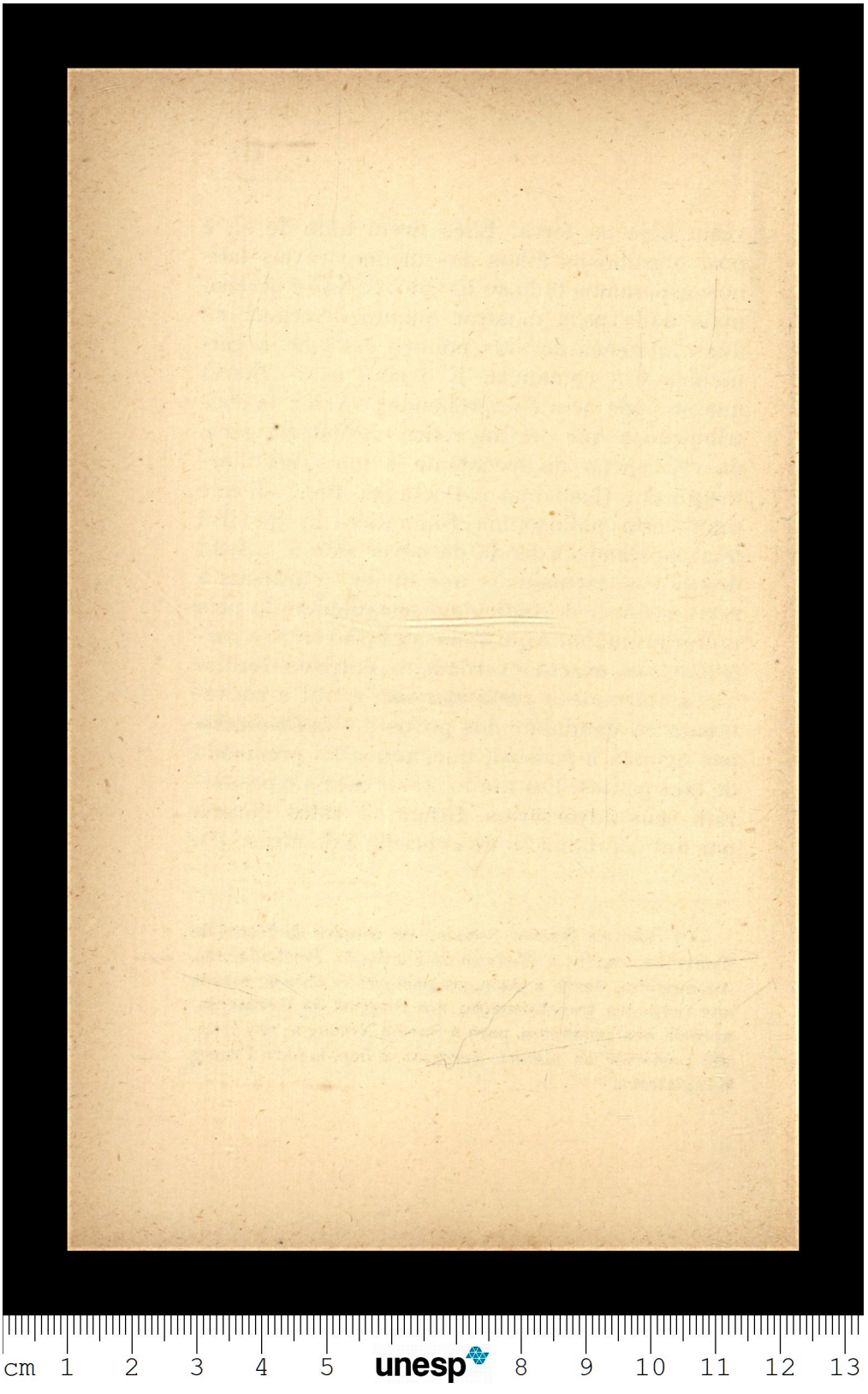
Em falta de melhor qualificativo, tem sido chamado *particularista*, no sentido de que entre elles o *particular* espera tudo de seus proprios esforços, e, quando é caso d'isso, tambem d'aquelles com quem se associa para um fim commum, e não da tutella do Estado. Teve sempre em todos os tempos a qualidade maxima que faltou ao romano: a tendencia para o associacionismo, a convergencia de esforços, a cooperação no seio do povo, de modo que, em nações germanicas, o individuo não anda isolado em face do Estado, transformado este n'um individuo immenso e absorvente, constituindo ambos os dois polos de toda a vida politica. Ao contrario, entre o individuo e o Estado houve sempre um completo e harmonico mundo, uma viva e progressiva jerarchia de associações de todo o genero: *guildas*, *hansas*, juntas de operarios, corporações de industriaes, de negociantes, irmandades, cooperativas, congregações universitarias e mil outras que ainda hoje na Allemanha, na Inglaterra, na Noruega, Hollanda, Suissa, Estados Unidos, Australia, mostram a nação organisada, autonomamente disciplinada diante das indifferenças ou arrogancias do poder.

É esse espirito de associação que, quando se faz mistér, dá maiores audacias e forças á chamada *iniciativa particular*, já de si poderosa entre esses povos, os mais progressivos que se

vêem hoje na terra. Elles tiram tudo de si, e nós, orgulhosos filhos dos incomparaveis latinos, esperamos tudo do Estado... Não é preciso mais nada para mostrar quanto divergem as duas intuições da vida politica e social: a germanica e a romanica. E é com este criterio que se póde bem comprehender o valor da contribuição a que ora me refiro na historia geral da civilisação do Occidente e mais peculiarmente em Hespanha e Portugal. Bem sei que uma certa philosophia romantica da historia tem espalhado a lenda de haver sido a missão dos povos germanicos nos annaes europeus a revivescencia do *individualismo*, obliterado pela cultura romana. Aqui anda confusão entre o *particularismo*, exacto e verdadeiro, entre os Germanicos até onde o *particularismo* é util e conveniente ao caminhar dos povos e o *individualismo*, egoista e pessoal, que nunca foi predicado de taes gentes. Em muito maior escala o possuiram seus adversarios. Braga vê estas cousas por outro prisma: o do capricho e do atraso (1).

---

(1) Lêr na *Science Sociale* — os estudos de Henri de Tourville — sobre a *Historia da Formação Particularista.* Acompanha, desde a Asia, os pastores Gothicos; estuda sua primeira transformação nos Steppes da Germania; aprecia sua passagem para a Suecia Noruega; sua invasão posterior na *planicie saxonica;* e depois para França e Inglaterra.



IX

A invasão dos Arabes na Hespanha e sua influencia no desenvolvimento da população livre

No que chamei *desatravancar* o caminho resta, felizmente, remover os tropeços accumulados no ultimo dos capitulos do livro do escriptor das Ilhas.

O capitulo denomina-se—*A invasão dos Arabes na Hespanha e sua influencia no desenvolvimento da população livre.* O trecho é, como os mais, um complexo de erros, absurdos, affirmativas precipitadas, assertos sem prova, contradicções flagrantes.

Mas ahi está um thema em que Theophilo tem sido d'uma tenacidade de espantar no disparate: a theoria da *raça mosarabe.* Deu outr'ora muito pelos germanos; deixou-os depois no terceiro ou quarto plano. Nada concedia antigamente aos romanos; conciliou-se mais tarde com elles em grande parte.

Com a *raça mosarabe* um absurdo, uma parvoice a olhos vistos, tem sido d'uma coherencia que parece doença.

Mas, antes da apreciação d'esta singular vesania, mistér é desmontar o capitulo em suas peças principaes.

Vae o leitor assistir ao espectaculo de vêr attribuir-se tudo que de bom existe nas Hespanhas aos Arabes. É verdade que já viu igual funcção exercida pelos Iberos, Sygios, Gregos, Phenicios, Celtas, Carthaginezes e em grande parte pelos Romanos. Só os pobres Visigodos é que nada regresentam.

Os famosos modernos estudos ethnologicos em Portugal não passam de caprichos e phantasias de seus auctores as mais das vezes. Já se viu o sr. Julio de Vilhena affirmar com todo o desembaraço que a *raça semitica não tem philosophia, porque não tem metaphysica; não tem litteratura, porque não tem imaginação; não tem religião, porque não tem tolerancia!...* (1)

Pelo mesmo tempo o dr. F. A. Corrêa Barata, sem cahir em taes destemperos, exaggerava demasiado o seu *anti-semitismo*, a ponto de fazer quasi impossivel a co-habitação entre semitas e aryanos.

«Ora, o semita excluia o indo-europeu. São duas organisações antipathicas. São dois gran-

(1) *As Raças Historicas da Peninsula Iberica e sua Influencia no Direito Portuguez*, pag. 127, Coimbra, 1873.

des troncos do genero humano; não são raças do mesmo tronco ou da mesma familia. Quando as differenças dos elementos que se cruzam são originaes, o cruzamento é excessivamente difficil.» (1)

A these é exacta nas affirmativas finaes; mas não chega ao ponto de auctorisar a asserção inicial de que o *semita exclue o indo-europeu*.

Primeiramente, ha bons indicios que auctorisam a crença n'uma origem commum ás duas grandes raças. Depois, toda a historia prova o contrario do que pensa, o dr. Corrêa Barata, pelo que diz respeito aos cruzamentos dos Semitas com os Aryanos. Na Persia, na India, na Hespanha, na Africa Romana, na Europa toda (com os Judeus) tem-se visto o contrario.

Na velha Assyria, na Chaldéa, no Egypto, na Africa do Norte, desde o Soldão até ao Mediterraneo, cruzaram sempre elles até com negros, quanto mais com Aryanos.

O dr. Corrêa Barata leva muito longe o seu negativismo anthropologico.

Todos aquelles exaggeros de Vilhena e Barata foram escriptos para refutar Theophilo

(1) *As Raças historicas da Peninsula Iberica*, pag. 25, Coimbra, 1872.

Braga em sua phantasia de uma *raça mosarabe*. Mas, para rebater este disparate, é inutil forçar a nota.

Dentro da maior moderação scientifica sobram as provas contra o auctor açoriano. Este accumula os erros ás grosas. Com um leve empurrão vae tudo por terra. Aprecie o leitor.

O capitulo abre logo por uma serie de desatinos:

A) «A Hespanha, pela situação geographica e *pela sua fórma peninsular*, estava adaptada para receber o dominio dos Arabes...» (Pag. 278).

Parece um singular prazer em dizer tolices.

Braga leu alguma cousa sobre a co-relação dos rios, mares, *peninsulas* e das primitivas civilisações, e não quiz perder o ensejo de juntar a invasão dos Arabes em Hespanha *á fórma peninsular d'esta*. Não é serio; só um trapalhão deslisa em taes phantasmagorias. Que as peninsulas do Mediterraneo facilitassem a navegação aos Phenicios e aos Gregos, de accordo.

Mas as invasões dos Arabes, que se faziam por terra, nada tinham a vêr com peninsulas. Por outra fórma não teriam chegado á Persia, ao Afganistan, á Africa desde a zona tropical até ás fronteiras hespanholas e italianas.

Se fosse questão de peninsulas, a Italia e a Grecia não teriam escapado, e, em vez de pe-

netrarem pela França, como fizeram, teriam dado volta em procura da Dinamarca e da Suecia e Noruega.

E' tecendo phantasmagorias e despropositos que Theophilo multiplica livros de ethnographia, de historia, de sociologia, de politica, de critica litteraria. O processo é facil; mas não é serio.—Mais:

B) «A *unidade politica* dos visigodos era *odiosa* ao genio separatista e autonomo das populações hispanicas; a *unidade catholica*, sustentada com a extrema severidade do Codigo visigothico, mantinha entre as classes em que predominava *o sangue semita* um odio profundo que tinha de cooperar com intensidade ao primeiro abalo social.

Na larga historia de Hespanha, todas as luctas e catastrophes se agrupam em volta d'estes dois factos: a *unidade politica*, desde Affonso VI de Leão até Fernando e Isabel, Carlos V e Philippe II, custou rios de sangue e a *atrophia da mais activa das nacionalidades;* a *unidade catholica*, quebrada pela Reforma, sustentou-se á custa da mais absurda intolerancia, pelas fogueiras dos Autos de fé, pela *imbecilisação systematica de um povo*, alcançada pelo terror de que os padres cercaram a doutrina religiosa. A approximação dos Arabes das costas da Hespanha appareceu, na dissolução da unidade politica do imperio visigothico, *como*

uma esperança e não como uma desgraça...» (Pag. 278 e 279).

Singular trecho este.

Começa por varias affirmativas erroneas e acaba por uma blasphemia.

O dr. Theophilo Braga, depois de ter escripto tantos livros sobre a historia hespanhola e portugueza, ainda não formou ideia exacta da acção de cada uma das raças que formaram a actual população da Peninsula.

Attribuir, como elle faz, o *fanatismo* das populações da Hespanha e o *despotismo* da politica governamental, por vezes acolá desenvolvido, aos Visigodos, o mais recente dos povos alli entrados, não fallando dos Arabes, quando taes qualidades são antiquissimas e constitucionaes n'aquellas gentes, é uma vista superficialissima da historia. Esperar dos Arabes remedios para esses males, é desconhecer completamente a indole d'elles e dos povos do mesmo typo: *os communarios dos desertos e oasis.*

O sr. Theophilo Braga ainda não comprehendeu o caracter especifico da vida historica da Peninsula, desde que lá entraram os Ligures e os Celtas e os Gregos e os Romanos até aos Visigodos e que se póde definir: o processo de *desberberisar* as gentes da Hespanha e *organisal-a*, o que importa dizer, sahir do desmembramento *tribal* para a *organisação estavel e progressiva do Estado.*

Ainda não comprehendeu que o seu famoso *cantonalismo* é um retrocesso, uma volta ao systema politico de Marrocos, de toda a Berberia, do Sahara até o Soldão. Bello ideal a propôr aos seus compatriotas.

Ainda não comprehendeu o que representam alli a *unidade politica* e *religiosa*.

Para aquilatar, porém, o valor d'estes factores sociaes, basta que se lembre que os seus adorados Arabes só tiveram importancia no mundo depois que conseguiram, desgraçadamente por pouco tempo, certa *unidade politica*, além de *religiosa*, que felizmente ainda conservam.

A entrada d'esses asiaticos na Peninsula não podia ser uma *esperança de salvamento*. Foi, ao contrario, uma perturbação consideravel, que veio embaraçar o rythmo historico da nova ordem de cousas na Hespanha inaugurada desde que alli penetraram os primeiros Aryas. Uma catastrophe quasi irremediavel.

Esta é a verdade e não se póde admittir que o escriptor portuguez leve o seu *mosarabismo* ao ponto de preferir os Berberes aos Aryanos.

Digo *Berberes*, porque, além de ter sido, fóra de duvida, o mais antigo povoamento da Peninsula, após os troglodítas, feito pelos Berberes, porque os *Iberos* não eram outra cousa, accresce que os famosos invasores Arabes dos co-

meços do seculo VIII, dos Arabes só tinham quasi o nome. Eram Berberes na quasi totalidade sob a direcção dos conquistadores Musulmanos, e o sr. Theophilo Braga concorda com isto. Pena é que não tire as verdadeiras consequencias d'esse facto e o desnature na defesa de sua insustentavel doutrina da *raça mosarabe*, como se verá.

Após os trechos citados passa o sr. Braga a exaggerar a contribuição arabe na civilisação moderna e especialmente na Hespanha.

c) «A vida historica dos Arabes enchia então o mundo; elles haviam já realisado a sua *unidade politica*. (Aqui a unidade politica é para Braga um *bem;* na Hespanha era um mal!), pela incorporação do Yemen, do Hedjaz e do Nedjed sob a *unidade religiosa* (Esta para Braga é tambem agora um bem!) do islamismo; elles tinham-se elevado do governo patriarchal das tribus pastoraes ao governo centralista do kalifadò...

N'esta corrente centralista, crearam-se os *estimulos de reacção que dissolveram o imperio dos Arabes* (E é um tal quadro que se apresenta como *esperança* aos Hespanhoes!) em muitos estados independentes, em que os chefes militares se tornavam soberanos e troncos dynasticos... A conquista do Egypto, e a marcha do dominio arabe para o noroeste da Africa, tornaram este ultimo ramo da grande raça

semitica um cooperador activo da civilisação occidental, supprindo a *decadencia* do imperio romano (Decadencia — não; no VIII seculo o imperio era cadaver havia tres seculos...) pela communicação dos elementos scientificos da cultura hellenica...

Em rigor, póde-se affirmar que a entrada dos Arabes na Europa provocou um mais facil advento da civilisação moderna; o que ha n'esta affirmativa geral é da primeira evidencia com relação á Hespanha.» (Pag. 279).

É um apanhado mal feito da marcha evolutiva dos Arabes e de seu papel na civilisação, com ares de quem está affirmando grandes descobertas originaes e occultando o lado falho da cultura arabica, que cedo se desmoronou.

«Ha de ser sempre, escreve J. de Crozals, para o povo de Mahomet um immorredouro titulo á gratidão da posteridade — o ter occupado o interregno do mundo greco-romano decomposto aos tempos modernos em formação» (1).

Mas o papel do Arabe n'esse interregno não foi o de creador, foi apenas o de propagandista.

---

(1) *Histoire de la Civilisation*, II, pag. 109.

A despeito de muitas qualidades brilhantes, a civilisação d'esse ramo semitico é menos original do que a de outros seus companheiros de raça: Assyrios, Chaldeus, Israelitas e mesmo Phenicios.

E nem até o hellenismo que espalhou no Occidente entre o VIII e XIII seculos era a herança grega completa.

«Notou-se, com razão, accrescenta o auctor citado, que do patrimonio hellenico, os Arabes apenas uma parte assimilaram e transmittiram: o hellenismo scientifico.

O hellenismo litterario foi-lhes sempre completamente alheio e só foi por outros revelado á Europa no seculo XVI. As artes e as letras gregas acharam os Arabes, infelizmente, insensiveis. Ignoravam, além d'isso, absolutamente a litteratura latina. Dupla lacuna, gravissima, que deve ser ponderada quando se quer comprehender a razão pela qual esse povo tão cheio de boas qualidades deixa cahir de suas mãos um facho que elle parecia a principio segurar com tanto vigor e fortuna.

O estudo dos philosophos gregos e dos jurisconsultos romanos, tel-os-hia, talvez, despojado do espirito oriental que os levára a subordinar ás prescripções religiosas a ordem civil e politica inteira; e, com um espirito mais largo e exclusivamente leigo, o desenvolvimento da ideia do Estado ter-lhes-ia poupado

a maior parte das revoluções politicas em que se abysmou sua grandeza» (1).

Bastava este só indicio para o sr. Theophilo Braga comprehender a differença que vae d'esse Germano de quem tanto desdenha e ao qual attribue todos os males da Hespanha, a esse Arabe que o fascina n'um esplendor illusorio.

O Germano tem tanta plasticidade de espirito que a primeira cousa que fez, logo que o conheceu, foi adoptar o direito romano no que tinha de melhor. Outro tanto fez á sciencia, á philosophia, ás lettras, ás artes hellenicas, logo que d'ellas teve noticia.

O primeiro facto remonta á mais alta idade média; o segundo ao primeiro Renascimento.

A explicação de Crozals não é completa; mas é parte da verdade. Outros motivos, mais profundos, tirados da propria organisação originaria do povo, postos agora a limpo pela doutrina de Le Play, dão a demonstração completa da rapida decadencia arabe e da sua incapacidade para representar na Europa um papel permanente ao lado de outros factores mais poderosos e mais bem dotados para a vida moderna. É tambem o caso do Berbere.

(1) Ibid., pag. 108.

E sabe o sr. Theophilo Braga quem principalmente atirou Arabes e Berberes para áquem do estreito, que, para bem da Hespanha, nunca deveriam ter passado? Esse *feudalismo* franco germanico que o escriptor portuguez até hoje não comprehendeu pelo que foi e pelo que valeu.

Estas ultimas palavras levam-me naturalmente ao trecho seguinte do sr. Braga, uma das cousas mais monstruosas de insania e inverdade que já uma vez foram escriptas por mão de homem:

D) «Sem a presença dos Arabes, os Condes visigodos teriam levado a Hespanha ao *feudalismo*, e o principio da *associação local (!)*, fonte de todas as *liberdades civis*, seria convertido na associação dos *bandos de ladrões e assassinos (!)* e a sociedade retrocederia pela sua *deploravel instabilidade (!)*; sem o governo dos Arabes, o *povo trabalhador não conheceria a dignidade civil (!)*, nem a reclamaria pela *organisação dos Concelhos (!)*, acabando para sempre com a *servidão.*» (Pag. 280).

É de mais... Haver na Europa um escriptor, que passa, aos olhos de muita gente, por um sabio e erudito historiador, que appellida o feudalismo — *associação de bandos de ladrões e assassinos;* attribue aos arabes — a *liberdade civil*, a *organisação dos Concelhos*, o *fim da servidão pessoal*, e mais a *Cavalleria religiosa* e a

administração publica do Estado, pois o guapo escriptor ajunta paginas além: — «muitas instituições arabes, *como a cavalleria religiosa e o systema administrativo*, conservaram-se na sociedade neo-gothica.» (Pag. 286).

São seis monstruosos erros, como não conheço iguaes em nenhum escriptor.

Para desfibral-os basta a indicação das theses contrarias, quasi sem desenvolvimento.

Comecemos pelo *feudalismo*.

Se o sr. Theophilo Braga, em estudos de ethnographia, tivesse abandonado a velha mania da *raça turaniana*, dominando o mundo inteiro ante-semitico e aryano, da *raça mosarabe*, constituindo uma população especial e geral da Hespanha; se em assumptos de historia, tivesse deixado o systema de *leituras tumultuarias* e *ao acaso;* se, em sciencia sociologica, tivesse posto á margem o velho *positivismo* compressor, formaria outra ideia da funcção historica e social do feudalismo.

E se houvesse renovado suas ideias com os profundos ensinamentos da doutrina de Le Play, Tourville, Demolins e outros, estaria agora no caso de comprehender o papel de cada um dos povos que senhorearam as Hespanhas, nomeadamente Berberes, Celtas, Romanos e Visigodos.

O modo pratico de estudar as varias populações, pela sua constituição intrinseca, deter-

minada pelos meios e modos de subsistencia, pelo trabalho, pela organisação das familias, lhe teria mostrado o valor da classificação d'esta em *familia patriarchal*, *quasi-patriarchal*, *instavel*, e *familia-tronco*. Veria como sae d'ahi a classificação das sociedades em *communarias de familia*, *communarias de familia e Estado*, *communarias de Estado*, e, finalmente, *de formação particularista*, tendo as primeiras por base a *familia puramente patriarchal*, as segundas a *familia quasi-patriarchal*, as terceiras a *familia instavel* e as ultimas a *familia-tronco* ou *particularista*.

Estaria tambem no caso de apreciar a novissima classificação de Demolins em: *sociedades de formação communaria estavel*, *de formação communaria instavel*, *de formação communaria abalada*, *de formação particularista esboçada*, *de formação particularista abalada*, *de formação particularista estavel* e *desenvolvida*.

Apreciaria o valor das gentes *teutonicas* nas sociedades de *formação particularista*, principalmente os *Norueguenses*, *Normandos*, *Francos* e *Saxões;* veria o papel do *feudalismo* na transformação da organisação *communaria* dos *gallo-romanos*, dos *ibero-celto-romanos* e d'outros povos d'esse regimen *particularista;* e porque a reforma foi total na Inglaterra, menos na França e ainda menos na Hespanha. Teria melhor noção d'aquelle grande facto historico

na transformação da escravidão em servidão e o progressivo desapparecimento d'esta na plena liberdade civil e politica. Não andaria a attribuir aos Berberes, mais ou menos arabisados, da Peninsula dos seculos VIII ao XIII a cavalleria, a ordem administrativa e a vitalidade dos concelhos.

Á custa dos mais perseverantes estudos, levados a effeito por todos os continentes com os mais rigorosos methodos de observação, por oitenta dilatados annos, é que a escola de Le Play, aproveitando os mais serios documentos de todas as épocas, chegou a penetrar a indole das diversas sociedades humanas existentes, e a destacar as de *formação particularista*, que se acham á frente do mundo moderno. A immensa migração dos *pastores godos*, desde os centros da Asia, pelos steppes da Russia até os paizes onde definitivamente se estabeleceram; sua transformação nas terras germanicas, quer nas planicies quer nas zonas altas e florestaes; sua chegada ao mar do Norte; sua incursão na Scandinavia Oriental, estabilidade fecunda na *banda occidental* d'aquella Peninsula; sua posterior passagem para a *planicie saxonica*—, são analysadas com um conhecimento assombroso dos factos.

Não me é possivel reproduzir aqui os milhares de factos analysados a fundo em vinte ou trinta volumes da revista *La Science Sociale*.

Limito-me a enviar o auctor portuguez para o livro v do 2.º volume da obra de Demolins — *Les Grandes Routes des Peuples*, livro que se intitula — *Os Typos da Europa Occidental — As Migrações Particularistas.*

N'estas paginas acho sómente indispensavel dar o rapido resumo feito pelo notavel sociologo francez no seu magistral e recentissimo estudo — *Classificação Social.* Fallando, depois de discutir as outras fórmas de organisação das sociedades humanas, das que intitula — *Sociedades da formação particularista,* escreve aquelle illustre mestre: «Foi Le Play quem primeiro percebeu esse phenomeno e deu-lhe uma explicação parcial e, em certos pontos, inexacta. Para completar esta explicação e rectifical-a, tivemos de proceder, não só na Noruega como em Africa e na America, a um bom numero de investigações e de monographias no intuito de fixar diversos pontos essenciaes da evolução familial.

Se se quizer reduzir este phenomeno á sua expressão mais simples, póde-se formulal-o assim: *Em consequencia de um concurso unico de circumstancias geographicas e sociaes, a persistencia da communidade (familiar ou outra qualquer) tornou-se, a partir de uma época determinada, impossivel na Noruega.* As familias viram-se forçadas a se disseminar por casaes isolados uns dos outros, por modo tal que

cada um não teve mais outro remedio senão contar comsigo mesmo.

Uma das consequencias d'este isolamento foi o reduzir, nos mais estreitos limites, o desenvolvimento dos poderes publicos e, inversamente, desenvolver com largueza a iniciativa e os direitos do individuo, do simples *particular*. D'ahi, a denominação de Formação particularista.

Esta evolução, tão consideravel por seus resultados, começou a manifestar-se nos começos da era christã, como a consequencia de certas circumstancias que a sciencia social conseguiu alfim determinar.

Mas, nas sociedades particularistas do *genero esboçado*, esta evolução não é completa; como o nome o está mostrando, ella está sómente *esboçada*.

Foi nos *fjords scandinavos* da Noruega que teve logar o primeiro esboço d'esta formação social. Ella foi determinada pela chegada de immigrantes vindos da Scandinavia oriental, a Suecia de hoje, que estava então occupada por populações agricolas, pertencentes ao ramo dos Godos. Estas populações eram dominadas por guerreiros odinicos, cuja origem e acção foram determinadas por nossos collaboradores, Henrique de Tourville e Ph. Champault.

Os resultados d'este primeiro esboço da Formação particularista não se fizeram espe-

rar, manifestaram-se desde o quarto seculo, por esta extraordinaria serie de *invasões, de um typo absolutamente novo*, que mergulharam o Imperio romano no espanto e no pavor.

O espanto dos Romanos foi tão grande que elles deram á Scandinavia, pela bocca do Godo Jornandes, o nome de *Officina gentium, vagina gentium*, fabrica de povos, mãe de povos.

Os historiadores sentiram que havia ahi um problema cuja causa eram incapazes de determinar:—*Havia*, diz Amadeu Thierry, *nas brumas da Scandinavia, alguma cousa de singular que os antigos assignalam sem tentar explicar: numerosos indicios de uma civilisação assás adeantada, mais riqueza e artes, governos mais regulares e menos sentimentos de independencia selvagem do que no resto da Teutonia.*—E Amadeu Thierry ajunta que sobre o caso só se podem fazer hypotheses.

A sciencia social, graças a seu methodo rigoroso e a seus minuciosos estudos, conseguiu emfim mudar essas hypotheses em realidade.

Sim, passou-se, nas brumas da Scandinavia, uma revolução social extraordinaria, uma das maiores, senão a maior das revoluções da humanidade, a que marca a separação entre os tempos antigos e os modernos tempos, entre o Oriente e o Occidente, entre a Formação communaria e a Formação particularista. Foi

nas brumas da Scandinavia que se formaram obscuramente, mas fortemente, *os homens que fizeram passar a humanidade da escravidão á servidão e da servidão á liberdade, que substituiram, á dependencia do homem ao homem, a dependencia do homem á terra, com o feudalismo.* Por isso esses homens prepararam as raças que estão hoje á frente da civilisação moderna, tão superior á civilisação antiga.

Hoje que estas cousas estão explicadas pela sciencia social, não é mais permittido a ninguem ignoral-as e não está longe o tempo em que ninguem mais as ignorará.

Antes de se espalharem ruidosamente ao longe por suas invasões, os emigrantes da Scandinavia estabeleceram-se, isoladamente e obscuramente, entre o Elba e o Rheno, na Planicie saxonica, isto é, na região que fórma o Luneburgo hanoveriano actual.

Foi ahi que o nosso particularista recebeu um segundo esboço: do typo do pescador-agricultor passou ao typo da pequena cultura exclusiva.

N'este meio adquiriu a aptidão tão profundamente rural que em seguida transportou para a Gallia com os Francos e á Gran-Bretanha com os Saxões. Esta formação rural deu origem ao *Feudalismo territorial,* que se não deve confundir com o feudalismo militar e cavaleresco. Foi esta formação rural originaria que

fez do Anglo-Saxão um pioneiro e um colono incomparaveis.

Não foi, porém, estudando assim suas origens que a sciencia social descobriu o typo particularista. Foi procedendo primeiro, segundo seu methodo, pela observação dos phenomenos actuaes. Começou pela observação das populações *hodiernas* da Noruega e das populações *hodiernas* da Planicie saxonica. Só depois é que ella remontou passo a passo até ás origens, para achar a causa dos phenomenos cuja existencia ella encontrava no presente.

Com effeito, póde-se ainda observar este typo, vivendo e agindo, na Planicie saxonica actual. Conservou até agora os seus caracteres essenciaes, como nós o estudamos por observação directa.

Uma vez conhecido o typo da Planicie saxonica no presente, a sciencia social procurou descobrir-lhe a historia, para poder explicar a origem de seus caracteres tão particulares.

Esta descoberta, começada por Le Play, foi firmada e rectificada em grande parte por Henrique de Tourville» (1).

Mettido com seus *turannos* e *mosarabes*, dos

(1) *La Science Sociale*, fasciculo de janeiro de 1905; pag. 102 e seguintes.

quaes despe todo caracter *romano-godo* para os reduzir a simples *mestiços* de berberes arabisados, o sr. Theophilo Braga não sabe d'esses novos estudos, e por isso, ainda cae na phantasia de fazer dos conquistadores sarracenos os creadores da *liberdade social*, da *dignidade civil*, da *vitalidade dos concelhos*, da *cavalleria religiosa* e da *administração publica* na Hespanha é de considerar o feudalismo um simples *bando de ladrões*...

O trecho citado de Demolins deita por terra toda essa serie de desconcertos. Escusado é recorrer n'este ponto aos estudos directos da sciencia social ácerca de Arabes e Berberes. Mais de espaço tocarei n'elles de leve. Por agora urge pôr diante dos olhos do leviano escriptor um rapido quadro d'essas *famosas invasões* que elle compara á dos Hyksos, sem se lembrar que esses Hyksos, segundo os melhores auctores, eram Arabes que elle tanto admira. Outros os fazem Berberes, que o sr. Braga admira ainda mais.

Se o sr. Theophilo Braga tivesse ideias da differença enorme que vae de povos nomades, já não digo caçadores, mas ainda simplesmente pastores, não cahiria na leveza de comparar as invasões do seculo v com outras quaesquer de Tartaros, Mongoes, Berberes ou Arabes, vindos do Oriente.

Saberia do estado das populações do velho

mundo n'aquella época e pensaria por outra fórma. Saberia da razão pela qual na Mongolia Septentrional, Mandchuria, Thibet, Sahara, Arabia, Assyria e Chaldéa, Syria e Egypto existiu ou existe ainda a formação communaria *estavel;* porque nas *Tundras* da Laponia, da Russia Septentrional, da Siberia, da America do alto Norte, nas *Savanas* da America do Norte (antes da colonisação), nas *Florestas* e *Campos* da America do Sul (antes da colonisação e em parte ainda hoje), nas *Florestas* da Africa (ainda hoje), na *Oceania* (antes da colonisação) encontra-se a formação communaria *instavel.* Ser-lhe-hia de grande vantagem conhecer a fundo o porque de *estavel*, que era, a organisação communaria se tornou *abalada*, pelo concurso de circumstancias physicas e de invasões de povos diversos, na Persia, India, China, Indo-China, Japão, Finlandia, Polonia, Russia, Rumania, Bulgaria, Servia, Turquia, Austria-Hungria, *Highlands* da Escossia, Irlanda, Bretanha Armoricana, Peninsula Grega, Peninsula Italica, *Peninsula Iberica.*

Note-se bem: Peninsula Iberica.

O sr. Theophilo veria claro onde estão as raizes mais profundas de todas as desgraças da Hespanha e Portugal, determinadoras da decadencia de ambos, e deixaria de as andar procurando em *padres* e *reis*, que são alli, com as suas maldades, *effeito* e não *causa.*

A causa está principalmente, quasi unicamente, no elemento principal da população: Os *Berberes* da *primeira* e profundissima *camada* (assim considero os *Iberos)*, e mais os Berberes da *segunda camada*, com seus alliados *Mouros* e *Arabes*.

O processo de *desberberisação*, começado pelos primeiros Aryanos, n'um sentido ainda *communario*, mas muito superior ao *berberismo*, e pelos Godos e Suevos no sentido *particularista*, foi desgraçadamente interrompido pelas invasões de communarios, *guerreiros e pastores*, e a Peninsula, após uma apparencia illusoria de florescimento, retrocedeu, no que diz respeito á organisação intima, essencial, intrinseca do povo, o caracter determinado pelo trabalho.

Presinto que o sr. Braga venha fallar na *agricultura arabe e berbere*. É porque não sabe que ella nunca passou do que em sciencia social se chama a simples *collecta* e a *jardinagem*.

Prolongando seus estudos, o litterato portuguez veria o porque a organisação particularista existe, a largos traços, nos *Fjords* Scandinavos, na Planicie Saxonica e a Allemanha do Norte, nos *Polders* Flamengos (Hollanda e Belgica Flamenga); plenamente desenvolvida na Baixa-Escossia, na Inglaterra, na Nova-Zelandia, na Australia, na Africa Ingleza, no Canadá e nos Estados-Unidos. Veria, final-

mente, os motivos que determinaram as lacunas que se notam na organisação particularista, e que a tornam *abalada*, na Suissa, Suecia, Dinamarca, Allemanha do Sul, Belgica wallonica e França, principalmente a do Sul.

N'este paiz as duas organisações luctam entre si, mas a corcôma communaria das zonas meridionaes, devida ao influxo dos mais antigos elementos da população, Iberos, Ligures, Celtas, Romanos, tende, infelizmente, a predominar.

«A França é a região onde se manifesta mais nitidamente a combinação das duas formações sociaes. E é isto o que explica as differenças tão caracteristicas entre a França do Meio-Dia e a França do Norte: na primeira influiu mais a formação communaria, por estar mais approximada das tradições do imperio romano; na outra influiu mais a formação particularista, porque está mais proxima das tradições francas» (1).

A mesma ordem de ideias explica a differença existente entre a Hespanha do Norte e a do Sul, entre o Portugal do Norte e o do Sul. Na Hespanha septentrional, maximé na Cata-

(1) *La Science Sociale*, 20e année, deuxiéme période, 10e et 11e fascicules, pag. 130.

lunha, ha maior influxo gothico do que nas zonas meridionaes, entregues ás *revivescencias* e *atavismos* berberes e maurescos.

Em o norte de Portugal o influxo Suévo, que não tem sido devidamente estudado, repito, e mais o auxilio Godo estão no primeiro plano para a explicação das differenças existentes entreaquella região (comprehendendo a Galliza) e o sul do paiz.

Não resta duvida que as diversidades do solo e do clima devem tambem ser tomadas em consideração. Os factores ethnographicos, porém, representam no phenomeno papel saliente.

A Hespanha tem estreitissimos pontos de contacto e similhança com a Africa do Norte, sob o triplice ponto de vista geographico, ethnologico e historico. Attendendo apenas aos dois ultimos aspectos, basta considerar que ambas foram, desde os mais remotos tempos, povoadas por Berberes; receberam depois ambas varias incursões Ligures; tiveram ambas colonias e feitorias Phenicias; ambas estiveram, em grande porção, sob o dominio Carthaginez; em ambas a civilisação romana estendeu-se por mais de seis seculos; os Barbaros em ambas fundaram Estados, em uma os Visigodos, n'outra os Vandalos.

Pois bem, o processo de aryanisação da Africa do Norte, tentado pelos Romanos e

Vandalos, a despeito das maravilhas creadas alli pelos primeiros e conservadas pelos ultimos, foi de todo destruido, por quem? Por Berberes e Arabes.

Aquelles, além de constituirem o fundo da população, porque outra cousa não eram os Libyos, Getulos, Numidas, Mouros e Garamantes de que fallam os antigos auctores latinos, cercavam por todo o lado do Sul as quatro provincias romanas, Africa Proconsular, Numidia, Mauretania Cesariana e Mauretania Tingitana, e iam sempre infiltrando-se n'ellas; os outros, porque, além de chegarem alli em numero consideravel, encorporaram aos seus exercitos os elementos berberescos com que destruiram a obra dos Romanos.

Este estudo está magistralmente feito na *Africa Romana*, de Gaston Boissier.

A sorte d'esta região, florescentissima sob o dominio latino, essa *desaryanisação* de um paiz e sua *reberberisação* total, é apta a esclarecer o destino da Hespanha e a acabar com as illusões das phantasias arabisantes.

O retrocesso não foi, não tem sido radical na Peninsula, graças, felizmente, a estar afastado o manancial barbaresco, a certas condições de clima, que alli, em parte, desarticularam esse malefico elemento, e a serem mais fortes os elementos aryanos da população.

E é o ideal da Africa que o sr. Theophilo Braga sonhava para Hespanha e Portugal!

E como o critico e historiador portuguez é capaz de attribuir, na sua actual furia anti-germanica, aos Vandalos a retrogradação de toda a Berberia e não aos Arabes, por elle alçados em grandes *agricultores*, é mistér desfazer-lhe ainda mais essa illusão.

Tratando da florescencia da cultura nas provincias africanas no periodo romano e de sua total ruina nos tempos posteriores, escreve esse extraordinario conhecedor da vida romana, digno emulo dos Coulanges, dos Mommsens e dos Iherings, o erudito Gaston Boissier, depois de descrever as grandes obras construidas pelos romanos no intuito de tornarem fertil uma região demasiado arida: «Esses reservatorios, essas *barragens*, esses açudes existem por toda a parte; no Hodna, região quasi selvagem, encontraram-se tres, um acima do outro e entre elles ha um que podia conter um milhão e duzentos mil litros. A agua assim conservada em vastas bacias descia das altas regiões para a planicie, onde pequenos canaes a conduziam através dos campos. A distribuição era feita com muita exacção e conforme leis fixas; cada proprietario tinha a sua vez e durante um certo numero de horas, como ainda hoje se faz nos oasis. Encontrou-se em Lamasba, pequena cidade proxima de Lam-

bese, um regulamento muito minucioso, que devia, por certo, ter sido affixado na praça publica e que indica a parte que tocava a cada um. É provavel que esses regulamentos tenham sobrevivido á época romana. *Elles existiam sem duvida ainda, Procopio o diz, no tempo dos Vandalos, os quaes, como todos os Germanos, conservaram* (sic), *a administração dos antigos senhores do paiz.* Foram os Arabes que deixaram tudo perecer. Graças á sua apathia e á sua imprevidencia, as fontes seccaram, as barragens desmoronaram-se, os rios de novo levaram todas as suas aguas ao mar; e eis como essas planicies que pareceram tão bellas aos companheiros de Sidi-Okba, por elles denominadas *um jardim florido*, se tornaram quasi por toda a parte um deserto» (1).

Todos estes factos e considerações, que poderiam ser multiplicados aos milheiros, servem para mostrar que Braga devia atirar fóra todas as suas velhas e estragadissimas ideias ácerca de germanos, arabes e berberes, porque estão todas em lucta aberta contra a verdade.

Ninguem contesta o valor e a importancia do factor arabe na civilisação humana; mas é prova d'uma deploravel estreiteza de ideias an-

(1) *L'Afrique Romaine,* pag. 140; Paris, 1895.

tepôr essa gente a varios dos ramos indo-europeus, nomeadamente os Teuto-Scandinavos, maximé os Francos e Saxãos, grandes representantes da Formação particularista, de que o *feudalismo* foi uma phase essencial. — E se, em vez de se limitar quasi exclusivamente á copia de Maspero e Lenormant, quando escreveu as *Civilisações Turanianas* e *Civilisações Semitas*, o sr. Theophilo tivesse consultado os graves estudos da escola da sciencia social, teria visto a causa da rapida ascensão das tribus arabes desde fins do seculo v e principios do VII, após quinhentos annos de pobreza e desordens. A causa economica predomina ahi como em muitos outros casos. Sob a administração imperial romana, ficou provado, os trigos do Egypto tomaram a direcção de Roma em vez de alimentarem os desertos do Sul. D'ahi originaram-se revoltas na Nubia, Ethiopia e Arabia. Com a queda do Imperio (v seculo), tendo voltado os trigos do Egypto aos seus mercados naturaes do Sul, as confrarias religiosas dos desertos da Arabia estenderam-se e prosperaram.

O mahometismo sahiu d'ahi, e é, na phrase de Léon Poinsard, *uma religião feita por um communario para communarios*, modelada pelas tradições e costumes das raças pertencentes a esse typo social, e d'ahi provém o seu prestigio entre os povos do Oriente e sua persistente

auctoridade entre as populações que mudam pouco (1).

É uma leviandade sem nome comparar o contingente arabe e a sua invasão aos dos povos do Norte. E aqui vae o promettido quadro de pequena parte da invasão germanica para que se lhe note a indole e se comprehenda a origem e o valor do *feudalismo*, grupo de *ladrões e assassinos*... segundo o singularissimo positivismo do sr. Theophilo Braga.

«Os Romanos, escreve auctor que sabe, tiveram dois grandes objectos de espanto e medo. O primeiro foi a torrente de pastores que irrompeu ao Oriente do Imperio por todos os caminhos dos steppes, e cuja origem nunca poderam explicar. O segundo foi a apparição, nos primeiros seculos da era christã, de outra serie de invasores, chegados agora não mais do Oriente, mas do Norte, da região então desconhecida da Scandinavia e que foi, para elles, ainda mais inexplicavel... Esta *fabrica de povos* lançou sobre o mundo romano, durante muitos seculos, uma serie ininterrupta de invasões essencialmente diversas das dos *povos pastores*.

(1) *La Science Sociale*, fasciculo de fevereiro e março de 1905, pag. 300.

Não eram mais, ao menos para uma parte d'esses invasores, deslocações de povos inteiros, comprehendendo homens, mulheres, meninos, velhos; eram bandos de alguns milhares de homens, *exclusivamente compostos de jovens guerreiros.*

É assim que apparecem os *Francos na Gallia* e os *Saxões na Inglaterra.*

Mas esta categoria de invasores distinguia-se dos pastores e de todos os patriarchaes por outras feições ainda mais significativas. Trazia e installava um estado social absolutamente differente de tudo o que o mundo antigo tinha conhecido até então. Ella operava uma transformação que impressionou vivamente os contemporaneos, da qual os chronistas nos transmittiram o testemunho.

O historiador inglez, David Hume, resume d'este modo essa impressão:—Toda a parte meridional da Inglaterra, comprehendendo a Heptarchia saxonica, mudou absolutamente de habitantes, de linguagem, de costumes e de instituições politicas.

A ordem succede á anarchia, porque os recemchegados estabeleceram, tanto na Inglaterra como na França, uma jerarchia severa e desconhecida até então das terras e das pessoas que habitavam essas terras. Era a origem do Feudalismo territorial.

A transformação é completa na Inglaterra,

desde o reinado de Alfredo, no começo do seculo x. Com este principe — tudo, diz Hume, tomou face nova na Inglaterra: os *roubos* (sic) e os *crimes* (sic) de todas as especies foram reprimidos, por castigo ou pela emenda dos culpados. O policiamento publico fazia-se com tanta exactidão que Alfredo, conta-se, como em desafio, pendurou pelos caminhos nas arvores braceletes de ouro e ninguem se atreveu a n'elles tocar. N'esse tempo acha-se já completamente constituida uma completa jerarchia social.

Foi assim que Alfredo, para tornar a justiça estricta e regular, dividiu toda Inglaterra em condados ou provincias; estes em *hundreds* ou cantões e estes ultimos em *tithings* ou dezenas de familias. Cada dono de casa respondia pela conducta de sua familia, de seus servos e até de seus hospedes, se estes passavam mais de tres dias em sua casa. Incorporavam-se dez donos de casas contiguas, que, sob a denominação de *tithings*, dezenarios ou *fribourgs*, ou cauções, respondiam reciprocamente por seu proceder; um *tithingman*, *headbourg* ou *borsholder* os presidia. Todo o homem que não fazia parte d'um *tithing* — era punido como um proscripto.... Em consequencia d'esta organisação, todos se consideravam obrigados, em seu proprio interesse, de velar attentamente pelo bom proceder de seus visinhos, e cada um ser-

via de garantia da conducta de seu grupo. Estas instituições, accrescenta o mesmo historiador, não eram creação de Alfredo; não passavam de *desenvolvimento dos costumes saxões estabelecidos na Heptarchia e dos usos de outros conquistadores septentrionaes.*

Iguaes cousas se deram em França com a chegada dos *Francos*. As aldeias em ruina reerguem-se rapidamente; vastos dominios são arroteados; esses invasores, já transformados em agricultores, começam a construir *castellos*, porque se não contentam como outr'ora com fossos e palissadas.

As grandes abbadias fornecem por toda a parte engenheiros que estabelecem um systema racional de defeza muito superior ao que se praticava no resto da Gallia. Imitando seus chefes, os guerreiros *Francos* construiram suas habitações por um novo modelo, guarnecendo pelo menos com uma torre de pedra suas moradas de madeira.

Em caso de ataque os habitantes tinham alli um refugio. Os chronistas nos contam que o primeiro duque dos *Normandos* fixados na Gallia, o famoso Rollon, reparou as cidades arruinadas, restabeleceu por toda a parte *a ordem e a prosperidade* (sic); fez uma lei segundo a qual aquelle que prestasse auxilio qualquer a um *ladrão* deveria ser enforcado como *ladrão* (sic). Um dia, conta a lenda, estando elle a tomar

sua refeição perto de uma lagôa, n'uma matta proxima a Ruão, pendurou seus braceletes de oiro nos ramos de um carvalho; alli ficaram tres annos sem que ninguem se atrevesse a tocar n'elles...

Desde esse tempo, tanto na Inglaterra como em França, as cidades se libertam dos excessos de população com proveito dos campos que se cobrem de quintas e herdades. A vida rural leva vantagem á vida urbana; os chefes da sociedade não estão mais nas cidades, mas sim no campo; o reinado do *citadino* acaba e o reinado do dominio rural começa por muitos seculos.

Todo o regimen politico é modificado por igual fórma: a *descentralisação feudal* (sic) substitue a centralisação imperial e a idade média começa.

Uma transformação tão completa indica de sobejo que se deveria ter operado no norte da Europa, d'onde provinham esses invasores, uma *revolução social* que, por ter sido despercebida até agora, não foi por isso menos profunda e menos radical. Procuremos desvendar este mysterio» (1).

---

(1) *Les Grandes Routes des Peuples*, por Edmond Demolins, II, pag. 455.

Ou isto, ou as objurgatorias do dr. Theophilo Braga.

Eis os bellos chefes de *bandos de ladrões e assassinos*... do auctor d'*A Patria Portugueza*.

Porque não se deu o mesmo na infeliz Hespanha?

Precisamente, exactamente, porque a invasão dos *Arabes Berberisados* ou dos *Berberes Arabisados* não consentiu que a bella terra de Cervantes acompanhasse as suas rivaes da Europa occidental, as nações novas que se iam formando, e tivesse tido tambem a normal e salutarissima evolução do Feudalismo.

Não basta dizer que os ramos suevo e visigothico dos Tentões não eram tão cheios de altas capacidades organicas e sociaes como os seus affins—Francos e Saxões.

A indestructivel camada Berbere primitiva que constitue a base da população de toda a Peninsula, fortalecida, além de tudo, por cinco ou seis seculos de reforços constantes de Barbarescos, maximé nas zonas do sul, encerra a melhor parte da explicação.

Eis aqui as theses principaes demonstradas pela sciencia social ácerca da Hespanha:

A Africa pára aos pés dos Pyreneus, talvez mesmo na sua frauda septentrional. Por sua configuração physica, a Hespanha é bem disposta para a defeza, mas muito mal para as relações com o exterior, isto é, para o commer-

cio. As condições physicas do territorio iberico não impelliram os Celtas a modificar muito seu modo de viver. O solo da Hespanha presta-se em fraco grau á creação dos grandes animaes e em um alto grau á creação do carneiro. A formação da raça hespanhola a impediu sempre de dedicar-se á pratica geral e activa das artes usuaes. O grande proprietario vive na cidade, deixando a terra nas mãos dos camponios; por isso, a despeito das vantagens naturaes, a agricultura está em condições de manifesta inferioridade.

Mau grado a profusão das materias mineraes proprias para a alimentação da grande industria, esta está pouco desenvolvida, por causa da evolução social da raça. Na Hespanha, como nos paizes onde a formação communaria paralysa a actividade individual, os empreiteiros estrangeiros vêem se substituir á raça indigena na exploração das riquezas que esta deixa de lado. Se a escravidão, nos modernos tempos, reappareceu na Peninsula, e d'ahi nas colonias hespanholas e portuguezas, foi isto devido a um vicio da constituição social. As causas que incitaram os homens da Peninsula á introducção n'ella da escravidão, abolida na Europa desde a idade média, foram estas: 1.ª, as populações nunca foram habituadas sériamente ao trabalho; 2.ª, acharam-se, no xv seculo, favorecidas pelo commercio;

3.ª, este commercio pôl-as em relação constante com a Africa onde sempre reinou e reina ainda a escravidão; 4.ª, quando tiveram necessidade urgente e séria do trabalho, maximé nas colonias, recorreram á escravidão.

Um povo que não tem uma sufficiente organisação do trabalho por seus proprios nacionaes, chama a si a organisação applicavel que encontra entre seus visinhos, entre os que estão com elle em relações. Em consequencia de sua incapacidade industrial a Hespanha reduziu sua exportação a alguns productos do solo, e importa os productos manufacturados.

A Hespanha foi povoada, por vezes diversas, sobretudo por Berberes africanos, cuja condição social nunca se elevou acima dos Mouros e Arabes. Os Phenicios, Carthaginezes e Gregos, introduziram na Iberia, pelo commercio, grande bem-estar, mas sem modificarem o typo social.

A conquista Romana introduziu alli o funccionarismo e a centralisação. Se a supremacia Romana deu á raça iberica as exterioridades de uma civilisação brilhante, não lhe pôde impôr uma evolução social profunda.

Certos grupos de populações vindas do Norte, Suevos, Vandalos, Visigodos, atravessaram a Hespanha, mas eram fracos, socialmente fallando, para exercer uma acção profunda e corrigir o que a formação dos povos oriundos

da Africa tinham de defeituoso; ao contrario; pouco a pouco se deixaram modelar por elles que deviam á civilisação grega, carthagineza e romana umas apparencias de superioridade.

Os Arabes não poderam, nem tinham para isso a precisa idoneidade, operar uma radical transformação da Hespanha.

Os Arabes da Hespanha, e os Berberes por elles impellidos até alli tinham permanecido sempre como patriarchas e communarios de tradição. A *reconquista* não deu plena acção, na Hespanha e Portugal, ás influencias superiores dos povos do Norte, isto é, ás raças franca e saxonica, porque foi dirigida por um pequeno grupo de emprehendedores, hespanhoes e cosmopolitas, apoiados em bandos sahidos dos valles pyrenaicos ou dos territorios retomados aos Arabes.

O fundo da população da Peninsula ficou ao abrigo das influencias de fóra; sob o ponto de vista historico e social a Peninsula não passa, como sob o aspecto geographico, de um prolongamento do continente africano.

Em todos os tempos ella foi como porta aberta para o lado da Europa, e por ella a Africa, uma acção retrograda nas ideias do Occidente.

O desastre da civilisação Arabe na Peninsula foi completo, como o prova o seu estado

mais brilhante que solido no tempo do dominio africano.

Tres obstaculos se oppunham ao progresso real da raça iberica: 1.º a tradição communaria com o desprezo do trabalho manual; 2.º a divisão em pequenos grupos, sem grande influencia propria; 3.º o estado de perturbação permanente que tirava ao trabalho toda a segurança (1).

Estas proposições, cuja explanação me dispenso de dar e que foi completamente produzida pelos continuadores de Le Play em estudos magnificos, provam, á luz da evidencia, onde se encontram as mais fundas raizes dos males da Peninsula: a propria essencia intrinseca de sua população desde os mais remotos tempos dos Iberos, aggravada ainda mais, repito, pela achega de Arabes e Berberes.

Deixe-se o sr. Theophilo Braga de illusões; deixe de andar culpando os pobres *condes visigodos*, victimas tambem d'aquelle meio. Deixe-se de andar a culpar *padres* e *reis*, productos genuinos e representativos de sua raça. Deixe-se de andar endeusando Arabes e Berberes que, fundamentalmente, só fizeram mal ao povo de que descendemos.

---

(1) *La Science Sociale,* fasciculo de janeiro de 1905, pag. 97 e 98.

Passado o fogo de palha do brilhantismo oriental, devido ao enthusiasmo religioso, aos thesouros e riquezas nascidos das immensas conquistas territoriaes e ás habilidades scientificas e, em parte, artisticas aprendidas dos Gregos, o Arabe recolheu-se de novo ás suas tendas africanas e asiaticas, sem deixar obra duravel.

Tudo mais é falsificação da historia e dos ensinos da sociologia.

E como se poderá allegar qualquer exaggero em tudo o que ficou adduzido por ser obra de auctores estranhos á Peninsula, aqui vae a comprovação, devida ao grande critico hespanhol — Pompeyo Gener.

Este não labora nas phantasias de Braga e é muito mais severo do que os discipulos de Le Play.

Em seu excellente livro — *Heregias* — diz esse brilhante escriptor:

«Luego, con la conquista, los conquistadores *mezcláranse con los conquistados*. Algunos de estos convirtiéronse al cristianismo, uniéronse delante del altar con mujeres castellanas, y los castellanos con mujeres moras, asi los hijos, ya cristianos, combatieron contra los que descendian de igual sangre que ellos. Hasta el siglo XI, los *árabes y los persas* predominaron en los ejercitos mahometanos peninsulares. Después de Almanzor, estos fueron casi exclu-

sivamente *moros, africanos de raza presemitica cruzada de negra, barbaros completamente*, y de una inferioridad fisiológica y psicológica tremenda. Los cruces, pues, á partir de dicha época ya no se verificaron con una raza algo superior como la semitica sinó con una raza verdaderamente *inferior*... No sabemos ya si el intelecto español, en general, és capaz de progresar y civilizar-se á la moderna, á causa de la larga serie de causas que han favorecido la aparición de *atavismos inferiores*. Hay demasiada sangre *semítica y berber* esparramada por la peninsula para que pueda generalizarse en la mayoria de sus pueblos la ciencia moderna, para que adquieram una conducta conforme á las universales relaciones de la Naturaleza, para que abandonen el pensar con ideas absolutas ó solo con palabras. Lo único que se generaliza aqui muy fácilmente es la milagreria religiosa ó de otra especie; lo imprevisto, lo imposible, esto es la ley. Siempre las turbas marchan detrás de los *Dres. Garrido*. Las novelas sangrientas, los dramas espeluznantes, lo mismo que los romances de ciego en que se narran mil crimenes, siguen aún privando.

En el fondo, el pueblo siempre pide «*¡más caballos!*» La sangre le satisface y le embriaga. Por más que vistan de levita, los personages de capa y espada subsisten todavia en nuestra escena y en la vida real. Aunque se digan li-

berales los jefes de los partidos españoles, siguen aún mandando *á lo califa.* Su psicología es *oriental:* al que el *Sultan* toca, aquel es el elegido por Alá para desempeñar cualquier cargo con acierto; no importa que sea un cocinero ó un sastre el elegido; el podrá ser un buen ministro de Ultramar ó de Fomento.

Así obran en el poder los jefes de los partidos, y entre estos, aún los republicanos, los tienen indiscutibles, y tienen á honor el apellidarse del nombre del jefe... El español que más, es revolucionario; ó se subleva, ó se resigna. Todo se espera de un golpe de fortuna. Un evolucionista aqui es una *rara avis.* A más por un caso de *atavismo de raza el fondo africano* que en las provincias transibéricas dejaran los *sarracenos*, reapparece de nuevo con gran fuerza, y esto es señal y prueba de nuestro aserto, de lo que muchas de las comarcas españolas son *refractarias á la civilizacion occidental moderna.*

En Madrid lo esencial es saber si *Mazzantini* torea de tal ó cual manera. Apenas hay diario que no dé un gran lugar á la revista tauromáquica; las publicaciones especiales de este género privan, mientras las cientificas se mueren de anemia de materiales y de suscritores. El apogeo á que hoy, después de tanta revolución y de tanto liberalismo, ha llegado *lo Flamenco* acaba de confirmar nuestra opinión: toros, to-

reros, chulos, majos, cantos guturales monótonos, y fúnebres, repiqueteos de piés y contorsiones erótico-epilépticas, bailes dignos de *los Cándalas de la India*, castañuelas, guitarras, costumbres y actos de *gitanos*, hé aqui lo que priva, hé aqui lo que se oye, se ve y se halla por todas partes, y se aplaude y se apoya desde lo más alto: ¡y siempre lo mismo! España está paralizada por una necrosis producida *por la sangre de razas inferiores* como la *Semitica*, la *Berbere*, la *Mongólica*, y por el espurgo que en sus razas fuertes hizo la Inquisicion y el Trono, seleccionando todos los que pensaban, desjando apenas como residuo más que fanáticos, serviles, é imbéciles. La compresión de la inteligencia ha producido aqui una parálisis agitante. Del Sud al Ebro los efectos son *terribles;* en Madrid la alteración morbosa es tal que casi todo su organismo es un cuerpo extraño al general organismo europeo. Y desgraciadamente la enfermedad ha vadeado ya el Ebro, haciendo terrible presa en las viriles razas del Norte de la peninsula... Y si en ciertas provincias centrales y del Sur reaparece el *elemento morisco mezclándo-se con el mogol representado por lo gitano*, en las de Este el antiguo sedimento que en su sangre dejaran los *cartaginezes*, los *fenicios*, y aún los *israelitas*, se pone de manifesto dominando casi todas las manifestaciones de la vida.

Todo viene determinado en ellas por la ganancia individual; la explotación del hombre por el hombre ha llegado á profanar hasta el sacrario de la inteligencia... Lo que es hoy, apenas vemos remedio alguno que curar pueda todas estas decadencias.

Desesperamos de que el *elemento indo-germánico verdaderamente humano* que hay en la peninsula se levante y triunfe de esos *neo-moros* adoradores del Verbo, raza de gramaticos y de sofistas, y de esos *neo-judiós* que explotan en beneficio proprio, hasta producir la esterilidad ó apelar á la falsificación, desde el simple obrero que rueda un huso, al genio que concibe un invento. Mucho me temo que estas *razas de Sarraceno y Mogol*, unos, de *Cartaginés* é *Israelita*, otros, predominen ayudados por el *medio* en que se vive en la peninsula, y que *tan favorable* les es. Desgraciadamente la Historia parece indicarlo .. Predominan en España las *razas hibridas*, *razas estériles*, porque los elementos de que están formadas tendiendo á organizarse según diversos tipos de estructura, reasumiendo *herencias antagónicas*, llevando latentes *atavismos enemigos*, se destruyen mutuamente las actividades fisiológicas que precontenian, y no dan más que *productos de decadencia si dan alguno*. Las diversas sangres de que están formados la mayoria de los españoles, son inconbinables. Asi, casi todo el mundo

está en contradición consigo mismo. ¡Si al menos hubiera predominado el elemento semitico! Habriamos tenido una civilizacion á lo oriental, *con todos sus inconvenientes*, pero con todas sus ventajas. Para que un pueblo se civilice y progrese, necesita que sus elementos no pertenezcan á géneros demasiado diferentes, lo mismo que las especies orgánicas, para reproducirse... Y hoy, ¿qué se puede esperar de una nación que está formada por la convergencia de *razas tan desemejantes*, tan separadas como la aria, con sus dos variantes germánica y latina, la semitica, la presemitica *(berber)* y la mongólica, mas que ese curioso fenómeno de la sociologia, esa evolucion extraña, ya aqui empezada, en que se va de la barbarie á la decadencia, sin pasar ni siquiera por la penumbra de la civilización?» (1).

Por todos estes admiraveis trechos, vejo que o *processo de desberberisação da Peninsula e sua consequente aryanisação*, como chamei á civilisação hespanhola, foi mais interrompido do que eu proprio pensava pelos sete a oito seculos do predominio de Arabes e Berberes.

E Pompeyo Gener ainda concede demasiado

---

(1) *Heregias, Estudios de critica inductiva sobre asuntos españoles,* por Pompeyo Gener. Barcelona, 1887; *passim.*

aos Arabes, cuja civilisação, toda exterior, não teve forças para modificar fundamentalmente a constituição d'essas gentes. A sua critica, perfeita sob o ponto de vista anthropologico e ethnographico, inspirada principalmente pela admiravel doutrina do evolucionismo spenceriano, seria ainda mais completa, iria mais ao fundo da questão, se o escriptor hespanhol conhecesse e utilisasse os modernos trabalhos da escola de Le Play.

A refutação até aqui feita n'estas paginas dos desacertos de Theophilo Braga no tocante a Godos e Arabes e ao *feudalismo* me parece completa.

Mas é preciso acompanhar o erro até seus ultimos recessos e esconderijos.

O escriptor portuguez falla em *bandos de ladrões e assassinos*...

Quer o sr. Theophilo Braga saber onde existem elles organisados desde os mais remotos tempos até hoje?

Não é nas terras habitadas por esses Germanos e Teutões por elle comparados aos *Hycksos*. Não é na Noruega, na Suecia, na Hollanda, na Belgica, na Suissa, na Allemanha, na França do Norte, na Inglaterra, nos Estados-Unidos, na Australia, no Canadá.

É exactamente na sua querida *Arabia* antiga e moderna e na sua tão admirada *Berberia*.

O sr. Theophilo Braga tem lido muito; mas

nunca fez selecção dos auctores que consulta e das cousas que n'elles aprende. Tudo lhe serve.

No afan de produzir ás mãos cheias vae copiando a torto e a direito.

Do contrario teria ideias mais acertadas ácerca das populações de que falla em sua *Patria Portugueza.*

Ouça o que diz o lucido e sabedor J. de Crozals, que se firma, n'este ponto, em Desvergers, Barthélemy Saint-Hilaire e Sédillot, ouça:

«La division de la race (falla dos Arabes) en tribus innombrables toujours en guerre ouverte avait favorisé le développement de mœurs guerrières et *pillardes:* on a cherché à éclaircir l'histoire confuse de ces tribus; ce ne sont que combats, *pillages, vengeances,* établissement et ruine de petites principautés. — Nulle différence entre la *guerre* et le *guet-apens;* le *vol à main armée* leur semblait un droit de conquête; *dépouiller le voyageur* était à leursyeux *aussi méritoire* que prendre une ville d'assaut ou réduire une province» (1).

Quem não vê ahi uma das origens dos bandidos que sempre enfestaram as *sierras* das Hespanhas, nomeadamente os famosissimos de la *sierra Morena?*

---

(1) *Histoire de la Civilisation,* I, pag. 625.

Teria sido tão bom que o auctor das *Epopêas da Raça Mosarabe* não tivesse tocado n'este ponto escabroso.

E disse eu *uma das origens* do *banditismo* hespanhol; porque outra existe e muito mais profusa: a *Berberia*, d'onde, segundo o proprio auctor portuguez, n'este ponto cheio de razão, sahiram os mais antigos povoadores da Peninsula, e d'onde, no periodo arabe, vieram os maiores bandos dos novos invasores.

É o caso que, apertado pela critica, por haver feito dos *mosarabes* uma *raça* áparte, quando estes não passavam da simples classe dos *romano-godos, que, salvas a religião e as leis, adoptaram o viver e os costumes arabes*, Braga passou a fazer d'elles *mestiços dos arabes e romano-godos*, e, achando pouco, chegou, finalmente, para salvar a cincada de uma *raça nova*, a consideral-os *mestiços dos berberes e dos alludidos romano-godos.*

Estas galhardias serão examinadas mais além.

Mas, se é verdade que o enorme affluxo de sangue berbere na Peninsula não serve para demonstrar a transformação dos pobres *mosarabes* em uma raça nova e áparte, não é menos certo que se presta para explicar a origem de innumeros males que teem devastado a Hespanha e Portugal, e, entre outros, o *banditismo* antigo e moderno.

Isto é que o critico devia vêr, como viu Pompeyo Gener, e deixar-se de phantasias de *raça mosarabe.*

Suas palavras, quando dá testemunho da alluvião de Berberes que entraram na Peninsula são dignas de ser citadas. O testemunho é insuspeito. Eis aqui:

«Os Arabes fizeram a conquista da peninsula com tropas Berberes, e esta circumstancia fez com que grande numero de familias berberes viessem estabelecer-se na Hespanha. As revoltas da Berberia reflectiam-se nas luctas do emirado em Hespanha e vice-versa; e todas as vezes que podiam, essas colonias repelliam os walis arabes.

Hantula, subjugando uma revolta de berberes na Africa, transplantou quinze mil para a Hespanha; no meio dos *elementos desconnexos* (sic) com que os Arabes occupavam a peninsula, yemenitas ou sabeanos, modharitas, egypcios, assyrios e *berberes*, eram estes ultimos os que tinham a preponderancia pelo seu numero, a ponto de alterar o governo da peninsula hispanica, fazendo aqui uma restauração da dynastia dos Ommyadas, em Abderrahman-Maawia, que sob a perseguição dos Abbassidas se refugiara entre as tribus *berberes* dos zanetas. Os territorios da Lusitania tinham sido occupados especialmente por uma população de egypcios e *berberes*, circum-

stancia que fez com que Abderrahman depois de seu triumpho decisivo visitasse esta provincia e a enriquecesse com edificações sumptuosas. Todas as *agitações* que perturbaram o kalifado de Hespanha e desmembraram a unidade arabe nos emirados independentes, foram devidas (E é a essa gente que Braga admira e elogia!) a esse *poderoso* elemento *berber*. As revoluções partiam do sul da peninsula, como a da tribu berber de Takerna, propagavam-se a Toledo, Murcia e Valencia, a Beja e Lisboa... As *revoltas* eram exclusivamente dos *berberes*... A usurpação do ministro El Makkari, o grande Almansor, que exercia o kalifado em nome de Hacham, apoiava-se sobre as tropas *berberes*, que chamava de Africa, destituindo de todos os cargos elevados (E a isto, a tantas traições exalta o sr. Braga!) e substituindo-os por *berberes*. A época brilhante do governo de Almansor, em que as artes e sciencias floresceram tanto na Hespanha, deve-se considerar exclusivamente *berber*, e ás suas escolas concorriam muitissimos estudantes christãos.

Nas longas *dissidencias intestinas* que dissolveram o dominio dos Arabes na Hespanha *(Sic)*, faziam ou que levantassem tropas em Africa, ou que pedissem auxilio aos emires que ahi se haviam tornado independentes; assim, quando já o rei leonez Affonso VI se ia tornando invencivel, os varios partidos sarracenos resol-

veram pedir auxilio para a Africa aos Almoravides do Imperio da Mauritania ou Maghreb. Por todos estes factos se póde reconhecer a *extraordinaria preponderancia do elemento berber e mauresco na peninsula...* » (Pag. 294).

Infelizmente assim é.

A anthropologia, a ethnographia, a archeologia, a historia estão n'este ponto de accordo com toda a escola de Le Play, nomeadamente de Préville, Demolins, Léon Poinsard, e, além de tudo, com Pompeyo Gener e Theophilo Braga, não esquecendo o illustre Oliveira Martins.

Existe apenas uma differença: onde todos acharam motivos para lastimar, o auctor da *Patria Portugueza*, só pelo capricho de defender uma puerilidade de sua mocidade litteraria, — a *raça mosarabe*, — encontra ou finge encontrar motivos para elogios! E assim se escreve a historia.

Como quer que seja entre os Berberes de todos os tempos, os bandos de *ladrões* e *matadores* foram sempre abundantissimos. Ainda hoje o proprio paiz melhor organisado de toda a região e raça berberes, Marrocos, que tem tantos pontos de contacto com a Peninsula iberica, physica e socialmente, se divide em duas zonas distinctas: *região da administração* e *região do roubo*.

Além dos excellentes capitulos consagrados

aos Berberes por Ed. Demolins (1) e A. de Préville (2), em seus livros, Léon Poinsar publicou recentemente um admiravel estudo especial ácerca do famoso Imperio de Marrocos que todos os ibero-latinos devem meditar, porque d'alli dimanaram quasi todos os seus males. Quanta similhança!...

Se o sr. Theophilo chegar a lêl-o como se ha-de arrepender de ter sonhado com a influencia dos Berberes no *desenvolvimento da população livre*, na consequente *extincção da servidão*, na *cavalleria religiosa*, nos *concelhos* e na *administração publica* de sua terra!

Todas estas aleivosias historicas ficam prejudicadas diante de rapidos trechos que sou forçado a citar para esmagar de todo tantos e tantos erros. E verá tambem, quem quer que ainda o não saiba, que razão tive de sobra, quando affirmei, paginas atraz, serem as terras dós Berberes, além da Arabia, o segundo grande manancial do *banditismo* peninsular.

São dignos de attenção peculiarmente os capitulos que se referem ás *origens dos Berberes, sua unidade social, causas da sua estagnação, organisação da vida privada e dos poderes publicos.*

---

(1) *Les Grandes Routes des Peuples.*
(2) *Les Sociètés Africaines.*

O escriptor francez, depois de estudar a primittiva influencia d'esses povos na propria Europa e comprovar a sua incuravel divisão, chega a este resultado:

«Este estado, porém, de divisão não bastaria para só por si explicar o recúo ou a assimilação dos Berberes pelas raças de origem pélasga.

Cumpre não esquecer que os Pélasgos eram verdadeiros camponezes, cultivadores esforçados, capazes de todos os esforços para estenderem seus terrenos de cultura. Basta que representemos pelo pensamento a formidavel expansão das colonias agricolas do povo romano. Os Berberes *não tinham este caracter de cultivadores intensos* (Braga faz d'elles, dos Mouros e dos Arabes, uns agricultores eximios!) E eis o motivo pelo qual a despeito de seus *habitos guerreiros*, tiveram de soffrer o jugo latino na Italia, na Hespanha e até na propria Berberia africana.»

Passando a tratar da influencia dos Arabes entre os Berberes, estabelece que, ainda hoje, aquelles são antes um elemento de *desordem*, por causa de sua natural *turbulencia* que os leva a associarem-se a todas as emprezas de *marande ou de pillage* (sic) que se produzem na visinhança de seus acampamentos, e diz:

«A proposito d'isto, é bom notar que o papel dos Arabes no movimento de civilisa-

ção que tem o seu nome está muito longe de ter a importancia que geralmente se lhe attribue.

Foram, não ha duvida, Arabes urbanos, formados nas grandes cidades do Oriente, onde tinham recolhido os restos das civilisações antigas, que reaccenderam na Africa do Norte e até na Hespanha o facho das culturas intellectuaes.

Mas foi na raça berbere que a luz se espalhou e reflectiu d'um modo original... A Africa do Norte, nomeadamente Marrocos, foi o centro momentaneo d'uma civilisação que parecia destinada a radiar sobre uma grande parte da Europa.

Esta civilisação, porém, tinha uma grande falha: repousava principalmente na *escravidão* como organisação do trabalho (E Braga se atreve a dizer que foi ella que criou na Hespanha a *dignidade civil* e a *liberdade social!)* e no *clan militar*, como organisação politica. Ora, estas duas bases não são proprias nem para desenvolver o progresso, nem para assegurar de modo duradouro a paz publica.

D'est'arte, quando a civilisação arabico-berbere chegou a chocar-se com a rude mas forte organisação do *Feudalismo* franco, não pôde mais sustentar-se, recuou pouco a pouco e repassou para a Africa onde se extinguiu quasi de todo.»

Ora eis ahi como os *ladrões e assassinos feudaes* levaram a melhor na lucta com os ultra-civilisados da Arabia, do Sahara e da Berberia, os phantasticos creadores da *liberdade*, dos *concelhos*, da *cavalleria* e da *administração publica* em Hespanha e Portugal...

Eis como Léon Poinsard resume as causas da estagnação dos Berberes, causa principal dos atrasos e desordens da Peninsula, causa que o sr. Theophilo Braga endeosa e desejaria que fosse alli ainda mais poderosa do que desgraçadamente tem sido:

«Se a raça berbere não representou na Europa um papel tão grande quanto aquelle a que parecia destinada, deve-o a duas causas que lhe são essenciaes. A primeira é a formação primitiva da raça sob a influencia da vida do deserto; a segunda o meio que ella encontrou ao deixar os steppes saharianos. Por suas origens, trazia a profunda impregnação do regimen *communario*, que a afastava do trabalho penoso da *cultura intensa*. Era inclinada aos officios que exigem poucos esforços musculares, como o pastoreio e o commercio. Os Berberes não foram durante muito tempo e não são ainda, quando a escolha é possivel, mais do que pastores mais ou menos exclusivos e sobretudo negociantes. Um escriptor mzabita do XIII seculo dizia, em fórma de proverbio:—não ha generosidade possivel n'este

mundo para quem não tem fortuna e não ha fortuna senão no negocio.

O instincto commercial persiste até n'aquelles que foram forçados a adoptar a cultura como trabalho principal. Em todas as populações d'este typo o commercio é, com effeito, intimamente ligado á velha escola. Mercados frequentes se abrem nas menores aldeias; existem até que são organisados especialmente para as mulheres. Numerosas *feiras* periodicas attrahem populações inteiras. É digno de nota que, no espirito dos Berberes, a ideia do commercio anda ligada estreitamente á da religião, o que bem prova a importancia capital attribuida por elles a este ramo da actividade humana. Nada mostra tão bem a influencia persistente da tradição n'esta raça, cujo principal educador foi o commercio. Os pequenos officios manuaes são despresados e abandonados aos negros e aos judeus.

Se, porém, o commercio ás vezes enriquece e dá origem quasi sempre a sociedades brilhantes, é menos proprio do que a criação dos rebanhos para assegurar a estas sociedades uma estabilidade perfeita e uma longa duração. O caso dos Berberes, é uma prova a mais da constancia d'esta lei social. Emquanto uma consideravel corrente de negocios atravessou seu paiz, elles tiveram largos lucros e contribuiram para desenvolver e fazer brilhar essa

civilisação norte-africana, attribuida em geral, com evidente injustiça aos invasores estrangeiros.

Mas, por outro lado, é certo que essas populações não poderam nunca constituir uma grande nacionalidade indigena, nem evitar o dominio estranho. Sustentaram por vezes contra as invasões luctas memoraveis; mas, por fim, acabaram sempre soffrendo o jugo.

Provém isto do facto de estarem as gentes d'este typo acostumadas á divisão, por assim dizer, indefinida, por familias ou por tribus fechadas e inimigas umas das outras.

A divisão se perpetua por causa dos ciumes e rivalidades de toda a especie, suscitadas pela concorrencia ou pela pratica incessante da *pilhagem e da guerra* (sic), distracções peculiares do nomada e do montanhez.

Ás vezes um dictador dotado de particular energia consegue estabelecer sua auctoridade sobre um certo numero de clans; mas não é sem grande trabalho que impõe uma tregoa a estes odios e a estas rivalidades vivazes; por qualquer pretexto a lucta renasce e o ajuntamento se dissolve.

Toda a historia politica da Berberia resume-se n'estas poucas linhas. As luctas de tribus, as rivalidades de clans *(çofs)*, as ambições incoerciveis dos chefes locaes paralysaram a raça sob o ponto de vista politico.

A disposição geographica d'este paiz montanhoso (Acontece quasi o mesmo na Peninsula iberica) facilitava a mantença d'esse estado de cousas, fornecendo refugios certos aos vencidos, e permittindo-lhes o refazerem-se para recomeçar a lucta.

Ainda hoje o Sultão de Marrocos não é verdadeiramente senhor senão de uma quinta parte de seu intitulado imperio. O resto, que é a mór porção, gosa, de facto, de inteira independencia... E porque motivo os Berberes não se tornaram como os Pélasgos, camponezes fortemente adestrictos á cultura da terra? Isto se liga, de uma parte, aos costumes impostos á raça pelo deserto onde ella primeiro viveu, e, de outra, pela natureza do meio constituido pelos territorios do Norte africano.

No deserto os Berberes não despresavam a cultura do solo, por ser indispensavel para o fornecimento de suas caravanas; tinham nos oasis estações agricolas que serviam de ponto de apoio para as suas estradas saharianas.

Esta cultura, porém, por mais indispensavel que evidentemente fosse, elles não a praticavam por si directamente. Dirigiam-na do alto e de longe e a mandavam executar por escravos e servos.

D'est'arte, os Berberes sempre consideraram o *trabalho agricola* (E eram os grandes agricultores das phantasias de Theophilo!...)

como pouco digno d'um homem livre. D'este facto provém principalmente a persistencia millenaria da *escravidão* entre esses povos. Por outro lado, tendo prosperado as colonias agricolas berberes estabelecidas no norte d'Africa, encheram o paiz a ponto d'uma parte dos habitantes se ir pouco a pouco estabelecendo nos innumeraveis valles das montanhas. Encontraram ahi florestas de carvalhos com bolotas doces, alguma herva nas depressões mais fundas, muitas encostas cheias de palmeiras anães ou de urzes, e varias arvores fructiferas. Era, evidentemente, um terreno pouco proprio para uma cultura desenvolvida. Mas essas *producções espontaneas* deixavam facilmente viver uma raça sobria com pouco trabalho. A colheita das bolotas e das fructas, a creação do gado meudo, especialmente carneiros e cabras, a cultura fragmentaria da cevada, das ervilhas, das favas e alguns outros legumes, bastavam, não para enriquecer, mas para sustentar numerosas familias montanhezas. Grupadas em aldeias separadas umas das outras por ondulações e dobras do terreno, essas familias formaram tribus sahidas em principio de um mesmo parentesco e constituem ainda hoje muitissimos *clans* nos quaes o espirito de rivalidade se mantem por duas causas principaes. O orgulho de cada clan, que attribue a si sempre a mais illustre origem, e vota accentuado desprezo para com

as outras tribus, cujo dominio teme. A estas rivalidades, a estes receios reciprocos, devidos ás tradições sociaes e á configuração do meio, junta-se outra causa de divisão e desordem. Entre as numerosas tribus que povoam os dois Atlas e o Aurés, a maior parte são pobres, porque os seus meios de existencia são limitados.

Além d'isso a cultura fragmentaria não occupa muito os homens. Deixam-se facilmente levar ao systema de procurar, nas expedições á mão armada, contra as tribus visinhas ou contra as populações agricolas da planicie ou até contra as cidades d'essa região, uma occupação que corresponde a seus habitos de semi-barbaros violentos e brigadores, e, ao mesmo tempo, lhes traz as vantagens do saque ou de contribuições forçadas em generos ou em dinheiro.

Em todas as terras de montanhas, nas quaes a população é independente, desoccupada e pobre, os mesmos factos se reproduzem com a mais exacta regularidade. Antes da conquista franceza o pequeno Atlas não passava de um *antro de salteadores;* a occupação da Tunisia foi motivada pelas incursões continuas dos Krumirs do Aurés. Em toda a extensão do Atlas e das montanhas do Rif, que é uma especie de ilha montanhosa separada da cadeia principal por uma estreita depressão, a

pilhagem é a occupação favorita de todas as tribus do Blad es Siba *(região do roubo)*, região de facto independente. Em o Tell *(região maritima)* marroquino as cidades são cuidadosamente muradas para ficarem ao abrigo de ataques sempre possiveis, e que muitas vezes se teem dado, o que fórça os habitantes a apertarem suas casas umas nas outras, a viverem como amontoados, a contentarem-se com viellas estreitas e sombrias á guisa de ruas.

Na fronteira oriental do imperio os montanhezes praticam o *rezzú* (d'onde se fez *razzia)*, contra as populações argelinas, com tal impeto, que foi mistér collocar ao longo de toda a fronteira um pequeno exercito, cujos postos são ligados por um caminho de ferro.

Bem se está a vèr, pois, quando o montanhez é tentado pela pilhagem, não conhece amigo nem inimigo, nem patricio nem estrangeiro; tudo que está ao seu alcance lhe parece boa presa. Teme, porém, sempre igual sorte da parte de seus visinhos, e sua existencia fica, assim, sempre mediocre e precaria, tanto por causa da aspereza mais ou menos grande do meio em que vive, quanto pelo estado de permanente falta de segurança que resulta das relações das tribus entre si...

Formamos agora uma ideia da formação social dos *Berberes em geral* (Este estudo o au-

ctor fez em capitulos anteriores com mão de mestre), e das tribus Marroquinas em particular.

Sabemos que estas são compostas principalmente de negociantes urbanos e montanhezes semi-camponios, semi-pastores ovelheiros e cabreiros, para quem a *pilhagem* (sic) é um meio como qualquer outro de procurar recursos. Os primeiros sentem necessidade de ordem e paz para o seu commercio; mas os outros não querem ouvir fallar nem de organisação, nem de tranquillidade, nem, sobretudo, de policia, porque isto prejudicaria o seu *officio de ladrões*, obrigando-os a uma vida calma e laboriosa, para a qual não teem gosto nem inclinação. Suas divisões, suas *razzias*, suas *vendettas*, seu feroz isolamento manteem-nos na barbaria e impedem sempre sua raça de chegar ao posto a que teria direito por sua importancia numerica. D'isto não cuidam os Berberes. Só conhecem seu regimen tradicional, sua vida rude e perigosa, e não desejam outra cousa » (1).

Tudo isto esclarece o passado e o presente da Peninsula iberica. Não foi nunca entre as

(1) *La Science Sociale*, 20e année, 12e fascicule, pag. 290.

populações teutonicas e scandinavas que se deram taes cousas.

Tudo que até aqui ficou dito, prejudica o que teria de accrescentar sobre as transformações da *escravidão* europeia em *servidão* e d'esta na *liberdade* de todas as classes.

Este estudo está bem feito em todos os grandes historiadores modernos, não esquecendo Thierry, Guizot, Herculano e Gama Barros.

Nada influiram no facto os Arabes e os Berberes. Nem na gradual extincção da *escravidão*, de que são hoje os maiores traficantes na Africa e no Oriente, nem na gradual transformação dos *colonos* e *servos* em homens livres (1).

Tambem nada tem que vêr com a *cavalleria* civil ou religiosa, cuja origem germanica é ponto liquidado (2).

Pelo que diz respeito aos municipios, communas, concelhos, são instituições antiquissimas, cujo renascimento em toda a Europa do seculo XI em diante não deve nada a taes gentes. O movimento, devido á gradual decadencia do regimen feudal e natural progresso das

---

(1) Vide Crozals, *ob. cit.*, II, pag. 131 e seg.
(2) Crozals, *idem*, *ibid*, pag. 37 e seg.

cidades enriquecidas pelo commercio, deu-se em terras onde Arabes e Berberes jámais tinham posto o pé (1).

Pelo que toca á *administração publica*, basta, além dos immorredoiros escriptos historicos de Herculano, lèr a consideravel *Historia da Administração Publica em Portugal*, para se logo conhecer a parte minima que ahi cabe a Arabes e Berberes.

O que de melhor existe em tal ramo de serviços na Peninsula deve-se ás praticas do direito romano, do germanico e até do canonico.

A parte arabico-berbere reduz-se apenas a alguns nomes dados a certos funccionarios.

O que de facto lhes pertence é a tendencia ao abuso e ás malversações.

Poucas palavras sobre a famosa *raça mosarabe* para concluir.

Essa farça de raça mosarabe é um dos mais singulares desatinos de que rezam os annaes litterarios de todo o mundo.

É o caso que os Arabes deram o nome de *Mustariba* aos individuos, que nos seus dominios da peninsula hispanica, *viviam á moda dos Arabes*, aquelles que, com serem de raça estranha, tinham acceitado o jugo dos conquistado-

(1) Crozals, *idem, ibid*, pag. 137 e seg.

res, varios de seus costumes e trajos, ainda que não lhes tivessem adoptado nem as crenças religiosas, nem as disposições do direito.

A população das Hespanhas, sob o dominio d'esses novos senhores, desde o VIII ao XV seculo, se achou dividida em tres grupos principaes: os romano-godos refractarios ao jugo e que, principalmente nas regiões do Norte, se mantiveram afastados em maior ou menor independencia; a aristocracia arabe e seus clientes, arabes ou berberes; os taes *mosarabes*, gentes christãs que por toda a parte constituiam o maior numero da população. Eram elles o velho elemento popular peninsular, resultado de todas as fusões que se haviam operado n'aquelle meio, mais ou menos profundamente romanisado, christianisado e, por fim, até certo ponto, influidos pelos visigodos.

Já em sua patria nativa os Kahtanidas, estabelecidos no Jémen, e que se consideravam os verdadeiros Arabes, davam o nome de *Mustariba* aos povos do Hedjaz, que tinham na conta de Arabes algum tanto inferiores.

Na peninsula hispanica applicaram o nome á classe popular de que acima se fallou.

Os historiadores mais esclarecidos chamaram a attenção para esse numerosissimo grupo da população, que servia como que de laço entre os romano-godos estremados e os arabes, e que, nas guerras da reconquista, tinham sido

um dos principaes elementos da victoria dos christãos.

Ninguem, porém, tanto como Alexandre Herculano estudou a fundo os *mosarabes* e despertou sobre elles a geral attenção. É uma das faces mais originaes e fecundas de sua admiravel, e até hoje não excedida *Historia de Portugal*. Mas n'esses grupos, n'essas classes da população hispanica o sabio historiador não viu nunca uma *raça* áparte.

Theophilo Braga, ainda estudante ou apenas sahido da Universidade de Coimbra, e que era grande admirador de Herculano, a quem comparava *com um godo energico e de alto caracter*, chamando a Mousinho da Silveira—um *romano de seguro genio politico*, e a Garrett—um *celta elegante e imaginoso*, Theophilo Braga, com seu natural açodamento, conheceu, vê-se que muito por alto, os estudos de Herculano, e pegou dos pobres *mosarabes* e fez d'elles uma raça com todos os requisitos e até com singulares e originaes poemas populares. D'ahi essa cousa unica em seu genero:—*Epopeias da Raça Mosarabe*.

A surriada foi geral. Herculano guardou no caso o mais profundo silencio. Apenas em carta particular e intima a Oliveira Martins alludiu, de leve, ao ponto. Oliveira Martins parece que deu a conhecer, desde 1870, as impressões de Herculano. Tanto bastou para o

colerico escriptor açoriano transformar-se no mais incarniçado inimigo do auctor do *Monge de Cistér*, a quem, depois de morto, tem arrastado pelas ruas da amargura. A *Historia do Romantismo em Portugal*, *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, *Garrett e o Romantismo* e, recentemente, — *Garrett e os Dramas Romanticos* — estão cheios dos mais grosseiros apôdos a um espirito e a um caracter como os de Herculano. O mesmo terá de ser, ou peor, no promettido livro — *Alexandre Herculano e o Romantismo liberal.*

Tudo isto por causa do grande historiador não ter batido palmas á cincada da *Raça Mosarabe!*

A origem de tanto odio foi revelada pelo proprio Braga, n'estas palavras:

«Mais tarde tambem Herculano fallava contra as *doutrinas ethnicas do mosarabismo*, referindo-se ás bases da historia da litteratura portugueza, e augurava a nossa ruina mental em uma carta a Oliveira Martins» (1).

O velho historiador tinha toda a razão: seu gratuito inimigo continuou a atirar na rua livros sobre livros; mas o seu estado mental é cada vez mais embrulhado.

---

(1) *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, II, pag. 166.

N'este sobre a *Patria Portugueza*, que é de 1894, dezesete annos depois da morte de Herculano, surge ainda e sempre a pretender defender as desastradas *doutrinas ethnicas do mosarabismo*, e cada vez a peor.

Lançou mão do expediente infantil de dizer, como já disse, que os *mosarabes eram mestiços de romano-godos e berberes e não arabes.*

Mas é um estratagema que nem a crianças póde illudir. Os mosarabes não eram *mestiços* de arabes e romano-godos; eram christãos que viviam ao modo arabe e só. Não eram tampouco *mestiços* de romano-godos e berberes. Nem este expediente adianta; porque ainda que fossem *mestiços* não constituiam uma *raça* nem no sentido historico e nem no anthropologico. Nem os Arabes seriam tão mentecaptos que fossem chamar *quasi arabes* a homens que, na hypothese, seriam quando muito *quasi berberes.* Apezar de têl-os reduzido e de se servirem d'elles em suas conquistas, os Arabes nunca, até hoje, se confundiram com os Berberes. Perde, pois, o seu tempo Theophilo quando escreve isto:

«Até certo ponto (Aqui é até *certo ponto*, depois affirmará categoricamente) é admissivel a designação de *raça mosarabe*, que, como adiante explicaremos (Não explica nada) não se limita a simples modificações sociaes.» (Pag. 293). E depois:

« . . . Estes povos (Berberes) é que viveram em contacto com os *christãos mosarabes* (Logo já estes *mosarabes* existiam antes das novas levas de Berberes), ao passo que o elemento arabe puro constituia uma aristocracia isolada...

Posto o problema sob este aspecto, os *cruzamentos entre christãos e arabes* limitam-se a uma *naturalisação* do elemento berbere (Esta só ao diabo lembraria — *cruzar christãos com arabes para produzir berberes*... Manes de Herculano!), facil não só pelos antecedentes *ethnicos*, em que com os Iberos, dolychocephalos, como os Berberes, e considerados como entrando no sul da Europa vindos da Africa, se cruzaram os libyco-phenicios e os bastardos Carthaginezes (Que embrulho!), como pela similaridade de seus habitos agricolas (Faço ideia!) e sedentarios. É assim que o *Mosarabe*, por effeito de uma recorrencia ethnica, constitue no rigor (Aqui já não é *até certo ponto)* da palavra uma *raça*, em que se conserva o typo anthropologico e a ethnologia (Que embrulho), de que são prova eloquente os costumes populares, tão similhantes em Portugal e a Andaluzia, unificados sob os romanos, os godos e os arabes.» (Pag. 296).

N'este detestavel imbroglio, que nada prova, porque prova de mais, a questão não dá um passo para diante.

Não vê o auctor que fazendo do *mosarabe um rebento do berbere* e do *berbere*, com razão n'este ponto, o mesmo que o *ibero*, base de toda a população primittiva da Peninsula com todos os seus cruzamentos, chega logicamente a reduzir toda a população peninsular a *mosarabes;* pois que toda ella tem raizes em Berberes ou Iberos? Mas ainda assim, com todo esse elasterio, não consegue fazer de todos esses mestiços da Peninsula — uma *raça* anthropologicamente distincta.

Agora vem a accusação a Herculano, de quem aprendeu o que de sensato ha no mosarabismo:

«Herculano, considerando na *Historia de Portugal* este importante facto social dos *Mosarabes*, viu apenas *metade* do problema; descreve como essas populações hispano-romanas se desenvolvem ao contacto da civilisação e tolerancia dos arabes, facilitando o progresso da reconquista christã e da incorporação neo-gothica; mas *desconheceu totalmente* (?!) o que havia de tradicional ou consuetudinario no estabelecimento dos Foraes e Concelhos, cujas fórmas tinham sido perdidas pelos Homens-livres, renovadas sob a tolerancia arabe e reconhecidas sob a reconquista neo-gothica, que debalde tentava impôr os privilegios aristocraticos e a unidade monarchica no *Fuero juzgo*.» (Pag. 290).

Tudo isto é um acervo de falsidades. Her-

culano viu, e viu bem, tudo que havia digno de vêr-se.

Viu bem a tal ou qual tolerancia politica inspirada aos Arabes pela necessidade de não assanharem os christãos, quando elles mesmos tinham muita desordem interna a rebater. Viu a heterogeneidade das gentes invasoras, quando escreveu estas palavras:

«A fraqueza e a falta de harmonia nas instituições politicas, estribadas apenas nas doutrinas falsas ou incompletas do Koran, a diversidade de raças unidas só pelo vinculo moral de uma crença commum, e o despotismo illimitado do supremo poder, eram as causas principaes d'essa febre violenta, que trazia o corpo social n'uma agitação perpetua, a qual, se a observamos attentamente, chega a produzir no espirito uma especie de vertigem» (1).

Viu bem quem eram os *mosarabes*, quando disse d'elles que *eram os povos, que, sem abandonarem a propria religião e as regras de seu direito civil, recebiam o jugo dos sarracenos.*

«Salva a crença e as regras do direito civil visigothico, escreveu o grande historiador fallando da população hispano-goda, ella tinha

(1) *Historia de Portugal*, I, pag. 93.

adoptado, em geral, as fórmas exteriores do viver sarraceno, a lingua, os trajos, a cultura intellectual, as artes e a industria arabes» (1).

Viu bem os pontos do territorio portuguez, onde os *mosarabes* mais influiram em trechos que o seu adversario não soube aproveitar, porque lhes desnaturou o sentido, como este:

«Por isso na Beira o *mosarabismo* devia caracterisar mais profundamente a população do que ao norte do Douro, e mais aqui do que na moderna Galliza, facto este que facilitou muito a fixação do dominio sarraceno na maior parte dos territorios entre aquelle rio e o Mondego durante a primeira metade do seculo XI, ao passo que esse dominio, prolongando-se por sessenta annos, tornava mais proeminentes, digamos assim, as feições *mosarabicas* dos povoadores christãos vindos para alli da Spania ou Andaluz em diversos tempos e por diversos modos, e já moldados mais ou menos pelo typo da civilisação sarracena» (2).

Como são lucidos todos estes trechos do sabio creador dos estudos historicos modernos em Portugal! Ou elles ou a perpetua algaravia de Braga.

---

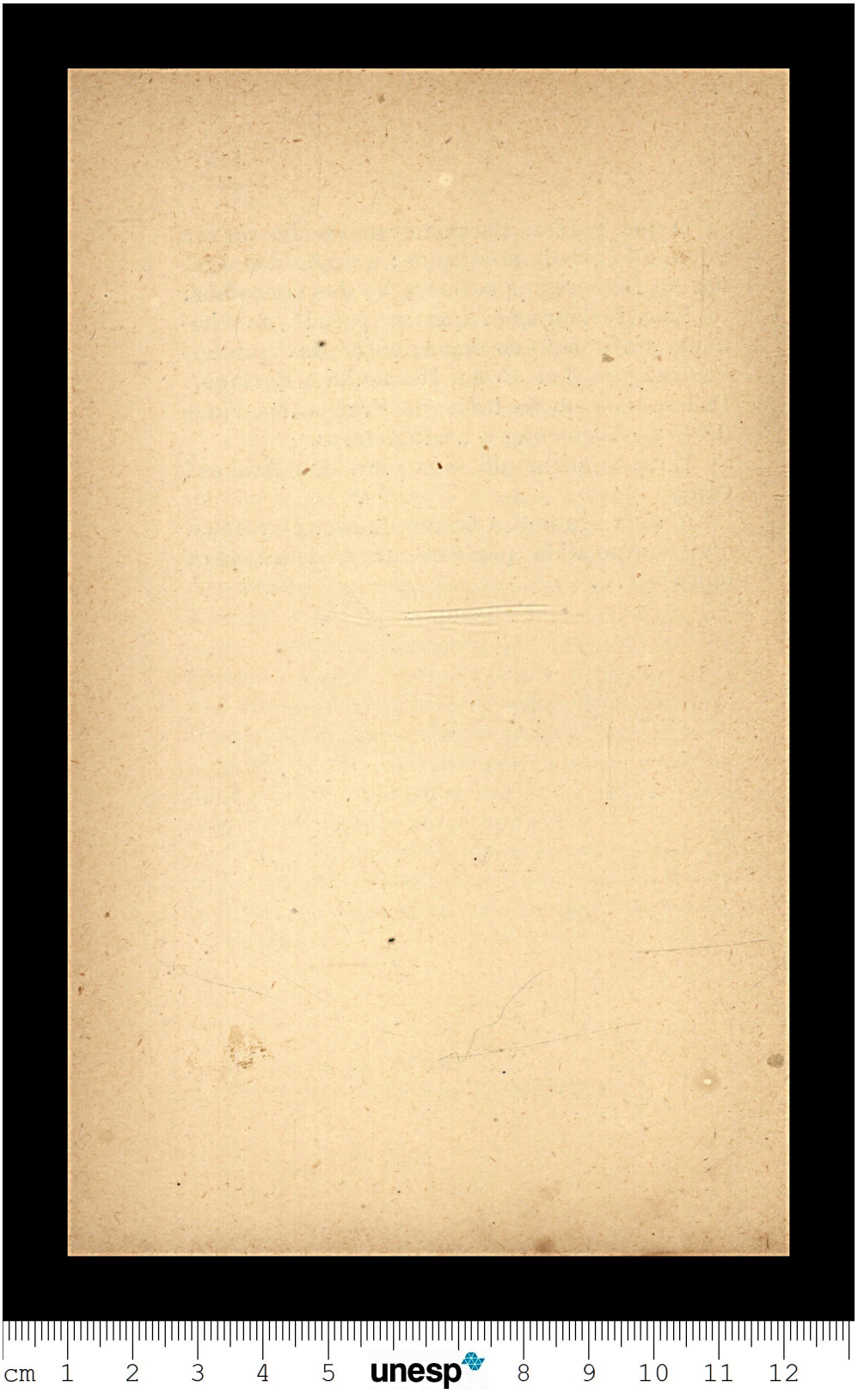
(1) *Op. cit.*, III, pag. 192.
(2) *Historia de Portugal*, III, pag. 191.

O que, porém, Herculano não podia vêr era o que não existia nos factos: a acção dos Arabes ou Berberes na restauração dos concelhos.

Esta restauração, que se prende ao chamado movimento da emancipação das communas, não se deu só em Hespanha e Portugal. Deu-se tambem na Italia, na França, em Flandres, na Allemanha e na Inglaterra.

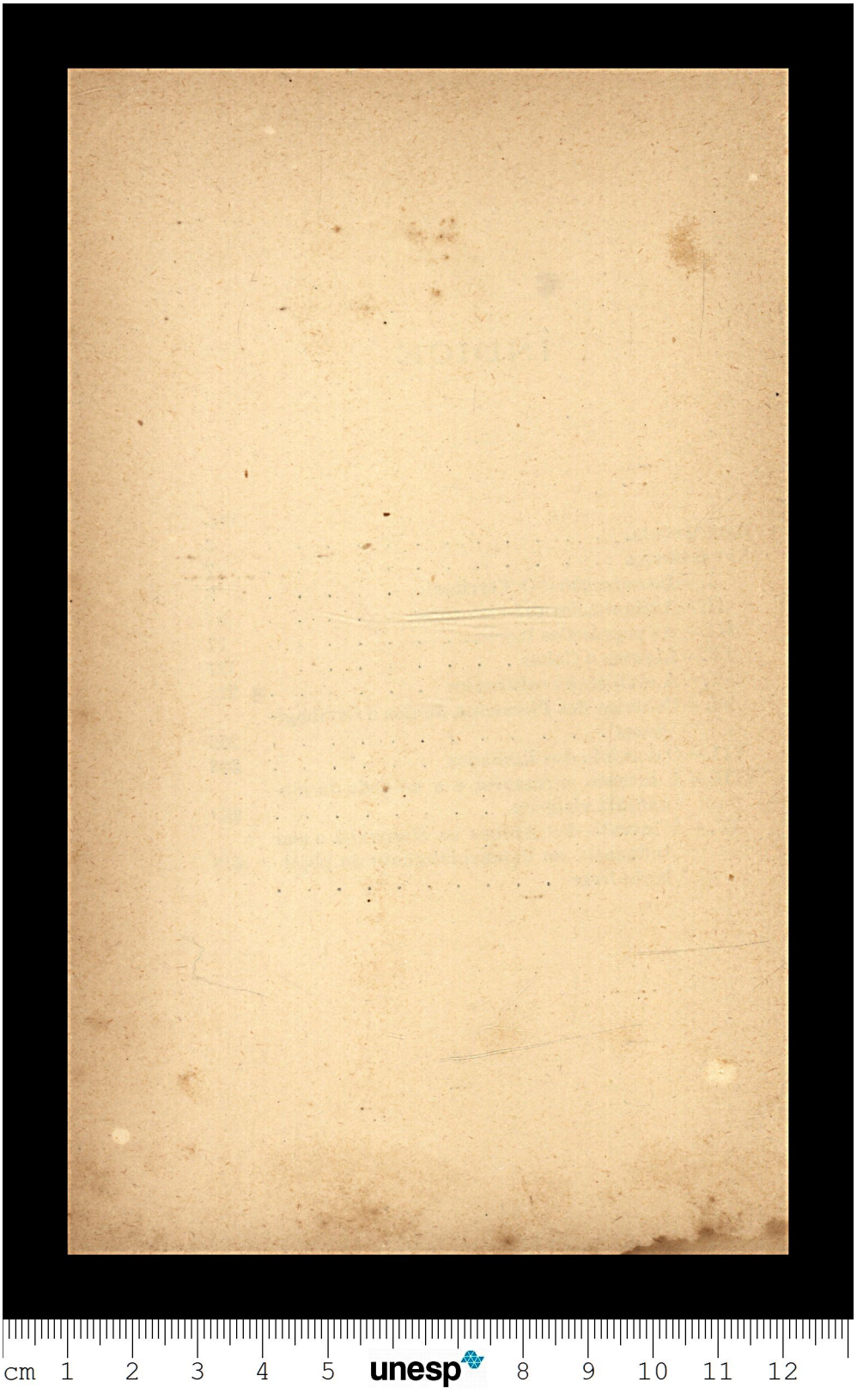
Teria tambem alli sido obra dos Arabes? Ora!

A vista synthetica ácerca do escriptor e sua obra, promettida paginas atraz, ficará para outra vez...



INDICE

	Pag.
DEDICATORIA.	5
ADVERTENCIA	7
I.—Introducção—O Territorio	9
II.—Antiguidades pré-historicas	47
III.—As populações ibericas	71
IV.—Ligures e Celtas	127
V.—A civilisação celtiberica	215
VI.—Colonias dos Phenicios, Jonios e Carthaginezes	259
VII.—O dominio dos Romanos	303
VIII.—A invasão germanica e a unidade da monarchia visigoda	389
IX.—A invasão dos Arabes na Hespanha e sua influencia no desenvolvimento da população livre	443

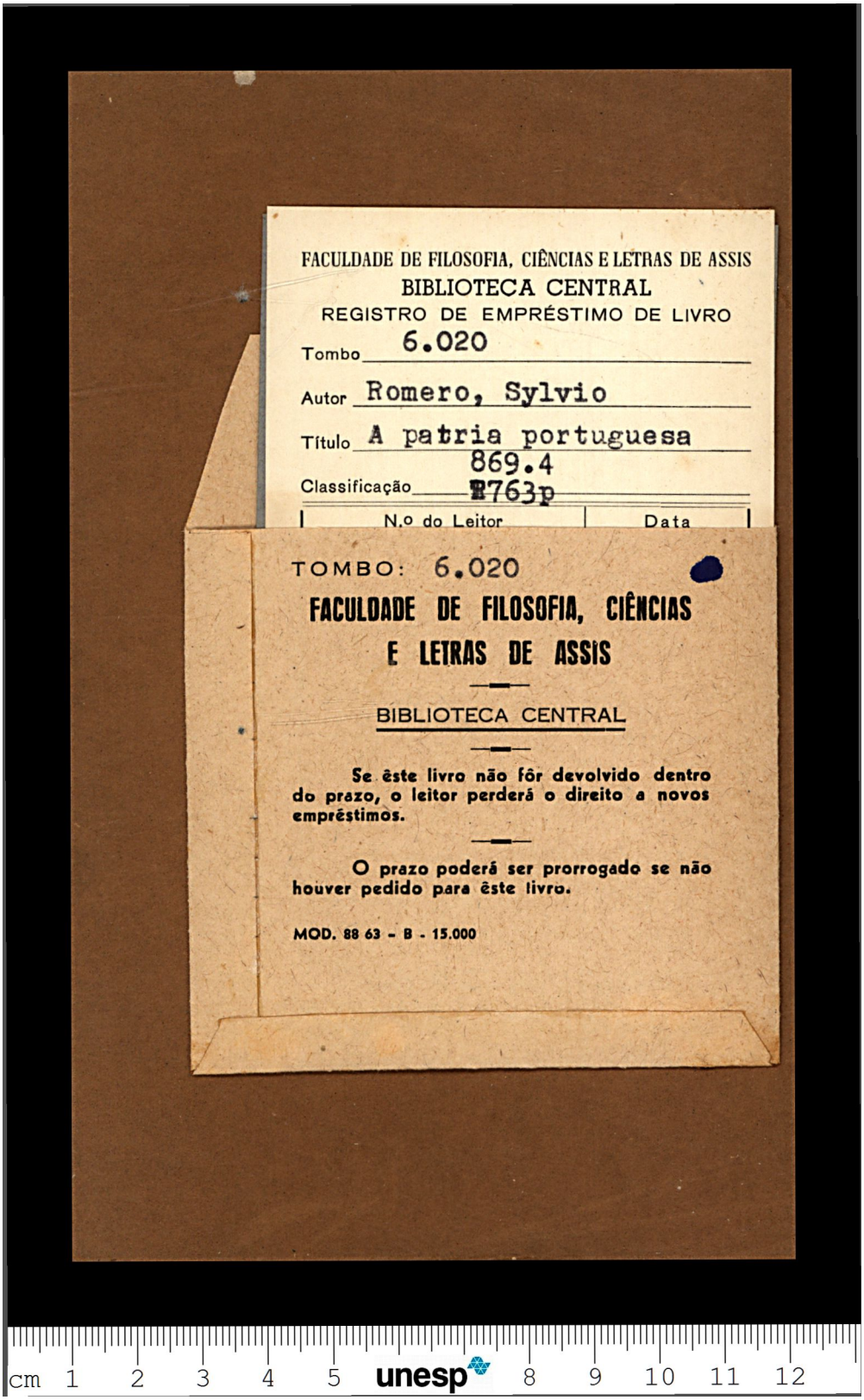


ERRATA

Pag.	Erros	Emendas
14	important	importante
39	ramo do	ramo, do
157	Carpalhos	Carpathos
174	levados até	levada até
196	historiador, desapprovava	historiador desapprovava
200	rem militare	rem militarem
210	*allemand*	*allemande*
211	tal periodo	tal época
220	*rem militari*	*rem militarem*
245	aguados	agnados
253	anti-historicas	ante-historicas
282	rebutacho	rebotalho
298	se parecem	se parece
331	*Les Grandes Routes des Peuples*	*Les Grandes Routes des Peuples*, por Ed. Demolins
334	primeira opposição	primeira apparição
352	*colinias*	*colonias*
359	deve-se para	deve-se, para
367	essas riquezas	esses prazeres
394	*maltum*	*mallum*

Em varias paginas onde se lê: *B. de S. Vicent*, leia-se: *B. de Saint Vincent.*

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 6.020

Autor Romero, Sylvio

Título A patria portuguesa

Classificação 869.4 R763p

N.º do Leitor	Data

TOMBO: 6.020

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para êste livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000

Livraria Clássica Editora

20, Praça dos Restauradores, 20
LISBOA

Ultimas Publicações

Annotações ás circulares expedidas quando Procurador Regio junto da Relação do Porto por A. Ferreira Augusto, Juiz-Presidente da 1.ª vara commercial de Lisboa. 1 vol. 700

Como devo governar a minha casa — modificação e adaptação do livro italiano de Giulia Ferraris Tamburini por D. Virginia de Castro e Almeida. 1 vol. 800

Estrangeirismos (Os) — pelo Dr. Candido de Figueiredo. Resenha e commentario de centenares de vocábulos e locuções estranhas á lingua portuguêsa. 2.ª edição com muitas correcções e melhoramentos. 1 vol. . 700

Evolução (A) humana (individual e social) — por J. Sergi, tradução do italiano. 1 vol. . . 700

Falar e escrever — novos estudos práticos da lingua portuguêsa ou consultorio popular de enfermidades da linguagem — pelo Dr. Candido de Figueiredo. 2 v. 1$400

Familia e divorcio — pelo Dr. D. Roboredo de Sampaio e Mello. 1 vol. (a sahir do prelo) . . . 1$000

Filho (O) prodigo — por Hall Caine, tradução do inglez por J. Leite, com um prefacio da eminente escriptora D. Maria A. V. de Carvalho. 1 vol. . . . 800

Lucta (A) pela vida — por M. Angelo Vaccaro, tradução da 3.ª edição italiana por H. Marinho. 1 vol. 600

Manual de Sociologia — por Eugenio M. de Hostos, tradução de Lucio A. Casimiro. 1 vol. . . . 600

Paginas de Critica — por Pedro do Couto. 1 vol. . . . 500

Paginas de Esthetica — por João Ribeiro. 1 vol. . . . 500

Uma concepção evolucionista da musica — pelo Dr. Alfredo Bensaude. 1 vol. 300

Soberanos Marroquinos — pelo Barão de Colaço e Macnamara. 1 vol. 300

Viagem de Pedro Afortunado — por A. Strindberg. Saga em 5 actos traduzida do original sueco com permissão do auctor. 1 vol. 500